



**Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens**



LILIANA PAREDES MORENO

**ANÁLISE MORFOLÓGICA DE NEOLOGISMOS NAS
VARIEDADES DE GUARANI CHAQUEÑO (CHIRIGUANO)
DA BOLÍVIA**

**Campo Grande - MS
2023**



**Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens**



LILIANA PAREDES MORENO

**ANÁLISE MORFOLÓGICA DE NEOLOGISMOS NAS
VARIEDADES DE GUARANI CHAQUEÑO (CHIRIGUANO)
DA BOLÍVIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (Área de Concentração: Estudos Linguísticos) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos de Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Maroneze.

Co-orientadora: Profa. Dra. Ivana P. Ivo

**Campo Grande - MS
2023**

Este trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
Superior - Brasil (CAPES).

LILIANA PAREDES MORENO

**ANÁLISE MORFOLÓGICA DE NEOLOGISMOS NAS
VARIEDADES DE GUARANI CHAQUEÑO (CHIRIGUANO)
DA BOLÍVIA**

A Banca Examinadora, abaixo nomeada, aprova a Tese defendida pelo autor citado para a obtenção do título de DOUTORA EM ESTUDOS DE LINGUAGENS pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.

Professor Dr. Bruno Oliveira Maroneze (Orientador)
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
Presidente/Orientador(a)

Professora Dra. Aparecida Negri Isquerdo
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
Membro titular interno

Professora Dra. Patrícia Graciela Rocha
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
Membro titular interno

Professor Dr. Rogerio Vicente Ferreira
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
Membro titular externo

Professora Dra. Marci Fileti Martins
UFRJ/ Museu Nacional
Membro titular externo

Professor Dr. Wilmar Da Rocha D'Angelis
Universidade de Campinas (UNICAMP)
Membro Suplente

Professor Dr. Renato Rodrigues-Pereira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
Membro Suplente

Campo Grande- MS, 08 de dezembro de 2023

DEDICATÓRIA

“A mis amados padres, que se fueron antes de ver completado este viaje. Mi padre, de quien heredé el amor y el conocimiento del guaraní, y cuya herencia corre por mis venas. Mi madre, que entendía más de los que podía expresar, dejándome con la riqueza del bilingüismo a menudo incomprendido.

A mis hijos, Marco Aurélio y Lielis Darlym que son la razón por la que persisto y busco construir un mundo mejor. Que puedan crecer valorando sus raíces y las lecciones del pasado, para construir un futuro más inclusivo.

Y al pueblo guaraní en general, cuya cultura y lengua me inspiraron a explorar, comprender, y respetar las profundidades del guaraní. Dedico este trabajo en gratitud de su herencia y a la sabiduría que comparten generosamente con el mundo.

Este trabajo es un homenaje a los que se fueron, un regalo para los que están aquí y un compromiso con aquellos que están por venir. Que nuestro viaje continúe honrando nuestras raíces y fortaleciendo nuestros lazos con el pueblo guaraní de todos los cantos.”

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me guiar e me dar forças durante esta jornada de pesquisa e aprendizado que resultou na minha tese de doutorado.

Aos meus queridos filhos, Marco e Lielis, cujo amor, apoio e compreensão inabaláveis foram a âncora que me sustentou durante todos esses anos. Sua presença em minha vida é o meu maior presente.

Aos meus dedicados orientadores, Prof. Dr. Bruno Maroneze, e Profa. Dra. Ivana P. Ivo, sou imensamente grata por sua orientação, sabedoria e paciência. Seu comprometimento com meu crescimento acadêmico foi fundamental para o sucesso desta pesquisa.

Aos meus respeitáveis professores da UFMS campus Campo Grande, cuja excelência acadêmica moldou o meu pensamento crítico e meu amor pela pesquisa. Suas lições perdurarão para sempre em minha vida profissional.

Aos falantes Guarani da Bolívia, em especial os das variedades Ava, Simba e Ioseño, cuja generosidade e colaboração enriqueceram minha pesquisa. Sem sua participação ativa, este trabalho não teria sido completamente possível.

À fundação CAPES, pelo incentivo econômico de manutenção que me permitiu dedicar-me integralmente à minha pesquisa, agradeço do fundo do coração. Seu apoio financeiro foi fundamental para o meu progresso acadêmico.

Por último, mas não menos importante, quero expressar minha profunda gratidão a Juan Jo., uma pessoa muito especial em minha vida. Pelo companheirismo, apoio inabalável, incentivo constante e amor foram o farol que iluminou o caminho em momento de dúvida e dificuldade. Você é a razão pela qual esta jornada foi mais significativa e memorável.

A todos, meu mais coletivo agradecimento. Este trabalho é uma homenagem a cada um de vocês e ao esforço coletivo que tornou isso possível. Que nossa jornada continue inspirando outros a buscar o conhecimento e a excelência.

RESUMO

A presente tese tem como objetivo geral descrever e analisar unidades neológicas das variedades linguísticas do Guaraní Chiriguano (Ava, Simba e Ioseño) faladas no Chaco boliviano, presentes no livro "*Neologismos Lingüísticos de Términos Técnicos em Idiomas Bésiro-Mojeño-Guarani-Gwarayu*" com o propósito de compreender as práticas de criação de novas unidades lexicais em Guaraní que possam ser incorporadas às bases terminológicas dos diferentes cursos na UNIBOL *Guarani y Pueblos de Tierras Bajas "Apiaguaiki Tüpa"*. Além disso, busca-se descrever a estrutura morfológica dessas unidades neológicas para entender como ocorrem esses fenômenos de incorporação de terminologias criadas intencionalmente. Os objetivos específicos incluem o levantamento de criações lexicais, a identificação de unidades neológicas não registradas em dicionários e a análise linguística que abrange aspectos fonéticos, morfológicos e morfossintáticos. A pesquisa se baseia em materiais escritos e dados coletados entre 2017 e 2019 cuja metodologia inclui uma análise fonética com recursos da teoria de análise acústico-articulatória e uma interpretação fonológica apoiada nos princípios das classes naturais e da teoria dos traços distintivos, realizando a análise morfológica de todos os termos do glossário em Guaraní inspirada em Coseriu (1977;1981). A fundamentação teórica é construída com base em estudos e teorias de Dietrich (1986; 2005;2010; 2011; 2021), Gustafson (2014), e Cerno (2011) que descrevem a estrutura de outros dialetos Guaraní. Os resultados da pesquisa demonstram com sucesso a descrição e análise das unidades neológicas nas três variantes do Guaraní Chiriguano. A criação de neologismos revela uma diversidade de recursos morfológicos e critérios específicos, mostrando uma adaptação rica à estrutura da língua Guaraní. Foi identificada a preponderância no uso dos morfemas {mbáe}{mo~mbo} no processo de formação de palavras no chiriguano. O levantamento de criações lexicais contribui para a compreensão das necessidades educacionais e profissionais da UNIBOL e da comunidade Guaraní. Além disso, a análise linguística proporciona valiosas percepções sobre a estruturação dos neologismos e seu impacto na língua Guaraní. A pesquisa indica que a criação de termos técnicos em Guaraní fortalece e preserva a língua, adaptando-a às demandas modernas e, ao mesmo tempo, mantendo seu papel como veículo de conhecimento técnico e cultural, conectando tradições linguísticas e necessidades contemporâneas.

Palavras-chave: Neologismos; Guaraní Chiriguano; Morfologia Guaraní; Formação de palavras.

ABSTRACT

The present thesis aims to describe and analyze neologisms in the linguistic varieties of Guaraní Chiriguano (Ava, Simba, and Ioseño) spoken in the Bolivian Chaco, as found in the book "Neologismos Lingüísticos de Términos Técnicos em Idiomas Bésiro-Mojeño-Guarani-Gwarayu". With the purpose of understanding the practices of creating new lexical units in Guaraní that can be incorporated into the terminological foundations of different careers at UNIBOL Guaraní y Pueblos de Tierras Bajas "Apiaguaiki Tüpa." Furthermore, there is an endeavor to describe the morphological structure of these neologisms to understand how these phenomena of intentionally created terminologies are incorporated. The specific objectives include conducting a survey of lexical creations, identifying non-dictionary neologisms, and conducting linguistic analysis covering phonetic, morphological, and morphosyntactic aspects. The research is based on written materials and data collected between 2017 and 2019. The methodology includes a phonetic analysis using resources from acoustic-articulatory analysis theory and a phonological interpretation supported by the principles of natural classes and the theory of distinctive features, and a morphological analysis of all the terms in the Guaraní glossary was carried out. The morphological analysis is inspired by Coseriu (1977; 1981). The theoretical foundation is built upon studies and theories by Dietrich (1986; 2005; 2010; 2011; 2021), Gustafson (2014), and Cerno (2011), which describe the structure of other Guaraní dialects. The research results successfully describe and analyze neological units in the three Guaraní Chiriguano variants. The creation of neologisms reveals a diversity of morphological resources and specific criteria, indicating a rich adaptation to the structure of the Guaraní language. A predominance in the use of morphemes {mbáe}{mo~mbo} was identified in the word formation process in Chiriguano. The documentation of lexical creations contributes to the understanding of the educational and professional needs of UNIBOL and the Guaraní community. Additionally, linguistic analysis provides valuable insights into the structuring of neologisms and their impact on the Guaraní language. The research suggests that the creation of technical terms in Guaraní strengthens and preserves the language, adapting it to modern demands while maintaining its role as a vehicle for technical and cultural knowledge, bridging linguistic traditions and contemporary needs.

Keywords: Neologisms; Guaraní Chiriguano; Guaraní Morphology; Word Formation.

KUATIAÄTURI

Kuae yemboe rupi oipota oyeipiti opaete miari kavi jare piamongeta rupi ñanemiari vaerä kuae mboapi ñee guaraní chiriguano jáka reta oivae (Ava, Simba jare Ioseño) oiporu reta Chaco boliviano, oime oi ñee poru retape “Bésiro-Mojeño-Guaraní- Gwarayu”. Oyekuauka jare oiporu vaerä kuae ñee guaraní ipiau vae oñono kavi vaerä yemboerenda guasu UNIBOL Guaranipe jare Tëta ñee reta peguarä “Apiaguaiki Tüpa”. Jaeramiñovi oeka miari kavi rupi opaete ñee jai reta kuae ñee piau pegua, oyekuauka vaerä keraï ipuere oasa jare oñono kuae ñee piau reta yemboeape. Maepiti reta jaiasivae oñonovi jokuae ñee ipiauvae reta jare oikuaako mbaeti oi ñeemoesakaape jare mbaeti oñemongeta kavi kuae ñee piau retare oecha vaerä opaete jete jare jai reta. Marandueka rupi oñevae kuatia reta jare oimevi irü tupapire reta oñevae vae, mokoi eta pañandepo chiu jare mokoi eta pañandepo chau arasa rupi. Mbaepo piamongeta rupi oñeñonovi opaete ñee jiapu reta arakua kavi ndive jare oyeparaviki vaerä yemboea rupi piamongeta jare arakuamae ndive, jare oñemaevi ñeemoesakaape. Kuae arakua kavi oeyaka ñandeve Coseriu (1977; 1981). Opaete mbaekuatia reta oyeapo yemboe rupi jare oeyaka ñandeve arasa reta oasaguema vae, jokorai Dietrich (1986; 2005; 2010; 2011; 2021), Gustafson (2014), jare Cerno (2011), oikuatia reta irü ñee Guarani jete jare jai reta. Opama oyapo marandu reta yave jae reta oechaka kuatia reta ikavivae jare jokuae jáka reta guaraní pegua. Kuae ñee piau reta oyekauka yave oñevae mbaeti metei ramiño oyekuatia kuae ñee reta, tëta iya reta oiporu jeengatu reve opaete ñee jete jare jai reta ndive. Oñevae ñee mbaeporu rupi (mbae) (mo~mbo) oyeapo ojo ñee reta guaraní reta peguarä. Ikaviyaeko oyeapo kuae ñee piau reta oñemomirata vaerä opaete ñee oiporu retavae yemboerenda guasu rupi UNIBOL jee vae jare Tëta reta guaraní pegua. Jaeramiñovi oyeapo piamongeta ndive oñemee vaerä jare oñemomirata jekuaño kuae ñee guaraní ikavivae. Marandu jare mbaechaka rupi jekuaño oyeapo ojo opaete ñee piau reta oyeporu vaerä opaete arakua peguarä.

Ñee yaiporuvae: *Ñee piau, ñee Chiriguano, Ñee jete jare jai reta, ñee yeapo.*

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1:O PROTO TUPI-GUARANI.....	45
FIGURA 2:FAMÍLIAS DO TRONCO TUPI.....	48
FIGURA 3:FORMAÇÃO HIPOTÉTICA DAS LÍNGUAS T.G. BOLIVIANA.....	69
FIGURA 4:CLASSIFICAÇÃO DO CHIRIGUANO NA BOLÍVIA	70
FIGURA 5:OCLUSIVA LABIAL NÃO VOZEADA [p] - AVA	90
FIGURA 6:OCLUSIVA ALVEOLAR NÃO VOZEADA [t] – AVA	91
FIGURA 7:OCLUSIVA VELAR NÃO VOZEADA [k] - AVA.....	91
FIGURA 8:OCLUSIVA VELAR LABIALIZADA NÃO VOZEADA [kw] - AVA.....	92
FIGURA 9:OCLUSIVA VELAR LABIALIZADA VOZEADA [gw] - AVA	92
FIGURA 10:OCLUSIVA GLOTAL MEDIAL [ʔ] - AVA	93
FIGURA 11:AFRICADA PALATAL NÃO VOZEADA [tʃ] - AVA	93
FIGURA 12:AFRICADA PALATAL VOZEADA [dʒ] – AVA	94
FIGURA 13:PRÉ-NASAL [mb] – AVA	94
FIGURA 14:PRÉ-NASAL [nd] – AVA	95
FIGURA 15:NASAL BILABIAL [m] - AVA	95
FIGURA 16:NASAL ALVEOLAR [n] - AVA	96
FIGURA 17:NASAL PALATAL [n _{cr}] - AVA	96
FIGURA 18:FRICATIVA ALVEOLAR NÃO VOZEADA [s] - AVA.....	97
FIGURA 19:FRICATIVA GLOTAL NÃO VOZEADA [h] - AVA.....	97
FIGURA 20:TAP ALVEOLAR [ɾ] – AVA.....	98
FIGURA 21:[ɪgwɪ]	98
FIGURA 22:OCLUSIVA BILABIAL NÃO VOZEADA [p] - SIMBA	100
FIGURA 23:OCLUSIVA ALVEOLAR NÃO VOZEADA [t] - SIMBA.....	100
FIGURA 24:OCLUSIVA VELAR NÃO VOZEADA [k] - SIMBA.....	101
FIGURA 25:OCLUSIVA GLOTAL [ʔ] - SIMBA.....	101
FIGURA 26: GLOTAL - SIMBA	102
FIGURA 27:OCLUSIVA LABIALIZADA VOZEADA [gw] - SIMBA	102
FIGURA 28:AFRICADA PALATAL NÃO VOZEADA [tʃ] - SIMBA	103
FIGURA 29:AFRICADA PALATAL VOZEADA [dʒ] - SIMBA.....	103
FIGURA 30:SOM PALATAL [dj] SIMBA.....	104
FIGURA 31:SOM AFRICADA PALATAL POSIÇÃO INICIAL [dʒ].....	104
FIGURA 32: PRE-NASAL- SIMBA [mb].....	105

FIGURA 33:PRE-NASAIS – SIMBA [ND]	105
FIGURA 34:NASAL BILABIAL [M] - SIMBA	106
FIGURA 35:NASAL ALVEOLAR [N] - SIMBA	106
FIGURA 36:NASAL PALATAL [ɲ] - SIMBA	107
FIGURA 37:FRICATIVA ALVEOLAR NÃO VOZEADA [s] - SIMBA	107
FIGURA 38:FRICATIVA GLOTTAL [h] - SIMBA	108
FIGURA 39:TAP ALVEOLAR MEDIAL [ɾ] - SIMBA	108
FIGURA 40:APROXIMANTE LABIOVELAR [w] - SIMBA	109
FIGURA 41:SOM APROXIMANTE [w]	109
FIGURA 42:SOM [u] MEDIAL	110
FIGURA 43:ONDAS AMPLIADAS DO SOM APROXIMANTE	110
FIGURA 44:OCLUSIVA BILABIAL NÃO VOZEADA [p] - ISOSEÑO	112
FIGURA 45:OCLUSIVA ALVEOLAR NÃO VOZEADA [t] – ISOSEÑO	112
FIGURA 46:OCLUSIVA VELAR NÃO VOZEADA [k] – ISOSEÑO	113
FIGURA 47:OCLUSIVA LABIALIZADA NÃO VOZEADA [kw] – ISOSEÑO	113
FIGURA 48:OCLUSIVA LABIALIZADA VOZEADA [gw] – ISOSEÑO	114
FIGURA 49: OCLUSIVA GLOTTAL [ʔ] – ISOSEÑO	114
FIGURA 50:SONS GLOTTAIS – ISOSEÑO	115
FIGURA 51:AFRICADA PALATAL NÃO VOZEADA [tʃ̥] – ISOSEÑO	115
FIGURA 52:AFRICADA PALATAL VOZEADA [dʒ̥] – ISOSEÑO	116
FIGURA 53: PRÉ-NASALIZADA BILABIAL- ISOSEÑA [mb]	116
FIGURA 54:PRÉ-NASALIZADA ALVEOLAR [nd] – ISOSEÑO	117
FIGURA 55:NASAL BILABIAL [m] - SIMBA	118
FIGURA 56:NASAL PALATAL [ɲ] – ISOSEÑO	118
FIGURA 57:FRICATIVA ALVEOLAR NÃO VOZEADA [s] – ISOSEÑO	119
FIGURA 58:FRICATIVA VELAR NÃO VOZEADA [h] - ISOSEÑO	119
FIGURA 59:TAP ALVEOLA [ɾ] - ISOSEÑO	120
FIGURA 60:SOM APROXIMANTE LABIODENTAL [u] ISOSEÑO	120
FIGURA 62: GLOTTAL ISOSEÑA EM 'KA'A'	122
FIGURA 61: GLOTTAL ISOSEÑA EM 'SO'O'	122
FIGURA 63:ESTRUTURA SILÁBICA DO GUARANI BOLIVIANO	141
FIGURA 64:ESTRUTURA SILÁBICA DA PALAVRA [po'api]	141
FIGURA 65:ACHENGUETH ÑEE PEGUA; ABECEDARIO DO GUARANI CHIRIGUANO	153

FIGURA 66:ESTRUTURA DO GLOSSÁRIO GUARANI – CASTELLANO	218
---	-----

LISTA DEQUADROS

QUADRO 1: CLASSIFICAÇÃO DA FAMÍLIA TUPI-GUARANI	49
QUADRO 2:CLASSIFICAÇÃO DO TRONCO TUPI.	51
QUADRO 3 - LÍNGUAS E VARIEDADES DO SUBGRUPO I DA FAMÍLIA TUPI-GUARANI	86
QUADRO 4 – VARIAÇÃO DIALETAL DO GUARANI BOLIVIANO	87
QUADRO 5 – VOGAIS DO GUARANI CHIRIGUANO	90
QUADRO 6 – CONSOANTES DO AVA-GUARANI	99
QUADRO 7 – CONSOANTES DO SIMBA-GUARANI	111
QUADRO 8– SISTEMA VOCÁLICO DO CHIRIGUANO (AVA/SIMBA/IZOCEÑO).....	123
QUADRO 9 - PROPAGAÇÃO NASAL NOS ALOMORFES	127
QUADRO 10 - FONEMAS GUARANI CHIRIGUANO	138
QUADRO 11 – VOGAIS DO GUARANI BOLIVIANO	151
QUADRO 12 : SISTEMATIZAÇÃO DA ESCRITA	151
QUADRO 13 – AS VOGAIS CHIRIGUANAS	154
QUADRO 14: AS CONSONANTES CHIRIGUANAS	154
QUADRO 15 – PRONOMES DEMONSTRATIVOS E SUFIXOS LOCATIVOS.....	190
QUADRO 16: TIPOLOGIA DE PROCESSOS DE NEOLOGISMOS POR ALVES (1990).....	208
QUADRO 17 – TIPOLOGIA DE CLASSIFICAÇÃO DE NEOLOGISMOS POR CABRÉ	210

TABELA

TABELA 1: DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DE BOLÍVIA E DADOS ESTATÍSTICOS	78
--	----

LISTA DE MAPAS

MAPA 1:LOCALIZAÇÃO DA UNIBOL GUARANI Y PUEBLOS DE TIERRAS BAJAS: APIAGUAKI TÜPA	31
MAPA 2:O PROTO TUPI-GUARANI	36
MAPA 3:ORIGEM E DISPERSÃO TUPI-GUARANI	38
MAPA 4:LÍNGUAS MACRO-TUPI	40
MAPA 5:DIE EHEMALIGE VERBREITUNG UND DIE MUTHMASSLICHEN W ANDERUNGEN DER TUPIS. (CARL FRIEDRICH PHILIPP VON MARTIUS, 1867)	44
MAPA 6:DISTRIBUIÇÃO DAS LÍNGUAS DA FAMÍLIA TUPI	47
MAPA 7:PROVÍNCIAS GUARANI NA BOLÍVIA	56
MAPA 8:MAPA LINGUÍSTICO DE BOLÍVIA	73
MAPA 9:LOCALIZAÇÃO DO ISOSO NA BOLÍVIA E NA PROVÍNCIA CORDILHEIRA	81

ABREVIATURAS E SIGLAS

abs.	Absolutivo
acus.	Acusativo
adv.	Advérbio
asp.	Aspecto
aten.	Atenuativo
atr.	Atributo
ALG.	Academia de la Lengua Guaraní
ccom.	Causativo comitativo
compl	Completivo
circ.	Circunstancial
col.	Coletivo
dat.	Dativo
dem.	Pronome Demonstrativo
desc.	Descritivo
dest.	Destinativo
deriv.	Dufixo Derivacional
dim.	Diminutivo
dir.	Direcional
erg.	Ergativo
exp.	Expletivo
excl.	Exclusivo
ev.	Evidencializador
fac.com	Factitivo Comitativo
final.	Partícula de Finalidade
fut.	Futuro
imp.	Imperativo
incl.	Inclusivo
int.	Intensificador
inter	Interrogativo
inst.	Instrumental
loc.	Locativo

n.	Nome
nom.ag.	Nominalizador de Agente
nom.circ.	Nominalizador de Circunstância
nom.	Nominalizador
neg.	Negação
o.	Objeto
ogp.	Objeto Genérico Pronominal
prt.	Partícula
pass.	Passado
perm.	Permissivo
pres	Presente
pref.	Prefixo
pred.	Predicativo
pron. indef.	Pronome Indefinido
pron. pess.	Pronome Pessoal
pl	Plural
poss	Possesivo
posp	Posposição
pref.	Prefixo
quant.	Puantificador
rec.	Pecíproco
refl.	Peflexivo
rep.	Partícula Repetitiva
rel.1	Prefixo Relacional (R1)
sg.	Singular
s.	Sujeito
suf.	Sufixo
t.	Tempo
t.a.m.	Tempo, Aspecto e Modo
v.	Verbo
verb.	Verbalizador
v.i	Verbo Intransitivo
v.tr.	Verbo Transitivo

[]	Realização Fonética
//	Representação Fonológica
{ }	Morfema = Cliticização
-	Fronteira de Morfema
*	Agramatical
~	Variação, Alternância
'	Acento Prosódico

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	22
1.1	PROBLEMATIZAÇÃO	23
1.2	JUSTIFICATIVA	25
1.3	OBJETIVOS	28
1.3.1	<i>Objetivo geral</i>	<i>28</i>
1.3.2	<i>Objetivos específicos.....</i>	<i>28</i>
1.3.3	<i>Metodologia</i>	<i>29</i>
1.3.4	<i>Organização da tese.....</i>	<i>32</i>
2	ETNOHISTORIA E MIGRAÇÕES DO PROTO TUPI E DA FAMÍLIA TUPI- GUARANI.....	34
2.1	MIGRAÇÕES E AGRUPAMENTOS LINGÜÍSTICOS TUPI-GUARANI	34
2.2	A FAMÍLIA LINGÜÍSTICA TUPI-GUARANI	41
2.3	A MILENÁRIA TRAJETÓRIA DA LÍNGUA GUARANI.....	53
3	A NAÇÃO GUARANI NA BOLÍVIA.....	55
3.1	O POVO GUARANI-CHIRIGUANO.....	55
3.1.1	<i>Organização política e sociocultural.....</i>	<i>59</i>
3.1.2	<i>Ñande Reko: a organização das comunidades</i>	<i>61</i>
3.1.3	<i>Aspectos econômicos.....</i>	<i>62</i>
3.1.4	<i>Perspectivas Educativas: “Ahora nuestras armas son el lápiz y el papel”</i> <i>63</i>	
3.2	A LÍNGUA DOS GUARANI CHIRIGUANO	67
3.2.1	<i>Etimologia Chiri-guanae: Uma herança negada?</i>	<i>71</i>
3.3	VARIAÇÃO INTRALINGÜÍSTICA.....	76
3.3.1	<i>Isoseño-Guarani.....</i>	<i>80</i>
3.3.2	<i>Ava-Guarani.....</i>	<i>83</i>
3.3.3	<i>Simba-Guarani.....</i>	<i>85</i>
4	ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DO GUARANI CHIRIGUANO	89
4.1	FONÉTICA	89
4.1.1	<i>As vogais do Guarani Chiriguano</i>	<i>89</i>
4.1.2	<i>As consoantes do Guarani Chiriguano.....</i>	<i>90</i>

4.2	FONOLOGIA.....	123
4.2.1	<i>Sistema Vocálico</i>	123
4.2.2	<i>Sistema consonantal</i>	123
4.2.3	<i>Harmonia nasal</i>	124
4.2.4	<i>Fonemas das variedades do Guaraní Chiriguano</i>	131
4.2.5	<i>Estrutura silábica do Guaraní Chiriguano</i>	138
4.2.6	<i>Acento no Guaraní Chiriguano</i>	144
4.3	SISTEMA ORTOGRÁFICO DO GUARANI BOLIVIANO	151
4.3.1	<i>Representação Ortográfica e Breve história do Achegety</i>	152
4.4	MORFOLOGIA.....	158
4.4.1	<i>Procedimento Geral de Formação de Palavras (PGFP)</i>	162
4.5	MORFONOLOGIA DO GUARANI.....	169
4.6	MORFOSSINTAXE	171
4.6.1	<i>Classes de palavras em Guaraní</i>	174
5	NEOLOGISMOS LEXICAIS: PRINCIPAIS CONCEITOS	197
5.1	LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA	197
5.2	NEOLOGIA E NEOLOGISMOS	198
5.2.1	<i>Tipologia dos Neologismos</i>	204
5.2.2	<i>Neologismo terminológico</i>	212
5.2.3	<i>Neologismos em língua indígena</i>	213
6	ANÁLISE MORFOLÓGICA DO GLOSSÁRIO “NEOLOGISMOS LINGÜÍSTICOS DE TÉRMINOS TÉCNICOS EN IDIOMA GUARANI”	216
6.1	MACROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO DE NEOLOGISMOS:	217
6.2	MICROESTRUTURA DO GLOSSÁRIO DE NEOLOGISMOS:	218
6.3	SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS: A FORMAÇÃO DE PALAVRAS A PARTIR DOS NEOLOGISMOS	272
6.3.1	<i>O uso do causativo</i>	273
6.4	USO DO INFIXO{MBÁE-}	277
6.5	A POLISSEMIA E OS NEOLOGISMOS SEMÂNTICOS.....	282
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	285
	RECOMENDAÇÕES.....	288

8	REFERÊNCIAS	290
	ANEXOS.....	299

1 INTRODUÇÃO

*Orekuery ma ndoguerekoi mba'e hepy va'e rome'ẽ aguã. Roguereko anho'i nhandeayvu
rome'ẽ ndevy nhembo'e aguã.*

(A gente não tem riquezas para dar, só temos do mais valioso a nossa língua, que podemos dar
para você aprender)

(Simone Takua Guarani-Mbya)

Falar do povo Guarani é parte de um desejo de reconhecimento pelo espírito guerreiro de uma nação inteira, sua cultura e identidade, mas que também forma parte da minha história pessoal, pela descendência Guarani, pelo lado paterno. Busco fazer um justo reconhecimento a essa nação que lutou, ainda luta e acredito que continuará lutando sempre pela defesa, desenvolvimento e manutenção da sua história e sua cultura.

Neste trabalho, procuro apresentar parte de uma pesquisa que se iniciou por uma curiosidade há 14 anos e que desde então busca contribuir com a luta desse povo. Com um conhecimento básico da língua Guarani¹, legado do meu pai, buscar conhecer mais sobre ela é um dever, e estudá-la, uma necessidade.

Começo essa tese agradecendo ao povo Guarani das variedades Ava Chiriguano, Simba e Ioseño pelo privilégio de ter compartilhado com eles tempo e experiências. Assim, agradeço-lhes, também, pela licença e privilégio de apresentar características de sua língua e pela contribuição ao meu eterno caminho como aprendiz.

Para apreender e compreender parte da história do Guarani² e seus falantes, é necessária uma aproximação à narrativa histórico-cultural relacionada ao antigo povo Tupi, sendo inevitável não falar da fase migratória que viveram por séculos porque contribuirá para conhecer a divisão cronológica que atravessou as línguas ancestrais das variantes aqui estudadas. Iniciar o texto relatando as possíveis origens dos povos que formavam a família linguística Tupi-Guarani serve como referência para se conhecer os primeiros registros sobre

¹ Usa-se o termo língua Guarani, mas pelo conhecimento popular, não necessariamente, de linguistas, o Guarani não é uma língua, mas um ramo dentro de uma família linguística, a Tupi-Guarani.

² Nessa tese se utiliza o termo “Guarani” para nos referirmos ao conjunto de povos falantes desse idioma, e não como a identificação de uma determinada língua de um determinado povo único.

os povos falantes da língua Guaraní³, sua distribuição geográfica em diversos grupos que se espalharam no empreendimento de conquista do continente sul-americano. Povo que perseveraram ao longo do tempo, através de espaços e adversidades, carregando consigo seu único legado inalienável e inquebrantável. Este legado, que hoje os une, será explorado mais a fundo neste trabalho, onde teremos a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a língua Guaraní. Por isso, cabe aqui esclarecer que, na realidade, no que se refere à origem das línguas indígenas conhecidas atualmente, nos encontramos na mesma situação que no início, evidentemente se conhece cada vez mais, mas que, é sempre muito discutível o que sabemos, e que sempre podemos reinventar a nossa postura.

1.1 Problematização

Desde meados do século XX o mundo passa a visibilizar as línguas minorizadas⁴, entre elas as línguas dos povos indígenas da América do Sul, incentivando as nações a implementarem políticas linguísticas de valorização e normalização de suas línguas autóctones. A Bolívia passa a implementar sua política favorável às línguas indígenas a partir do final dos anos 90 com a implantação da Educação Intercultural Bilíngue (EIB). No bojo dessa política, os povos indígenas ganharam notoriedade com a implantação de institutos chamados Normais Superiores para formação de professores para o desenvolvimento da Educação Intercultural Bilíngue e, posteriormente, de universidades indígenas, visando à formação de profissionais indígenas em diversas áreas de atuação. Surgem assim, políticas linguísticas nessas instituições visando à sua conservação e valorização nos processos educacionais e seu uso escrito e institucional. Esse contexto torna-se complexo dada a historicidade do processo de colonização das línguas europeias na América, no caso da Bolívia, a língua espanhola que deslocou as línguas indígenas em seu processo diglótico.

Tal processo teve implicações de várias perspectivas entre os povos indígenas como a necessidade de criação de terminologias inexistentes na sua língua originária para fazer resistência ao deslocamento pela língua majoritária, fortalecendo sua língua materna. Uma das

³ Nesta tese utilizamos o termo ‘língua Guaraní’, ‘língua chaqueña’, ‘língua chiriguana’ para nos referir as variedades aqui estudadas. Por serem termos comumente conhecidos, serão utilizados de aqui em diante.

⁴ Nesta tese eu uso o termo línguas minorizadas e conhecidas como línguas minoritárias, as línguas que são faladas por uma comunidade linguística relativamente pequena em comparação com a língua majoritária ou dominante de uma região ou país. Elas podem ser faladas por comunidades étnicas, grupos indígenas ou comunidades regionais específicas. Essas línguas desempenham um papel importante na identidade cultural e na preservação da diversidade linguística.

consequências é a sensação de perda de identidade associada ao deslocamento linguístico, trazendo a crença de que é preciso a normalização de sua língua materna para fortalecer sua identidade indígena. Nesse sentido, Mamani (2006) diz:

A língua e a cultura são fundamentais para a formação da identidade pessoal. Portanto, se uma pessoa é socializada em uma língua e cultura menosprezadas pela língua e cultura de uma sociedade predominante, então ela apresenta vulnerabilidade em sua identidade pessoal (MAMANI, 2006, p. 29).

Nincao (2008, p. 63) afirma que, “frequentemente, a questão da identidade indígena aparece como sendo necessariamente expressa e veiculada apenas pelo uso da língua tradicional”. Postura que vem sendo cada vez mais debatida, sobretudo por estudiosos da Linguística Aplicada, aqueles que procuram tirar o peso que a língua carrega quando é vista como “depósito ontológico de indianidade”, como bem indicado por Maher (2016 p. 62).

A partir dessa perspectiva, foi estabelecida uma política linguística institucional, como parte do processo de revitalização das línguas indígenas na Bolívia e para que as universidades indígenas bolivianas, assim como a UNIBOL Guarani, usassem línguas indígenas dentro do processo de ensino e aprendizagem. No entanto, no que se refere à planificação linguística da UNIBOL, a língua Guarani e sua utilização enfrentam dificuldades linguísticas relacionadas à ordem de vocabulário técnico, principalmente em campos que têm a ver com as carreiras que são ditadas na universidade indígena.

No que se refere às políticas linguísticas para fortalecimento da língua Guarani, a UNIBOL Guarani “Apiaguaiki Tüpa”, escolheu criar termos em língua originária para os cursos universitários de Engenharia de Petróleo e Gás Natural, Engenharia Florestal, Engenharia em Eco Piscicultura e Licenciatura em Medicina Veterinária e Zootecnia. Termos que estão organizados em formato de glossário, em ordem alfabética e relacionados às áreas em que são mais úteis.

Tendo em vista, a persistência nos falantes sobre a crença de que a identidade está relacionada ao uso da língua originária, surgiu a necessidade da criação de neologismos por parte dos acadêmicos e docentes da universidade, mantendo assim a crença da forte ligação que tem a língua com a identidade dos falantes, mesmo que a criação de novos termos não garanta por si só a preservação da língua. Pilla (2002, p. 18) nos fala que “a existência real e efetiva de um neologismo só será assim considerada se ele foi incorporado ao uso real e efetivo de uma vasta comunidade linguística e não se limitar a um pequeno grupo”.

Nesse sentido, essa pesquisa objetiva investigar as práticas de elaboração de novos itens lexicais em língua Guaraní em contexto universitário de formação profissional de estudantes indígenas, como também compreender como essas terminologias são estruturadas morfológicamente e qual é o percurso que atravessam até chegar a um dicionário.

1.2 Justificativa

Uma das principais necessidades do indivíduo sempre foi a de se expressar e transmitir seus pensamentos e poder entender o próximo e este nos entender, sendo que para isso o indivíduo desenvolve estratégias. Os falantes expressam-se por meio de sua língua de diversas maneiras, imprimindo uma marca individual em sua fala. Apesar dessa singularidade, eles seguem as estruturas preestabelecidas pelo próprio sistema linguístico. Nas palavras de Biderman, entendemos assim que, “o léxico de uma língua é um sistema aberto e em expansão” (BIDERMAN, 1978, p. 158).

Em cada língua existem termos que herdamos e chegam a ser considerados como léxico básico de uma determinada língua, mas também existem outros termos que podem ser criados ou inseridos segundo as necessidades dos falantes. Isso ocorre para que se sintam confortáveis com seu próprio idioma e porque o léxico de todas as línguas se renova (CARVALHO, 2009).

Falantes da língua indígena Guaraní na Bolívia vêm buscando, dentro da política linguística de revitalização, criar termos em sua língua que possam se adaptar ao conteúdo estudado nas diferentes carreiras dentro da Universidade Indígena Boliviana (UNIBOL). A UNIBOL, dentro de sua planificação linguística, contempla a criação de terminologias em Guaraní que fazem referência a termos técnicos que há pouco tempo só existiam na língua castelhana entre os falantes indígenas e que hoje buscam ser incorporadas dentro do vocabulário indígena. Os termos criados passaram por um processo de seleção, elaboração, desenvolvimento y posterior publicação com a fiscalização e acompanhamento por instâncias superiores que pertencem à própria comunidade indígena Guaraní, como os *Arakuaijas*, (sábios anciãos das comunidades).

Segundo as próprias experiências de alguns professores da UNIBOL, ainda fica difícil o desenvolvimento normal das atividades acadêmicas quando a questão é fazer referências a termos técnicos específicos em Guaraní que possam ser utilizados nas distintas carreiras universitárias. Por exemplo, termos técnicos utilizados na carreira de engenharia em gás e petróleo; palavras como “petróleo”, “gás”, “gás líquido”, “reservas”, “exploração”, etc.; termos

como os indicados são os que estão em processo de elaboração, sendo em alguns casos completamente novos, em outros casos são retomados termos em desuso ou que chegam a ser resgatados e adequados segundo a necessidade de se expressar. Como seria o caso do neologismo {*mbáeriru*} = ‘barril’, compondo palavras com elementos já existentes no Guaraní, como são {*mbáe*-}(coisa/algo) e {-*riru*} (recipiente, bacia). Assim essas criações se conectam conforme mencionado por Biderman (1978); as línguas não são estanques, elas são dinâmicas, incorporando sempre novas formas o tempo todo.

Nesse sentido, trabalhar com o léxico da língua Guaraní ajuda a ter uma aproximação às características culturais do seu povo, pois é no léxico que se manifestam as realidades típicas de uma língua e de sua cultura, ajudando assim, não só no processo de revitalização, como também a melhor conhecer sua cosmovisão indígena e sua história, posto que a língua assinala a existência e a posição política de suas comunidades, como bem menciona England, quando indica que “a língua é o veículo de comunicação e representa a história e as relações que se há desenvolvido fora do contexto da dominação colonial” (ENGLAND, 1991, p. 311). Por isso, podemos dizer que observando a língua percebemos como uma determinada sociedade enxerga sua própria realidade, daí a importância de compreender o processo de criação de palavras da língua de um povo.

No caso da língua Guaraní, assim como a maioria das línguas indígenas, prevalece historicamente a tradição oral, mais que a escrita, também aparecem reações diversas quando se trata do contato linguístico, entre o próprio Guaraní, o castelhano e outras línguas indígenas, seja de forma oral ou escrita, sendo que muitas vezes esses contatos geram conflitos entre as partes. Nesse caso, os falantes indígenas costumam construir estratégias que possibilitam o uso de sua própria língua em contraposição à língua dominante, mesmo que, em um mundo cada vez mais globalizado e em constante transformação, seja desafiadora tal estratégia.

Para os Guaraní, há um desconforto com relação à perda de sua língua materna, passando por um deslocamento que pode ser fruto do processo diglótico frente à língua espanhola, por um lado, e por outro pela crença de que a identidade étnica está relacionada ao uso de sua língua. Esse pensamento parece persistir nas concepções de identidade dos falantes Guaraní, embora já se tenha constado que a língua não é depósito ontológico de identidade (MAHER, 2016, p. 63). Para a autora, “a identidade cultural indígena está em constante construção, sendo da ordem do discurso” (MAHER, 2016).

Acerca dessa crença dos falantes Guaraní da Bolívia, England nos explica que:

A língua é provavelmente um símbolo mais poderoso do que qualquer outro na preservação das fronteiras grupais, pois além de ser uma característica cultural específica, é também o principal meio de transmissão cultural e organização social. No entanto, a mudança linguística pode ocorrer sem mudança de identidade. (ENGLAND, 1991 p. 314).

Pesquisas contemporâneas têm demonstrado que o conteúdo cultural de uma determinada identidade pode mudar radicalmente, sem que destrua, afete ou debilite a identidade do indivíduo (ibidem). Porém, alguns povos ainda acreditam que com o desaparecimento ou desuso de uma determinada língua, a identidade se encontra fortemente comprometida, criando uma falsa sensação de perda identitária. Porém, se pode destacar que devido a esse sentimento, nasce o incentivo à criação de novas terminologias sob a crença que, dessa forma, vão recuperar e fortalecer sua identidade como indígenas, algo positivo que se soma a um processo de revitalização e conservação linguística do Guaraní.

A produção de neologismos vem ocorrendo na UNIBOL, uma instituição que oferta cursos superiores de áreas como veterinária, piscicultura, engenharia petrolífera etc., pelo fato de que em seu currículo existe a obrigatoriedade do ensino de uma língua indígena, estando entre elas a língua Guaraní e que solicita a seus falantes a realização de sua monografia de final de curso em língua indígena, assim como projetos, e pesquisas entre outras tarefas acadêmicas.

A necessidade de executar tarefas em língua indígena nessas carreiras cria a demanda pela elaboração de uma terminologia específica (neologismos) com a finalidade de controlar a interferência do espanhol no processo de formação dos profissionais da universidade. Entre as representações dos Guaraní persiste a ideia subjacente de que sua identidade se baseia, principalmente, em sua autoidentificação ligada à língua, assim também na continuidade e fortalecimento da língua e cultura.

Ao mesmo tempo que há uma forte rejeição a uma educação baseada no constante uso da língua espanhola, os Guaraní têm consciência da falta de vocabulário especializado, em sua língua, para áreas de conhecimento ou tecnológicas que não foram desenvolvidas originalmente em sua cultura. Por isso, recorrem à língua majoritária para estabelecer a comunicação e dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos das diferentes carreiras da universidade indígena boliviana.

O presente trabalho destina-se a servir como uma fonte útil para os leitores interessados em aprendizagem da língua Guaraní, pesquisadores interessados em estudos lexicológicos e descrição de línguas indígenas, assim como linguistas engajados no estudo das línguas pertencentes à família Tupi-Guarani.

Desse modo, este estudo propõe as seguintes questões de pesquisa:

- 1 Quais são os recursos morfológicos envolvidos na criação dos novos termos nas variedades Ava, Simba e Iloseño?
- 2 Que critérios respondem a esse tipo de criação de neologismos dentro da tipologia neológica?
- 3 O processo de criação de neologismos contribui para o fortalecimento e preservação da língua Guarani?
- 4 Que tipo de contribuição traz a criação de neologismos à cultura Guarani?

E por sua vez, esta pesquisa busca alcançar os seguintes objetivos:

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

A presente tese tem como objetivo descrever e analisar unidades neológicas de três variedades linguísticas do Guarani faladas no Chaco boliviano, *Ava Chiriguano*, *Simba* e *Iloseño*, constantes no livro “*Neologismos Lingüísticos de Términos Técnicos en Idiomas Bésiro-Mojeño-Guarani-Gwarayu*” com o intuito de compreender as práticas de elaboração de novas unidades lexicais em língua Guarani, que em um futuro poderiam formar parte das bases terminológicas a serem utilizadas nas diferentes carreiras que são ditadas na UNIBOL *Guarani y Pueblos de Tierras Bajas “Apiaguaiki Tüpa”*. Assim também, se busca descrever a estruturação morfológica dessas unidades neológicas para compreender como sucedem esses fenômenos de incorporação de terminologias criadas intencionalmente.

1.3.2 Objetivos específicos

- Fazer um levantamento das criações lexicais presentes no livro “*Neologismos Lingüísticos de Términos Técnicos en Idiomas Bésiro-Mojeño-Guarani-Gwarayu*” publicado para as comunidades indígena e mais especificamente para alunos e docentes da Universidade Indígena Boliviana Guarani y *Pueblos de Tierras Bajas, Apiaguaiki Tüpa*;

- Identificar as unidades neológicas em Guaraní publicadas no livro de neologismos linguísticos, que estão em formato de glossário e ainda não estão dicionarizados;
- Apresentar breve análise linguística, especificamente, em alguns aspectos:
 - Descrição fonética e interpretação fonológica, com o intuito de refletir sobre a escrita adotada no livro; “*Neologismos Lingüísticos de Términos Técnicos em Idiomas Bésiro-Mojeño-Guarani-Gwarayu*”;
 - Descrição morfológica e morfossintática dos neologismos, com o intuito de compreender a formação das novas palavras lexicais.

1.3.3 Metodologia

A Bolívia é um país cultural e linguisticamente diverso com a Constituição Política do Estado reconhecendo oficialmente mais de 32 línguas. Sob esse olhar, as redes de universidades indígenas UNIBOL⁵, na Bolívia, surgiram a partir de reivindicação, após muitos anos de luta e perseverança dos povos indígenas bolivianos. Estas instituições de ensino superior são organizações públicas dedicadas à formação de profissionais completos, capacitando tanto homens quanto mulheres para uma educação abrangente e de caráter comunitário cujas funções de ensino e aprendizagem se concentram nas cosmovisões dos povos indígenas. O que significa que, quando culminar sua formação, os profissionais têm que voltar a suas comunidades para prestar seus serviços a sua sociedade.

Essa pesquisa teve como lugar de pesquisa a “*Universidad Indígena Guaraní y Pueblos de Tierras Bajas; Apiaguaiki Tüpa*”⁶ (UNIBOL) localizada na comunidade de Ivo, no Estado de Chuquisaca, na Bolívia, (ver figura 1), que pertence a redes de universidades indígenas que foram criadas nesse país. Assim como também os institutos de línguas, como o I.L. e o Teko Guaraní, que contenham materiais escritos em Guaraní da região do Chaco boliviano.

⁵ El Artículo 1 del Decreto Supremo N° 29664, de 2 de agosto de 2008, tiene por objeto crear tres (3) Universidades Indígenas Bolivianas Comunitarias Interculturales Productivas – UNIBOL, estableciendo sus fundamentos, naturaleza jurídica, estructura curricular y financiamiento. Asimismo, el Parágrafo I del Artículo 2 crea tres (3) Universidades Indígenas Bolivianas Comunitarias Interculturales Productivas – UNIBOL “Aymara”, “Quechua” y “Guaraní y Pueblos de Tierras Bajas” como entidades descentralizadas de educación pública superior, bajo Régimen Especial y tuición del Ministerio de Educación y Culturas actual Ministerio de Educación.

⁶ O uso do *trema* (¨) no nome Tüpa, e não do *til* (~), como se vê nas demais variedades justifica-se por este ser utilizado na ortografia das variedades Guaraní estudadas nessa tese, mantendo-se como oficial na escrita das variedades aqui estudadas.

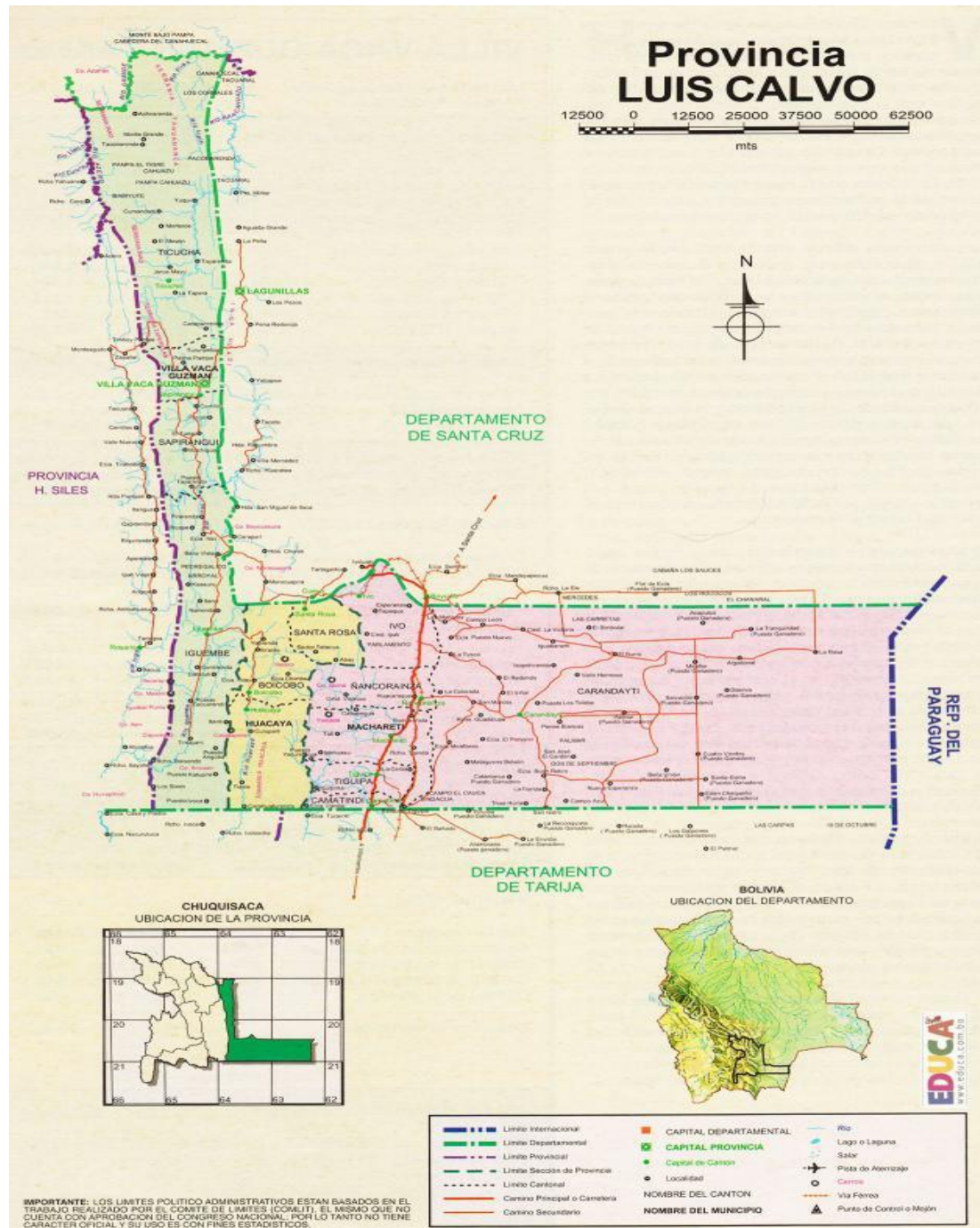
Para realização da pesquisa foram investigados itens lexicais presentes no livro: “*Neologismos lingüísticos de Términos Técnicos en Idiomas Besiro, Mojeño, Guaraní, Guarayo*” escrito pelos docentes e estudantes da mesma UNIBOL, tidos como palavras e expressões não dicionarizadas, mas que já são aceitas pelas instituições e autoridades indígenas, mesmo que até o final deste estudo, não se tenha dados sobre a aplicação dos neologismos em contextos específicos, como nas comunidades. Reitero que este estudo tem o intuito de apresentar uma análise linguística desse livro de neologismos.

Para a análise será utilizado também parte dos dados coletados entre os anos 2017 e 2019 que constituíram o corpus da dissertação de mestrado intitulada “Uso da escrita em língua Guaraní na Universidade Indígena UNIBOL Guaraní *Apiagui Tüpa*” (Paredes, 2019), que possam contribuir à compreensão do processo de elaboração dos neologismos. Esses dados contemplam caderno de campo da pesquisadora, questionários previamente elaborados e transcrições de entrevistas e áudios registrados que formam parte dos dados coletados na época.

O *corpus* desta pesquisa está centrado em 162 palavras neológicas em Guaraní, selecionadas a partir do Glossário “*Neologismos Lingüísticos de Términos Técnicos en Idiomas Bésiro-Mojeño-Guarani-Gwarayu*” produzido e organizado pelos falantes das variedades⁷ estudadas nesta tese: Ioseño, Ava e Simba. Entre os envolvidos na produção do glossário estão docentes, autoridades, *mboruvichas*, e alunos da UNIBOL de fala Guaraní. O glossário que trata dos neologismos em Guaraní está apresentado sob o nome de Guaraní unicamente, sem identificação das variedades.

⁷ Nesta tese utilizo a definição de variedade linguística defendida por John Gumperz e Dell Hymes (1972), referindo-se a qualquer forma de linguagem utilizada em um contexto específico. Isso pode incluir formas padrão ou não padrão de uma língua. Uma variedade linguística pode ser falada por um grupo de pessoas em uma determinada região ou país, mas também pode ser usada por grupos menores com um propósito específico.

Mapa 1:Localização da UNIBOL Guarani y Pueblos de Tierras Bajas: Apiaguaki Tüpa



Fonte: www.educa.com.bo

O livro está organizado em formato de glossário, em ordem alfabética e estão relacionados às áreas em que esses termos serão utilizados. A terminologia está destinada aos cursos universitários de Engenharia de Petróleo e Gás Natural, Engenharia Florestal, Engenharia em Eco Piscicultura e Licenciatura em Medicina Veterinária e Zootecnia.

O livro de neologismos também apresenta outros três glossários em outras línguas com o objetivo de promover a revitalização das línguas Bésiro, Gwarayu, e Mojeño dentro da UNIBOL "Apiaguaiki Tüpa", línguas indígenas que também são ensinadas na Universidade indígena. Como já dito, neste trabalho só temos como objeto de pesquisa as variedades da língua Guaraní. A obra foi apresentada no ano Internacional das línguas indígenas em 2019, no formato impresso, com o título de *Neologismos Lingüísticos de términos técnicos en idiomas Bésiro, Mojeño, Guaraní, Gwarayu*, tendo como editores os licenciados Edson Santiago Puerta Montero e o Lic. Jorge Alberto Paredes Coimbra e um desenho editorial realizado por José M. Ledezma. Foi por meio da equipe de Língua e Cultura do Instituto de Pesquisas que se criou o livro de neologismos com os glossários como parte de um processo de pesquisa linguística destinado a promover a revitalização das línguas ‘Bésiro, Gwarayu, Guaraní e Mojeño’.

Algumas questões metodológicas precisam ser aclaradas nesta seção:

- Algumas grafias podem apresentar equívocos. Por se tratar de neologismos e não termos gravações desses neologismos, o que favoreceria uma análise acústica a fim de obtermos o detalhe fonético, decidimos seguir a estrutura interna pré-determinada da língua com base em outras palavras da língua, sustentadas e utilizadas por outros pesquisadores.
- Não aprofundamos os aspectos da morfossintaxe do Guaraní e apresemos descrição fonética a partir de dados de fala gravados e da fonologia. São apresentados aspectos como organização silábica, harmonia nasal e outras questões que serão úteis para entender a estrutura morfológica das unidades lexicais neológicas. Isso fez com que parte da análise fosse focada apenas no léxico.

1.3.4 Organização da tese

Um dos objetivos da tese é apresentar uma descrição morfológica das unidades neológicas de três variedades linguísticas do Guaraní faladas no Chaco boliviano: as variedades *Ava Chiriguano, Simba e Iloseño*, constantes no livro “*Neologismos Lingüísticos de Términos Técnicos em Idiomas Bésiro-Mojeño-Guarani-Gwarayu*”. Além de examinar os neologismos, serão explorados aspectos linguísticos do Guaraní, incluindo uma análise dos aspectos fonéticos-fonológicos das variedades em questão. Este processo visa, por fim, compreender a manifestação sincrônica dessas variedades no estado atual da língua.

Esta análise será um aporte para que as comunidades possam identificar as características e individualidades fonéticas que tem cada variedade, que até o momento da produção desta tese não estava muito clara nos estudos já publicados.

A tese está estruturada da seguinte forma: o capítulo 01 contém a problematização, os objetivos e a justificativa da pesquisa. Nesse capítulo, também, apresentamos a metodologia utilizada no trabalho. No capítulo 02, é apresentado o percurso histórico da família Tupi-Guarani, compreendendo a sua descendência e deslocamento percorrido pelo continente até sua chegada às terras do Chaco boliviano, a partir de diversas perspectivas teóricas. Assim, procura-se, também no capítulo 03, caracterizar as variedades linguísticas da língua Guarani faladas na Bolívia, fazendo uma breve abordagem sobre a evolução e formação histórica da língua, chegando a um breve panorama da situação sociolinguística atual das três variantes do Guarani boliviano.

No capítulo 04, apresentamos aspectos linguísticos da língua Guarani. A seção subdivide-se em duas partes: na primeira, apresentamos algumas considerações sobre aspectos da fonética e da fonologia da língua Guarani de modo geral, contrastando com as análises das três variantes do Guarani do Chaco; na segunda parte, são apresentadas considerações sobre o sistema ortográfico do Guarani, os aspectos da morfologia, os processos de formação de palavras, da morfofonologia e morfossintaxe da língua Guarani, abordadas a partir das descrições gramaticais sobre a língua, conforme propostas de Wolf Dietrich (1986, 2009, 2016, 2017, 2021), Gustafson (1996, 2014), Estigarribia (2020), Daviet (2016), Cerno (2011) e Aryon Rodrigues (1945, 1986, 2002, 2005, 2011).

No capítulo 05, apresenta-se o suporte teórico que subsidia esta tese, discutindo-se, por um lado, conceitos relacionados ao léxico, formação de palavras e as complexidades de sua delimitação. São apresentados, também, alguns estudos e teorias sobre o que se entende por neologia e neologismos, desde seu início até as considerações mais contemporâneas. São apresentadas reflexões sobre tipologias neológicas, tendo em vista os principais critérios utilizados para a classificação dos futuros candidatos a neologismos. Desse modo, são apresentados aspectos da formação de palavras e mecanismos de atualização mais frequentes na língua Guarani.

No capítulo 06, apresenta-se a parte central da análise do glossário de neologismos contidos no livro *“Neologismos Lingüísticos De Términos Técnicos en Idiomas Bésiro-Mojeño- Guarani- Gwarayu”*, donde também está a sistematização dos resultados, e fechando no capítulo 07 com as considerações finais, e no 08 com as recomendações.

2 ETNOHISTÓRIA E MIGRAÇÕES DO PROTO-TUPI E DA FAMÍLIA TUPI-GUARANI

“A língua é a casa do ser”

(Martin Heidegger)

2.1 Migrações e agrupamentos linguísticos Tupi-Guarani

Umas das questões mais enigmáticas para historiadores, antropólogos e linguistas é a determinação da origem do que hoje em dia conhecemos comumente como povo Guarani, ou povos de terras baixas. Este é um dos povos ameríndios mais populosos do nosso continente na atualidade e, graças a dados históricos mais recentes, e diversos métodos, sabe-se que na antiguidade, realizaram grandes migrações e expansões (Ver Figura 2).

Graças aos avanços de pesquisas e estudos no âmbito da história, antropologia e linguística histórica, as dúvidas sobre suas origens estão cada vez mais dissipadas. É muito importante conhecer as origens das civilizações e mais quando essas civilizações formam parte do nosso legado, tanto cultural quanto linguístico. Porém, existe também a necessidade de conhecer os métodos e teorias que sustentaram esses descobrimentos sobre essas origens, para conhecer a veracidade do que de fato aconteceu. Dessa forma, neste trabalho são mencionados alguns dos mais conhecidos por nos auxiliarem a compreender a importância do processo histórico.

Graças às teorias e métodos de renomados estudiosos, teóricos e pesquisadores interessados na história do povo Guarani é que hoje em dia se tem maior aproximação sobre sua origem, migrações e desenvolvimento. Muito do que hoje se sabe sobre a origem das línguas indígenas sul-americanas centra-se em sua fidelidade ao método utilizado, assim como, em sua aceitabilidade e confiabilidade, sendo importante conhecê-lo. Como nos adverte Ibarra Grasso: “para tratar esta questão (origem das línguas) é preciso que se considere o ponto de vista como se está contemplando o conjunto das famílias linguísticas americanas” (IBARRA, 1958, p. 10). O mesmo autor enfatiza se são consideradas como relacionadas entre si (em famílias) ou se são consideradas como grupos isolados, independentes desde a sua origem.

Urban (1992; 1996), na tentativa de reconstrução da história Guarani, fala da dispersão dos povos do Tronco Tupi através da “*Teoria da Migração Linguística*”⁸, fazendo referência ao método *Histórico Comparativo*⁹, para se aproximar da realidade linguística de certas comunidades ancestrais e do próprio Tupi, estudo que posteriormente chega a coincidir com a teoria de *Origem do povo Tupi*, de Rodrigues (1986). Estes foram os métodos e processos que ajudaram na reconstrução da história Tupi, que mais adiante junta-se a outro método muito utilizado para este tipo de reconstrução das línguas, o método *Léxico Estatístico* (Rodrigues, 2000; Urban, 1992, Loukotka, 1968). Este método centra-se na relação entre as línguas, famílias e dialetos determinada pelas porcentagens de vocabulários e cognatos básicos comuns às línguas pesquisadas.

Graças ao auxílio dos métodos e teorias acima citados, os teóricos mencionados se sustentaram para tentar estabelecer a possível origem do Proto Tupi-Guaraní, propostas que apresentaremos brevemente neste trabalho, com o intuito de compreender o processo que seguiram os teóricos, para tornar cada vez mais reais as origens deste antigo povo ameríndio.

O povo pré-histórico Tupi pode ter sido, em um determinado momento, homogêneo, “estima-se que há cerca de 5 mil anos, falava o Proto-Tupí, língua ancestral que deu origem às línguas pertencentes ao Tronco Tupi, inicialmente com sete e posteriormente com dez famílias linguísticas” (CORRÊA DA SILVA, 2010, p. 63). Corrêa da Silva (2010) fala ainda sobre a hipótese da origem amazônica do Tronco Tupí, afirmando que “é eminentemente amazônico, estando nove das famílias localizadas na Amazônia, ao sul do rio Amazonas. Apenas a Família Tupí-Guarani estende-se para fora desses limites”.

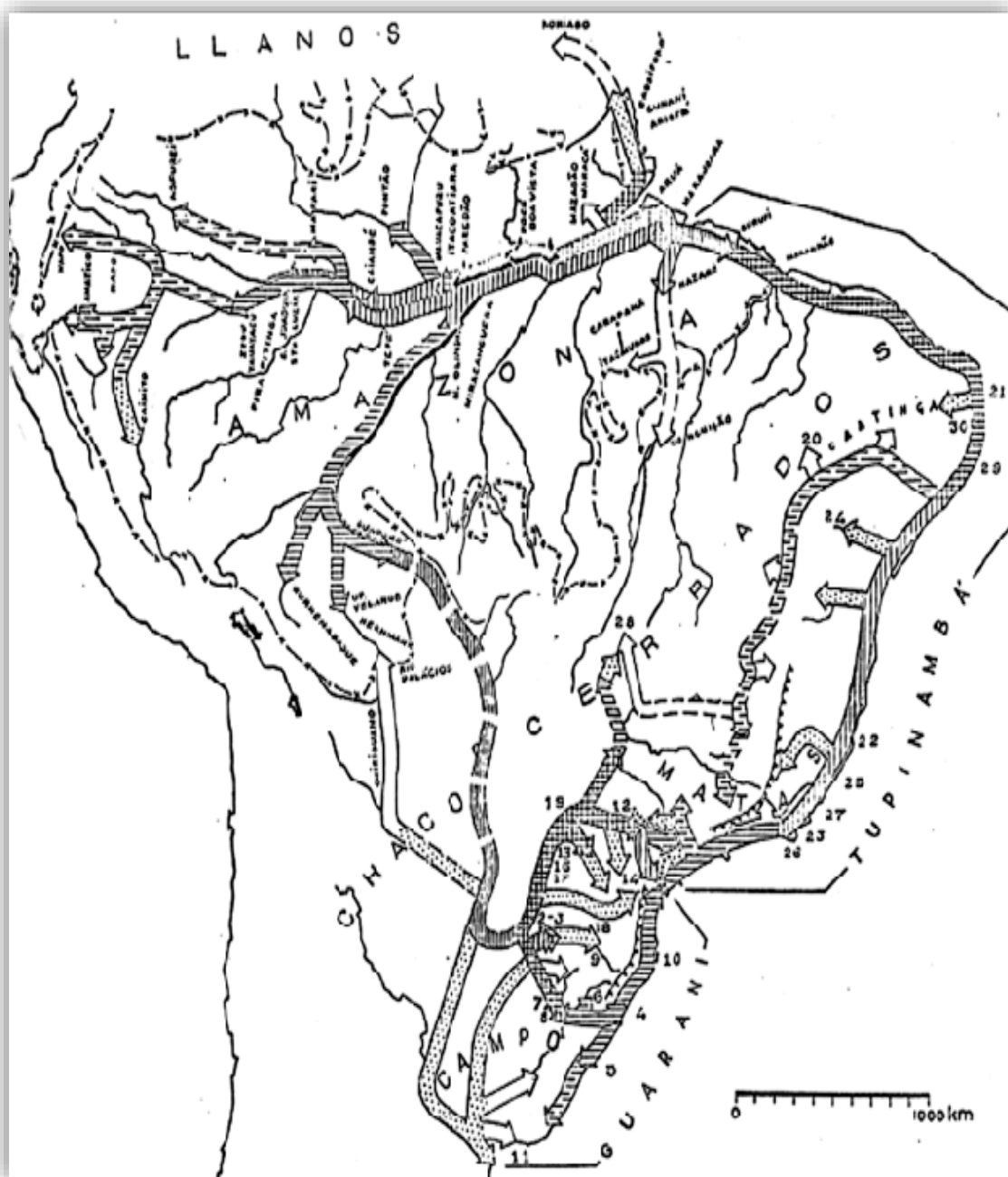
O Proto- Tupi Guarani é um Tronco pré-histórico do qual emergiram dois grandes ramos, o do lado Meridional da América do Sul (Guarani) e o Setentrional (Tupi) (RODRIGUES 1945, p. 2). Posteriormente, Cabral e Rodrigues (2002), graças aos estudos com relação a aspectos gramaticais, demonstram que nas línguas Tupi existem distinções de caráter gramatical e que essa distinção foi tomada como base para a divisão do tronco em ramo ocidental e oriental: os Tupi e os Guarani.

Abaixo, o mapa “Modelos de dispersão dos Tupinambá e Guarani”, proposto por Brochado (1984):

⁸ Os métodos e teorias citadas nesta seção não serão desenvolvidos plenamente, por delimitação do foco de estudo proposto neste trabalho. No entanto, são referência para o conhecimento de tais processos.

⁹ O objetivo do Método-Histórico Comparativo “é a reconstrução ancestral (a protolíngua) por meio da comparação das línguas descendentes. Os procedimentos de análise compreendem o sistema fonológico: (ocorrência dos sons nos mesmos contextos silábicos, compartilhamentos de características fonéticas), a reconstrução do vocabulário e interpretação da gramática e outros” (CAMPBELL, 2001, p. 2).

Mapa 2: O Proto Tupi-Guarani



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Modelo-de-dispersao-dos-Tupinamba-e-Guarani-proposto-por-Brochado-1984_fig2_295254869

Assim como Brochado (1984), outros estudiosos (Rodrigues 2018, 2011, 1986, 1945), Loukotka, 1968, Lathrap 1970, Urban 1992, Métreux 1927, Mello e Kneip 2017, concordam com a hipótese de uma origem dentro da Amazônia para o Proto Tupi e, posteriormente, para a

família linguística Tupi- Guaraní. Por sua vez, Brochado sugere que: “essa origem deve ser tomada como um fato e não como hipótese” (BROCHADO 1984, p. 352).

Seguindo a linha traçada pela dispersão do antigo povo Tupi e lembrando que nos ensinamentos do Prof. Rosário Mansur Guérios (1935) já se admite a divisão da língua, ainda em época pré-colombiana, nas duas línguas também pré-históricas, (o Proto-Tupi e o Proto-Guarani). O próprio Mansur, no entanto, insiste em frisar que embora se mencione somente estes dois ramos, há outros. Aryon Rodrigues, sendo mais específico, assinala que quando chegaram os europeus na costa brasileira, os grupos Tupi-Guarani, “comportavam dois conjuntos de dialetos: um, ao norte da linha tropical, proveniente do Proto- Tupi, outro, ao sul, descendente do Proto- Guaraní” (RODRIGUES, 2011, p. 137).

O *Proto Guaraní*, também conhecido como Guaraní Comum¹⁰, é a língua que ficou sendo falada nas regiões paraguaias, assim também “pelas tribos que se espalham daí para o oriente, pelo sul do trópico de Capricórnio, até à costa Atlântica” (RODRIGUES 2011, p. 131,132). Por outro lado, o *Proto Tupi* ou *Tupi Comum* se tornou a língua daqueles grupos que se afastaram mais da sua sede primitiva e foram se espalhando pelo litoral, ao norte do trópico. Segundo o mesmo teórico, estima-se que ambas as línguas se mantiveram em estado homogêneo, de modo mais ou menos equilibrado, ainda na época anterior à chegada dos europeus. Seguindo esse raciocínio, pode-se eliminar a possibilidade de que a família Tupi-Guarani teve uma origem no Sul, como já foi considerado por outros estudiosos e, sim, ponderar que a separação das línguas teve lugar em uma região da Amazonia ocidental, (ver mapa abaixo), como descrito no manuscrito de Rodrigues (1945, p. 3).

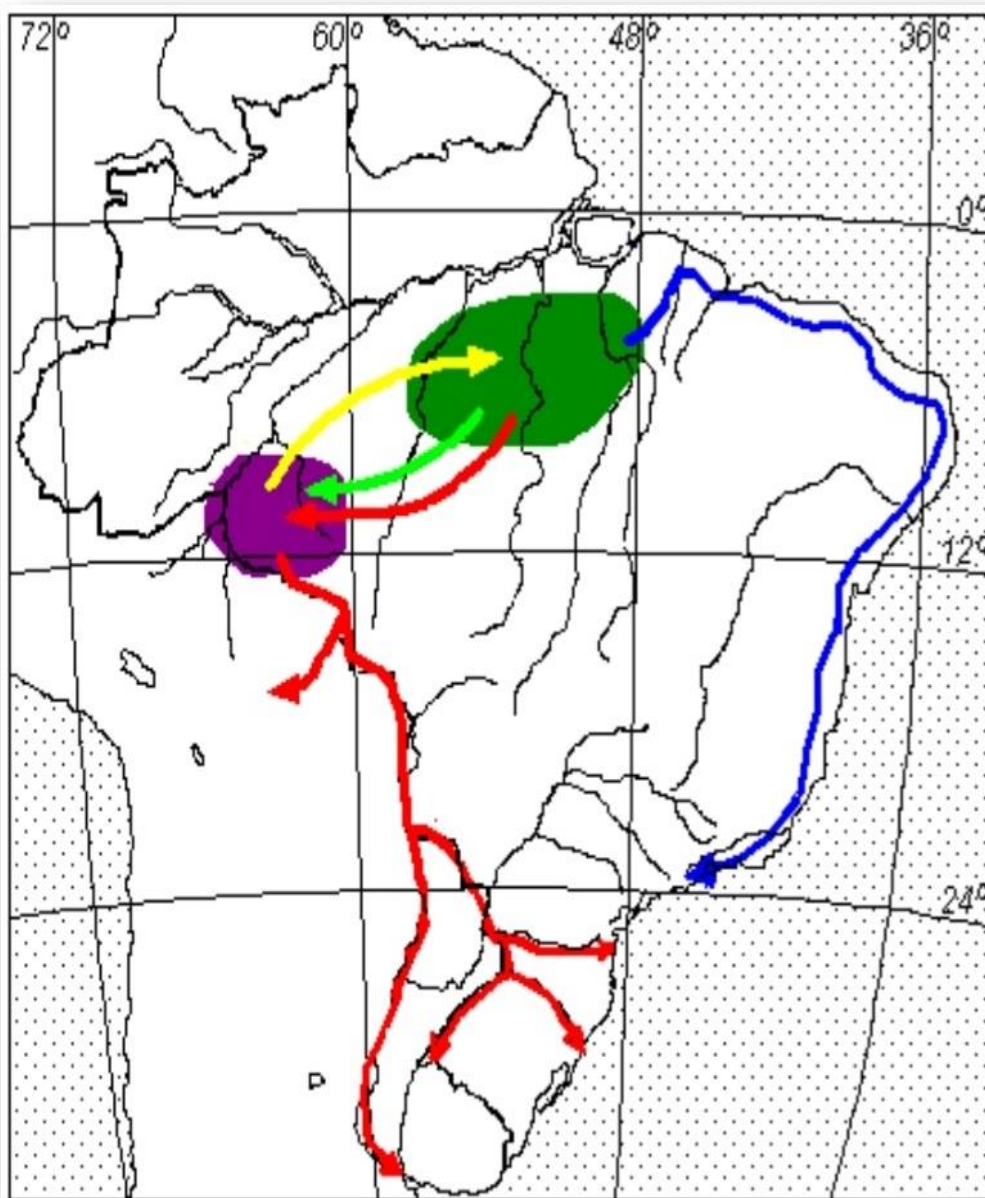
Assim também, para reforçar a mesma hipótese, Alfred Métreux, com base em um estudo comparativo de distribuição de elementos da cultura material da maioria dos povos Tupi-Guarani, também atribui a origem amazônica para as línguas Tupi- Guaraní.

Graças à hipótese de Brochado (1989), sustentada pelas aplicações da Teoria da Migração Linguística, pode-se localizar o berço da diversidade linguística do Tronco Tupi, onde hoje se situa o estado brasileiro de Rondônia. Ao mesmo tempo, segundo Souza de Mello e Kneip (2017), “a partir desta evidência tão forte, subentende-se o foco de dispersão do Tupi-Guarani (família) na mesma região” (SOUZA de MELLO & KNEIP, 2017, p. 306-307). Os autores apresentam a seguinte rota de dispersão, coincidindo com outras teorias antes

¹⁰ *Proto-tupí comum* e *proto-guaraní* ou *guaraní comum* são também termos introduzidos na tupinologia pelo prof. Mansur Guérios (1935).

mencionadas (ver mapa abaixo sobre a Origem e dispersão Tupi-Guarani, segundo Souza de Mello e Kneip (2017).

Mapa 3: Origem e Dispersão Tupi-Guarani



Fonte: Souza de Mello e Kneip¹¹ (2017).

¹¹ See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/328843278>

Os autores claramente coincidem com vários outros estudiosos e pesquisadores que indicam a possível ubiquação da origem e posterior dispersão do povo pré-histórico Proto-Tupi:

A área roxa mostra o centro de origem do Tronco Tupi. A seta amarela mostra o deslocamento dos falantes do ProtoTupi que deram origem à família Tupi-Guarani. A área verde-escuro representa o centro de origem da família Tupi-Guarani. A seta verde-claro mostra a volta de um ramo da família Tupi-Guarani para a área proto-Tupi. A expansão Tupinambá, em azul, parte da área proto- Tupi-Guarani. A Guarani, em vermelho, retorna à área que coincide com a de origem proto-Tupi, antes de migrar rumo sul (SOUZA de MELLO & KNEIP, 2017, p. 307).

A mobilidade geográfica é um traço essencial da família Tupi- Guarani, uma das maiores famílias linguísticas do *Tronco Tupi*, com mais de trinta línguas, dividida em 8 subgrupos. Pode-se considerar essa distribuição como consequência das mudanças dos grupos e, pode-se traduzir como “vários movimentos migratórios na Pré-história do Povo Tupi-Guarani” (RODRIGUES 1945, p. 3).

Para Urban, a distribuição da família Tupi-Guarani é mais espalhada que a dos outros grupos que também pertencem ao Macro-Tupi. Por exemplo, muitas das famílias do Tronco Tupi, excetuando os Tupi-Guarani, “estão concentrados numa área no Brasil centro-oeste entre o rio Madeira a oeste e, o rio Xingu ao leste. Estendem-se até o Amazonas, mas apresentam uma concentração e diversidade maiores em Rondônia” (URBAN, 1992. p. 92). Por sua vez, nas ideias de Rodrigues (2000) quem propõe como teoria de origem da maior diversidade do Tronco Tupi às cabeceiras do rio Madeira, e introduz como evidência a concentração de línguas isoladas. Essa dispersão teria ocorrido entre 3 e 5 mil anos atrás, e tudo indica que se situa, provavelmente, nas áreas de cabeceira dos grandes rios Madeira e Xingu. Se assim for, os falantes do Macro- Tupi teriam tido originalmente um padrão de adaptação ecológica.

Abaixo, mapa com a possível distribuição geográfica das famílias linguísticas do Macro-Tupi na qual pertence à família T.G.:

Mapa 4: Línguas Macro-Tupi



Fonte: Urban 1992, p. 89

Melià (1992, p. 16) reafirma que do antigo Tronco Tupi teria ocorrido o desprendimento de vários grupos, e que esse processo teria durado uns 3.000 anos, tempo no qual os povos do Tronco Tupi teriam se dispersado pela bacia amazônica. Em decorrência dessas migrações, os

Tupi se espalharam pela costa Atlântica, enquanto os Guarani se dirigiram para o sul, para terras mais frias. Há evidências de que cada grupo teve sua própria adaptação, não só ecológica, mas também climática, privilegiando a produção de certos alimentos em detrimento de outros. Ivo (2021) fala sobre essas adaptações:

Historicamente, há dados que comprovam que os Tupi privilegiavam o cultivo da mandioca amarga, o que os levou a produzir artefatos cerâmicos e utensílios apropriados para evitar o veneno ácido da mandioca e assim produzir a farinha e o mbeju, que os europeus viriam a denominar “o pão da terra”. O povo Guarani, por sua vez, ao povoar terras mais temperadas e até frias, dedicou-se mais ao cultivo do milho, da mandioca doce, da batata, das abóboras e de diferentes tipos de feijão (IVO, 2021, p. 8).

Até aqui, se pode constatar que várias hipóteses coincidem com a origem do Tronco Tupi com base amazônica, e que várias das famílias integrantes desse tronco estão localizadas na Amazonia, ao sul do rio Amazonas. Apenas a Família Tupi-Guarani se espalhou fora desses limites, chegando “à Guiana Francesa, ao norte do rio Amazonas, a costa brasileira, e estendendo-se ao longo da bacia dos rios Paraná-Paraguai até Argentina, o Paraguai e a Bolívia” (CORREA da SILVA 2010, p. 63). Isso evidencia que esse é um dos conjuntos genéricos mais amplamente distribuídos geograficamente e, possivelmente, o mais diversificado, abrangendo cerca de 60 línguas.

2.2 A família linguística Tupi-Guarani

Por meio de novas pesquisas linguísticas, antropológicas, etnográficas, entre outras, surgiram métodos e teorias que contribuíram para um maior conhecimento das relações entre as línguas naturais bem como para a elaboração de propostas de agrupamentos dessas línguas em famílias linguísticas (IVO, 2021, p. 4).

Rodrigues (1986) fala sobre o critério genético e hipótese de elaboração de um ancestral comum às línguas de uma família:

As línguas do mundo são classificadas em famílias segundo o critério genético. De acordo com esse critério, uma família linguística é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm uma origem comum, no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, alteradas no correr do tempo, de uma só língua anterior (RODRIGUES, 1986, p. 29).

Por outro lado, Corbera Mori (2021) fornece uma perspectiva adicional ao salientar que as línguas podem ser classificadas não apenas com base no critério genético, mas também de

acordo com sua tipologia fonético/fonológica e estruturas sintáticas. O autor destaca a relevância da morfologia ao reconhecer dois tipos morfológicos fundamentais. Para o autor, quando se considera a forma como os morfemas se aglutinam para formar as palavras nas línguas naturais, “a teoria linguística reconhece dois tipos morfológicos básicos considerando a estrutura das línguas: i) línguas analíticas (também denominadas isolantes) e ii) línguas sintéticas”, dentre as quais, as línguas aglutinantes, fusionantes e polissintéticas (CORBERA, 2021 p. 1).

Edward Sapir (1954, p. 148) complementa a discussão ao afirmar que a classificação, quando se trata de línguas, é intrinsecamente superficial. “A classificação é de fato superficial [...]. A classificação tem muito mais valor se unicamente se aplica à expressão dos conceitos de relação”. O autor adverte contra a aplicação exclusiva de um único critério ao grupo, ressaltando que a verdadeira utilidade na classificação reside nos conceitos de relação entre as ‘línguas analíticas’, ‘línguas sintéticas’ e ‘línguas polissintéticas’ (SAPIR, 1954). Dessa forma, a compreensão das línguas vai além de uma categorização superficial e ganha valor ao considerar os conceitos de relação subjacentes a essas classificações.

Por sua vez, Loukotka (1968), por meio do método *Histórico Comparativo* e do *Método Léxico Estatístico*, estabeleceu sua teoria de *Identificação das Línguas* para propor sua classificação das línguas indígenas sul-americanas, o que ajudou a formar um panorama geral sobre as tentativas de se estabelecer a distribuição das famílias linguísticas do continente, conforme o mesmo estudioso afirma;

Fiz uso do método léxico estatístico principalmente para a distribuição das famílias Arawak, Karaib, Tupi e Zamuko; nos outros casos, utilizei o método comparativo. Infelizmente não tive tempo suficiente para empregar o método léxico estatístico de forma mais eficaz, uma vez que este trabalho estava programado para ser concluído no final de outubro de 1963 (LOUKOTKA¹², 1968, p. 30).

O próprio pesquisador, no livro *Classification of South American Indian Languages*, de 1968, classifica os grupos linguísticos (stocks¹³), primeiramente por regiões; *As Línguas das Tribos Palio – Americanas*; *Línguas das Tribos da Floresta Tropical* e *as Línguas das Tribos dos Andes*, (Loukotka, 1968), indicando que nas *Tribos da Floresta Tropical* achavam-se o

¹² “I made use of the lexicostatistical method principally for the distribution of the Arawak, Karaib, Tupi, and Zamuko families; in other cases, I used the comparative method. Unfortunately, I lacked sufficient time to employ the lexicostatistical method more effectively, since this work was scheduled for completion at the end of October 1963” (LOUKOTKA, 1968 p. 30). Com tradução própria.

¹³ Alguns autores usam o termo tronco (stock em inglês) para mencionar as agrupações linguísticas antigas das quais muitas das línguas atuais têm probabilidade de uma descendência em comum.

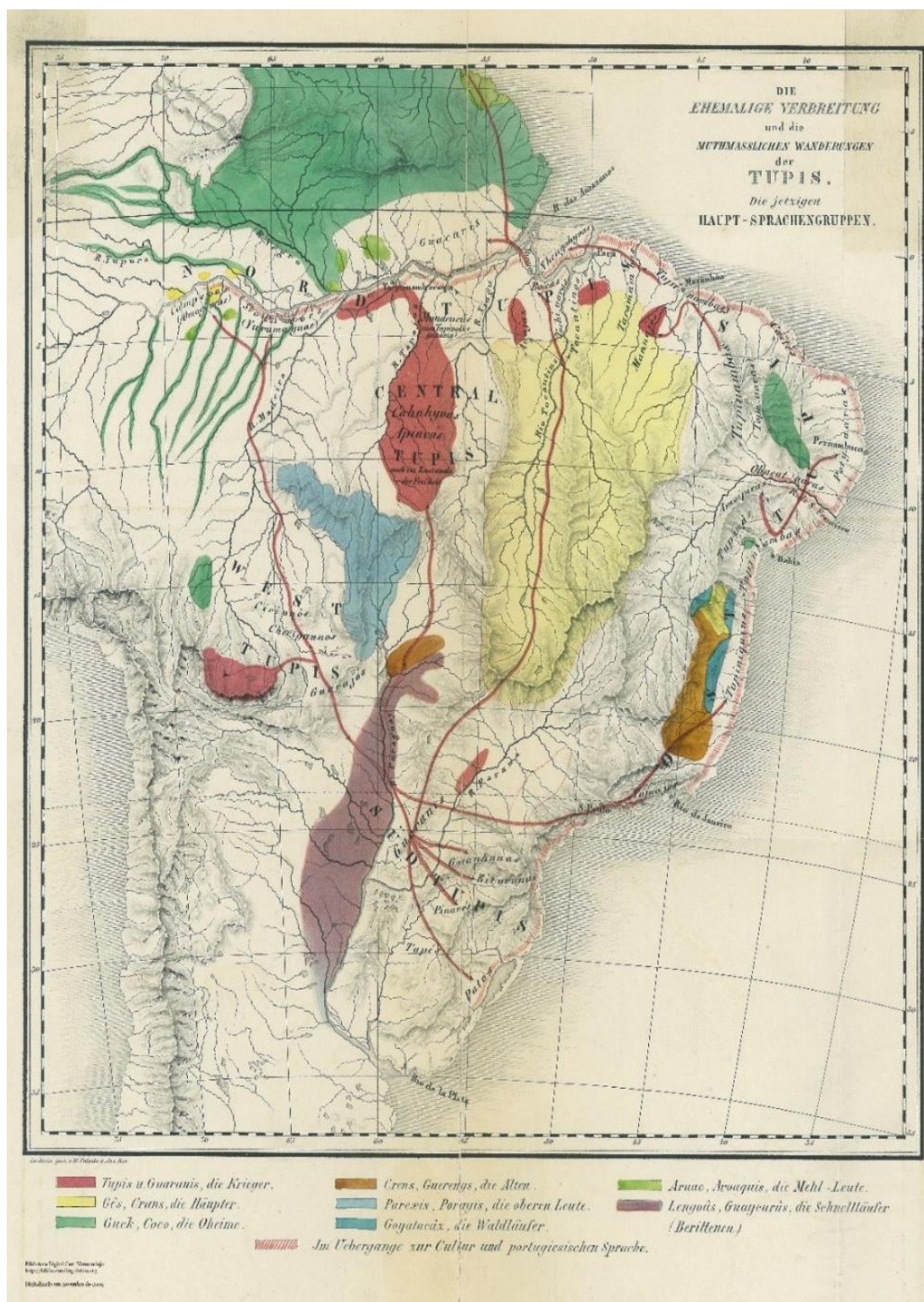
Tronco Tupi e suas respectivas famílias linguísticas. Assim, estariam localizadas na região Central Norte do continente.

Esse tipo de classificação é muito parecido com o de outro linguista reconhecido, Federico Max Müller (1958) que distribuiu as línguas americanas em vinte oito grupos, chamando cada grupo de ‘famílias’, mas assim, como os resultados de Loukotka, as agrupações foram puramente geográficas. Hoje em dia, sabe-se que línguas podem estar agrupadas em um determinado espaço geográfico, mas isso, nem sempre significa que sejam aparentadas. Os problemas com este tipo de classificação são muitos, mas também são muitos os aportes que introduziram nos estudos da linguística americana, sem dúvida.

Loukotka (1968), por meio do uso do Método Comparativo, conseguiu estabelecer a mencionada classificação, baseando-se na contagem de 45 vocábulos que considerou “típicos” ou “palavras culturais”. Ele distingue nas famílias linguísticas algumas línguas como “vestígios”, “mistas”, e outras como línguas “puras”, classificação que foi contestada por Rodrigues (1958;1964), por meio do Método Léxico Estatístico, procedimento pelo qual, o teórico, com a coleta de 100 e 200 palavras aproximadamente, comparou os léxicos, tendo como principal característica dessa lista, “incluir palavras pouco influenciadas pela mudança cultural e que, por isso mesmo, se conservam em todas as línguas relativamente inalteradas no decorrer do tempo, consideradas como vocabulário básico” (RODRIGUES, 2011 p. 197).

Abaixo como complementação, o mapa etnográfico das terras baixas da América do Sul, particularmente do Brasil, apresentando as principais famílias linguísticas e rotas migratórias Tupi:

Mapa 5: Die ehemalige Verbreitung und die muthmasslichen Wanderungen der Tupis. (Carl Friedrich Philipp von MARTIUS, 1867)

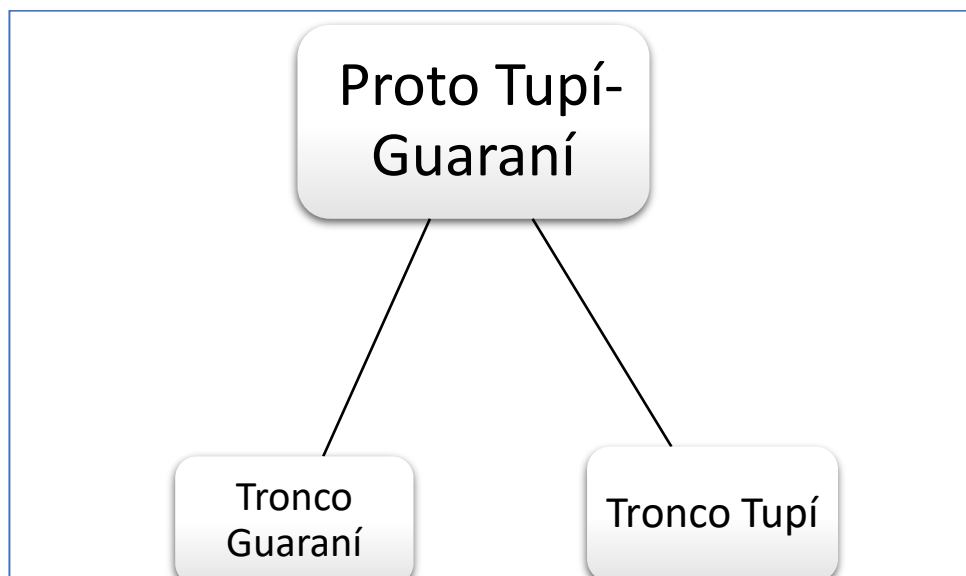


Fonte: Biblioteca Digital Curt Nimuendajú; línguas e culturas indígenas sul-americanas
<http://www.etnolinguistica.org/imagen:1>

Foi através da comparação de vocabulários básicos que outros teóricos superaram algumas das maiores dificuldades para realizar a classificação de línguas. Entre os estudiosos destacados, Aryon Rodrigues (1958;1964) apresenta a “Classificação do Tronco Linguístico Tupi”; identificando, primeiramente, a descendência desse tronco. Em suas palavras explica que “tendo-se separado os Tupís dos Guaranis, o Proto¹⁴-Tupí-Guarani, que eles falavam, tomou rumos evolutivos diferentes junto a uns e a outros: distinguiram-se, então, dois dialetos do Proto-Tupí-Guarani – o Proto-Tupí e o Proto-Guarani” (RODRIGUES, 2011, p. 137).

A seguir, uma representação gráfica própria da distribuição do Proto Tupí-Guarani, fundamentada na classificação de Mansur Guérios (1935), apresentada nos “Novos Rumos da Tupinologia”;

Figura 1:O Proto Tupi-Guarani



Fonte: Inspirado em Mansu Guerios (1935)

A filiação genética do Tronco Tupi é uma das mais completas e conhecidas dentre as línguas ameríndias, comparando-se com outras filiações, como o Tronco Macro- Jê. Embora se fale da hipótese da existência de uma relação pré-histórica entre elas, isto nunca foi confirmado, mas faz parte do processo histórico da reconstrução do percurso histórico do povo Tupi Guaraní que vale a pena ser mencionada.

¹⁴ As definições de Proto- Tupi- Guaraní, Proto- Tupi e Proto- Guaraní, ou Tupi-Guarani comum etc. foram introduzidas pelo ilustre linguista Prof. Rosario Farani Mansur Guérios, em sua obra; “Novos Rumos da Tupinologia” (1935. p. 3 e 4). Nesta tese usamos os termos Tronco ou Macro, de forma convencional, somente para diferenciá-lo das famílias linguísticas, podendo aparecer de forma aleatória.

Urban fala a respeito da referida hipótese;

Dada a também possível ligação histórica entre Tupi e Jê, tratar-se-ia de um grupo genético de Jê, Tupi e Karib. Os dados de que dispomos atualmente são sem dúvida muito mais sugestivos do que tudo o que já se tinha visto (URBAN, 1992 p. 94).

É importante saber que na comunidade linguística designa-se por Tupi, a um “Tronco Linguístico que engloba aproximadamente 45 línguas que se espalham, há vários milênios, pelo leste de América do Sul (Brasil, Peru, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai)” (NOELLI, 1994, p. 108). O mesmo autor explica que se conhece por Tupi também os povos falantes dessas línguas: “Das 45 línguas, as mais citadas desde a chegada dos europeus foram o Guaraní e o Tupinambá [...], a expressão Tupi-Guaraní, define uma das nove Famílias Linguísticas do Tronco Tupi” (NOELLI, 1994).

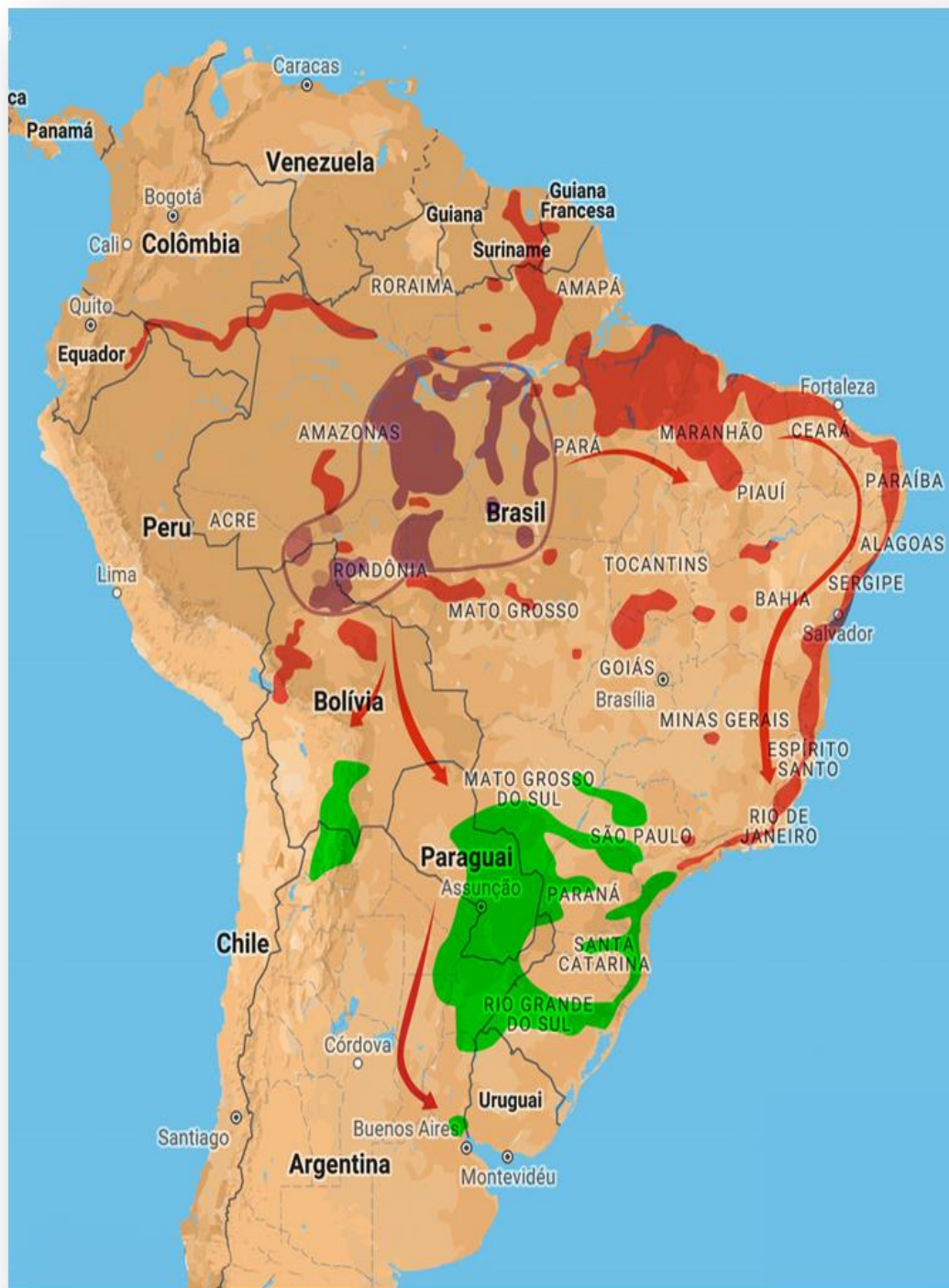
Para estabelecer o âmbito de cada família, segundo Rodrigues (2011), “seria necessário limitar de forma flexível mais ou menos empiricamente e em parte até arbitrariamente o âmbito de cada família” (RODRIGUES, 2011. p. 198, 199). Estabelecer esses limites se torna importante uma vez que permite um melhor agrupamento linguístico das línguas e sua classificação.

Para uma definição do conceito de família linguística, vê-se as palavras de Aron Rodrigues:

As línguas do mundo são classificadas em famílias segundo o critério genético. De acordo com esse critério, uma família linguística é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm uma origem comum, no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, alteradas no correr do tempo, de uma só língua anterior. As línguas românicas ou neolatinas – português, espanhol, catalão, francês, romanche, italiano, romeno – constituem uma família, cujos membros derivam de uma língua ancestral bem conhecida historicamente – o latim. Para a maioria das famílias linguísticas, porém, as línguas ancestrais são pré-históricas, não se tendo delas nenhuma documentação. O conhecimento dessas línguas (ou de, pelo menos, certas características delas) é obtido mediante estudos histórico-comparativos que, partindo da descoberta de correspondências regulares (de sons, de palavras, de formas gramaticais) entre duas ou mais línguas, formulam hipóteses sobre as propriedades que devia ter uma língua ancestral para permitir (e explicar) a derivação diferenciada das línguas atuais (RODRIGUES, 1986 p. 29).

No mapa seguinte, a distribuição das línguas do tronco Tupi. Em roxo, as subfamílias originais amazônicas. As cores vermelha e verde correspondem à família/ramo Tupi, com o subgrupo Guaraní em verde.

Mapa 6: Distribuição das línguas da família Tupi



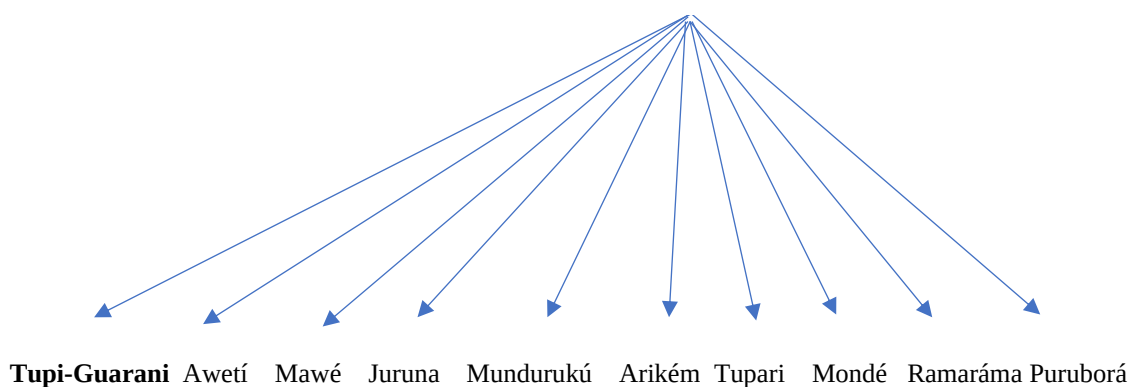
Fonte: [Tupi or not Tupi... a questão é climática \(uol.com.br\)](http://Tupi%20or%20not%20Tupi...%20a%20quest%C3%A3o%20%C3%A9%20clim%C3%A1tica%20(uol.com.br))

Foi com o passar dos séculos que as variedades Tupi e Guaraní foram se estabelecendo, embora algumas semelhanças de caráter linguístico tenham permanecido e sido notadas, quando aconteceu o contato com os conquistadores europeus.

Na década dos anos '50 Rodrigues (1954, 1958) consolida e apresenta uma classificação de famílias linguísticas e na qual está a família linguística Tupi- Guaraní, e outras nove famílias (Awetí- Mawé Yurúna- Mundurukú- Arikém- Tuparí- Mondé- Ramaráma- Puruborá) que formam parte do *Tronco Tupi*, (RODRIGUES e CABRAL 2002).

Abaixo, algumas famílias linguísticas do Tronco Tupi:

Figura 2: Famílias do Tronco Tupi



Fonte: Adaptado de Rodrigues (2002)

A provável relação de proximidade linguística entre os grupos pode ser estabelecida segundo a forma como aparecem os grupos na figura (RODRIGUES, 2002). Isso significa que a família Tupi- Guaraní guarda maior proximidade e parentesco linguístico com os Awetí do que com os Mawé e, é muito menor o parentesco linguístico com os Puruborá. Da mesma forma Cabral (2002) salienta a respeito dessa possível proximidade e distanciamento entre essas famílias, estabelecendo a hipóteses de que as “línguas do ramo ocidental (Arikém, Tuparí, Ramaráma, Mondé) são mais conservadoras na sua estrutura gramatical; ao passo que as demais famílias, Tupi-Guarani, Awetí, Mawé, Mundurukú e Jurúna” (CABRAL, 2002,p. 5) que constituem o ramo oriental e desenvolveram diversos processos de cisões a partir do sistema original.

Até antes do contato pré-colombiano, muitas das famílias que se distanciaram conseguiram preservar grande parte de sua essência linguística de maneira homogênea. Contudo, alterações significativas ocorreram após esse período de contato.

Novas evidências mostraram que os primeiros contatos realizados pelos europeus foram com os Tupi e depois com os Guarani que apesar das semelhanças entre esses dois ramos, podiam ser detectadas as diferenças entre ambas as nações (IVO 2021, p. 9-10).

A partir de evidências arqueológicas e estudos linguísticos, observa-se que a família Tupi-Guarani experimentou a mais ampla dispersão, tanto geográfica quanto linguística. No entanto, essas particularidades levantam a hipótese de que os grupos que se separaram dessa família linguística possam ter preservado uma essência linguística menos pronunciada em comparação com as outras famílias pertencentes ao mesmo tronco Tupi.

Abaixo, uma proposta de agrupamento proposto para a família Tupi-Guarani, seguindo diferentes critérios, conforme esclarece Dietrich (2010, p. 10).

Quadro 1: Classificação da Família Tupi-Guarani¹⁵

I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
MERIDIONAL	BOLIVIANO	COSTA BRASILEIRA	TOCANTINS- MARANHÃO	TOCANTINS- MEARIM	MT- RONDÔNIA	ALTO XINGU	AMAZÔNIA SETENTIONAL
Guarani Antigo ¹⁶ Avá/Nhandeva Caiowá Guarani Paraguaio Mbyá Xetá <u>Guarani do Chaco/Chiriguano</u> ¹⁷ Tapiete ¹⁸	Guarayo Guarasug'wã Pauserna Siriono Yuki Achê	Tupinambá Tupiniquim Potiguara Nheengatu (Cocama) (Omágua)	Asurini do Tocantins Kamayurá Tapirapé	Parintintin			Wayâpi Wayampipuku Émérillon Zo'é
			Parakanã Surui/Mudjetire Tembé Guajajara Avá-Canoeiro	Anambé Amanayé Araweté Asurini Xingu Kayabi	Apiaká Amondawa Kawahib Uru-eu-wau-wau		Guajá Ka'apor
I	II	III			IV		VI
							V

Fonte: Dietrich (2010)

Nas palavras de Dietrich (2010):

As línguas agrupadas por baixo dos números I a VIII e das referências geográficas esquematizadas caracterizam-se por critérios da fonologia histórica específica de cada grupo e pelos critérios geográficos. Nos números I a III, estes critérios coincidem com os comportamentos morfossintáticos comuns a cada grupo. As línguas agrupadas por baixo dos números IV a VIII

¹⁵ Localização: Guiana Francesa, Brasil [Amapá, Amazonas, Pará, Maranhão, Tocantins, Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Rio de Janeiro], Amazônia peruana, Oriente boliviano, Paraguai, Argentina [Salta, Jujuy, Formosa, Chaco, Corrientes, Misiones] e no Estado de Goiás. (Dietrich, 2010, p. 10)

¹⁶ Assim classificado a partir de registros dos missionários jesuítas entre 1640 e 1767.

¹⁷ Bolívia e Argentina.

¹⁸ Bolívia e Argentina.

superiores formam grupos tipológicos de traços morfossintáticos próprios (números IV a VI inferiores) (DIETRICH, 2010, p. 25).

Com uma perspectiva muito semelhante e para uma melhor compreensão sobre o grau de parentesco entre as línguas da família Tupi-Guarani, pode-se observar a proposta de classificação feita por Aryon Rodrigues (1954;1958). Vê-se, no quadro abaixo, com letras maiúsculas, as famílias, as subfamílias por minúsculas, as línguas por números e os dialetos por letras gregas. Alguns idiomas, com vocabulários publicados, mas não muito bem examinados aparecem com ponto de interrogação (?):

Quadro 2:Classificação do Tronco Tupi.

MACRO TUPI	
TUPÍ GUARANI	
LÍNGUAS	DIALETOS ¹⁹
a.1.Tupí Guarani	α. Tupí (i. Tupinambá ou Tupí Antigo, ii. Nheengatú ou Tupí Moderno)
	β. Guaraní (i. Guaraní Antigo, ii. Avanheên ou Guaraní Moderno)
	γ. Kaiwá (i. Apapokúva, ii. Mbüá)
	δ. Txiriguâno (ava e simba)
	ε. Tapieté
	ζ. Izoó (Txané)
	η. Guarayu
a.2 Tenetehára	α. Tembé
	β. Gwajajára
	γ. Urubú
	δ. Manajé
	ε. Turiwára
	ζ. Anambé.
a.3 Oyampí	α. Oyampí
	β. Emerillon
a.4. Kawaíb	α. Wiraféd
	β. Pawaté;
	γ. Parintintín.
a.5. Apiaká	
a.6. Kamayurá	
a.7. Awetü	
a.8. Tapirapé	
a.9. Xetá	
a.10. Pausérna	
a.11. Kayabí	
a.12. Canoeiro	Abá
a.13. Takunapé	(?)
b.1. Kokáma	α. Kokáma
	β. Kokamila

¹⁹ É muito importante esclarecer que nessa classificação também a diferença entre “língua” e “dialecto” é pouco precisa, a ponto às vezes de dois idiomas estreitamente aparentados serem considerados duas “línguas”, enquanto outros, não se assemelham tanto, são consideradas como “dialectos” (RODRIGUES, 1954;2011).

b.2. Omágua	
c. Guayakí	
d. Maué	
e. 1. Mundurukú	
e.2. Kuruáya	
f. Sirionó	(?)

Fonte: Rodrigues 2011

A família linguística Tupi-Guarani é assim denominada por englobar línguas do ramo Tupi e do ramo Guarani. A literatura linguística clássica denomina como Tupi o que corresponde a uma realidade complexa. Segundo Edelweiss (1947), esse termo possuía, já no século XVI, um sentido genérico e um específico. Como termo genérico designava os indígenas da costa, falantes da chamada língua brasílica e, como termo específico, aos indígenas de São Vicente, São Paulo.

A generalização do nome *Tupi* foi muito feliz. Em primeiro lugar possui base histórica das mais vetustas, pois data dos primeiros tempos da Conquista, [...]. De grande auxílio à generalização do termo *tupi*, por mais patente, foi certamente o fato de entrar o étimo na composição de vários nomes tribais da mesma família, dando assim a impressão de *tupi* ter designado possivelmente o tronco da geração. A presença do étimo *tupi* nos gentílicos compostos foi um dos elos étnicos mais palpáveis entre as tribos costeiras em eterna desavença. (EDELWEISS, 1969, p. 69).

O Pe. Anchieta demonstra em sua gramática as formas variantes daquela língua falada na costa e refere-se, ao mesmo tempo, aos tupis de São Vicente:

[...] há alguma diferença na pronúncia, e o uso das diversas partes do Brasil será o melhor mestre. Porque desde os Pitiguares do Paraíba do Norte até os Tamoios do Rio de Janeiro pronunciam inteiros os verbos acabados em consoantes, como: *A-páb* eu me acabo, *a-sém* eu saio *á-pen* eu me quebro, *á-iur* eu venho. Mas os Tupis de S. Vicente, que são além do Rio de Janeiro, nunca pronunciam a última consoante no verbo afirmativo, como: *apá* em vez de *apab*, *asém* em vez de *asém*, *apén* em vez de *apén*, *aíu* em vez de *aíur*. [...] (ANCHIETA, [1595]/1990, fl. 1 -v).

A citação do Pe. Anchieta (1595) apresenta diferenças na pronúncia da língua falada na costa do Brasil, destacando que os Tupi de São Vicente não costumavam pronunciar a última consoante nos verbos afirmativos, diferenciando-se assim de outros grupos Tupi. Isso demonstra que, dentro da família linguística Tupi-Guarani, existiam variações regionais na língua.

Portanto, com base nessas citações, podemos argumentar que a família Tupi-Guarani abrange uma gama de línguas do ramo Tupi e Guarani e o termo Tupi possui uma história rica e complexa de uso genérico e específico. Além disso, as diferenças regionais na pronúncia da língua Tupi dentro da família linguística ilustram a diversidade linguística que existia entre os grupos indígenas da costa do Brasil. Essas variações regionais são um reflexo da riqueza cultural e linguística da família Tupi-Guarani.

Dessa forma, podemos afirmar que a família linguística Tupi-Guarani é notável por sua complexidade e diversidade linguística, como evidenciado pelas variações regionais do Tupi e pela ambiguidade nas origens do Guarani.

2.3 A milenária trajetória da língua Guarani

Um estudo publicado na revista técnica *PloS One* em junho de 2023, realizado por uma equipe internacional de cientistas, pesquisadores, entre historiadores, sociólogos, antropólogos e linguistas de diferentes países, como Brasil, Suécia, Espanha, Portugal, Estados Unidos e Alemanha, parecem ter desvendado o mistério milenar sobre as origens precisas da língua que hoje se conhece como Guarani.

A equipe do Instituto de Linguística da Universidade de Tubinga na Alemanha, começou sua pesquisa sobre as origens do Guarani, em busca de uma resposta para o seguinte problema: “O Tupi-Guarani é um dos ramos mais extensos da família linguística tupiniana, mas, apesar de sua relevância, não há consenso sobre suas origens em termos de idade, pátria e expansão”, isto nas palavras de Ferraz. (FERRAZ, et al. 2023). Segundo o mesmo autor, as classificações linguísticas variam significativamente, e os estudos arqueológicos prévios a este estudo, tinham fornecido resultados variados e não havia consenso sobre os verdadeiros inícios, sugerindo faixas de datas incompatíveis, enquanto a literatura etnográfica confirma as estreitas semelhanças como resultado do contato contínuo entre as famílias. A pesquisa realizada pelos pesquisadores está centrada na utilização de métodos filogenéticos bayesianos²⁰ para inferir uma árvore datada e construir um modelo de expansão filogeográfica²¹.

²⁰ O termo ‘bayesianos’ se refere ao uso da teoria estatística de Thomas Bayes, que é uma abordagem para analisar informações incertas ou probabilísticas. Portanto, ‘métodos filogenéticos bayesianos’ são ferramentas estatísticas usadas para reconstruir árvores evolutivas com base em informações probabilísticas.

²¹ ‘Expansão filogeográfica’ se refere ao movimento e dispersão geográfica das espécies ao longo do tempo, considerando suas relações evolutivas. Neste caso, os pesquisadores estão criando um modelo que descreve como as línguas se expandiram geograficamente ao longo de sua evolução.

A equipe de pesquisadores utilizou a filogenética léxica, uma técnica que aplica métodos genéticos e de biologia molecular ao estudo da evolução da linguagem. Através dessa metodologia, puderam inferir as relações internas entre as línguas como uma árvore genealógica, onde o tronco ancestral representa o idioma antecessor e os ramos são seus descendentes. O resultado do estudo indica que o tronco ancestral do Guaraní se originou na região amazônica há cerca de 5.000 anos e se expandiu para o sul e leste, chegando ao sul do Brasil e ao Paraguai há 2.500 anos (FERRAZ, et al.2023). Tais descobertas fornecem uma compreensão mais profunda sobre a evolução e propagação espacial das mutações linguísticas ao longo do tempo.

3 A NAÇÃO GUARANI NA BOLÍVIA

Diferentemente dos outros nove grupos do tronco Tupi, os povos pertencentes à família Tupi-Guarani apresentavam características de ser grupos dispersos e espalhados geograficamente (RODRIGUES, 2007, p. 356). Essa dispersão é o resultado das constantes migrações que levaram esses povos a percorrer longas distâncias. Alguns teóricos acreditam que “alguns grupos chegaram até uma região brasileira conhecida como “Mato Grosso”, ao leste de Rondônia, região considerada como ponto de partida das primeiras migrações Tupi-Guarani (JENSEN 1999, p. 129). Após considerar que as migrações da família Tupi-Guarani podem ter diferentes espalhamentos pelo território da América do Sul, dessa vez, especificamente vamos nos focar para o povo Guarani²² dentro do território da Bolívia.

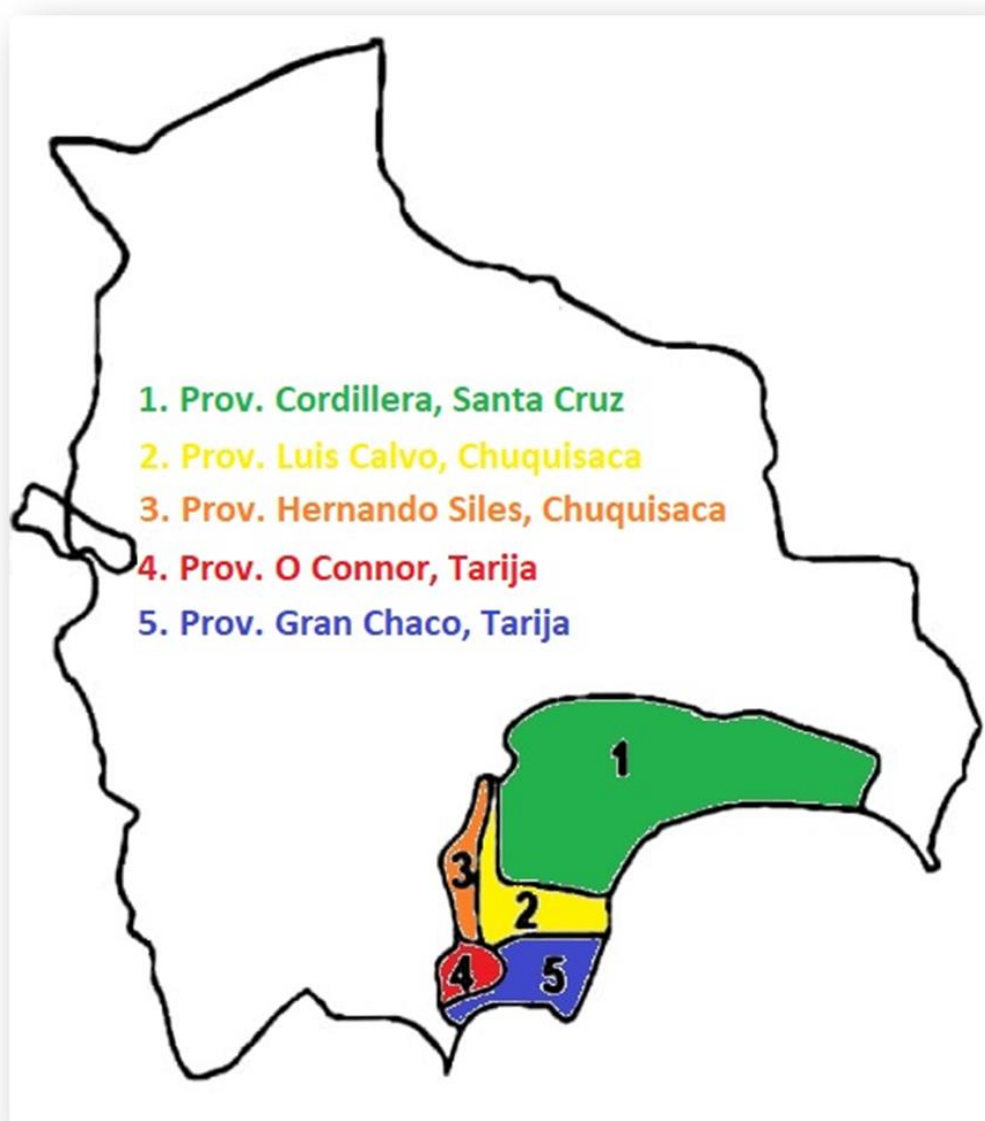
A Bolívia é um país diversificado. Em termos de topografia, seu território apresenta duas partes principais: o Leste onde estão as “Terras Baixas” (*tierras bajas*) e o Oeste onde está a parte andina do país. “As terras baixas” da Bolívia se subdividem em três regiões principais; a da Amazonia no Norte, o Oriente no Leste e o Chaco no Sul. É precisamente nesta última região, caracterizada pelas imensas planícies de árvores decíduas e terras áridas que se encontram os Guarani bolivianos (UNICEF 2009, p. 196).

3.1 O Povo Guarani-Chiriguano

O povo Guarani Chiriguano ou Guarani ocidental ultrapassa algumas fronteiras geográficas, devido a que seus falantes estão espalhados pelo lado Sudeste da Bolívia, pelo Norte do Paraguai e Norte da Argentina. Neste último país, os Guarani estão nas províncias de Salta e Jujuy (DIETRICH, 1986, 2007, 2016). Na Bolívia estão distribuídos principalmente pelos departamentos de Tarija, Chuquisaca e Sul de Santa Cruz (Ver figura abaixo) que mostra a extensão do Guarani na Bolívia e as províncias de onde se espalham:

²² Lembrando que se chamam Guaraní, as variedades que estão nessa região e que pertencem à família T-G (muitas são autodenominações). Recebem o nome de Guaraní também as comunidades indígenas que falam o Guarani, mas que serão identificadas e classificadas dentro deste trabalho.

Mapa 7: Províncias Guarani na Bolívia



Fonte: <http://www.fao.org/docrep/006/y5311s/y5311s09.htm>
(acessado o 25/04/2022; 17:25 horas) (destaques e colorido por elaboração própria).

Segundo Dietrich (2021 p, 261), “[...] temos fontes históricas que documentam a migração de grupos Guarani que migraram, nos séculos XV e XVI, dos Itatins, no atual Mato Grosso do Sul, para os contrafortes andinos, no atual Departamento de Santa Cruz, Bolívia”. Essas primeiras migrações dos Chiriguanos foram desencadeadas em diferentes períodos, em decorrência de situações climáticas com estações alternadas pela humidade ou pela estiagem, assim como aconteceu com outros povos descendentes do T-G, que na maioria das vezes obrigou os povos, que viviam em diferentes regiões, a abandonar o lugar onde estavam à

procura de um lugar “agradável de se viver”, um lugar bom para morar (IVO 2021; DAVIET 2020). E com os Guaraní-chiriguano não foi diferente.

Muitas vezes as condições se mostravam favoráveis para tais movimentações; segundo Daviet (2020, p. 9), “para²³ os povos das áreas de terras tropicais, a canoagem tornou possível longas distâncias, especialmente para o Rio da Prata, o estuário do Rio Paraná e o Rio Uruguai”. Segundo o próprio pesquisador, as condições dos rios que atravessam as zonas tropicais e tranquilas do continente facilitavam essas migrações. Apesar de haver algumas facilidades para iniciar uma migração, também existiam motivos adversos que podiam influenciar nesse tipo de mudanças. Aspectos relacionados a doenças ou à procura de alimentos motivaram movimentos migratórios, sem se falar de uma questão cultural importante para os grupos Guaraní, a busca pela “Terra sem Mal”.

A literatura histórica que trata do povo Guaraní indica que a partir do século XVI, com a presença dos conquistadores e por causa das muitas injustiças, violência e discriminação por eles sofridas, os ancestrais do povo que hoje conhecemos como os Guaraní começaram o longo êxodo em busca da Terra sem mal (*Yvy Marã e'ỹ*) novamente. Essa expressão ancestral da cosmovisão Guaraní faz referência a um território próprio procurado pelo povo, não no sentido de propriedade, mas apenas no sentido de ter um lugar onde se possa viver em paz e que sirva para construir as três bases fundamentais da cultura Guaraní: “esse território deve proporcionar um lugar para seu lar, para o *Chaco* (campo de cultivo de alimentos) e para se casar” (DAVIET 2020, p. 10).

Porém, por séculos de tantas perseguições do colonialismo, os europeus sempre terminavam ficando com todos os territórios férteis, deixando-os apenas com pedaços de terra para suas casas. Atualmente, na Bolívia, a APG²⁴ ainda mantém viva a esperança de um território sem mal, um lugar ideal, uma terra com riqueza e abundância para o povo Guaraní. No entanto, os Guaraní Chiriguano que atualmente vivem nas terras do chaco, vivem uma vida sedentária, provavelmente devido ao solo árido do chaco, onde as plantações e a agricultura não podem prosperar.

Apesar de muita usurpação e séculos de resistência à invasão dos espanhóis e depois dos próprios bolivianos à procura de terras, aos poucos, os Guaraní Chiriguano têm se submetido às diversas circunstâncias.

²³ “Pour les peuples issus des zones tropicales, les voyages en canoë permirent de parcourir de longues distances, notamment jusqu’au Río Plata, estuaire du Río Paraná et du Río Uruguay” (DAVIET, 2020, p. 9). Texto original com tradução própria.

²⁴ Assembleia do Povo Guaraní, atualmente reúne todas as comunidades Guaranis da Bolívia. (PAREDES, 2009).

Em 1892, o povo Guarani Chiriguano teve uma das maiores ações de resistência indígena em solo boliviano, conhecida como “*La batalla de Kuruyuki*” quando enfrentaram o exército boliviano e foram, praticamente, dizimados. “Os que restaram foram submetidos a condições extremas de servidão por dívidas, pobreza e desapropriação de terras” (GUSTAFSON, 2014 p. 307).

Finalmente, as últimas e importantes migrações Guarani ocorreram durante o conflito bélico entre o Paraguai e a Bolívia; “*La Guerra del Chaco*” que aconteceu entre os anos 1932 até o ano 1935. Os Guarani que viviam naquela área foram obrigados a combater e a guerra teve muitas mortes dos indígenas, sendo que a população indígena que sobrou do pós-guerra, resultou na dispersão do povo Guarani. Muitos foram forçados a abandonar seus lares por causa das batalhas que ali ocorreram e tiveram que migrar para um desses países que estiveram em conflito, ou até para um terceiro país, como a Argentina.

Como consequência da Guerra do Chaco (1932-1935) entre a Bolívia e o Paraguai, o povo foi dividido entre esses três países. Na Argentina, a partir dos anos 60, com seu assentamento definitivo na área peri-urbana de Tartagal [...] também, passaram por situações de deslocamento e passaram por um marcado processo de mudança cultural (GONZALÉZ 2011, p. 2)²⁵.

Apesar de séculos de resistência, perseguições, invasões coloniais e usurpações dos seus territórios, um legado sempre ficou firme, o seu *ñee* (sua língua) sobrevivendo a diversas situações adversas como um símbolo de resistência Guarani. “O falar Guarani era chave para reproduzir sua identidade e autonomia limitada fora do domínio dos não Guarani, os *kari*” (GUSTAFSON, 2014 p. 307). A língua continua tendo um papel central no desenvolvimento da sociabilidade, identidade cultural e de sua autonomia indígena. Este tipo de legados simbólicos do colonialismo e o longo percurso de resistência e fortalecimento cultural foram modelando as ideologias, as práticas e as atitudes que hoje em dia caracterizam os Chiriguanos contemporâneos.

Com o panorama cultural anterior e o atual do povo e suas migrações são elementos que nos permitem compreender as possíveis origens de sua chegada e seu assentamento geográfico atual. A seguir, apresento, de forma breve, um pouco da organização social do povo Guarani Chiriguano que atualmente estão assentados na Bolívia. Primeiramente, será apresentada a estrutura política e cultural, a partir de uma perspectiva de um Estado Plurinacional e

²⁵ “Como consecuencia de la guerra del Chaco (1932-1935) que enfrentó a Bolivia y Paraguay, el pueblo quedó dividido entre estos tres países. En la Argentina, a partir de la década del sesenta, con su instalación definitiva en la zona peri-urbana de Tartagal, [...] también vivieron situaciones de desplazamientos y atravesaron un marcado proceso de cambio cultura.” (GONZALÉZ, 2011 p. 2). Texto original

Plurilíngue. Também se analisa a estruturação interna das comunidades indígenas, com alguns aspectos econômicos, e por último, mostrarei a perspectiva educativa dentro das comunidades Guaraní chiriguana na Bolívia.

3.1.1 Organização política e sociocultural

A capacidade organizacional dos Guaraní é muito destacável. Segundo Paredes (2019, p. 19), esse povo constitui a “população mais importante das Terras Baixas, por diversos motivos, dentre os mais importantes está ter sido parte da luta pela reivindicação de todos os povos indígenas da Bolívia”. A nação Guaraní da Bolívia tem uma organização política e cultural importante, o que lhe permite administrar várias questões de diferentes esferas sociais, de forma eficiente. Conforme afirma Daviet, “a boa organização política e cultural permite a um povo indígena defender seus direitos e desenvolver estratégias para preservar e disseminar sua língua e cultura” (DAVIET, 2020, p. 12).

O povo Guaraní teve uma participação de vital importância na criação de instituições sociopolíticas que tinham como objetivo principal a luta pelas causas dos indígenas do país, (PAREDES, 2019). Entre essas instituições e organizações que hoje atuam a favor dos direitos e reivindicações indigenistas bolivianas estão a CIDOB, uma organização que surgiu com a finalidade de fortalecer a unidade e estrutura organizacional dos povos indígenas das terras baixas bolivianas, território ao qual o povo Guaraní pertence, juntamente com os povos Ayoreo, Chiquitano e Guarayu. Também a APCOB (*Apoyo para el Campesino Indígena del Oriente Boliviano*) e, por último, mas não menos importante, a APG²⁶ (*Asamblea del Pueblo Guaraní*), “principal instrumento institucionalizado para buscar e fortalecer as ideias e propostas de melhoras entre os Guaraní da Bolívia” (PAREDES 2009; 2019).

A APG é a ferramenta mais importante que o povo Guaraní tem para tomar decisões nas áreas social, econômica, de saúde e outras. Ela é a continuidade do *Ñemboati Guasu* (A grande reunião/ assembleia) considerada berço ancestral da atual APG. Como bem expressa Meliá, “para os Guaraní, embora às vezes eles não possam expressá-lo explicitamente, a assembleia é o valor mais genuíno e tradicional da comunidade” (MELIÁ, 1988 p. 67).

A Assembleia²⁷ do Povo Guaraní (Ñemboati) é a organização dos guaranis, coletivamente e/ou Tëta Guasu (capitanias) e individualmente como pessoas

²⁶ Em termos de defesa da sua própria identidade, os Guaraní criaram a sua própria assembleia em 1986/87, chamada de APG (Assembleia do Povo Guaraní), após muitas reuniões entre as comunidades e capitanias.

²⁷ La asamblea del Pueblo Guaraní (Ñemboati), es la organización de los guaraníes, colectivamente y/o Tëta Guasu (capitanías) e individualmente como personas que se rigen por el presente Estatuto de acuerdo con la Constitución Política y Leyes del Estado (ESTATUTO de la A.P.G

que se regem pelo presente Estatuto de acordo com a Constituição Política e Leis do Estado (ESTATUTO da A.P.G).

Agora bem, pelo lado sociocultural, os Guarani têm duas grandes instituições, o Talher de Educação e Comunicação Guarani ou *TEKO GUARANI*. A expressão *Teko*²⁸, na cosmovisão Guarani significa “vida, forma de viver”.

Esta organização está direcionada para a área da educação, ensino e sobretudo comunicação. O *Teko Guarani* está fortemente relacionado à manutenção da língua e está, constantemente, focado em criações de projetos e organizando eventos para promover a língua e a cultura do povo. Quando se trata da educação, a instituição visa criar programas educacionais, apostando no campo audiovisual, onde possam participar falantes em todos os níveis de aprendizagem.

A instituição chamada *Teko Guarani* foi se transformando em uma importante ferramenta para o desenvolvimento, preservação e expansão da cultura e da língua Guarani. Além de uma força de apoio para os projetos educativos da APG, ou *Teko Guarani* também promove, na transmissão por rádio, seus costumes, saberes ancestrais, sua língua, como também a promulgação da publicação de materiais bibliográficos escritos na própria língua, isto para conhecimento tanto do mesmo povo Guarani, como das outras cidades vizinhas.

Outro aporte significativo da instituição *Teko Guarani* foi criar o plano estratégico para acolher a PEIB (*Programa de Educación Intercultural y Bilingue*), implementada na Bolívia no início dos anos '90 e que parte da aceitação e desenvolvimento do projeto, graças à tarefa de disseminação do mencionado projeto para que tivesse a maior participação dos falantes e sobretudo dos profissionais Guarani.

[...] assim se formou o TEKO, com ampla participação dos seus profissionais Guaranis. Desde o princípio, a APG, e o TEKO compartilharam os mesmos critérios no âmbito educativo. O TEKO se converteu em um instrumento educativo da APG, algo parecido a um ministério de educação Guarani (PAREDES, 2009 p. 42).

A intervenção ativa das instituições Guarani contribuiu para o início do projeto de formação de professores indígenas para a criação de Institutos Normais Superiores voltados à formação e capacitação dos Guarani, para depois dar continuidade a uma educação inclusiva e extensiva às crianças indígenas nas suas comunidades. Assim nasce a PGFD (Programa Guarani

²⁸ “Assim funciona o TEKÓ GUARANI: é ele que conecta a sociedade como um todo. O Tekó conecta as pessoas, une a comunidade, mesmo quando ela se encontra sob divisões políticas. É o Tekó que dá ao indivíduo o pertencimento ao grupo, é o que dá a interpretação da vida diária, do sobrenatural, da vida pós-morte e da atuação dos deuses”(IVO, 2018, p. 55).

de formação de Professores), instituição que capacitou e atualizou os professores indígenas Guarani dentro do marco da metodologia de educação intercultural e bilingue (EIB). Fruto desse projeto é o antigo Instituto Normal Superior do Oriente e do Chaco INSPOC Bolívia, situado na cidade de Camiri (ka'a mirĩ = monte chico) com a missão de formar docentes indígenas comprometidos com seu povo, sua língua e cultura (PAREDES, 2009, p. 43).

Finalmente, está o ILC (Instituto de Língua e Cultura) criado através da Lei Avelino Siñani e Elizardo Perez (art²⁹. 88) que estabelece a criação de instituições de língua e cultura (ILC) para cada povo indígena da Bolívia. O ILC Guarani foi criado e estabelecido no ano 2013, sob o nome de 'Juan Añemotĩ' cujo objetivo é a normalização da língua, desenvolver pesquisas linguísticas e promover a preservação e desenvolvimento da língua Guarani. Localizada na cidade de Camiri, o ILC Guarani, tem como objetivo a formação e a capacitação de futuros professores Guarani para alunos Guarani, organizando constantes avaliações do nível e competências dos postulantes a docentes, por meio de exames. Oferecem também aulas de aprendizagem e ensino de línguas e buscam incrementar aulas de escolaridade inicial e pré-escolar nas comunidades Guarani.

Pode-se perceber que o povo Guarani está envolvido e muito presente no nível político, precisamente para trabalhar pela reivindicação de seus direitos indígenas. É importante destacar que no nível cultural, a luta é por preservar a língua e implementar seu uso pelos próprios falantes.

3.1.2 *Ñande Reko*³⁰: a organização das comunidades

A base da organização social Guarani está fundamentada na família nuclear (P.E.I. 2015, p. 35). A forma de viver e de se organizar mostra a importância do conceito de família para eles. O jeito de viver em conjunto como dizia Chamorro: “era a casa extensa, o grupo macro familiar que habitava a casa comunal” (CHAMORRO, 2008, p. 43), congregados em núcleos de entre cem e duzentas pessoas, o que ressalta o valor de ficarem unidos, mostra a importância das decisões em família e dentro de suas comunidades.

As comunidades Guarani do Chaco boliviano têm seu próprio funcionamento interno, sua própria estrutura social e autonomia. Eles têm uma forma de propriedade baseada na convivência comum, o que significa que “possuem um único título de propriedade da terra

²⁹ Lei de Educação No. 070 2010:49

³⁰ “O termo Tekó, é apresentada como Rekó, com o morfema relacional {-r}, em lugar do morfema {-t}, que define a forma genérica” (IVO, 2018, p. 53)

donde habitam, e não está redigido em nome de uma pessoa, mas em nome de toda a comunidade” (DAVIET, 2016, p. 15).

A eleição dos seus representantes políticos se realiza a cada quatro anos e são chamados e eleitos pela mesma comunidade. O *mburuvicha* (líder, capitão) ou chefe da comunidade é quem a representa em reuniões administrativas, com o propósito de decidir pelo seu bem-estar. Apesar das decisões democráticas prevalecentes, em geral, os homens e as mulheres não participam das mesmas reuniões. Os homens participam de decisões sobre a organização, administração e trabalhos pendentes para a comunidade, enquanto as mulheres estão engajadas na organização dos eventos festivos, administração das doações provenientes de organizações à comunidade, sobretudo para que a distribuição seja o mais equânime possível

3.1.3 Aspectos econômicos

Do ponto de vista econômico, as comunidades Guaraní do Chaco ainda sofrem de altos níveis de pobreza, fator que contribui para a migração para os grandes centros urbanos, às vezes perto do seu entorno e outras, longe das comunidades. O êxodo frequente, sobretudo dos mais jovens, que saem em procura de novas oportunidades nos estudos ou no emprego, faz com que deixem o núcleo familiar e se estabeleçam na sociedade dos *Karai*³¹, fragmentando assim a transmissão intergeracional e mudando gradativamente para o castelhano. Essa situação reforça a ideologia de que falar em Guaraní é sinônimo de marginalidade, desencorajando cada vez mais os próprios falantes a receber qualquer apoio ativo para a valorização e manutenção de sua língua mãe.

A base principal das comunidades Guaraní é sustentada pelo setor primário, pois “cada família tem um terreno (chaco) para cultivar principalmente milho (*avati* [a’βati]). Algumas famílias também cultivam amendoins (*monduvi* [mõ’n̄duβi]) que são então vendidos nos mercados de Santa Cruz de la Sierra”(DAVIET, 2016 p. 15). Muitas vezes esses produtos têm preços extremadamente baixos, ou não são bem pagos pelos compradores das grandes cidades (45 kg de milho vendido por 26 bolivianos, cerca de 25 reais no valor atual). Porém, os Guaraní que vivem na cidade desenvolvem várias atividades para o sustento de cada dia. Dependendo do nível de instrução do indivíduo, isso pode variar entre o trabalho em fábricas, indústria

³¹ O termo *karai* para os Chiriguano do chaco, é utilizado para se referir ao “não Guaraní” o homem branco, e seu idioma é o *karaiñee* (castelhano/espanhol). Assim são reconhecidos por Gustafson (2014), Dietrich (2014, p. 198) ; “O homem branco, o espanhol, chamava-se de *carai*, termo que, segundo Montoya (1639:90 v.), significava ‘astuto, hábil’ e se usava para designar os feiticeiros. Depois do contato com os espanhóis, se usava também para designar aqueles e, muito impropriamente, segundo Montoya, <o nome cristão e as coisas benditas>”.

petrolífera que é uma atividade muito presente na região da cidade de Camiri e o setor terciário onde podem atuar como professores, administradores ou assistente de saúde etc.

As comunidades, com relativa acessibilidade aos serviços básicos, como água potável e eletricidade, podem ter acesso a esses serviços. O Estado boliviano garante que tanto sua instalação quanto seu consumo sejam gratuitos. Antes de ter acesso a esses serviços, os habitantes das aldeias costumavam buscar água em comunidades vizinhas, ou no rio mais próximo, chegando a caminhar por várias horas para poder conseguir o tão precioso elemento. A chegada do serviço de água potável combinada com a chegada do serviço elétrico dentro das comunidades indígenas Guarani fez com que melhorassem consideravelmente suas condições de vida¹²³⁴

3.1.4 Perspectivas Educativas: *“Ahora nuestras armas son el lápiz y el papel”*

Faz parte da história de muitos povos indígenas o aporte que deixaram os missionários europeus para os povos originários do nosso continente. Reconhecer os resultados e as consequências desse contato integra parte do nosso legado histórico, como por exemplo, “a trilogia constituída por gramática, dicionário e catecismo, conforme exemplificam as muitas obras publicadas em distintas línguas europeias entre os séculos XVI e XVII” (GONÇALVES e MURAKAWA, 2010 p. 213). Embora não entremos com rigor nessa trilogia especificamente, será abordada a relevância da inserção da tecnologia da escrita para os povos indígenas, o acesso à educação e seu impacto para as comunidades.

Para falar da educação nas comunidades indígenas, é preciso falar da influência do *Karai* (homem branco) sobre a mesma. Não se pode negar a importância do momento pós contato e as consequências não só no âmbito histórico, mas também nos âmbitos cultural e linguístico das populações indígenas. Nesse sentido, destaca-se o contato dos povos tradicionalmente ágrafos com a escrita, legado indiscutível que se deve atribuir aos missionários europeus, no caso da Bolívia, Jesuítas e Franciscanos espanhóis que tiveram contato com os Guarani da região oriental.

A forma como os missionários jesuítas e franciscanos manifestaram o seu apoio ao projeto de colonização se deu pelo estabelecimento de missões e escolas missionárias no território indígena. Primeiro, os sacerdotes jesuítas, e posteriormente, os franciscanos foram os primeiros a apresentar a tecnologia da escrita ao povo Guarani com a firme intenção de colocar

a língua por escrito. Tal façanha facilitaria o uso da língua no trabalho pedagógico e evangelizador:

Os guaranis³² resistiram às missões e à instrução escolar de seus filhos durante a maior parte do período colonial e republicano. Somente quando não havia outro lugar de refúgio diante dos ataques violentos dos colonos da fronteira, os guaranis se submetiam voluntariamente ao comando da missão. Lá, eles mantinham espaços de autonomia, exigindo dos sacerdotes que lhes pagassem ou permitissem certas liberdades em troca da instrução de seus filhos (GUSTAFSON, 2014, p. 315)

Por outro lado, como consequência do contato, a educação missionária contribuiu, em parte, com a migração do povo Guaraní. A organização das missões ajudou e alentou a expansão dos assentamentos dos *karai* em terras originalmente indígenas. Os missionários franciscanos eram, muitas vezes, pressionados pelo Estado para que o ensino fosse efetivado em castelhano, porém também conseguiam ensinar e aprender a língua Guaraní para que pudessem compreender seus costumes e forma de viver. Porém, a resistência e oposição à educação dos Guaraní, por parte dos colonos, também foi registrada, “já que consideravam que esta situação interferia com a exploração da mão de obra Guaraní” (GUSTAFSON, 2014, p. 312).

Dentre outras coisas, também é indiscutível o efeito histórico que teve nas áreas das missões sobre o povo indígena, a *castelhanización*³³ e a mestiçagem.

Embora o prolífico padre franciscano e estudante da língua e cultura Guaraní, Doroteo Giannechini, ainda preparava sermões em Guaraní para a missão em San Antonio (Villamontes) no final da década de 1890, nessa época os padres franciscanos estavam sob pressão do Estado para abandonar seu trabalho Guaraní. As missões foram oficialmente “secularizadas” entre os anos 1920 e 1940 (GUSTAFSON, 2014, p. 313).

Foi devido às intervenções das missões contemporâneas que se realizaram as primeiras atividades de educação e alfabetização do povo Guaraní na Bolívia. No final dos anos 50, se iniciou o trabalho da tradução da Bíblia na região dos Ava Guaraní, a cargo dos missionários

³² Texto original; Los guaraníes se resistieron a las misiones y a la instrucción escolar de sus niños en gran parte del período colonial y republicano. Solamente cuando no había ningún otro lugar de refugio frente al ataque violento de los colonos de la frontera, los guaraníes se sometían voluntariamente al mando de la misión. Allí ellos mantuvieron espacios de autonomía exigiendo a los sacerdotes que les pagaran o que le permitieran ciertas libertades a cambio de la instrucción de sus niños.

³³ O termo “castellanización” é uma expressão em espanhol que se utiliza para o processo de aquisição do castelhano que os indígenas atravessaram, muitas vezes tendo que esquecer sua própria língua.

do SIL³⁴, expandindo-se até a zona dos Simba Guarani (região de Muyupampa)³⁵. Fruto destes esforços foram os primeiros habitantes Guarani alfabetizados, cuja instrução foi dirigida ao evangelismo cristão protestante e à tradução da Bíblia. Outra contribuição do SIL foi a publicação de vários estudos linguísticos em língua Guarani, além de textos, contos, histórias microfilmadas e em algumas oportunidades da mesma Bíblia. Em 1989 depois de o SIL deixar o país, de certa maneira uma organização Guarani tomou seu lugar e ajudou a desenvolver novos trabalhos sobre a literatura Guarani, publicando um dicionário no ano de 1994.

Como a educação do Estado boliviano não estava destinada aos povos indígenas e não era generalizada, o aporte dos religiosos neste aspecto foi muito valioso porque criou uma geração de Guaranis alfabetizados bilingues que até hoje são influentes nos processos que envolvem educação e a preservação da própria língua.

Com a insistência, a partir dos anos '90, uma nova política de educação escolar indígena, a partir da EIB, (Educação Intercultural Bilíngue) foram identificadas muitas deficiências e críticas ao sistema antigo de educação e percebeu-se que as novas diretrizes, também apresentavam deficiências em alguns setores que implicavam a implementação dessa política educacional para os povos indígenas. A EIB na Bolívia se impulsionou com parcerias, por meio de recursos humanos e financeiros, de instituições internacionais tais como UNICEF e algumas ONG's, estabelecendo os primeiros processos de educação bilingue para os indígenas na Bolívia.

A EIB foi introduzida na comunidade Guarani como uma ferramenta de luta cultural, linguística e política. Dentre seus logros estão a produção de livros didáticos, a mudança curricular e, entre os mais destacados produtos desta implementação está o treinamento e capacitação de professores Guarani. A produção de dicionários, gramáticas e guias de escrita na língua indígena foram também produzidos e escritos em língua indígena e muitos já elaborados pelos próprios Guarani que já trabalhavam de forma mais independente e autônoma, e não mais sob a tutela missionária.

Após mais de duas décadas da implementação da EIB como uma política educacional, os efeitos não foram uniformes. Por um lado, a educação bilíngue construiu uma forma de visão sobre os Guarani. A não estigmatização foi um grande passo para atitudes mais positivas em relação a uma política educacional própria dos Guarani e levou a atitudes renovadas entre

³⁴ Siglas de; Summer Institute of Linguistics.

³⁵ "O Instituto Linguístico de Verão (ILV) na Bolívia, divide a comunidade Guarani em "os Guarani ocidentais (para os Simba) e os Guarani do oriente da Bolívia (para Ava e Isoso) (GUSTAFSON, 2014, p. 310)". (As três variedades serão desenvolvidas na seção 3.3 Variação intralinguística)

os mesmos falantes da língua. Os estigmas que existiam entre os falantes e não falantes da língua, hoje em dia, parecem ter acabado a partir desse deslocamento da língua Guarani a espaços historicamente destinados ao castelhano, como o acesso à educação. Por outro lado, foi diminuindo significativamente a atitude agressiva de extirpar das escolas a língua e a identidade dos Guarani, como se vê na seguinte representação de um falante nativo: “hoje eu já não sinto mais vergonha de falar meu idioma na rua, num aeroporto, em nenhum lugar”(FGI: Entrevista 2018 em PAREDES 2019).

Percebem-se, assim, algumas mudanças mais do que outras, por exemplo, em um cenário pragmático menos claro, ainda não é perceptível uma mudança revitalizadora na transmissão intergeracional da língua e de sua prática. Por sua vez, em um cenário pedagógico, a EIB enfrenta um antigo padecimento que carrega do próprio sistema educativo boliviano, a falta de infraestrutura adequada nas escolas, a falta de investimentos com um inquebrantável modelo colonial de educação escolar e a fragilidade e carente formação de professores.

Sem dúvida, ainda existe muito trabalho intelectual a ser feito para descolonizar a educação básica de modo que para isso contribuam os esforços do projeto de revitalização linguística e cultural com o qual se implementou a EIB na Bolívia.

Por um momento se acreditou que existiria uma ênfase renovadora na educação bilíngue, devido ao surgimento de um governo boliviano presidido por um indígena em 2005, que por ironias da vida, não falava nenhuma língua indígena. No entanto, alguns setores da sociedade indígena Guarani continuam a representar a vanguarda da transformação educacional na Bolívia porque eles atualmente estão no controle de seu próprio Instituto de formação de professores originários, onde podem ingressar tanto estudantes Guarani como os não indígenas, podendo se formar como professores bilíngues e continuar capacitando-se com uma renovada percepção educativa intercultural, descolonizando-se.

A língua é o legado que traspassou muitas situações adversas e se tornou um símbolo de resistência do povo Guarani chiriguano. Falar a língua era crucial para fortalecer sua identidade e resgatar sua autonomia nessa parte da Bolívia e dessa forma ter melhores condições para as comunidades e seus habitantes.

3.2 A língua dos Guaraní do Chaco boliviano

“A língua é a minha pátria, eu não tenho outra”

(William Tyndale)

Depois de uma breve introdução ao povo Guaraní da Bolívia, agora exploraremos a língua chiriguana, investigando sua posição na família linguística Tupi-Guarani. Analisaremos suas classificações, seguindo abordagens mais convencionais (Rodríguez 2002; Dietrich 1986), além de examinar os deslocamentos e migrações ocorridos pela América do Sul. Adicionalmente, forneceremos uma visão geral dos diferentes nomes pelos quais ela pode ser referida. Finalmente, será detalhada de forma breve a variação intralinguística e os respectivos dialetos e subdialetos.

A língua conhecida com o nome *Chiriguano*, desde a época das missões jesuíticas e franciscanas, é parte do subgrupo Guaraní da família Tupi-Guarani que atualmente se fala em parte da região do Oriente boliviano, nos Estados de Santa Cruz, e Tarija, e parte do ocidente boliviano no departamento de Chuquisaca. A mesma língua *Chiriguana* ultrapassa fronteiras e chega até o Norte argentino, entre as províncias de Salta e Jujuy (DIETRICH, 2005). Por isso, para compreender melhor o ponto onde estão localizados os chiriguanos na atualidade no território boliviano, se considerou interessante conhecer mais sobre como chegaram até o território *chaqueño* lugar onde se localizam atualmente.

Existem hipóteses que falam sobre as possíveis rotas tomadas pelos grupos migratórios Guaraní, uma muito comum é a ideia que as variedades presentes hoje no chaco boliviano, parte do argentino e paraguaio são grupos que vieram do Paraguai. Assim estudos apresentados por Saignes; Combès (2007) explicam essas prováveis rotas percorridas pelos Guaraní da seguinte forma;

Chegados do Paraguai em várias ondas migratórias durante os séculos XV e XVI, alguns milhares de índios Guaraní instalaram-se no sopé dos Andes, onde subjugaram as populações locais. Sob o nome de "chiriguano", eles

resistiram vitoriosamente às tentativas de conquista dos Incas e depois dos espanhóis” (SAIGNES³⁶ & COMBÈS, 2007, p. 235) com tradução própria.

Sobre o mesmo viés, outros autores também acreditam que os Guaraní das *terras baixas*³⁷ bolivianas migraram durante o período colonial para essa região, respectivamente da bacia do Tapajós (MENÉNDEZ 1981, p. 82); (NIMUENDAJÚ, 1948) e da região do Chaco (MÉTRAUX, 1927); (RAMIREZ, 2006).

Pesquisas feitas por Pifarré (1989), Melià (1988) e Saignes (1986) sustentam a ideia de que provavelmente as migrações dos Guaraní chegaram à Bolívia pelo Mato Grosso; “a que veio pelo Chaco do Paraguai até a Cordilheira; a que ingressou pelo rio Paraná e Pilcomayo. (DÍEZ ASTETE e MURILLO, 1998, p. 96-97). Porém, Melià não confirma completamente essas hipóteses, alegando que, “faltam dados que permitam determinar com relativa certeza os tempos e os motivos dessas migrações” (MELIÀ, 1988, p. 16). Provavelmente não se tenham os tempos exatos de quando ocorreram as migrações dos povos antigos, porém, “diz-se que o motivo dessas migrações foi religioso, a procura da Terra Sem Mal” (DIETRICH, 2016, p. 43), também conhecido como o mito ancestral ‘*Yvy Marã Ey*’.

Rodrigues nos mostra outra possível rota percorrida pelos grupos que chegaram até Bolívia num determinado momento.

Enquanto a maioria dos ramos Tupí-Guaraní estendeu-se para o leste na Amazônia, os ancestrais dos ramos III³⁸, II, e I teriam, sucessivamente, migrado para o sul, possivelmente ao longo do Rio Arinos, alcançando o alto da bacia do Rio Paraguai. III e II teriam deixado a bacia amazônica antes de I, como evidenciado pelo fato de que ambos retiveram reflexos alveolares do Proto-Tupí-Guaraní *ts, um proto-fonema que mudou para h em I e em todos os outros ramos (RODRIGUES, 2018, p. 125).

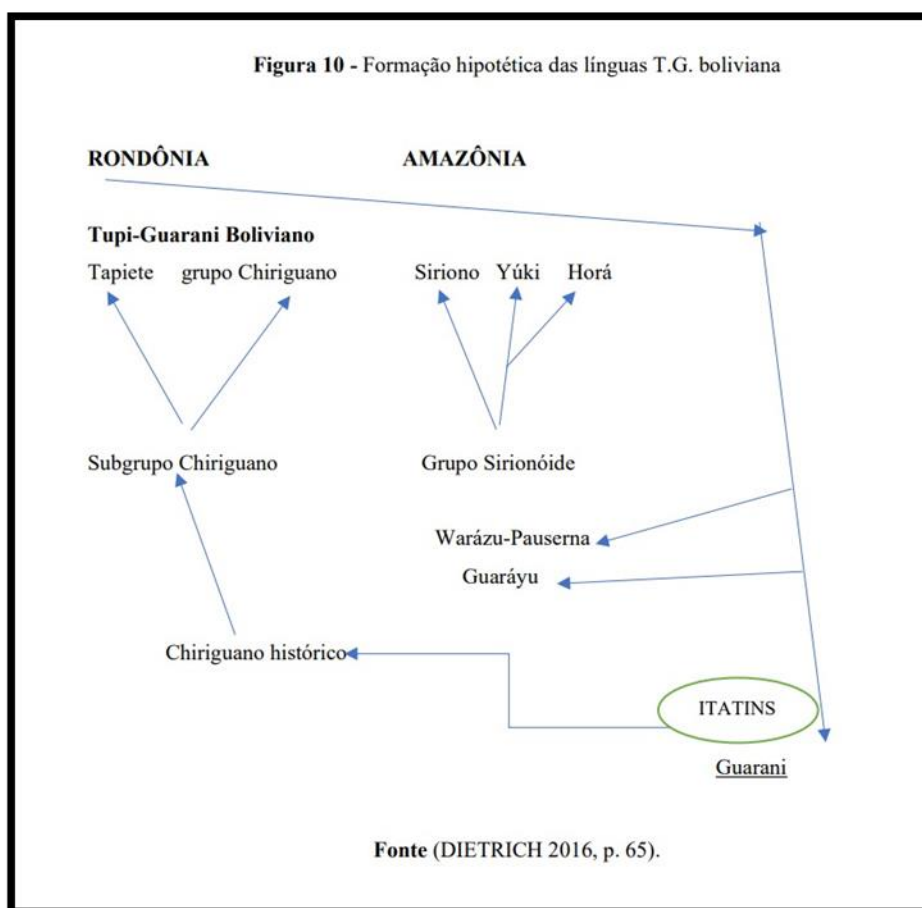
³⁶ O texto original: “Llegados de Paraguay en diversas oleadas migratorias durante los siglos XV y XVI, algunos miles de indigenas guaraní se establecieron al pie de los Andes, donde sometieron a las poblaciones locales. Bajo el nombre de "chiriguano", resistieron victoriosamente los intentos de conquista de los inca y luego de los españoles” Título original da obra: “*Jésuites et franciscains face aux Chiriguano: les ambiguïtés de la réduction missionnaire*” (ponencia presentada en 1981 y publicada en 1984 en *Église et politique en Amérique hispanique (XVIe-XVIIIe siècles)*).Disponível na obra de Thierry Saignes sob o mesmo título.

³⁷ O povo Guaraní da Bolívia está dentro do grupo chamado povos de *Terras baixas*, e eles têm sua própria organização interna como povo, e que ao mesmo tempo que estão conformando uma mesma sociedade étnica, “estão diferenciados internamente, em distintas configurações, como os Ava, Izozeño e Simba, por questões históricas, de habitat e finalmente dialetais. (DÍEZ ASTETE e MURILLO, 1998, p. 93).

³⁸ Os ramos III, II e I aos que faz referência o autor formam parte dos subgrupos que são da Família Tupi-Guaraní, mas que se dispersaram por terras que hoje pertencem a Paraguai, Bolívia e partes da Argentina. As línguas que pertencem a cada ramo seriam: Ramo III Tupínambá, Ramo II Guayano, Sirionó, ramo I Guaraní antigo, Mbyá, Chiriguano. Para mais detalhes da distribuição e migração dos demais grupos se pode acompanhar no artigo “Línguas Tupi em Rondônia e na Bolívia Oriental” Volume 10, Número 1, julho de 2018, de Aryon Dall’Igna Rodrigues.

O pesquisador alemão Dietrich (2016) acredita que as migrações que deram origem à variedade Guaraní do Chaco ou Chiriguano foram dispersadas antes mesmo da chegada da variedade do Guaraní do Paraguai. Segundo o autor, existem evidências históricas que indicam a incompatibilidade dos Guaraní do Chaco com o império incaico, mesmo antes da chegada dos colonizadores europeus. Por sua vez, se indica que antes do contato com os conquistadores, os Guaraní chaqueño também subjugaram o grupo Chané descendentes da família Arawak (DIETRICH, 2016 p. 63). O estudioso alemão apresenta sua hipótese sobre a origem das línguas chiriguanas em território chaqueño, através da seguinte figura.

Figura 3: Formação hipotética das línguas T.G. boliviana



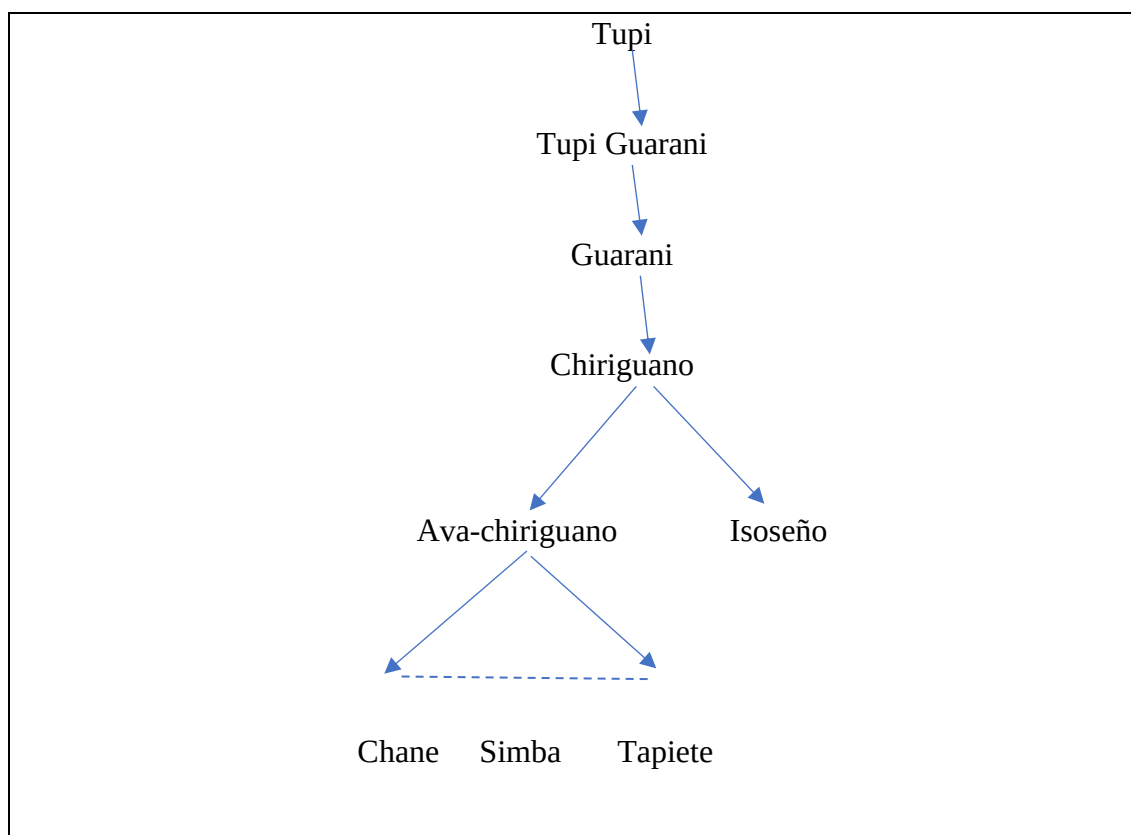
Fonte (DIETRICH 2016, p. 65).

Mesmo que algumas línguas descendentes da família Tupi-Guarani tenham se estabelecido, em parte, nas terras do Chaco boliviano, paraguaio e parte do chaco argentino, as variedades que serão analisadas, nesta pesquisa, pertencem a um subgrupo do ramo Guaraní descendentes da família TG. De todas a variedades linguísticas da família Tupi Guaraní faladas

na Bolívia foram escolhidas três, que são chamadas de aqui em diante, como os Ava (A), Simba (S) e Ioseño (I). A seleção foi feita pela proximidade geográfica entre as variantes e pela experiência e contato prévio da pesquisadora deste trabalho, em anteriores estudos com as mesmas variedades linguísticas, assim como pelo material bibliográfico existente que trata dessas variantes em conjunto.

Finalmente com base na classificação proposta por Dietrich (2010, p. 31), a língua Guaraní chiriguano forma parte do conjunto de oito línguas do grupo de línguas Guaraní meridional. Segundo a classificação de Rodrigues (1984/1985 e Rodrigues et al 2002), as outras línguas que conformam o grupo são o Guaraní Jesuítico, Kaiwá (kaiova ou paĩ), Nhandeva, Mbyá, Xetá, os Tapieté, e o Guaraní paraguaio (Avañe'ê). Essas línguas pertencem ao subgrupo I da família linguística Tupi-Guaraní, segundo o mesmo autor. Com base na explicação de Dietrich (1986), Gustafson (2014) e os estudos feitos previamente pela pesquisadora deste estudo, propõe-se a seguinte classificação dialetal esquematizada para o Guaraní Chiriguano com a inserção do subdialeto Simba que o pesquisador não indica na sua obra *El Idioma Chiriguano* (1986);

Figura 4: Classificação do Chiriguano na Bolívia³⁹



³⁹ O presente esquema, é uma visão da autora desta tese, conforme as perspectivas discutidas por diversos estudiosos, sobre a classificação das línguas chiriguanas na Bolívia.

(Fonte de elaboração própria)

Dietrich (2016 p. 43) resume o subgrupo Chiriguano em dois grandes grupos dialetais: “O Ava, com o subdialeto Ava, Simba e Chané” e o Issocenho⁴⁰”. No modo de ver do autor, o dialeto Tapiete é mais um dialeto do Ava-Chiriguano embora um pouco mais distante que as outras variedades dialetais. Sem dúvida, há estudiosos que consideram o Tapiete uma língua própria. Esse tema não será discutido neste trabalho para não desviar o nosso tema do viés já demarcado. Cabe a outros estudiosos e pesquisadores, eleger como provável tema de investigação. Por enquanto nos limitaremos com os três dialetos escolhidos para este estudo.

3.2.1 Etimologia *Chiri-guanae*: Uma herança negada?

Parte da literatura colonial sugere que os Guaraní, quando não influenciados por processos de mestiçagem, eram reconhecidos por sua agressividade e uma autopercepção de indomabilidade. No entanto, observa-se que os mestiços, especificamente os chiriguano, chegavam a ser “tão maus e piores que os legítimos e naturais” (COMBÈS & SAIGNES 1991). Os guerreiros indômitos que se descrevem nas literaturas como “Chiriguanas” eram considerados mestiços filhos dos amos Guaraní (*yia*) e de suas escravas chané (*tapii*). “Ao cabo de poucas gerações, os Chané desapareceram como grupo, fagocitados pelos Guaraní e transformados para sempre em Chiriguano” (COMBÈS & SAIGNES 1991). Essa nova estirpe que surgia, já vinha sendo conhecida durante a época da conquista, mas apresentavam características um pouco divergente das características dos outros povos denominados Guaraní, como salienta Saignes e Combès (2007) a respeito dizendo: “os chiriguanos não correspondem exatamente à situação comum dos povos indígenas do Novo Mundo: não tinham território próprio nem identidade homogênea⁴¹. (SAIGNES & COMBÈS 2007, p. 31). Mas tal situação não foi impedimento para que o legado se espalhasse pelas geografias locais e se consolidasse na região. Pertencendo sua descendência a duas das famílias linguísticas maiores da América

⁴⁰ O gentílico isoseño tem apresentado diferentes grafias, a diversidade que aparece neste trabalho vai depender das citas, e dos autores que as mencionam. A definição escrita continua gerando inconformidade mesmo nas comunidades Guaraní da região, e muitas vezes por questões fonéticas entre variedades que impede a normalização da definição ortográfica. Nesta tese se utiliza a grafia “isoseño”.

⁴¹ “Los chiriguano no corresponden exactamente a la situación común de los pueblos indígenas de Nuevo Mundo: no tenían territorio propio ni identidad homogénea. (SAIGNES & COMBÈS 2007, p. 31). Tradução própria.

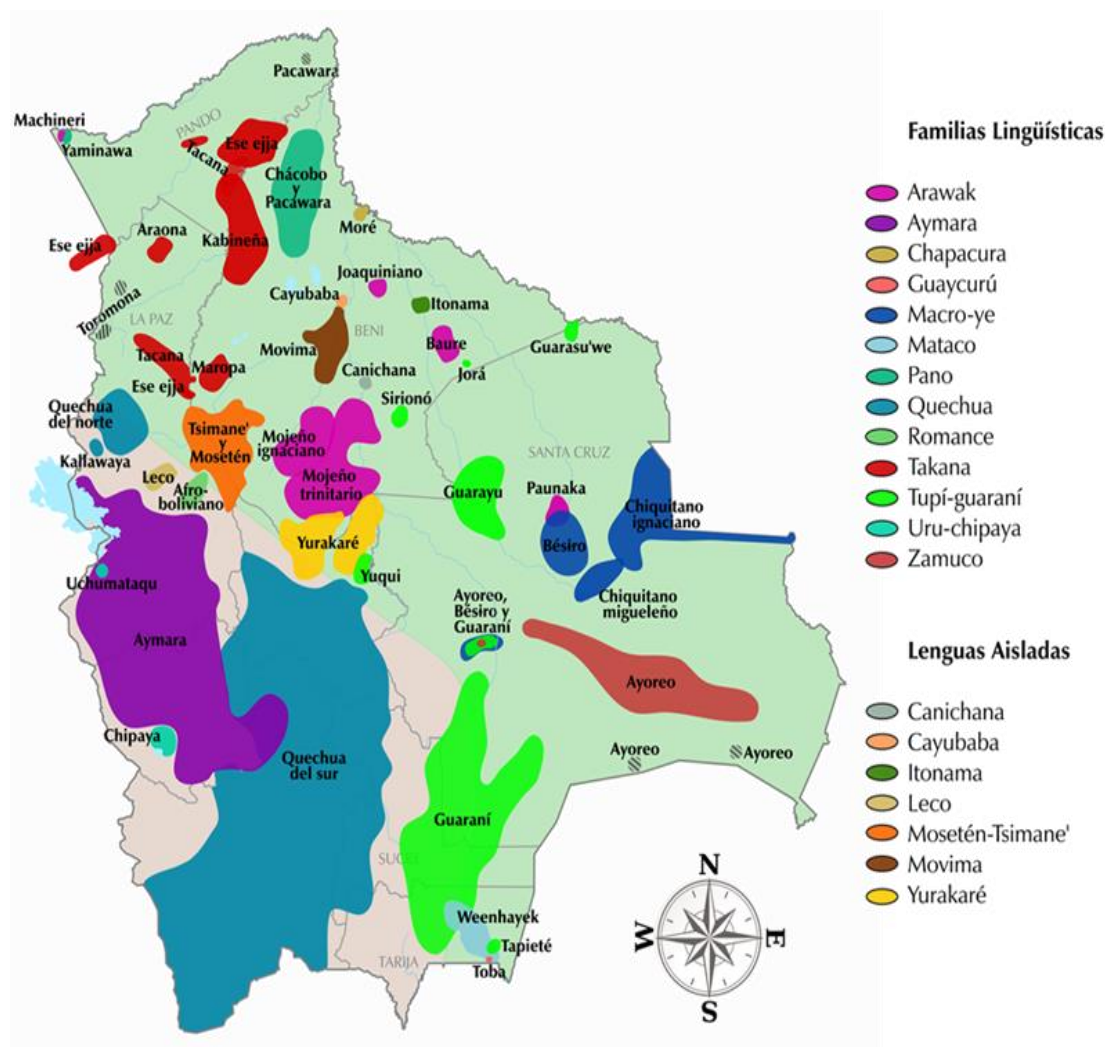
do Sul dentro do território boliviano; Os Arawak e Tupí-Guaraní⁴², como descreve Ibarra Grasso (1996):

As duas famílias ditas são os Arawak e os Guarani, ou Tupí Guaraní; à primeira pertencem as lenguas apolista, mojo, baure, paiconeca, paunaca, saraveca, kinikinao y chané; à segunda as línguas chiriguana, guarayo, sirionó (língua Guaranizada de origem distinta), tapiete e pauserna. (GRASSO, 1996, p. 19).

As variedades Ava, Simba e Ioseña aqui mencionadas não conformam o total das variedades Guarani que existem no território boliviano e, nem mesmo, são todas as que se localizam no Chaco, sendo o motivo atribuído à falta de estudos específicos que contribuam para estabelecer a classificação dessas línguas. Segundo o mesmo Ibarra Grasso (1996) é uma tarefa que ainda precisa ser feita, sobretudo no sentido de procurar a descendência linguística delas, buscar quais línguas são relacionadas entre si. Outro dos principais motivos, como indicado anteriormente, pode ser devido à forma de espalhamento geográfico das línguas (Rodrigues 2011) explicado por Ibarra Grasso (1996) ao afirmar que “a maioria das línguas da Bolívia são línguas isoladas, quer dizer, que não podem, ou não puderam formar famílias linguísticas maiores” (GRASSO, 1996, p. 19-20). Porém, ao contrário desta última afirmação, sabe-se que atualmente existem na Bolívia aproximadamente mais de 30 línguas indígenas que por sua vez pertencem a cerca de vinte famílias linguísticas, como se pode observar na seguinte figura:

⁴² “Las dos familias dichas son los Arawak y la Guaraní, o Tupí Guaraní; a la primera pertenecen las lenguas apolista, mojo, baure, paiconeca, paunaca, saraveca, kinikinao y chané; a la segunda, las lenguas chiriguana, guarayo, sirionó (lengua Guaranizada, en origen distinta), tapiete, y pauserna” (IBARRA GRASSO, 1996, p. 19). Com tradução própria.

Mapa 8: Mapa lingüístico de Bolívia



Fonte: (Gallinate G.A 2021)

Na parte geográfica do sudeste boliviano o termo Guaraní contempla o que alguns teóricos deram a conhecer como Chiriguano⁴³ (Txiriguâno), (embora seja sabido que eles preferiam não serem chamados com esse nome), preferindo alguns usar Ava, outros Ioseño, Simba, ou só Tapieté, entre outras denominações. Porém, a língua e sua identidade são mantidas em comum, sendo que muitos simplesmente preferem ser chamados de “Guarani”.

Mas existem motivos por trás dessa negação e recusa a serem chamados de chiriguano; alguns estudos etnográficos e históricos falam da negatividade de reconhecer a sua mestiçagem, outros atribuem o fato de que não aceitam o nome pelo peso pejorativo que tem nos textos educativos e livros de história que circulam pela Bolívia, ou também por não ter uma

⁴³ O termo Chiriguano utilizado neste estudo tem um propósito meramente classificatório, pela necessidade de identificação e discriminação com as outras línguas T.G.

descendência “pura”; em uma realidade universal onde a “pureza” de uma língua praticamente não existe. Existe, porém, a negação generalizada da mestiçagem em si, do próprio fato da mistura, da ênfase na “pureza”. Bem salientam os pesquisadores do povo chiriguano (Combès; Villar 2004; Combès; Lowrey 2006) “quando se renega ideologicamente a mestiçagem histórica com os Chané, o que se rejeita, [...] mais que o hibridismo em si, é a identificação com uma posição social inferior”.

No mesmo viés do hibridismo linguístico, Dominguez (2018) afirma que os chiriguanos são referidos frequentemente como gwarayos pelos não indígenas, mas sempre, eles preferem ser chamados de Guaraní e nos censos bolivianos são reconhecidos e nomeados como; “*guaraní occidental*”, “para distingui-los dos Guaraní Nhandeva que também habitam o Chaco e dos Guaraní do Leste do país (mbyá, aché, avá e paĩ-taviterã)” (DOMÍNGUEZ, 2018, p. 47).

Por outro lado, outro grupo de estudiosos e pesquisadores também acreditam que o chiriguano é uma estirpe híbrida surgida da fusão de duas grandes culturas, como nos fala Combès e Villar (2007);

Todos concordam que os Chiriguano são uma etnia "essencialmente" mestiça. Eles surgiram no Chaco Ocidental devido ao encontro de dois grupos ameríndios: os Chané, de origem arawak, e os Guaraní, que chegaram em épocas pré-hispânicas aos pés das montanhas dos Andes, vindos do Paraguai e do Brasil (COMBÉS; VILLAR, 2007, p. 47).

A literatura que hoje se refere a este povo como os Chiriguano, ou os Guaraní do Chaco boliviano, concorda que eles são “mestiços”; (MÉTRAUX, 1930, 1948), (SAIGNES, 1990, 2007), (COMBÈS; SAIGNES, 1991), (NORDENSKIÖLD, 1979), (ASTETE; MURILLO, 1998), (SUÁREZ DE FIGUEROA, 1965), descrevendo-os como produto dos grupos de Guaraní que tentavam chegar à Amazônia e no seu percurso se mestiçaram com povoados locais, e que por tal motivo receberam o nome de “*chiriguanaes*”⁴⁴, logo modificado em chiriguano (SAIGNES, 2007; COMBÈS; SAIGNES, 1991). No mesmo viés, Suárez de Figueroa (1965) nos descreve esse contato da seguinte forma:

Menos numerosos que os Chané⁴⁵, os Guaraní, contudo, os dominaram politicamente, impuseram-lhes sua língua e sua cultura e se misturaram com eles. Os invasores desposaram mulheres chané e, deste modo, a segunda geração após a conquista foi composta por um alto número de mestiços “filhos

⁴⁴ Tal etimologia baseava-se em particular em uma nota escrita em 1586 pelo governador de Santa Cruz, que explicava o termo “Chiriguanaes”, “deriva de Chiriones, que quer dizer ‘mestiços’ (SUÁREZ DE FIGUEROA, 1965, p. 404).

⁴⁵ “La palabra chané (o tsane), significa ‘gente’ o ‘persona’ en los idiomas arahuacos más cercanos a la región guaraní (Terena o Kinikinao de Mato Grosso)” (GUSTAFSON, 2014, p. 318).

deles e das índias de outras nações” (SUÁREZ DE FIGUEROA, 1965, p. 404).

Dentre toda a literatura consultada que coincide na origem híbrida do povo Chiriguano foi encontrado só uma postura diferente e que debate todas as afirmações acima mencionadas, com um argumento bastante consistente, abrindo assim uma nova discussão sobre as verdadeiras origens do povo chiriguano para estudos posteriores. A postura de Gustafson⁴⁶ (2014) é a única encontrada discordando das anteriores argumentações. O autor sustenta seu posicionamento dizendo;

Além das metáforas racialistas de "sangue misturado", essa teoria apresenta muitos problemas, sendo um dos maiores a falta de documentação convincente sobre a existência da língua ou povo Chané estabelecido previamente aos pés dos Andes do sul. As populações arawak mais próximas atualmente são os Chanés, frequentemente agrupados sob a designação Terena (ou Tereno) (às vezes chamados de Guaná Chané ou simplesmente Tsané, Xaané ou Xâne), que vivem no Mato Grosso, Brasil, e as comunidades mojeñas na Amazônia boliviana (GUSTAFSON, 2014, p. 315)

Embora haja uma notável negação e evidente esforço em suprimir parte da história étnica e cultural por parte dos grupos étnicos abordados neste estudo, é evidente que existe uma intenção coletiva por trás das variedades linguísticas: a preservação de seu patrimônio identitário, que é a língua Guarani, elemento unificador que os identifica.

Nenhuma dessas probabilidades etimológicas do termo chiriguano é amplamente aceita e parece convencer o já mencionado pesquisador Gustafson (2014) ao qualificar como “etimologias especulativas” as teorias acima mencionadas. Segundo o mesmo autor, existem novas fontes coloniais que revelam que *Chiriguanae* (do latim original, posterior Chiriguanas / Chiriguano) foi utilizado de forma ambígua. Continuando com sua explicação, o pesquisador elucida que o termo, muitas vezes, foi utilizado para fazer referência às nações ou povos específicos de fala Guarani da região da Cordilheira com fins classificatórios, como o estamos fazendo neste trabalho,. Outras vezes, foi utilizado para se referir aos Guarani do Rio da Prata, inclusive os Guarani do Paraguai e da Argentina (GUSTAFSON, 2014, p. 219-320). Existem

⁴⁶ Texto original; Más allá de metáforas racialistas de “sangre mezclada”, esta teoría presenta muchos problemas- siendo uno de los más grandes la falta de documentación convincente sobre la existencia del idioma o pueblo chané establecido previamente al pie de los Andes del sul. Las poblaciones arahuacas más inmediatas en la actualidad son los chanés, agrupados frecuentemente bajo el rótulo terena (o tereno) (llamados a veces guaná chané o simplemente tsané, xaané o xâne) que viven en el Mato Grosso, Brasil, y los pueblos mojeños de la Amazonía boliviana” (GUSTAFSON, 2014)

alguns escritos que demonstram como outros povos buscavam justificar uma guerra contra os Guarani, utilizando o termo Chiriguano, não como uma etiqueta étnica, linguística ou geográfica, mas “como um marcador de status político e legal. Chiriguanos eram índios de guerra e, como tal, só podiam ser escravizados através de uma guerra contra eles” (GUSTAFSON, 2014, p. 320).

A mesma hipótese criada a partir da origem mestiça do povo chiriguano está relacionada a seu próprio nome. Sanchez (1910) explica e parafraseia uma das hipóteses sobre a origem do nome Chiriguano e diz: “deriva de “Chiriones” que significa mestiços. Os Chané, também conhecidos pelo nome de Chaná, ou “vulgarmente conhecidos como Guaná” (Sánchez Labrador, 1910), foi com quem se misturaram os migrantes do povo Guarani e dessa hibridização surgiu os *Chiri-guanaes*, ou Chiriguano. Dessa forma, propunha-se interpretar o termo chiriguano como “filhos de Guarani com índias chanés ou guanas” (COMBÈS; SAIGNES 1991, p. 53-54).

Também aparece na literatura uma etimologia improvável que deriva do *quéchua*, que indica outra provável razão para o nome daqueles migrantes denominados “chiriguanos”; “nome dado pelos Incas, nome despectivo formado do quéchua *chiri* (*frio*)+ *guano* (*estrupe*)” (CERNO, 2011, p. 13). Apesar de que nenhuma literatura afirma verazmente nenhuma das hipóteses até aqui apresentadas, todas são simplesmente probabilidades de origem do nome. Atualmente utiliza-se o denominativo Chiriguano só com fins classificatórios na literatura, na região do chaco boliviano são conhecidos simplesmente como Guarani.

3.3 Variação intralinguística

Dentro das variedades de Guarani que se denominam *Chiriguanas* ou *chaqueñas* “existem variedades fonéticas e estilísticas, que se pode ver como um traço areal” (DIETRICH, 2016 p. 43), ou regional que têm prominência social e política como marcadores de dialeto (GUSTAFSON, 2014, p. 309). Ainda que os falantes argumentem que os traços dialetais são significativos devido ao seu destaque no discurso; “como ser pronomes pessoais, prefixos verbais, velocidade e entonação, termos coloquiais na conversa diária, estas distinções são de menor importância estrutural e léxica”, aporta Dietrich (2014, p. 44); essas distinções dialetais não afetam em nada a inteligibilidade mútua.

Na região do Chaco boliviano, estão as três variedades aqui estudadas; a variedade *isoseña* (9.000 falantes aproximadamente), se fala ao longo da parte baixa do rio Parapeti. A variedade Ava (com 30-50.000 falantes) se fala ao longo da região da Cordilheira Central desde

Santa Cruz até Villamontes. Dentro do Grupo Ava, está o Subdialeto Simba, uma sub variedade da região de *Kaaguasu*, “cuja característica distintiva com as outras variedades mencionadas, é o uso do circunfixo⁴⁷ de negação *nd-* [raiz] *-i*, similar com a variedade Kaiowa e o do Guaraní crioulo paraguaio” (GUSTAFSON, 2014, p. 310). A variedade Simba tem aproximadamente entre 10 e 15.000 falantes e se fala na região Cordilheira Ocidental desde o sul de Monteagudo até a província O’Connor. Também há algumas comunidades Ava na Cordilheira (Ivo, Santa Rosa, *Itanambikua*). Os falantes Guaraní que pertencem a essas variedades estão todas espalhadas por diferentes regiões, da Argentina (Ava, Simba e Isoleño), em Santa Cruz- Bolívia (principalmente Ava e Isoleños). Por outro lado, existem outras classificações para as variedades de Guaraní que se falam no chaco boliviano, como, por exemplo, a classificação que realiza Xavier Albó (1989, p. 298) para as línguas denominadas chiriguanas consideradas como um conjunto de quatro subgrupos étnicos: “os Ava, [...], os izoceño, [...] os Simba, [...] e os peões das fazendas” com exceção do último subgrupo que não é objeto deste estudo.

Os assentamentos destas variedades dialetais não derivam de um mesmo momento histórico, senão de fases distintas que podem ter acontecido “no transcurso de vários séculos antes, ou talvez simultaneamente durante a invasão espanhola dessa região” (GUSTAFSON, 2014, p. 310). Gustafson (2014) afirma que a divisão tripartite do dialeto Chiriguano (isoleño-ava-simba) é superficial por que segundo o pesquisador só se consegue fazer “interpretações contemporâneas das diferenças e disfarça complexidades históricas, sociológicas e geográficas, bem como outras distinções regionais intra-Guarani” (GUSTAFSON, 2014, p. 310). Porém, ainda que não estejam bem estabelecidas a história sociolinguística das três variedades, os Guaraní dessa região da Bolívia se reconhecem através do *Teko* e com seu *ñee*, diferente dos *karai* (os não Guaraní) e seu *karaiñee* (espanhol), estabelecendo uma concepção de identidade étnica poucas vezes compreendida, como o expressa Barth (1969, p. 16) “a identidade étnica envolve o estabelecimento de fronteiras de identificação entre o “nós” e o “eles”.

Torna-se complicado estabelecer com precisão a população exata de cada subgrupo Guaraní, devido ao fato de que para definir a identificação étnica, é preciso primar os critérios linguísticos e os sócio-políticos. Acrescenta-se a isso, a autodefinição indígena, reorganização e rearticulação que se tornam critérios importantes para alcançar o objetivo de um cálculo estatístico preciso. Para ter uma relativa aproximação sobre a população indígena na Bolívia

⁴⁷ Um circunfixo (abreviado CIRC) ou confixo é um afixo que tem duas partes, uma colocada no início de uma palavra, e a outra parte no final.

apresento a tabela abaixo com dados estatísticos da diversidade linguística do país, assim como o grau de vitalidade das línguas:

Tabela 1: Diversidade Linguística de Bolívia e dados estatísticos

Diversidad lingüística de Bolivia						
	Lengua	Familia lingüística	Ubicación	Población	Hablantes	Grado de peligro
1	Quechua	QUECHUA	ANDES	1.555.641 ²	1.540.833 ³	POTENCIAL
2	Aimara	AIMARA	ANDES	1.277.881 ²	1.008.825 ³	POTENCIAL
3	Chipaya	URU-CHIPAYA	ANDES	2.134	1.800	POTENCIAL
4a	Uchumataqu (uru)			230	-	EXTINTO
4b	Chholo			?	1?	EXTINTO
5	Puquina		ANDES	-	-	EXTINTO
6	Kallawaya	MIXTA	ANDES	-	?	SERIO PELIGRO
7	Machineri	ARAHUACA	AMAZONÍA	30	13	SERIO PELIGRO
8	Baure			886	67	SERIO PELIGRO
9a	Mojo		AMAZONÍA/ORIENTE	30.000	3.140	PELIGRO
9b	Trinitario Ignaciano			2.000	1.080	SERIO PELIGRO
10	Paunaca		ORIENTE	?	5	MORIBUNDO
11	Moré (itene)	CHAPACURA	AMAZONÍA	64	44	SERIO PELIGRO
12	Chácobo	PANO	AMAZONÍA	516	380	PELIGRO
13	Pacahuara			46	6	MORIBUNDO
14	Yaminahua			93	51	SERIO PELIGRO
15	Ese eija	TACANA	AMAZONÍA	732	518	PELIGRO
16	Araona			158	111	SERIO PELIGRO
17	Cavineña			1.683	601	PELIGRO
18	Tacana			7.345	50	SERIO PELIGRO
19	Maropa (reyesano)			4.919	12	MORIBUNDO
20	Yuki	TUPÍ-GUARANÍ	AMAZONÍA/ORIENTE	208	140	SERIO PELIGRO
21	Sirionó			268	187	PELIGRO
22	Guarayo		ORIENTE	11.953	8.433	POTENCIAL
23	Guaraní-chiriguano			81.197 ²	43.633 ³	POTENCIAL
24	Tapieté			41	29	SERIO PELIGRO
25	'Weenhayek (mataco)	MATACO	ORIENTE	1.797	1.929	POTENCIAL
26	Ayoreo	ZAMUCO	ORIENTE	1.398	1.398	PELIGRO
27	Canichana	AI SLADA	AMAZONÍA	404	-	EXTINTO
28	Movima	AI SLADA		12.230	1.173	SERIO PELIGRO
29	Cayubaba	AI SLADA		664	<5	MORIBUNDO
30	Itonama	AI SLADA		2.791	<2	MORIBUNDO
31a	Mosetén	AI SLADA	PIEDEMONTE	1.588	948	PELIGRO
31b	Tsimane' (chimane)			8.615	6.351	POTENCIAL
32	Leko	AI SLADA	PIEDEMONTE	4.186	20	MORIBUNDO
33	Yurakaré	AI SLADA	AMAZONÍA/ORIENTE	2.829	1.809	PELIGRO
34	Besiro (chiquitano)	AI SLADA	ORIENTE	195.624	4.615	SERIO PELIGRO

Fuentes: Elaboración propia con base en Molina & Albó 2006, Crevels 2007 y propias observaciones de los autores y colegas lingüistas (Antoine Guillaume c.p.; Simon van de Kerke c.p.).

² Población de 15 o más años.

³ Número de hablantes de cuatro o más años de edad.

Fonte: Crevels & Muysken (2009, 2014).

Vários pesquisadores que salientaram a tarefa de estudá-los, prognosticaram uma lúgubre previsão sobre os Chiriguano, como por exemplo, Erland Nordenskiöld numa de suas visitas em 1908 não se mostrou muito otimista, ao argumentar que não tinha “grandes esperanças no futuro dos Chiriguano e Chané” (2002, p. 275), vaticinando que sua essência seria grandemente assimilada: “no futuro dominará sem indígenas os bosques secos do vale do Parapeti e os últimos contrafortes dos Andes na direção do Grande Chaco” (NORDENSKIÖLD, 2002, p. 275). Combès e Saignes (2007) se referem a um futuro sombrio dizendo: “Podemos seguir sua trajetória desde sua constituição no século XVI como uma sociedade independente até sua extinção como tal no início do século XX” (COMBÈS; SAIGNES, 2007, p. 32).

Nos anos posteriores, com a persistência dessa sombria premonição por outros estudiosos, dessa vez se referem à mestiçagem entre indígenas com os não indígenas, atualmente predominante, e como é descrito por um historiador boliviano; “Quem quiser hoje encontrar chiriguano na Cordilheira e no Chaco terá de procurar muito e nem sempre com êxito” (SANABRIA, 1973, apud COMBÈS; SAIGNES, 2007, p. 43). De maneira similar Métraux (1932) assinalava aqueles que considerava responsáveis por essa situação lamentável:

A nação chiriguana está agonizando: essa raça valente que sempre derrotou os conquistadores espanhóis e que , até o século passado, manteve sua independência, está desaparecendo e se “barbarizando” ao entrar em contato com o branco (MÉTRAUX, 1932a, p. 119)

Apesar das angustiantes premonições, hoje pode-se observar, mais que o desaparecimento do povo Guaraní chiriguano, que eles se readaptaram às necessidades do século atual, reinventaram um sujeito Guaraní *pós-moderno* e continuam resistindo e preservando o que ainda fica de sua cultura e transmitindo suas tradições através de seu legado mais precioso, sua língua. Fica para os novos pesquisadores descobrir essa nova forma de viver desses povos, e contribuir com a luta, como dizia Métraux; “continuar a tarefa com entusiasmo, desinteresse, e apaixonada vontade de salvar as lembranças de uma humanidade que desaparece” (MÉTRAUX, 1932, p. 237).

Hoje em dia fala-se da aculturação ou desaparecimento físico dos Chiriguano, devido à mestiçagem com os *Karai* (brancos), realidade que se aproxima a um fato característico já conhecido sobre as etnias ameríndias contemporâneas. As literaturas que estudam os povos indígenas das américas, afirmam que “a mestiçagem ameríndia não é um fato que atinge só a indígenas e brancos, nem que só apareceu na época das conquistas; as misturas étnicas já

aconteciam de fato entre raças no período pre-colombiano” (COMBÈS; VILLAR 2007, p. 41). Os próprios Chiriguano são prova disso, mesmo que hoje, deixaram de se identificar como tais, suas características culturais, físicas e linguísticas foram se adaptando às exigências da nova era.

Mesmo que existem marcadores dialetais significativos em alguns contextos, os Guaraní desta região chaqueña usam termos como *mbia* ‘homem guaraní’, *kuña* ‘mulher Guaraní’, *ñanderëtarã* ou *tëtarã* ‘nosso idioma’ para se referir a eles mesmos e a sua língua, diferenciando bem os *karai iñee* ‘língua espanhola’ e seus falantes (*karai*).

3.3.1 Isoleño-Guarani

Os autodenominados *isoleños* “habitam a Cordilheira, mas já em direção à entrada do Chaco, assentados ao longo do rio Parapetí. São de origem Ava-Chané mestiço⁴⁸” (ASTETE et al, 1998, p. 94-95). Da mesma forma salienta Combès explicando que, “no Chaco boliviano, o nome Izozo⁴⁹ designa espaços diferentes e a aplicação do nome vai de mãos dadas com a apropriação do território” (COMBÈS, 2005, p. 1). A mesma pesquisadora e estudiosa dos Chiriguanos explica o significado do nome que é de origem Guaraní;

Izozo⁵⁰ toma seu nome do rio Parapetí, que o atravessa e seca em tempos secos: *i oso oso*, que em Guaraní significa “a água que vai embora, que seca”. O que é conhecido hoje como *Isozo stricto sensu* é a estreita franja fértil nas margens do Parapetí, onde estão estabelecidas 25 comunidades indígenas, representando cerca de 9.000 habitantes: os *Isoleños* (COMBÈS, 2005, p. 2).

Como povo que habita a região do Chaco, nas margens do rio (ver mapa 6), e que se sabe que foram ocupados desde sempre, os registros nas literaturas atuais, indicam que, só há pouco tempo foram nomeados como tais (*isoleños*⁵¹), isto por Nordenskiöld (1979) na década

⁴⁸ “Los izoceños, también habitan en Cordillera, pero ya hacia la entrada del Chaco, asentados a lo largo del río Parapetí; de origen mestizo Ava-Chané (arawak)” (ASTETE; MURILLO, 1998, p. 94-95). Com tradução própria.

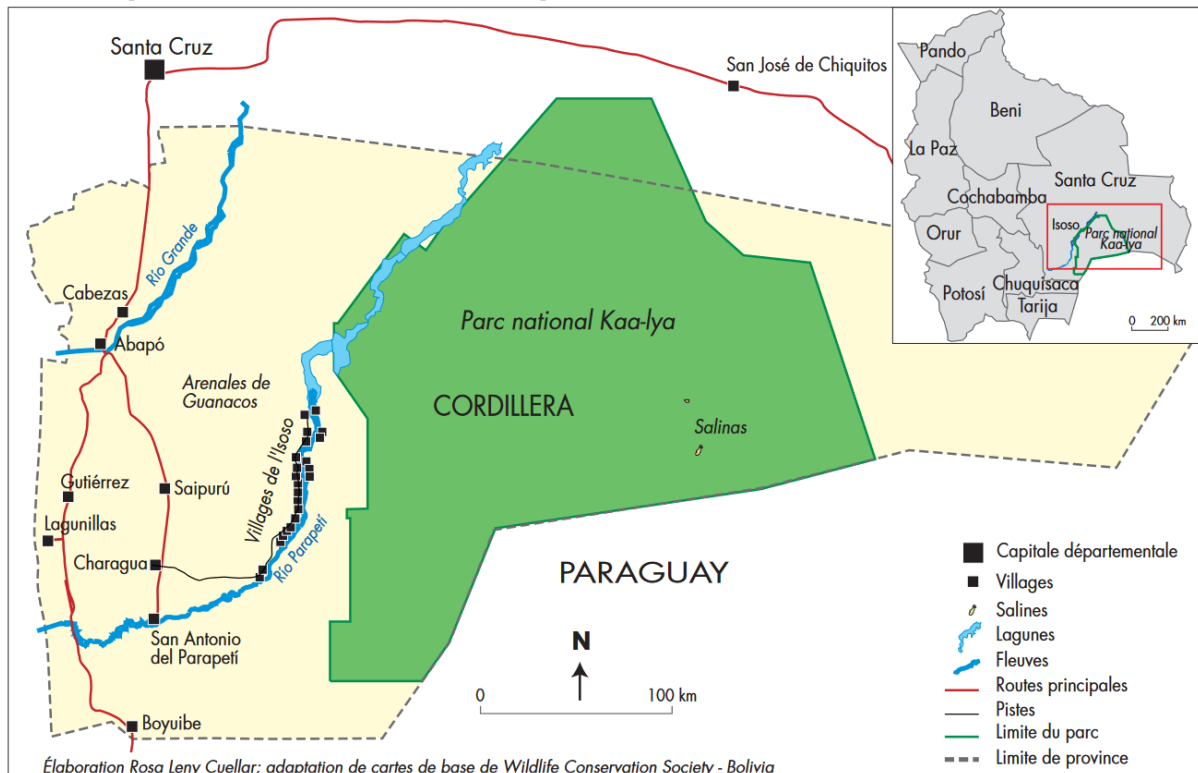
⁴⁹ *L'Isozo tire son nom du fleuve Parapetí (encadré) qui le traverse et se tarit en époque sèche: i oso oso, c'est en guaraní « l'eau qui s'en va, qui se tarit ». Ce qu'on appelle aujourd'hui l'Isozo stricto sensu est l'étroite frange fertile des rives du Parapetí où sont établies 25 communautés indiennes, ce qui représente à peu près 9 000 habitants: les Isoleños* (COMBÈS, 2005, p. 2). (Com tradução própria).

⁵⁰ A escrita do termo Izozo varia entre estudiosos. Alguns escrevem como *escutaram*, por isso em algumas citações aparecem *Isozo/Izozo/ izocenho/Izoceneño*. Assim, na presente tese, o termo é grafado de diferentes formas, para manter a originalidade da citação.

⁵¹ *S'ils se déclarent aujourd'hui simplement «Guaraní» et sont en général assimilés aux Chiriguanos, les Isoleños sont, en réalité, les descendants de Chanés (Arawaks) «Guaranisés» dès les XV et XVI e siècles.* (COMBÈS, 2005, p. 2); (Embora hoje eles se declarem simplesmente “Guaraní” e são geralmente assimilados aos Chiriguanos, os *Isoleños* são de fato os descendentes dos Chanés (Arawaks) que foram “Guaranizados” nos séculos XV e XVI.) Texto original.

do 20 do século passado, e que segundo os relatos do próprio autor; “encontrou a muitos falando chané a parte do Guarani” (NORDENSKIÖLS, 1979, p. 254).

Mapa 9: Localização do Isoso na Bolívia e na província Cordillera



Fonte: M@ppemonde 78 (2005.2) <http://mappemonde.mgm.fr/num6/articles/art05201.html>

O uso do termo Izozo (*Isoso*) tem uma conotação que ultrapassa a questão identitária, abrangendo também questões de índole sociopolítica e de conquista. Esse nome permite aos originários afirmarem a vontade de controlar essas terras. “Lato sensu, o nome Izozo aplica-se hoje a qualquer território reivindicado pelos Izoceños ou em seu nome” (COMBÈS, 2005, p. 3). Para a mente da população boliviana, o Izozo torna-se hoje como uma fronteira natural, o que significa que “é para eles o limite do Chaco populoso” (COMBES, 2005).

Além disso, em direção ao leste, o *Parque Nacional Kaa-iyá*⁵² *del Gran Chaco* é o domínio da fauna, da flora e até mesmo dos espíritos da floresta” (Ibid idem). Segundo os dados atuais, a distribuição geográfica dos Guarani isoseños da Bolívia⁵³ estão distribuídas da seguinte forma:

Os Izocenos de Alto e Baixo Izozog (Charagua Norte) estão distribuídos nas seguintes comunidades, ao longo do rio Parapetí, de sul a norte: Isiporenda, Caraparí, Amboró, Copere (subdividida em quatro seções: Copere La Loma, Copere Guasu, Copere Montenegro, Copere La Brecha), Capeatindi, Yapiroa, Ibasiriri, La Brecha, Tamachindi, Rancho Nuevo, San Silvestre (pessoas de origem criolla-mestiça incorporadas), Cuarirenda, Aguarati, Coropo, Iyoobi, Aguaragua, Rancho Viejo (ASTETE; MURILLO, 1998, p. 102).

Os descendentes Guarani-chiriguano que se localizam nos banhados do Izozo, e pelo rio Parapetí, escaparam à dominação e resistiram a ser absorvidos pelos chiriguanos, embora tenham passado a falar Guarani, igual aos outros descendentes. Ao respeito os autores Astete e Murillo (1998), explicam que:

Antes da chegada dos espanhóis, os Guarani encontraram os Chané, um grupo de língua Arawak (provavelmente uma das subtribos dos Moxo), que dominaram ao se misturarem com suas mulheres. É a partir dessa mistura que surgiram os Guarani atuais de Izozog (ASTETE; MURILLO, 1998, p. 96-97). Tradução própria.

Mesmo com numerosos indícios históricos e socioculturais que indicam o caráter híbrido da sua identidade étnica, “eles recusam a ascendência Chané, mas não se admitem como chiriguanos e se autodenominam como Guarani” (MELATTI, 2020, p. 5) e são conhecidos na atualidade pela região como os “*guaraní izoceños*”. Entretanto Riester (1994) indica ter

⁵² “*Les kaa-iyá sont les esprits et maîtres mythiques des bois en Guarani*” (COMBÈS, 2005); Os kaa-iyá são os espíritos e mestres míticos da floresta em Guarani.

⁵³ *Los izoceños del Alto y Bajo Izozog (Charagua Norte) se distribuyen en las siguientes comunidades, a lo largo del río Parapetí, de sur a norte: Isiporenda, Caraparí, Amboró, Copere (se subdivide en cuatro Secciones: Copere La Loma, Copere Guasu, Copere Montenegro, Copere La Brecha), Capeatindi, Yapiroa, Ibasiriri, La Brecha, Tamachindi, Rancho Nuevo, San Silvestre (criollo-mestizos incorporados), Cuarirenda, Aguarati, Coropo, Iyoobi, Aguaragua, Rancho Viejo* (ASTETE & MURILLO, 1998)

encontrado nas suas expedições dos anos 80 a três anciãos falando chané além da língua Guarani; “postula-se⁵⁴ que a Guaranização⁵⁵ do Izoceño deve ser vista como um processo lento que durou vários séculos, uma vez que a fundamentação linguística das raízes arawak é evidente” (RIESTER, 1994, p. 674). “Os índios de origem Guarani, conhecidos hoje como tapietes e chanes (ou izoceño)” (CERNO, 2011, p. 13) não se limita a eles somente, pois apesar de sua origem mestiça ser negada, não é a única que existe (SAIGNES, 2007), (COMBÈS et al 2007). Há também outros grupos embora os chiriguanos, como eram conhecidos antigamente, já não existem mais. Combès & Villar sustentam que “Sob o nome de “Guarani” são conhecidos, na Bolívia, três grupos: os Ava, os Simba e os Izoceño, unidos pelo idioma, mas diferenciados por seus dialetos, trajetórias históricas e matizes culturais” (COMBÈS & VILLAR, 2007, p. 42).

3.3.2 Ava-Guarani

Assim como seus pares Isoseños, os Ava são descendentes da estirpe chiriguana, mas também não reconhecem, muito menos afirmam que tenham uma origem mista. Segundo Melatti (2020) “os chiriguanos de hoje se consideram exclusivamente Guaranis, autodenominando-se *avá*, palavra que designa “homem” (MELATTI, 2020, p. 5). Do mesmo modo, eles recusam a ascendência Chané, como os falantes do Izozo, embora esses últimos não se identifiquem nem se admitam Chiriguanos, e sim como unicamente Guarani.

Apesar da aparição de movimentos de reivindicação étnica e de revalorização cultural indígena na Bolívia, ainda persiste o negacionismo histórico da origem Chiriguana e seu legado. Alguns estudiosos e pesquisadores reconhecidos pelos estudos dos Guarani na Bolívia, como Bartomeu Melià (1988), Xavier Albó (1990), Francisco Pifarré (1989) iniciam um conjunto de pesquisas e estudos sobre o nome de “guaraní-chiriguano” mas que no seus próprios escritos praticamente não usam a palavra “chiriguano”. Da mesma maneira, os próprios descendentes Chiriguano continuam rejeitando esse nome. Como sua própria organização social e política os proclama, “os membros da Assembleia do Povo Guarani, (APG), se declaram Guarani e somente Guarani” (COMBÈS & VILLAR, 2007. p. 43). Tão Guarani que asfixia qualquer

⁵⁴ “se postula que la Guaranización de los izoceño habrá que verla como un proceso lento que duró varios siglos, pues el fundamento lingüístico de raíz arawak es evidente” (RIESTER, 1994, p. 674). Com tradução própria.

⁵⁵ O termo Guaranização ou Guaranización em espanhol é utilizado por alguns teóricos, (COMBÈS, 2005), (ASTETE & MURILLO, 1996), (SAIGNÈS, 1990), que denominam ao processo de aquisição ou imposição da língua Guarani sobre outra língua diferente, e que na maioria dos casos eliminou parcial ou totalmente a língua submetida.

referência à antiga mestiçagem com os Chané, apagando assim parte da sua história étnica, e dando origem a outras interpretações que podem estar longe do real (COMBÈS; VILLAR, 2007, p. 43).

Como a adaptação está ocorrendo com alguns Isoleño letrados, entre eles antropólogos e missionários que aprenderam a palavra “arawak” em livros de antropologia, animam-se a ressignificar o termo como *ara igua*, que literalmente significa em Guaraní, “os do céu” ou “os que vieram do céu” (COMBÈS; VILLAR, 2007).

Saignes (1990) salienta em uma passagem, e chama de voluntário “esquecimento” da tradição por parte dos Chiriguano contemporâneos, acreditando que esse fenômeno identitário faça parte de um processo de construção e reinterpretação ideológica da história coletiva, “e o silêncio estratégico se deve antes a um esquecimento parcial, a uma opacidade fragmentada e sobretudo seletiva” (SAIGNES 1990, p. 219). Apesar da negação ideológica presente nos Guaraní, seja do núcleo Isoleño, Ava ou Simba, é importante destacar que todos compartilham a mesma origem étnica e utilizam a língua Guaraní, ainda que apresentem sutis variações dialetais, isto segundo Dietrich (1986).

No que se refere à organização territorial dos Ava, assentam-se muito próximos aos seus pares Isoleño e são reconhecidos na literatura atual e pelos estudiosos como comunidades linguísticas *Guaranizadas* que “habitam os contrafortes andinos da província da Cordilheira e os barrancos circundantes das províncias Luis Calvo e Hernando Siles” (ASTETE; MURILLO 1998, p. 94), pertencente ao Estado de Chuquisaca.

Sobre a situação atual das demarcações de algumas terras indígenas, estão em demanda com o Estado Boliviano. Segundo a lei 1715, de maio de 1998, as demandas de Terras Comunitárias de Origem (TCOs) dos Ava Guaraní compreende as seguintes comunidades:

Avatiri Ingre, Avatiri Huacareta, Ity-Karaparirenda, Itikaguasu, Charagua Norte, Charagua Sur, Machareti, Ñancorainza, Carandaití, Kaaguasu, Kaami, lupaguasu, Takovo, Yembi Guasu. (ASTETE; MURILLO 1998, p. 102).

Segundo o censo populacional nacional realizado na Bolívia no ano 2001, foi lançada uma cifra de aproximadamente 80.000 Guaranis no país. Isto indica por um lado sua existência fatural mesmo que baixo o etnônimo que decidiram adotar para identificar-se, e por outro lado, essa mesma forma híbrida de sua identidade apagada se torna problemática quando a questão é identificá-los como falantes pertencentes a qual comunidade.

3.3.3 Simba-Guarani

Outro grupo que a literatura deu a conhecer como Chiriguano são os *Simba*, autodenominação de um grupo que também compartilha, entre eles, a mesma língua Guarani. Simba é o denominativo que se refere aos falantes e é o nome da variedade linguística do Guarani Chiriguano que se fala na Bolívia. O termo Simba é um *bolivianismo*⁵⁶ de origem quéchua que significa “trança” (COMBÈS; VILLAR, 2007). Nas palavras de Díez Astete e Murillo (1998), a *simba (trança)* é “o que os homens usavam enrolados à volta das suas cabeças debaixo dos seus chapéus largos”. Parte da literatura que trata os Guarani que estão do lado boliviano, considera os Simba como um subgrupo Ava, mas que mantém mais fortemente os costumes tradicionais.

Segundo a classificação visualizada pelo estudioso catalão Xavier Albó (1989), os Simba pertencem a um dos quatro subgrupos étnicos que contemplam a realidade chiriguana dentro do território boliviano. O que significa que, “o subgrupo chiriguano ou Guarani do Chaco consiste em dois grandes grupos dialetais, os Ava, com os subdialetos Ava, Simba e Chané, e o Issocenho” (DIETRICH, 2016, p. 43). O mesmo autor indica que a subdivisão Ava é falada mais no Norte, pela zona do Gran Kaipipendi, Camiri, Charagua, Lagunillas, Gutiérrez, e o subdialeto Simba, se fala na parte meridional, nos limites do Estado de Chuquisaca, província Luis Calvo, mais precisamente entre as comunidades de Cuevo, Villamontes, Ingre, Igüembe e Tentayapi (DIETRICH, 2005, p. 347-348).

Apresenta-se, abaixo, um quadro proposto por Cerno (2011) como base à classificação dos dialetos e línguas do subgrupo I da família linguística Tupi-Guarani proposta por DIETRICH (2010): com o símbolo ▪ se assinala as línguas, com > variedades de uma língua, e subvariedades se indicam com o símbolo ▫ . Entre parênteses, o autor indica outras denominações com que se conhecem essas línguas.

⁵⁶ “Bolivianismo es la palabra o uso propio del español hablado en Bolivia” Disponível em: ([bolivianismo | Definición | Diccionario de la lengua española | RAE - ASALE](#)) Acessado em 18/06/2022; 19:10h

Quadro 3 - Línguas e Variedades do subgrupo I da família Tupi-Guarani

- Guaraní jesuítico (Guaraní clásico – Guaraní antigo)
- Guaraní crioulo (Guaraní paraguaio – avañe'é)
 - Guaraní paraguaio
 - Guaraní correntino
- Guaraní Mbyá
- Guaraní Ñandeva (Ava Guaraní)
- Kaiwá (kaiowá, paĩ tavyterã)
- Xetá
- Guaraní Chaqueño (Chiriguano)
 - **Ava**
 - **Simba**
 - Chané
 - **Izoceño**
- Tapieté

Fonte: Dietrich (2010)

Dessa forma, consegue-se configurar o lugar das três variedades do Guaraní faladas na Bolívia, que em conjunto são protagonistas da criação dos neologismos nas comunidades de fala Guaraní daquela região. Nos próximos capítulos se verá como são desenvolvidas e analisadas essas construções lexicais que formam parte de sua política linguística de reivindicação e resistência, ao deslocamento que acreditam estar sofrendo, a língua Guaraní pela língua espanhola.

No seguinte quadro, apresenta-se a tênue variação dialetal no nível fonológico entre as variantes Ava, Simba e Izoceño; variação apresentada pelo linguista e pesquisador Bret Gustafson (2014, p. 324).

Quadro 4 – Variação Dialeto do Guaraní Boliviano

	Ortografia padronizada	SIMBA	AVA	ISOSEÑO
Palatalización				
1SG	che ‘yo’ chemiari ‘mi habla’	[tʃe] o [ʃe] [ʃemiari]	[che] [chemiari]	[se] [semiari]
[tʃ] [che] [s]	che raicho ‘mi suegra’	[ʃe raiʃo]	[che raicho]	[se raiso]
[s] [h]	che si ‘mi madre’	[ʃesi]	[chesi]	[sehi]
Nasalización				
2SG[re-/nde-/ne-/nd-]	re-reguata ‘tu caminas’ reë ‘tú sales’ reiko ‘tú eres’	[ndeguata] [neë] [ndiko]	[reguata] [rëë] [reiko]	[reguata] [rëë] [reiko]
1PE	ro-royu ‘venimos’	[ndoyu]	[royu]	[royu]
Elisión				
[oi] [ui] [i]	oime ‘hay’ oike ‘él o ella entra’	[uime]/[ime] [uike]/[ike]	[oime] [oike]	[oime] [oike]
[VvV] [V’V] [VV]	ndive ‘con’	[ndie]/[ndi’e]	[ndive]	[ndive]
[CVV] [CV]	vae ‘partícula atributiva’	[vae]	[vae]	[va]
Nasalización + elisión	roiko ‘somos’ reiko ‘tú eres’	[ndoiko] [ndiko]	[roiko] [reiko]	[roiko] [reiko]
Pérdida o retención de consonantes (+ palatalización)	aipii ‘yo agarro’	[aipisi]	[aipii]	[aipihii]

Fonte: (GUSTAFSON, 2014)

Para a variedade Ioseña, o uso da oclusiva glotal (?) foi abandonada há muito tempo (DIETRICH, 1986, p. 54). Do mesmo modo outras variações menores são percebidas entre os dialetos⁵⁷:

A nasalização do sufixo negativo -ä em Ava e Simba, que é pronunciado de forma oral em Isoso como -a. Os habitantes de Isoso são conhecidos por sua fala rápida e a saudação característica entre homens, "sëe", que significa aproximadamente "meu companheiro", possivelmente uma contração de "che ñru" que significa "meu outro" ou "meu companheiro". Enquanto alguns Ava brincam que o uso de "ch" é mais autêntico, os habitantes de Isoso brincam que o "ch" reflete a imaturidade dos Ava, já que as crianças pequenas pronunciam o "s" como "ch". Os Simba se destacam por sua própria distinção

⁵⁷ Texto original; La nasalización del sufijo negativo -ä en ava y simba, el cual es oral en isoso: -a. Los isoseños son conocidos por su habla rápida y el saludo característico entre hombres, sëe, aproximadamente ‘mi compañero’, posiblemente una contracción de che ñru ‘mi otro’, ‘mi compañero’. Mientras que algunos ava bromea que su uso de la ‘ch’ es más auténtico, los isoseños bromea que la ‘ch’ refleja la inmadurez de los ava, ya que niños pequeños pronuncian la ‘s’ como ‘ch’. Los simba se caracterizan por su propia distinción [nd/n] y la tendencia a elidir consonantes intervocálicas (GUSTAFSON, 2014)

[nd/n] e pela tendência de eliminar consoantes entre vogais. (GUSTAFSON, 2014, p. 324). Tradução própria.

Dessa forma destaca-se a diversidade linguística e as dinâmicas culturais entre os grupos Ava, Ioseño e Simba. A descrição do autor envolve reconhecer a importância da preservação dessas diferenças linguísticas e culturais como parte do patrimônio cultural das comunidades indígenas. Além disso, a convivência e o respeito por essas variações linguísticas são essenciais para promover a inclusão e o entendimento intercultural.

4 ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DO GUARANI CHIRIGUANO

Nesta seção, pretende-se apresentar características linguísticas das variedades do Guaraní Chiriguano, com o intuito de organizar subsídios que fundamentem a análise dos neologismos apresentados na seção 6. Para o desenvolvimento de uma breve descrição linguística, dividiremos a seção em quatro partes: (01) fonética, (02) fonologia, (03) morfologia e (04) morfossintaxe. Para as subseções (01) e (02), trabalharemos separadamente as variedades Ava, Simba, Isoleña, uma vez que apresentam particularidades e distinções entre si. Para o desenvolvimento da análise fonética, apresentaremos dados de fala de falantes de cada parcialidades (*Ava*, *Simba* e *Isoleño*), o que se constituirá base de dados para a interpretação fonológica, além de lançar mão de análises propostas para outras variedades Guaraní no Brasil, Argentina, Paraguai e na Bolívia.

4.1 Fonética

4.1.1 As vogais do Guaraní Chiriguano

a) [i]	iyu	[i'dʒu]	‘amarelo’
b) [ĩ]	tatati	[ta'tātĩ]	‘fumaça’
c) [e]	che	[tʃe]	‘eu’
d) [ẽ]	anõe	[ã'nõẽ]	‘retirei’
e) [i̯]	mandiyu	[mãn'di'dʒu]	‘algodão’
f) [ĩ̯]	iwĩti	[i'gwĩti]	‘nevoa’
g) [a]	pakova	[pa'kova]	‘banana’
h) [ã]	iãka	[i'ãka]	‘rio’
i) [u]	yuki	[dʒuki]	‘sal’
j) [ũ]	juu	[hũu]	‘preto’
k) [o]	soo	[sɔ'ʔɔ]	‘carne’
l) [õ]	õke	[ʔke]	‘porta’

O Guaraní chiriguano em suas três variedades, *Ava* (A), *Simba* (S) e *Isoleño* (I) contrasta as seguintes vogais: [i], [ĩ], [u], [ɔ], [ɛ], [a]

Quadro 5 – Vogais do Guarani Chiriguano

	Anteriores		Centrais		Posterior	
	Oral	Nasal	Oral	Nasal	Oral	Nasal
ALTAS	[i]	[ĩ]	[ɨ]	[ĩ]	[u]	[ũ]
MÉDIAS	[e]	[ẽ]			[o]	[õ]
BAIXAS	[ɛ]	[ẽ]	[a]	[ã]	[ɔ]	[õ]

Embora em nosso corpus não tenha sido gravado a vogal alta nasal [ĩ], é um som produzido pelas variedades Guarani aqui analisadas. Esta variação e relação entre as vogais [ɛ] ~[e] / [ẽ]~[ẽ] e [ɔ] ~[o] / [õ] é discutida no nível fonológico, a partir da tonicidade silábica.

4.1.2 As consoantes do Guarani Chiriguano

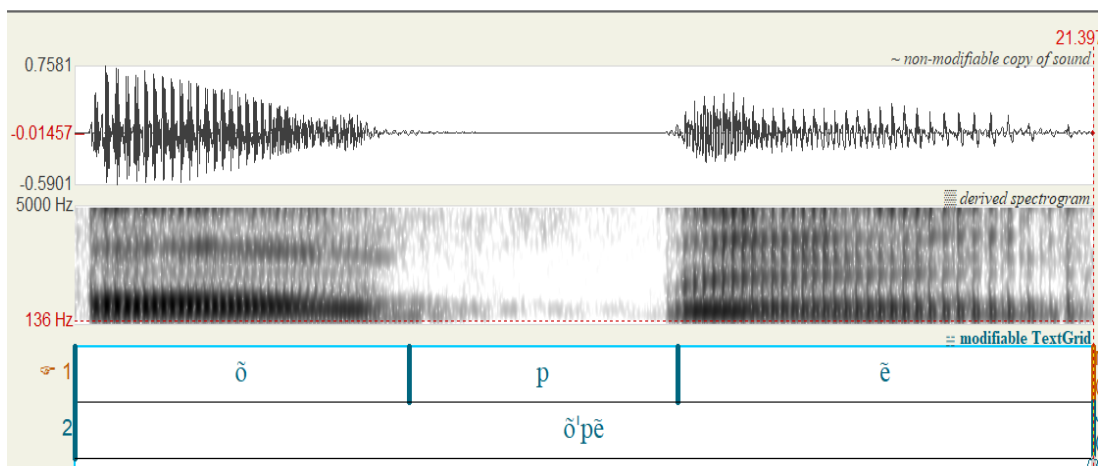
Abaixo, breve descrição e análise fonética de consoantes das parcialidades *Ava*, *Simba* e *Ioseño*, a partir de dados coletados com falantes dessas variedades, com o intuito de identificarmos, ainda que de modo sucinto, a realidade fonética das consoantes. Serão apresentados espectrogramas para representar e descrever como o som se manifesta e é realizado fisicamente:

4.1.2.1 Ava-Guarani

4.1.2.1.1 Sons oclusivos: [p], [t], [k], [ʔ] [kw], [gw]

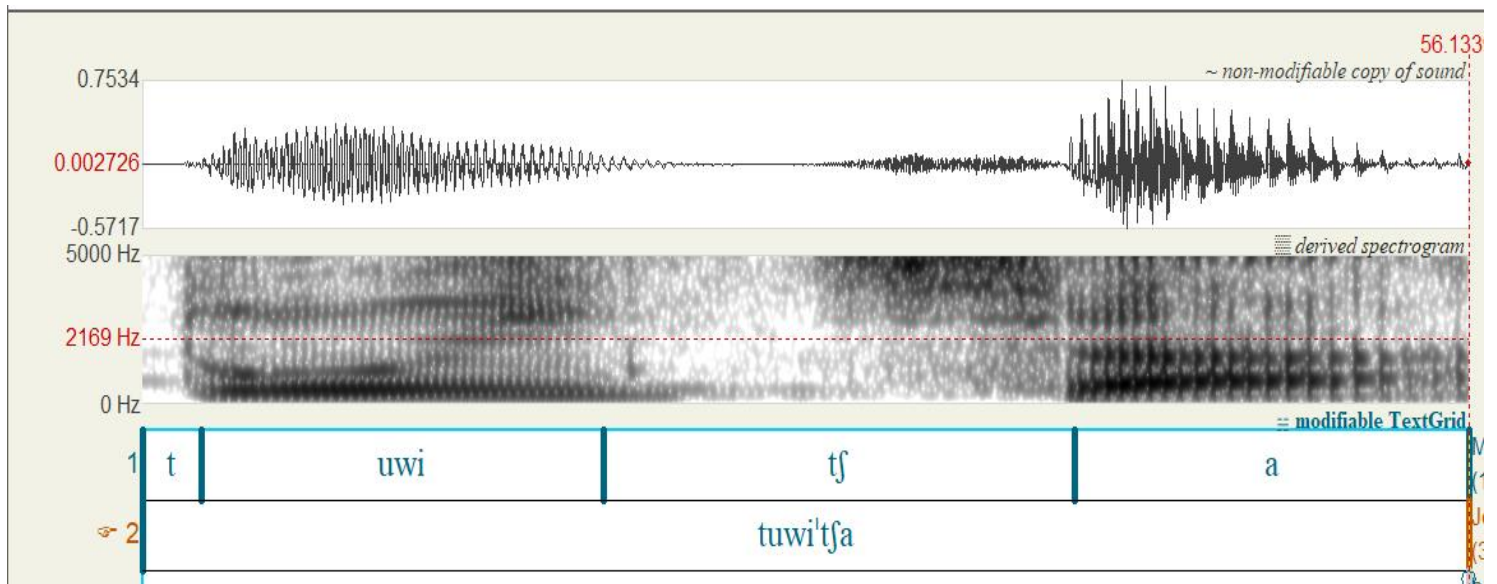
[p] medial

Figura 5:oclusiva labial não vozeada [p] - Ava



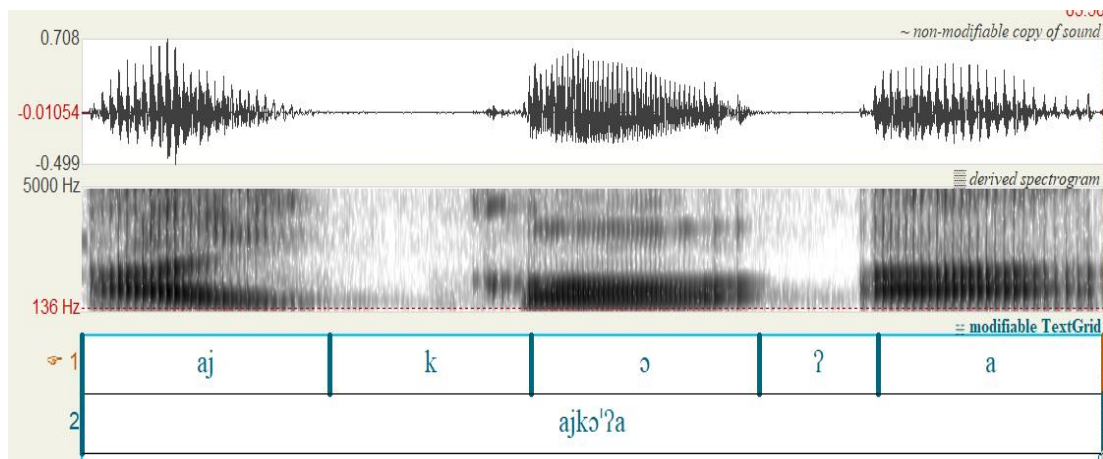
[t] inicial

Figura 6:oclusiva alveolar não vozeada [t] – Ava



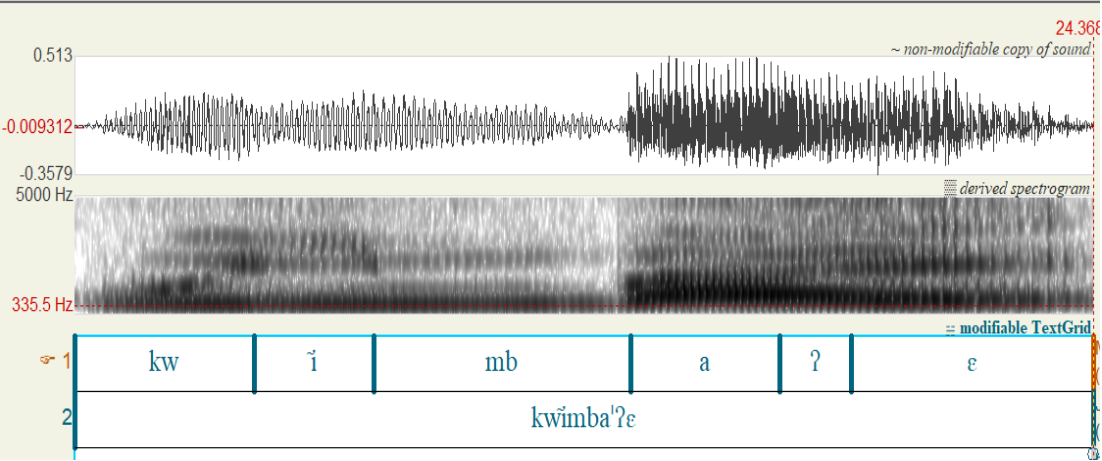
[k] medial

Figura 7:oclusiva velar não vozeada [k] - Ava



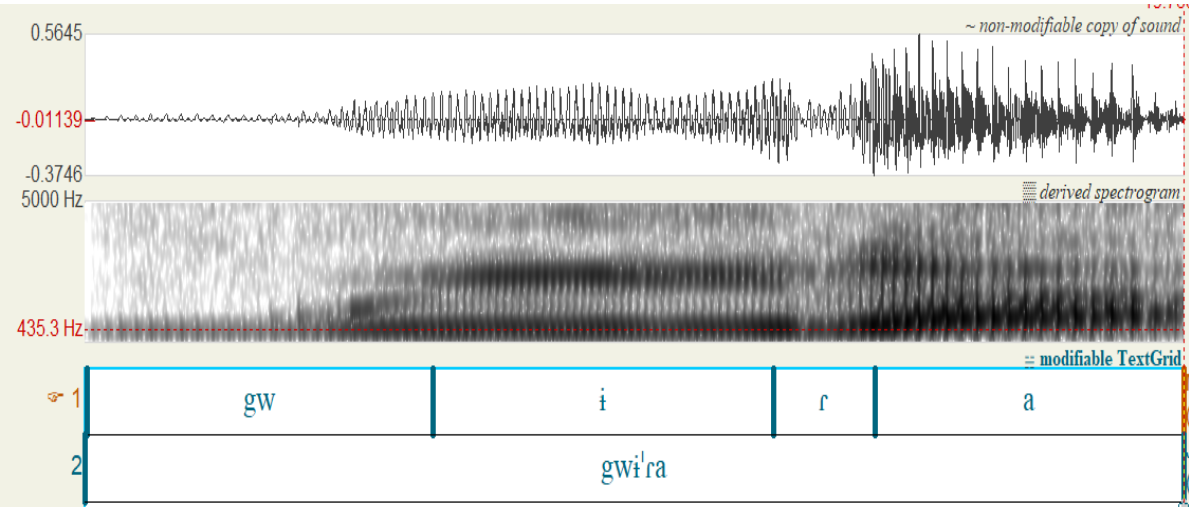
[kw]

Figura 8:oclusiva velar labializada não vozeada [kw] - Ava



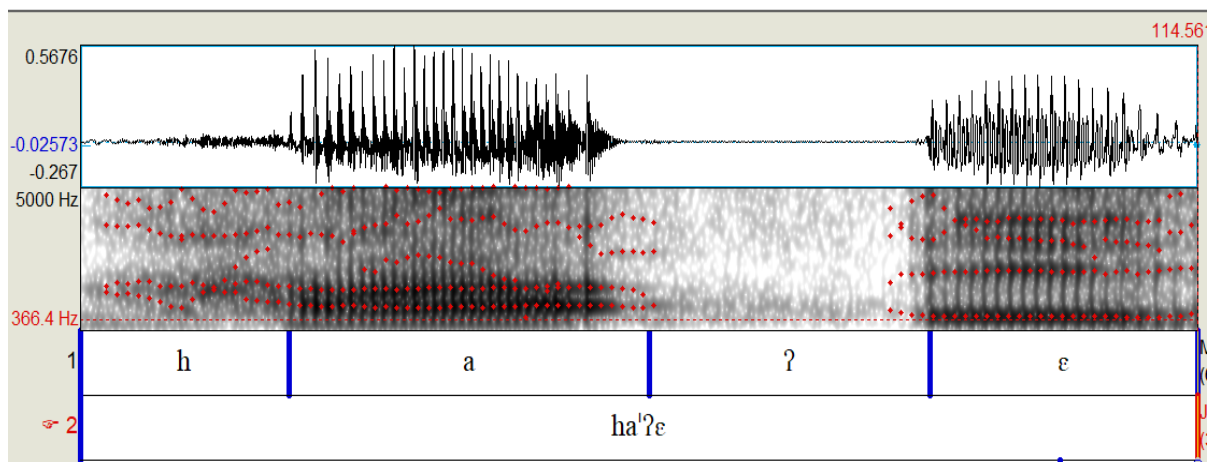
[gw] inicial:

Figura 9:oclusiva velar labializada vozeada [gw] - Ava



[ʔ] medial:

Figura 10:oclusiva glotal medial [ʔ] - Ava

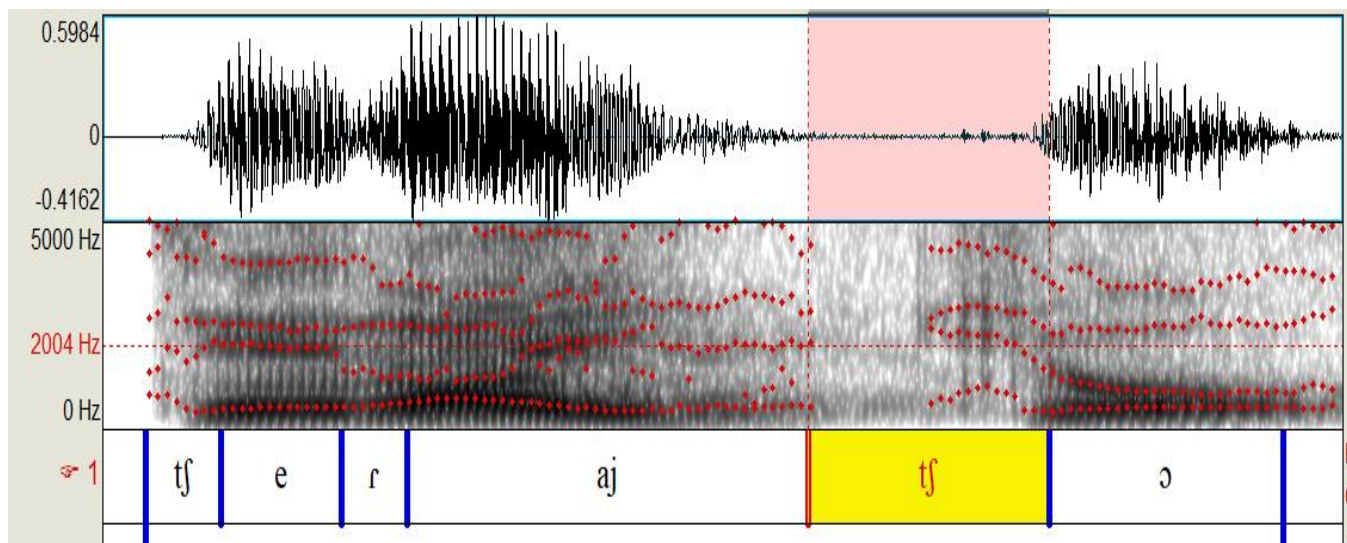


4.1.2.1.2 Sons palatais [tʃ], [dʒ] e [j]

[tʃ] medial

Observe, na produção da expressão *cheraicho*, a produção da africada palatal não vozeada [tʃ]. No espectrograma abaixo, observe-se, na parte destacada, as três fases do som africado: oclusão (espaço mais claro no início do som), plosão (traço vertical) e a fricção antes da produção da vogal seguinte:

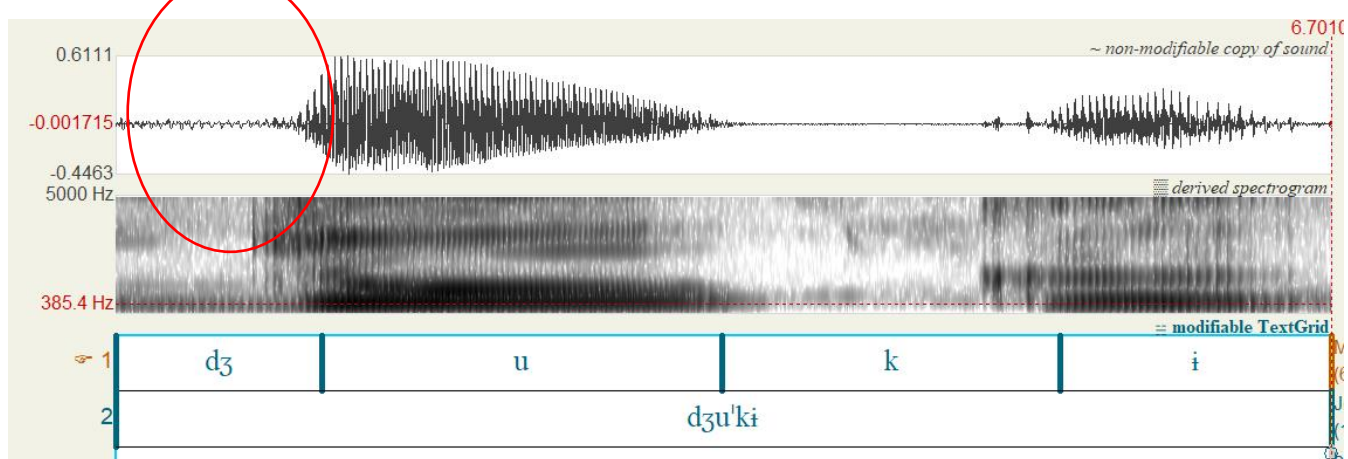
Figura 11:africada palatal não vozeada [tʃ] - Ava



[dʒ] inicial

Para essa variedade, atestou-se o uso da africada palatal, tanto em posição inicial como medial:

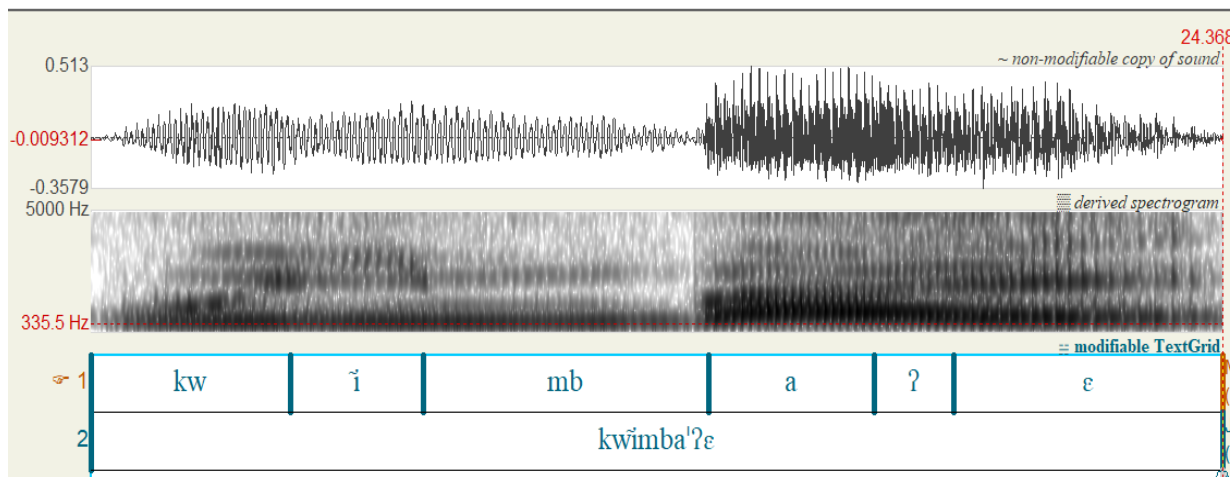
Figura 12: africada palatal vozeada [dʒ] – Ava



4.1.2.1.3 Pré-nasais: [ᵐb], [ᵐd]

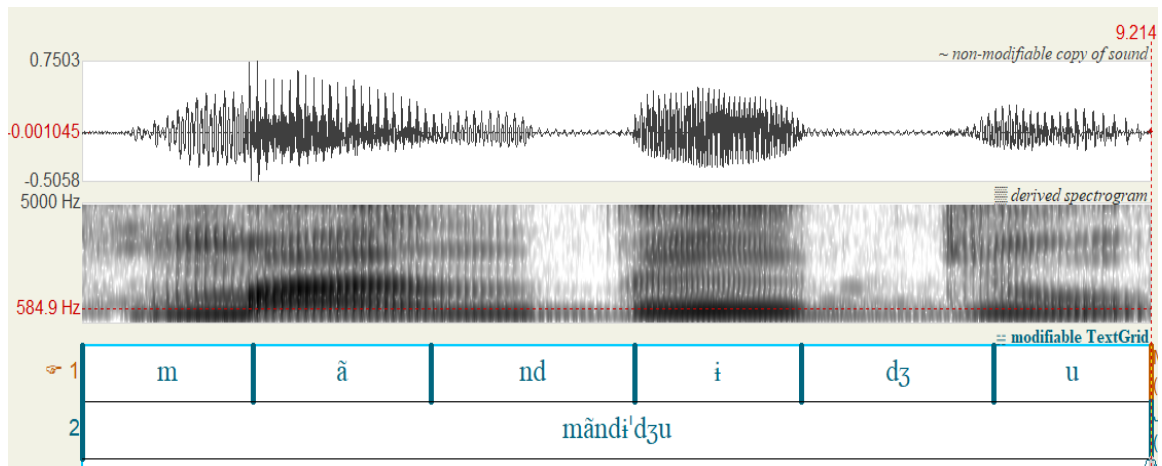
[ᵐb] medial

Figura 13: pré-nasal [ᵐb] – Ava



[ⁿd] medial

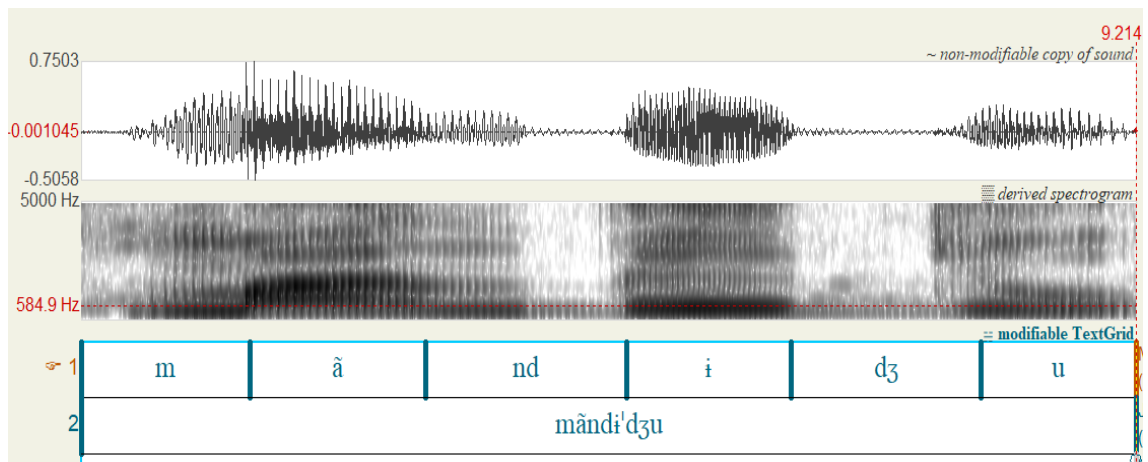
Figura 14:pré-nasal [nd] – Ava



4.1.2.1.4 Nasais: [m], [n], [ɲ]

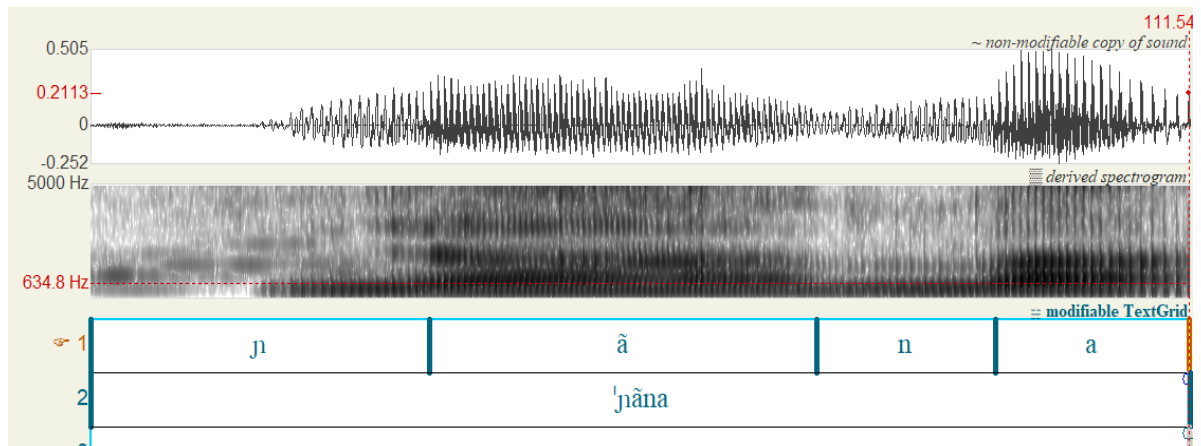
[m] inicial

Figura 15:nasal bilabial [m] - Ava



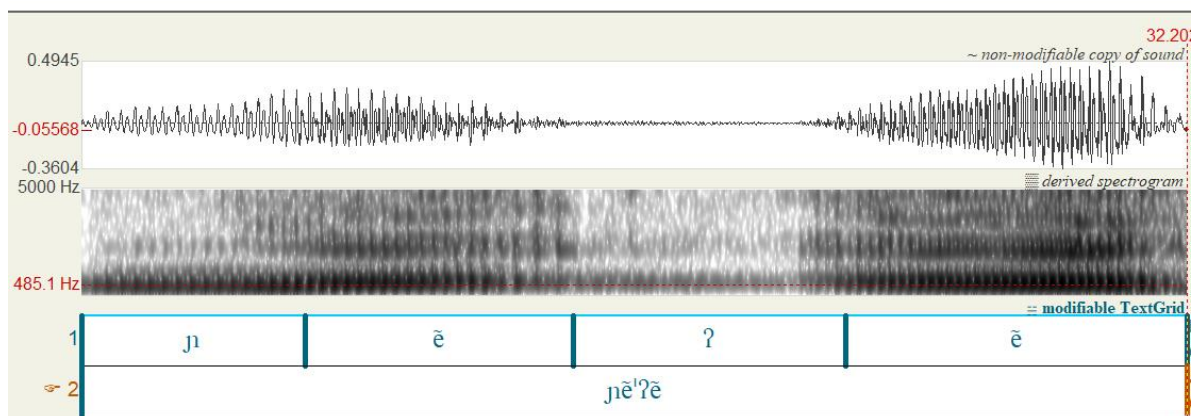
[n] medial

Figura 16: nasal alveolar [n] - Ava



[ɲ] inicial

Figura 17: nasal palatal [ɲɛɾ] - Ava

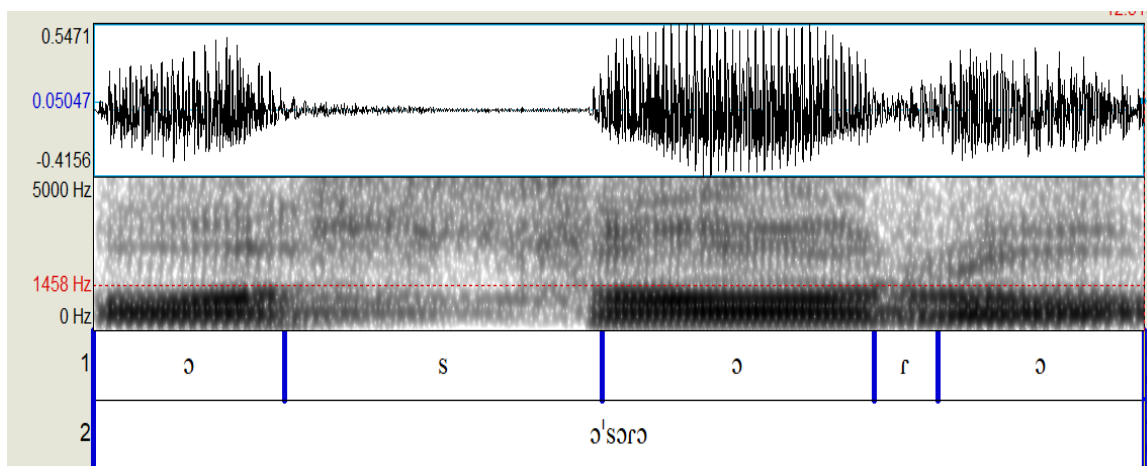


4.1.2.1.5 Fricativas [s], [h]

[s] medial

A seguir, a produção da fricativa alveolar surda [s]:

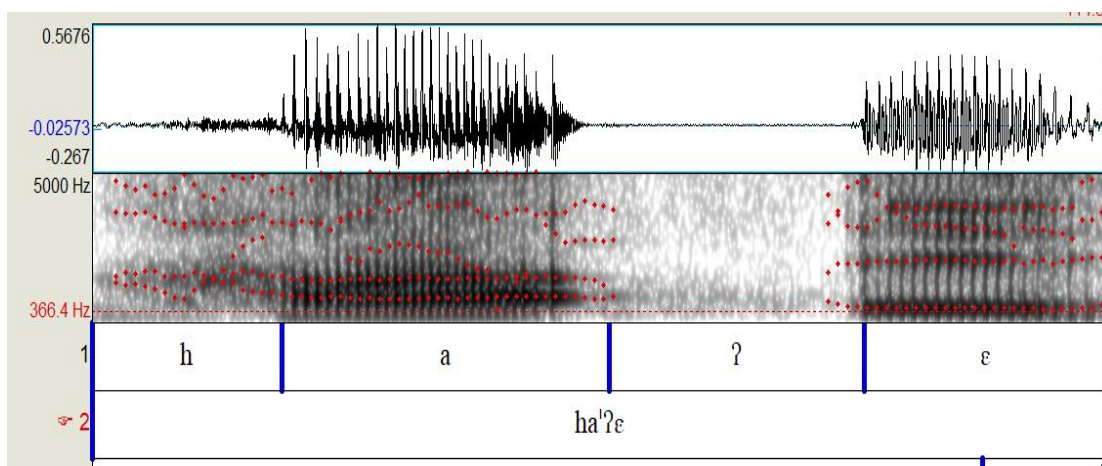
Figura 18: fricativa alveolar não vozeada [s] - Ava



[h] inicial

No espectrograma abaixo, a produção da fricativa glotal não vozeada [h], em posição inicial:

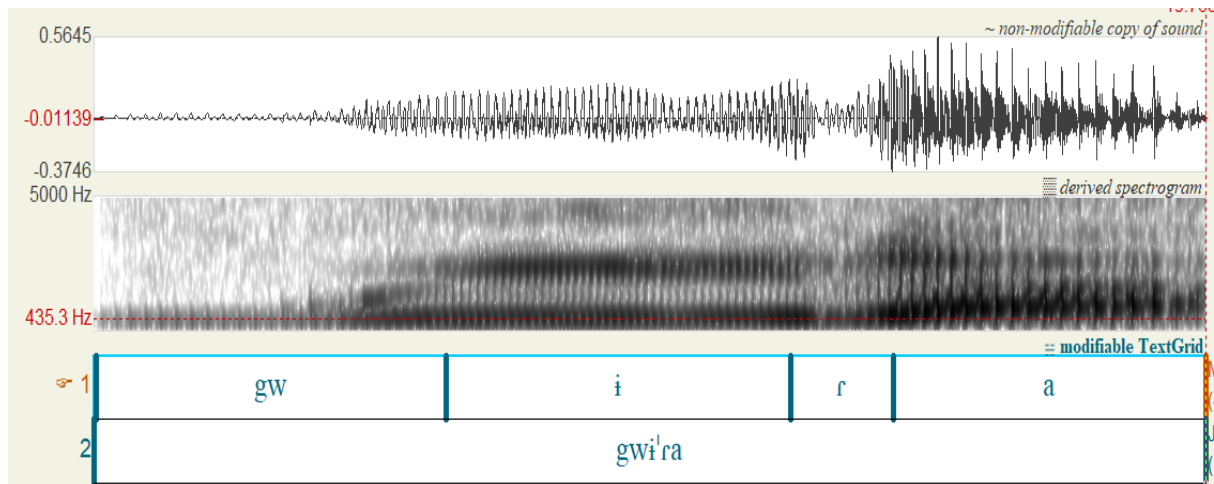
Figura 19: fricativa glotal não vozeada [h] - Ava



4.1.2.1.6 Tap alveolar [ɾ]

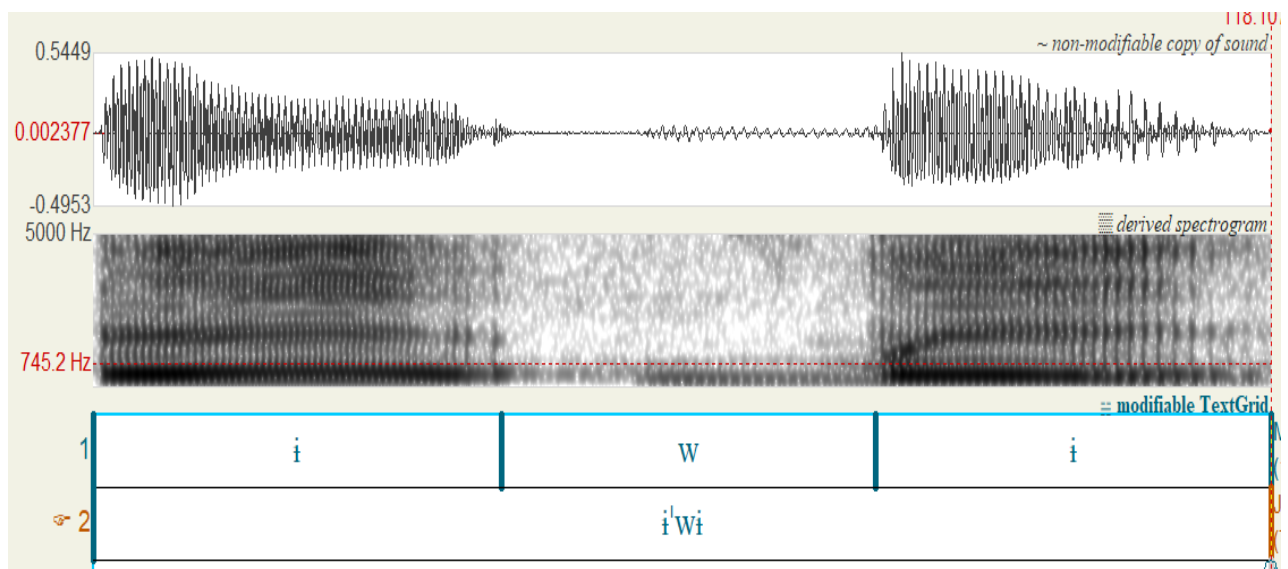
[ɾ] medial

Figura 20: tap alveolar [ɾ] – Ava



4.1.2.1.7 O som labiodental

Figura 21: [ɣwɪ]



Nas variedades da língua Guarani no Brasil, Ivo (2018) confirmou, acusticamente, a produção de uma labiodental [ɣ] nesta palavra, em variação com a aproximante labiovelar [w], ou seja, sons aproximantes sempre envolvendo a posição labial. Para elucidar a produção fonética e realidade fonológica desse som, outros dados seriam necessários.

Os dados analisados, do mesmo falante, ainda que restritos, comprovam, no entanto, o mesmo padrão verificado em outras variedades da língua Guarani, a não produção dos sons oclusivos vozeados [b], [d] e [g].

A seguir, o elenco das consoantes identificadas na produção dos Ava:

Quadro 6 – Consoantes do Ava-Guarani

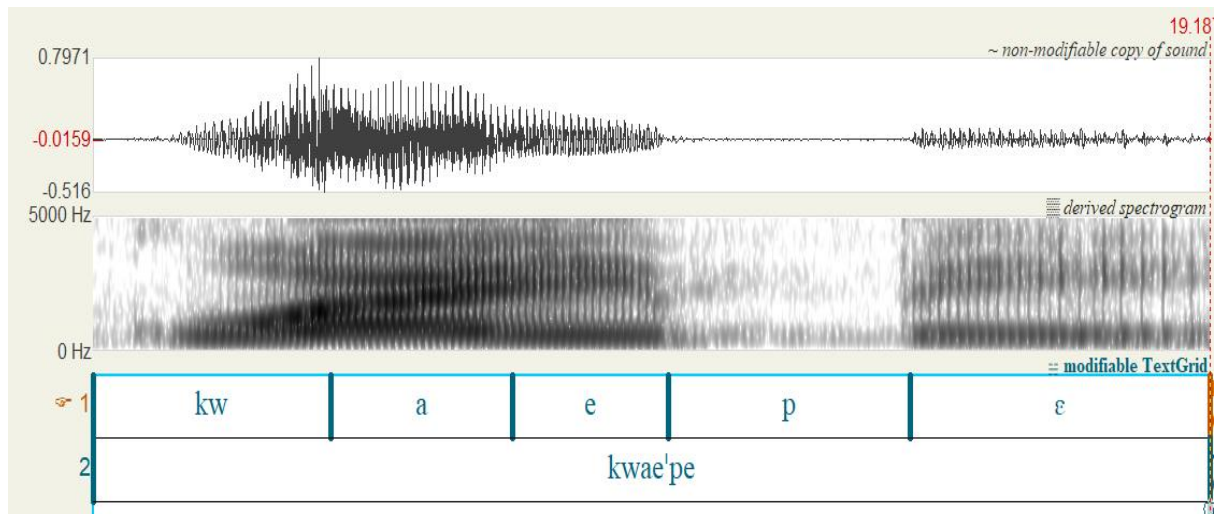
	AVA				
	LABIAIS	LABIODENTAL	PALATAIS	VELARES	GLOTAL
OCCLUSIVAS	[p]	[t]		[k]	[ʔ]
PRÉ-NASALIZADAS	[^m b]	[ⁿ d]		[^ŋ g]	
NASAIS	[m]	[n]	[ɲ]		
LABIALIZADAS				[k ^w] [g ^w]	
AFRICADAS			[tʃ] [dʒ]		
FRICATIVAS		[s]			[h]
TAP ALVEOLAR		[ɾ]			
APROXIMANTES	[w]				

4.1.2.2 Simba-Guarani

4.1.2.2.1 Sons oclusivos: [p], [t], [k], [ʔ], [kw], [gw]

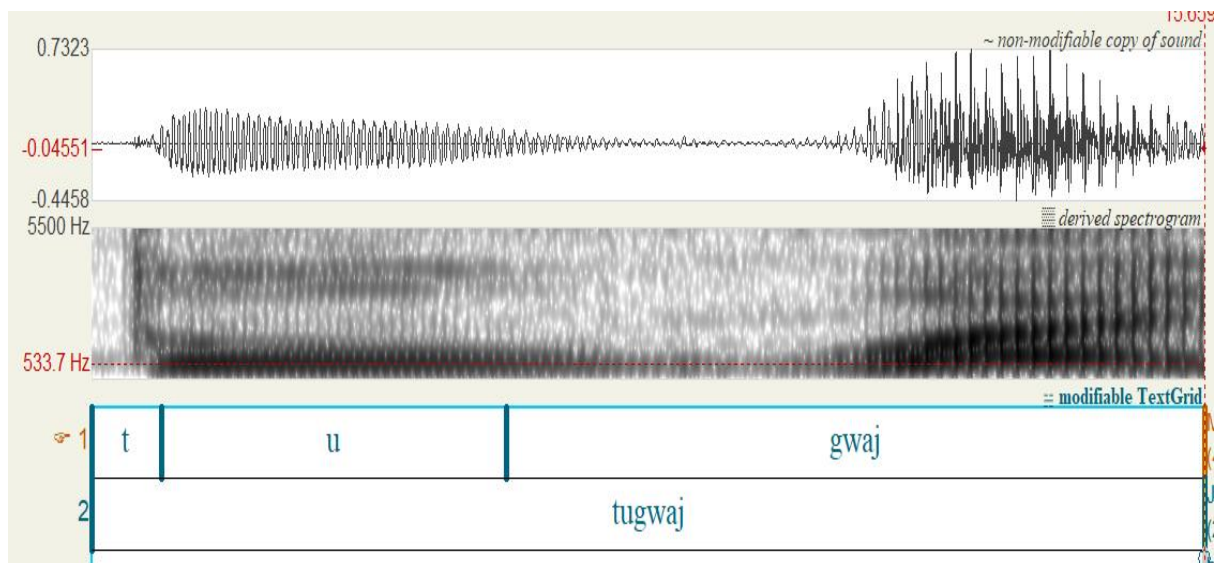
[p] medial

Figura 22:oclusiva bilabial não vozeada [p] - Simba



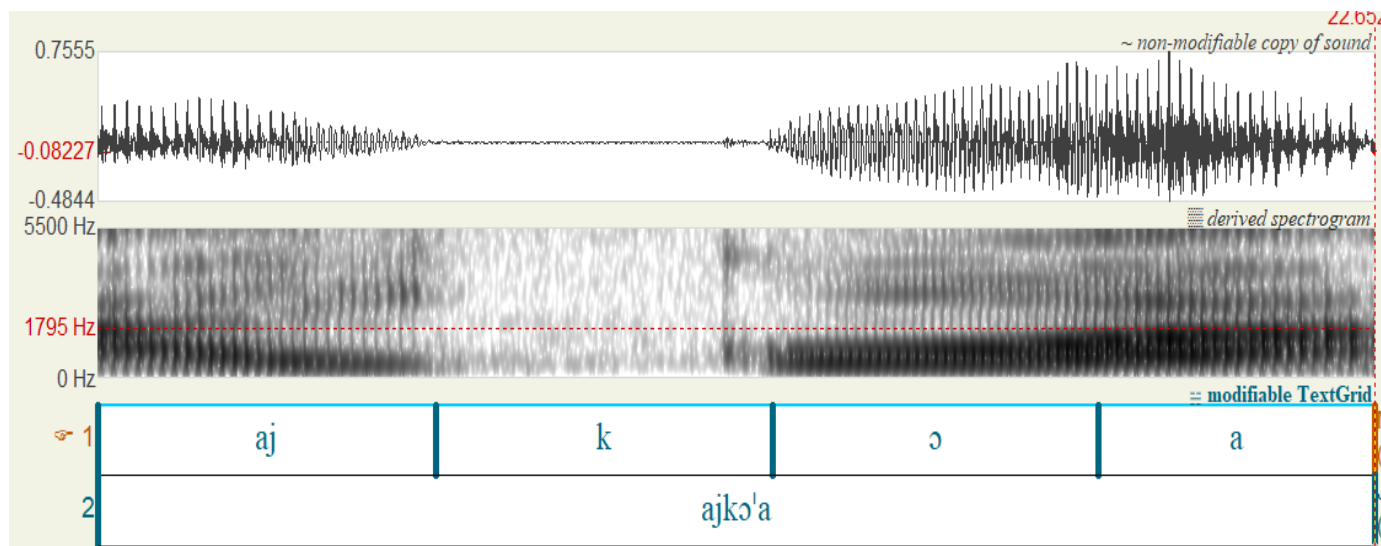
[t] inicial

Figura 23:oclusiva alveolar não vozeada [t] - Simba



[k] medial

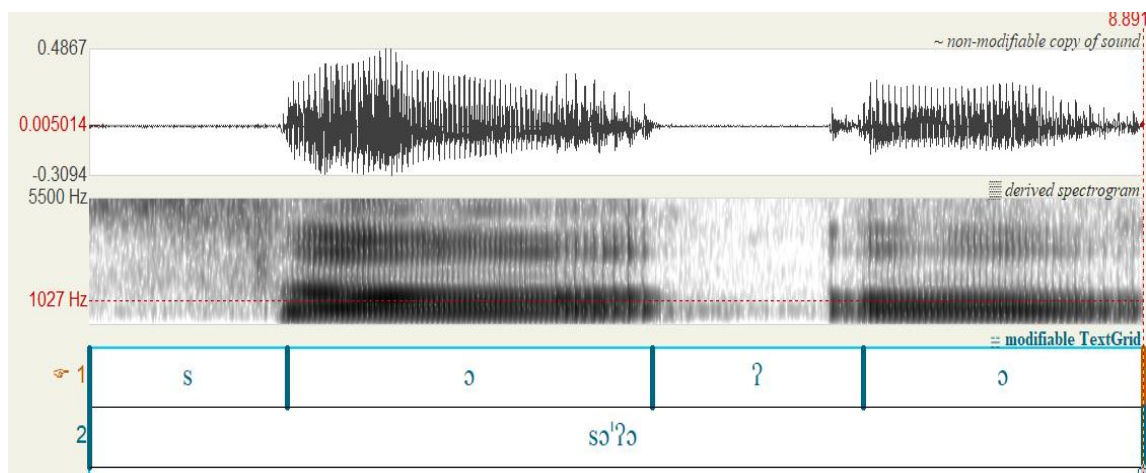
Figura 24:oclusiva velar não vozeada [k] - Simba



[ʔ] medial

Em alguns dados, a produção da oclusiva glotal é nítida, como se verifica no dado abaixo:

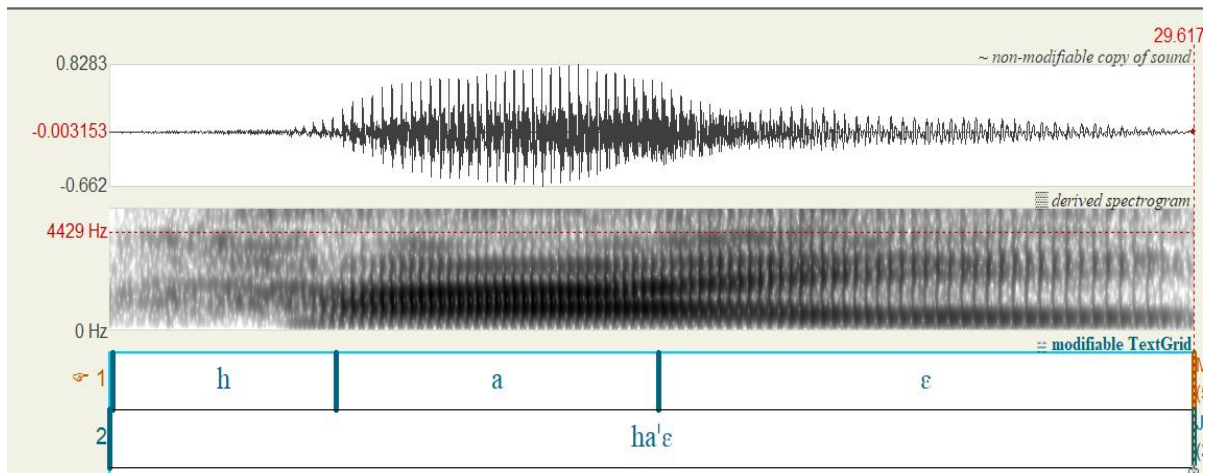
Figura 25:oclusiva glotal [ʔ] - Simba



Em outros dados, no entanto, embora não se tenha a produção glotal, com a oclusão, tal como se vê no dado acima, observa-se as marcas dos pulsos da glote em forma de “estrias verticais” acompanhando as vogais, ou seja, há um movimento na glote, embora não tenha sido efetivada a oclusão. Essa glotalização na vogal é sinal de que fonologicamente existe uma

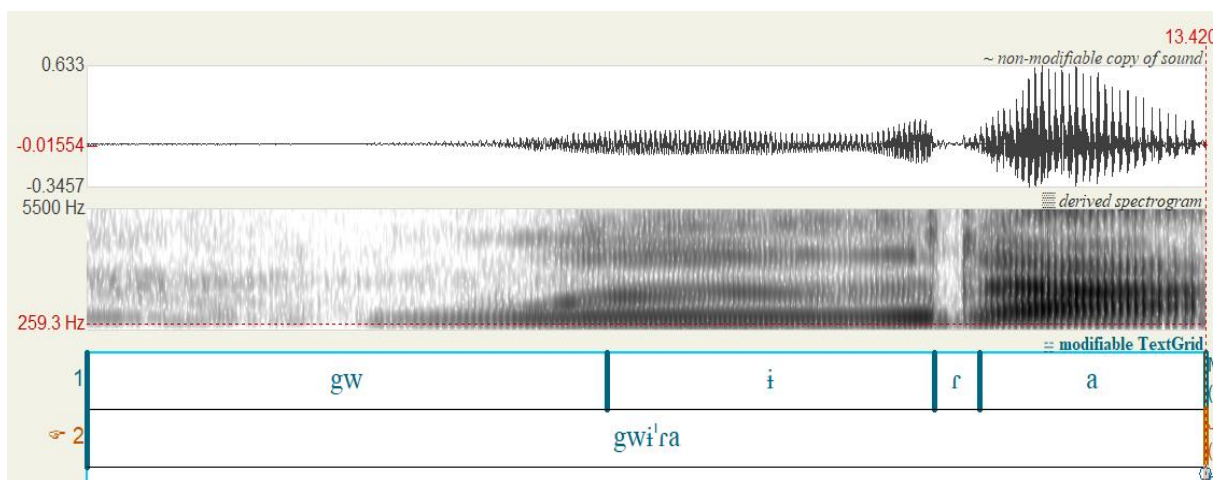
consoante glotal, mesmo que foneticamente sua realização possa acontecer, eventualmente, apenas nos efeitos sobre as vogais.

Figura 26: glotal - Simba



[gw] inicial

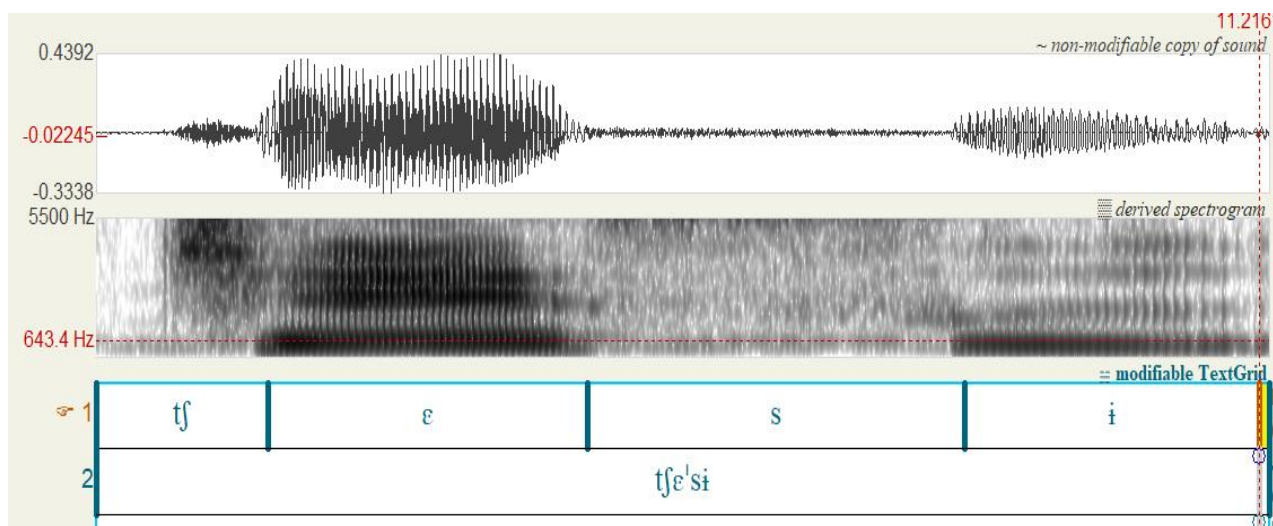
Figura 27:oclusiva labializada vozeada [gw] - Simba



4.1.2.2.2 Sons palatais $[\widehat{tj}]$, $[\widehat{dʒ}]$

$[\widehat{tj}]$ inicial

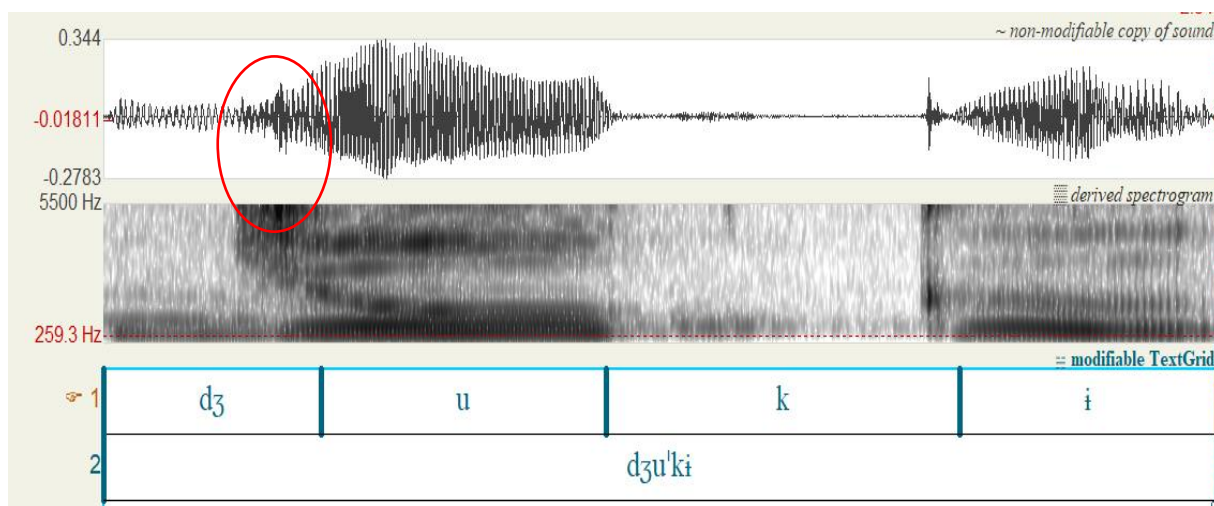
Figura 28: africada palatal não vozeada $[\widehat{tj}]$ - Simba



$[\widehat{dʒ}]$ inicial

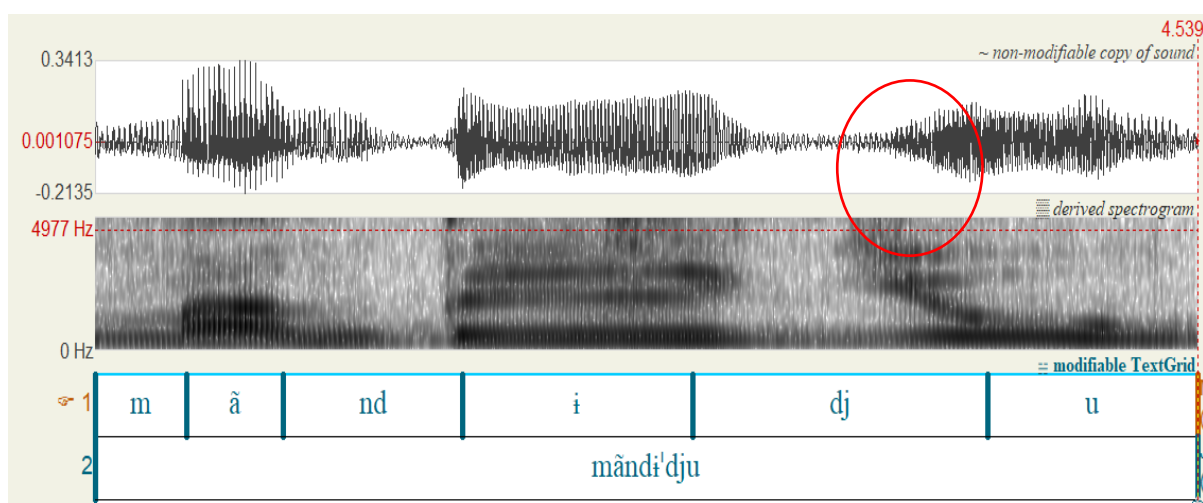
Abaixo, a produção de uma africada palatal vozeada $[\widehat{dʒ}]$, com a visível fase de fricção observada no espectrograma.

Figura 29: africada palatal vozeada $[\widehat{dʒ}]$ - Simba



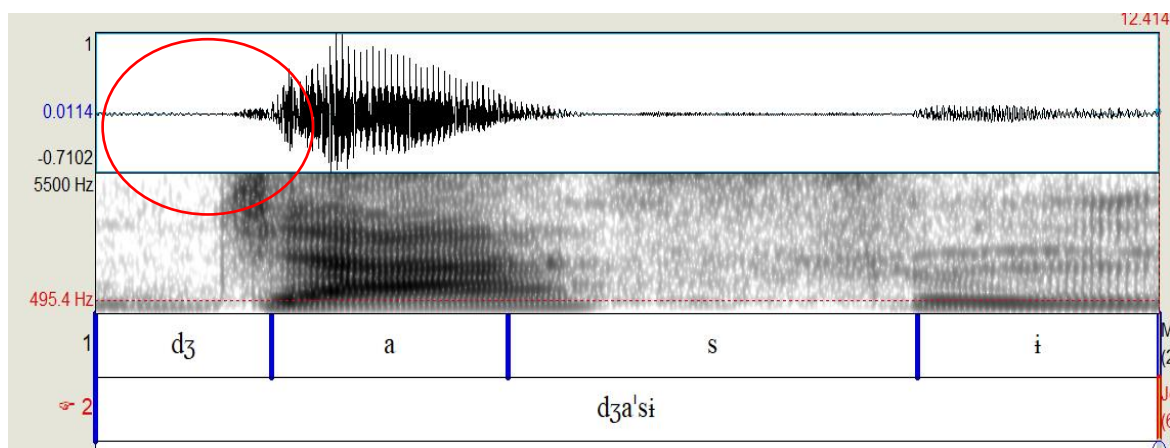
A mesma falante produziu, no entanto, um som palatal, com a transição do som palatal para a vogal seguinte, mas sem as características típicas de um som africado:

Figura 30:som palatal [dj] Simba



No entanto, isso não quer dizer que o Simba não produza a africada palatal vozeada. Observe no dado abaixo, a produção da africada palatal em posição inicial, com as típicas características de um som africado, oclusão, fricção e soltura:

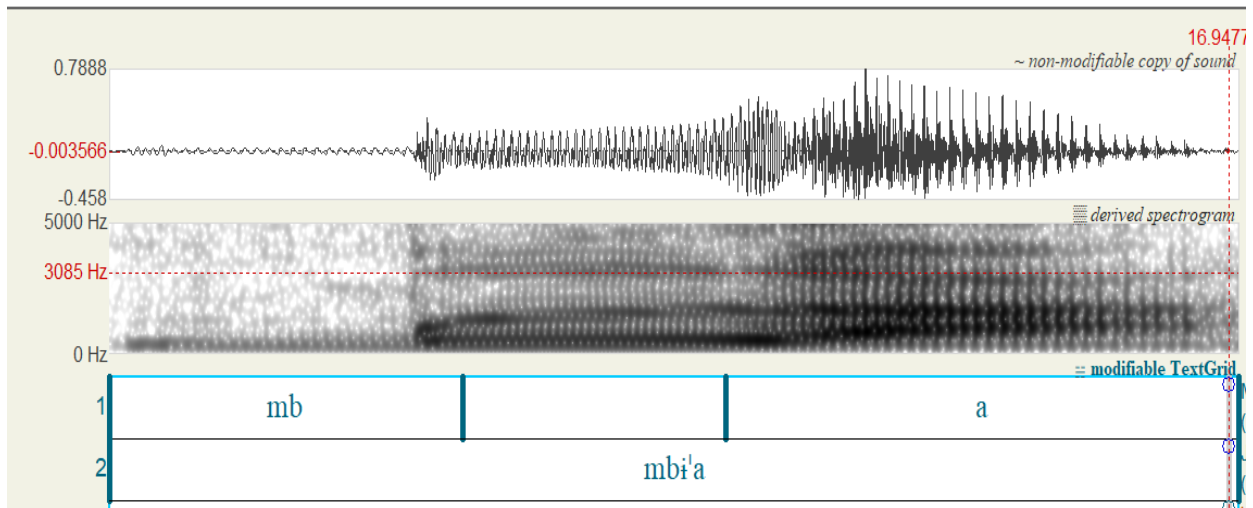
Figura 31:som africada palatal posição inicial [dʒ]



4.1.2.2.3 Pré-nasais

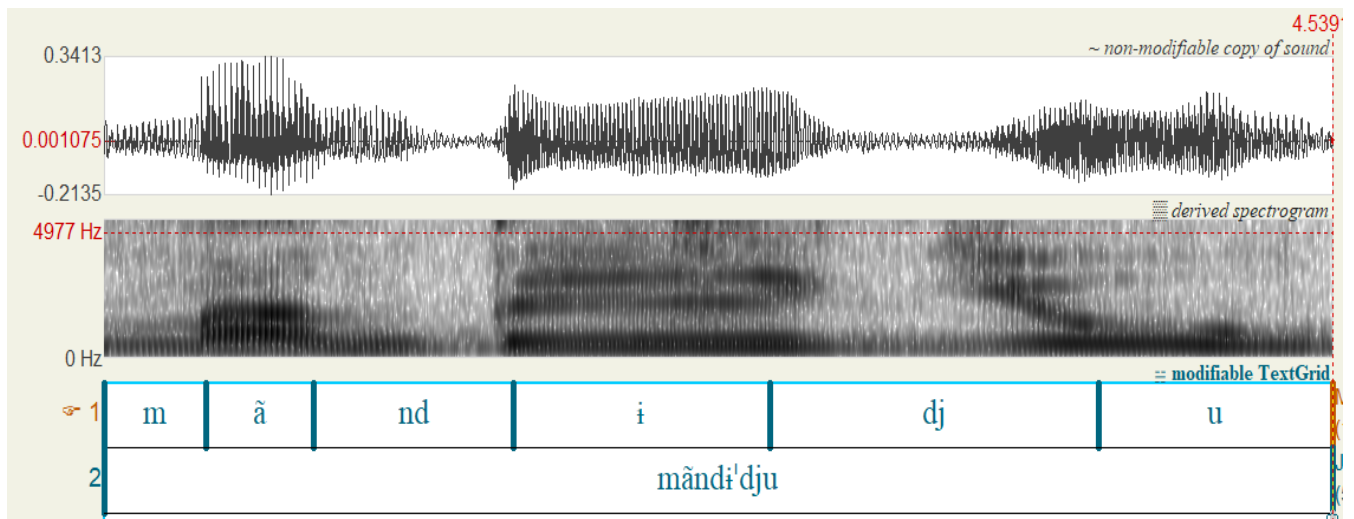
[mb]

Figura 32: pre-nasal- Simba [mb]



[nd]

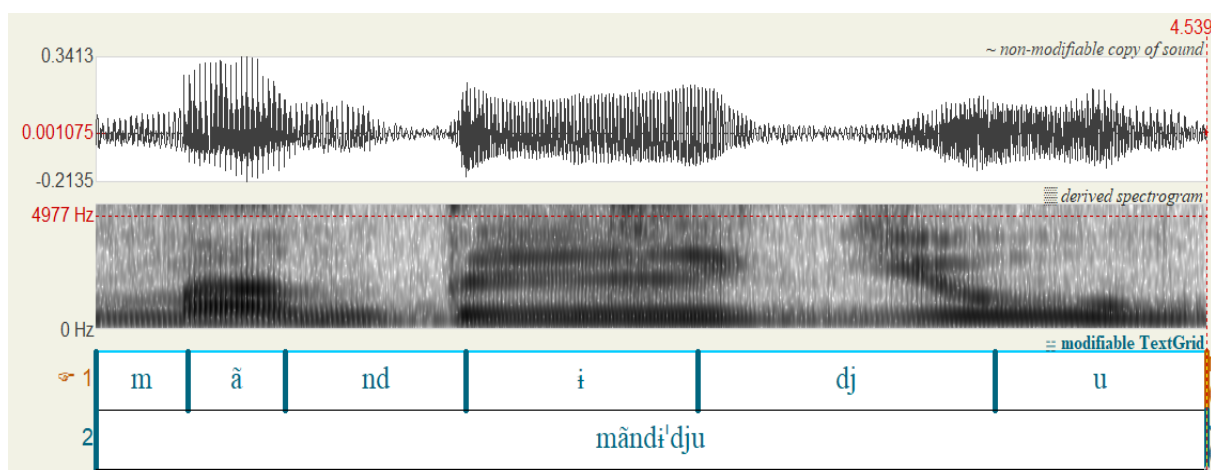
Figura 33: pre-nasais – Simba [nd]



4.1.2.2.4 Nasais: [m], [n], [ɲ]

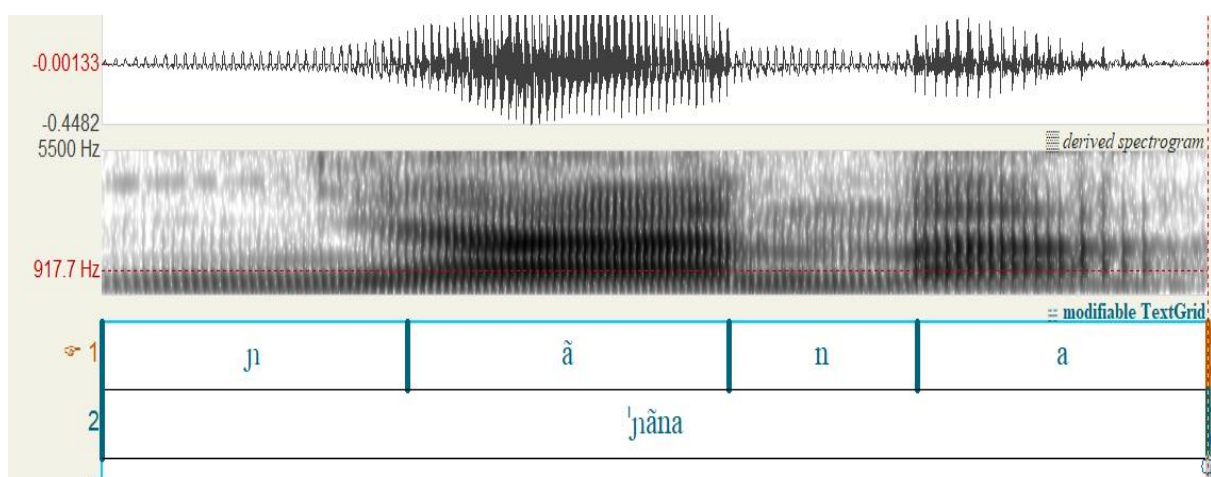
[m]

Figura 34: nasal bilabial [m] - Simba



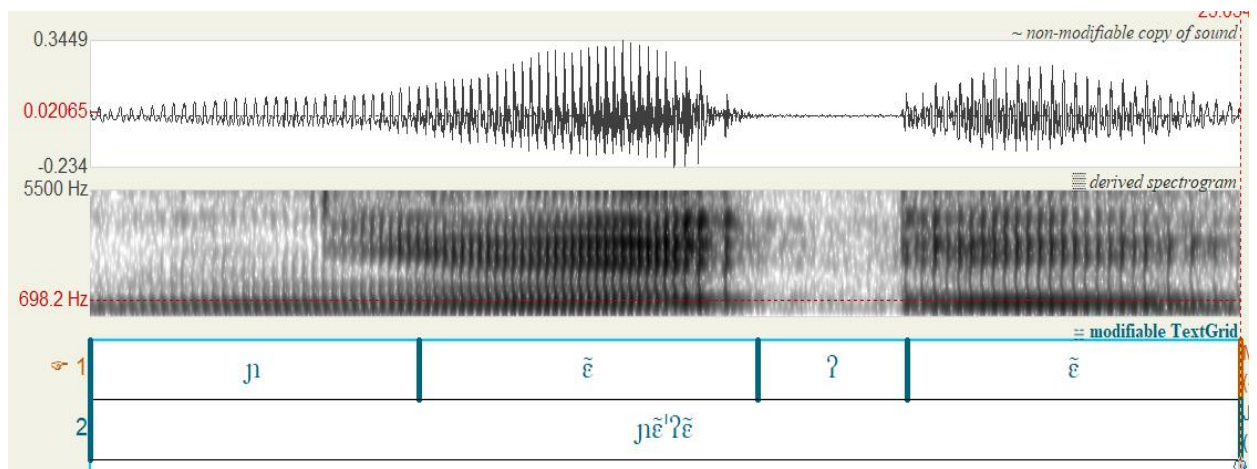
[n]

Figura 35: nasal alveolar [n] - Simba



[ɲ]

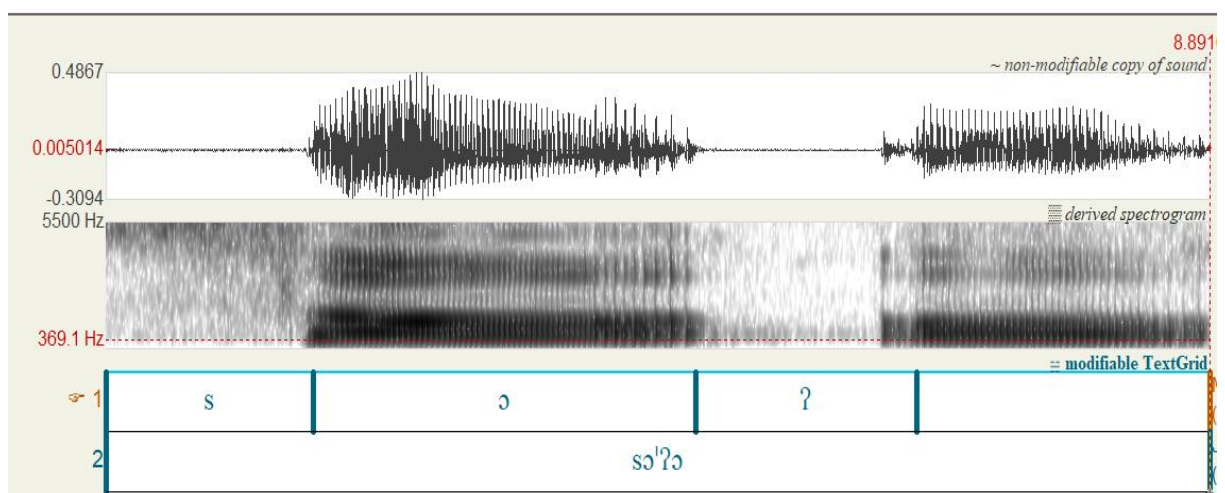
Figura 36: nasal palatal [ɲ] - Simba



4.1.2.2.5 Fricativas [s], [h]

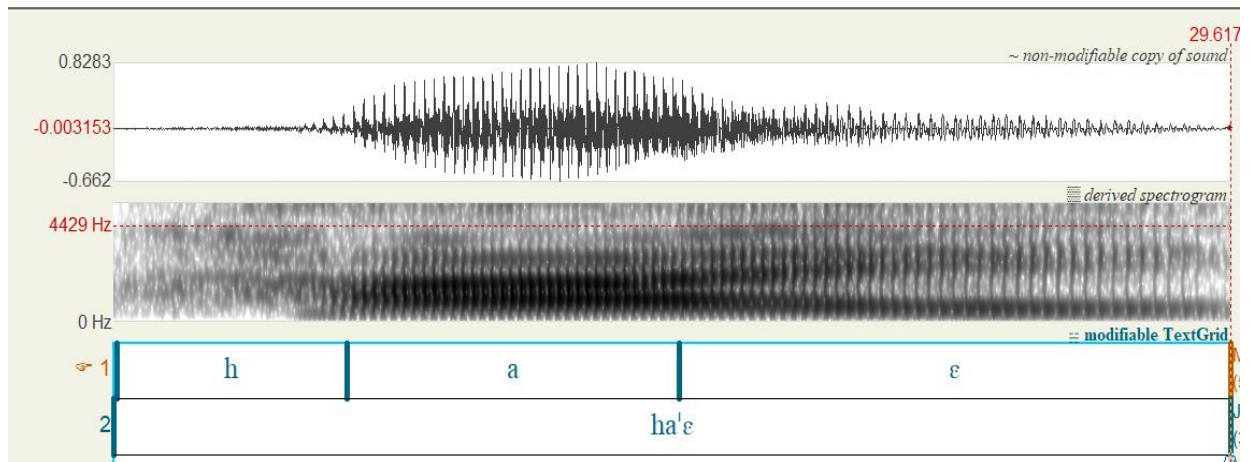
[s] inicial

Figura 37: fricativa alveolar não vozeada [s] - Simba



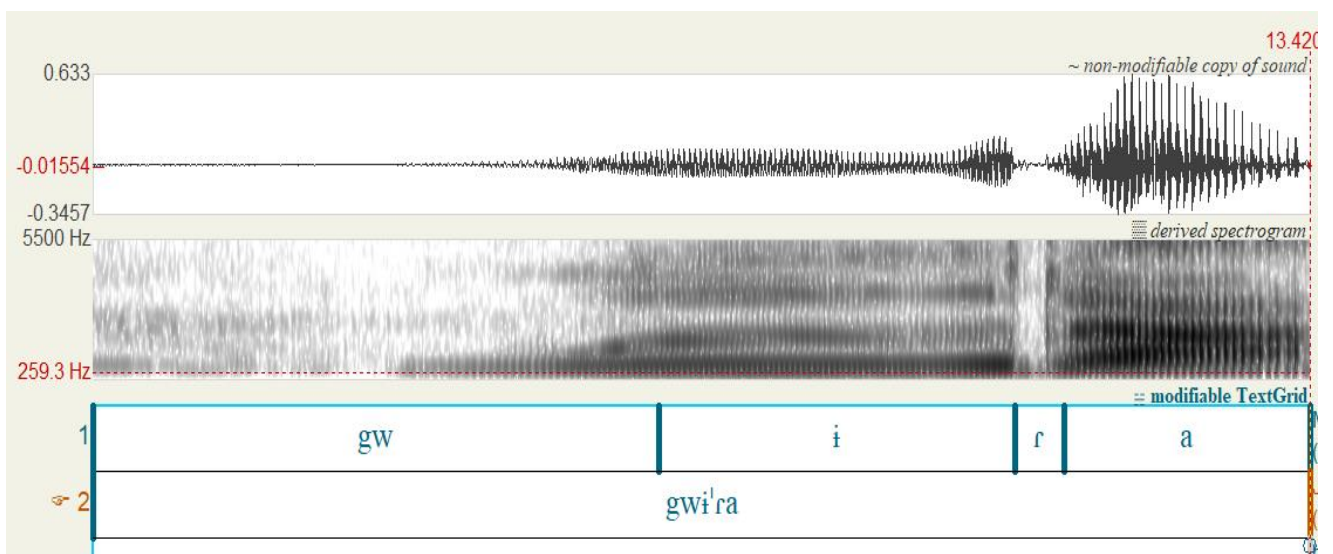
[h] inicial

Figura 38:fricativa glotal [h] - Simba



4.1.2.2.6 Tap alveolar [ɾ]

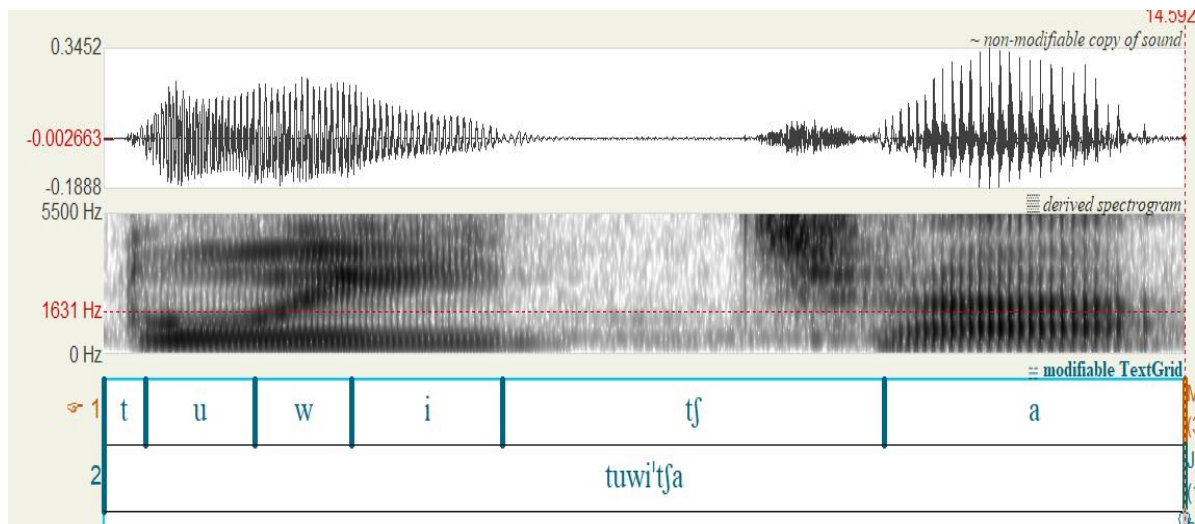
Figura 39:tap alveolar medial [ɾ] - Simba



4.1.2.2.7 O som aproximante labiovelar

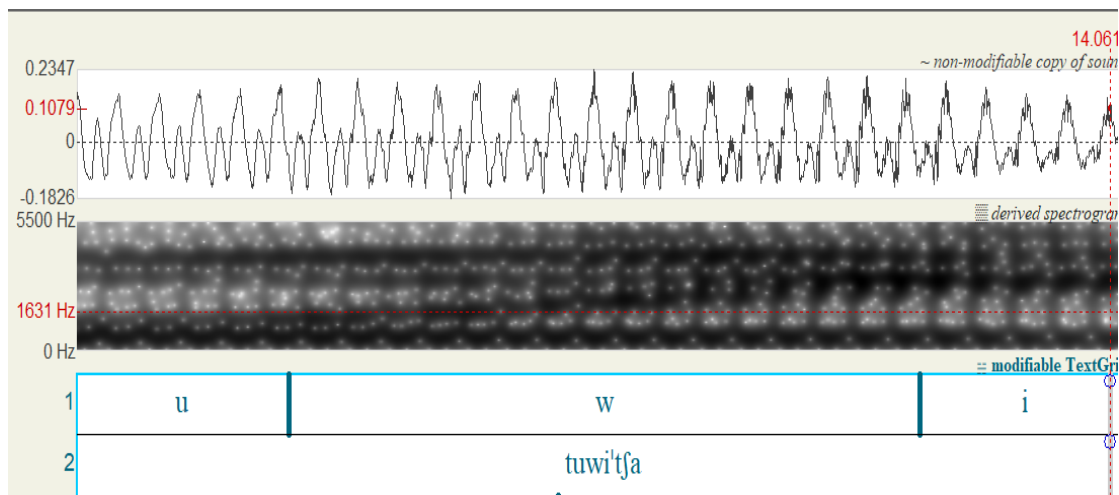
[w] medial

Figura 40:aproximante labiovelar [w] - Simba



Observe-se, no trecho ampliado do som aproximante, ondas periódicas, visíveis na parte superior do espectrograma,

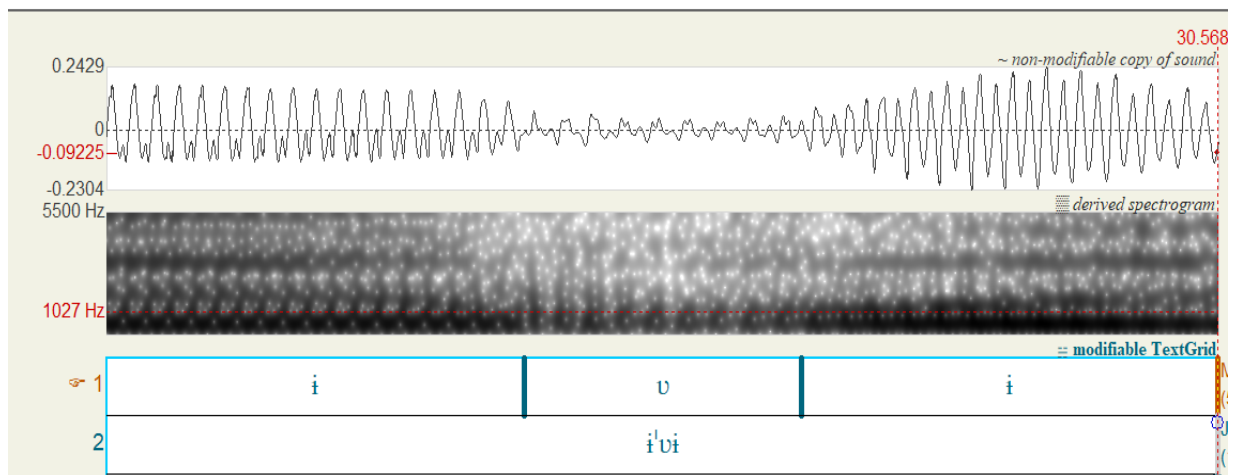
Figura 41:som aproximante [w]



[v] medial

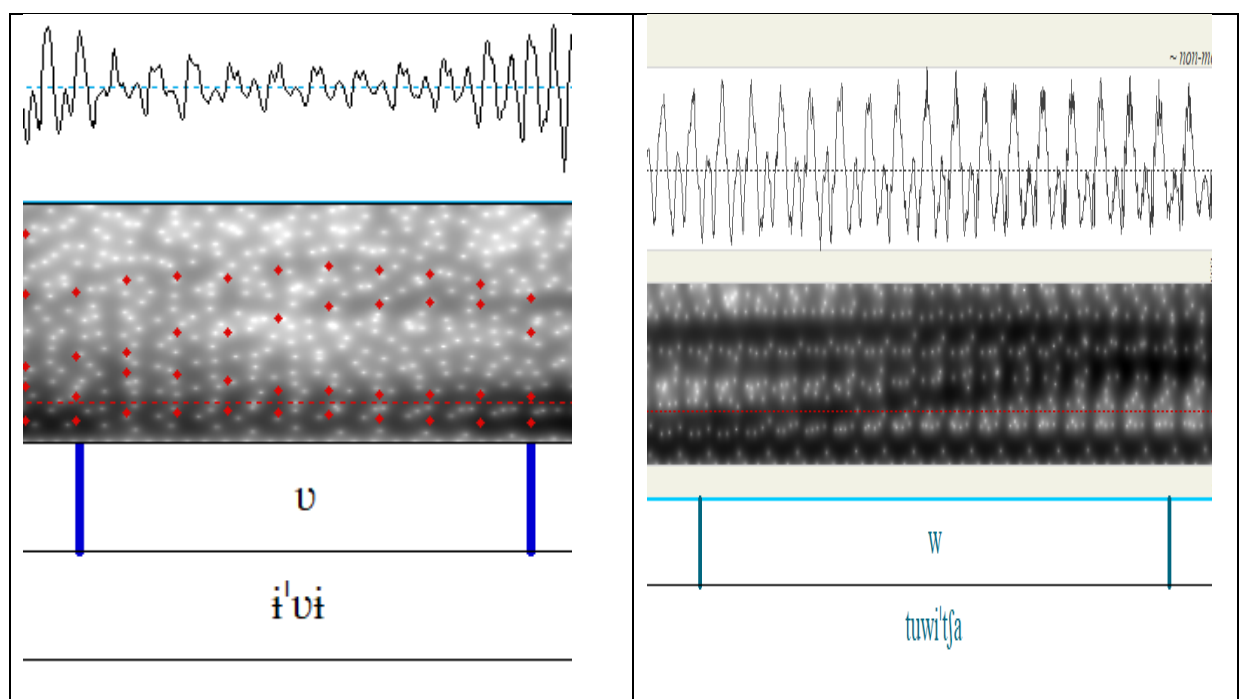
Foi observada, também, a produção de um som aproximante com características distintas da produção acima, não arredondado:

Figura 42:som [v] medial



Ao compararmos as ondas ampliadas dos trechos das aproximantes, observamos produções distintas que podem ser explicadas pelo contexto vocálico: [w] precedendo uma vogal arredondada, [u], e [v], precedendo uma produção menos arredondada, [i]. Observemos os dois trechos comparativamente:

Figura 43:Ondas ampliadas do som aproximante



Este dado pode indicar uma semelhança ao que foi apresentado por Ivo (2018) para as variedades do Guaraní no Brasil, uma variação fonética envolvendo os dois sons aproximantes: [w] e [v].

Abaixo, o agrupamento das consoantes do Simba-Guarani

Quadro 7 – Consoantes do Simba-Guarani

	SIMBA				
	LABIAIS	LABIODENTAL	PALATAIS	VELARES	GLOTAL
OCLUSIVAS	[p]	[t]		[k]	[ʔ]
PRÉ-NASALIZADAS	[^m b]	[ⁿ d]		[^ŋ g]	
NASAIS	[m]	[n]	[ɲ]		
LABIALIZADAS				[k ^w] [g ^w]	
AFRICADAS			[tʃ] [dʒ]		
FRICATIVAS		[s]			[h]
TAP ALVEOLAR		[ɾ]			
APROXIMANTES	[v] [w]				

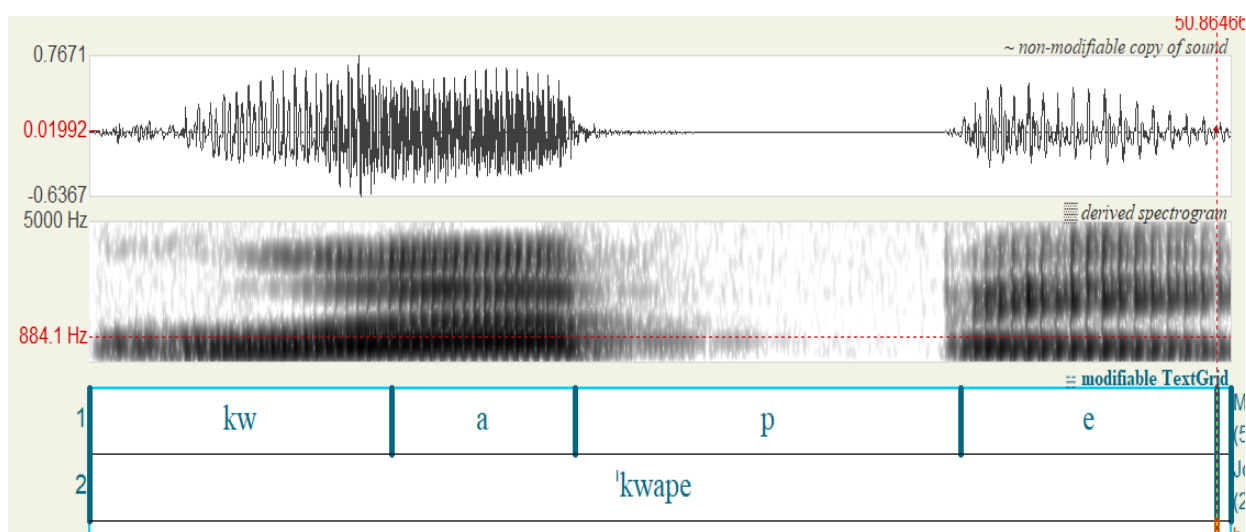
4.1.2.3 Ioseño – Guarani

Em nossos dados, não foi observada a produção da oclusiva glotal [ʔ] nessa variedade. Abaixo, breve descrição dos sons identificados:

4.1.2.3.1 Sons oclusivos: [p], [t], [k], [kw], [gw]

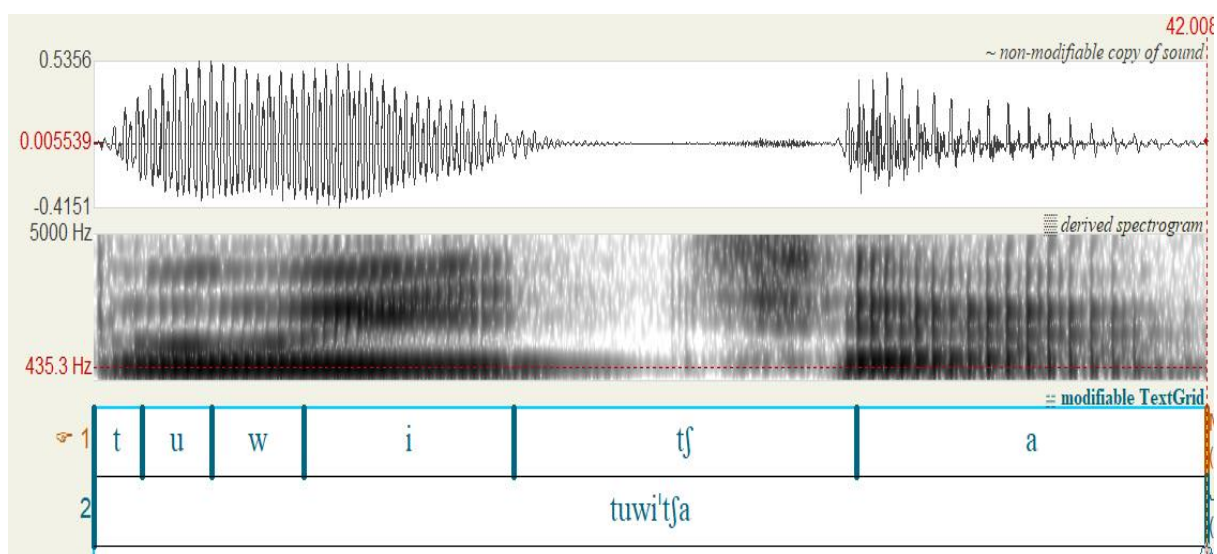
[p] medial

Figura 44: oclusiva bilabial não vozeada [p] - Ioseño



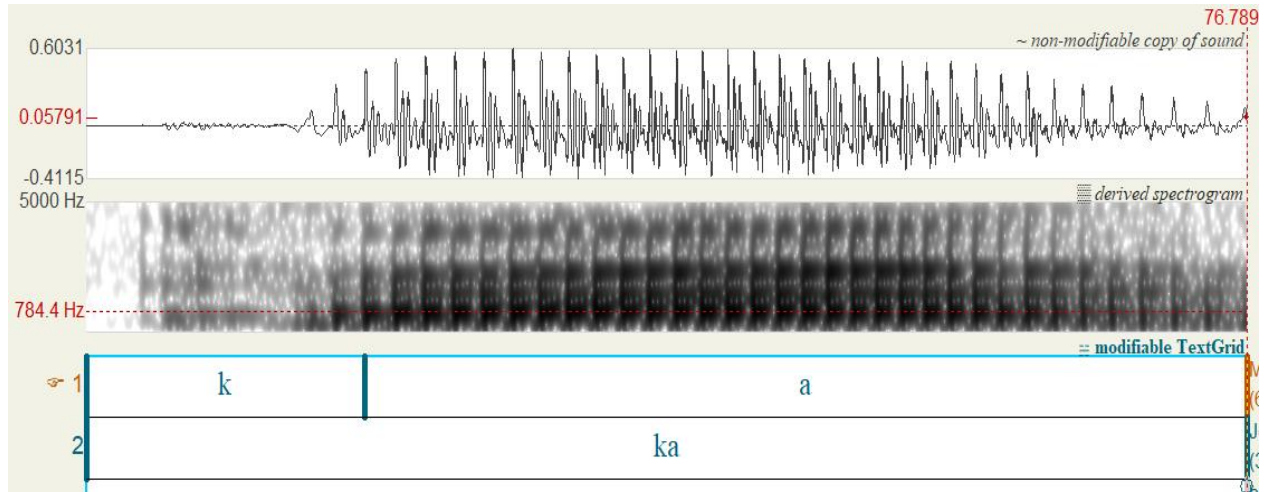
[t] inicial

Figura 45: oclusiva alveolar não vozeada [t] – Ioseño



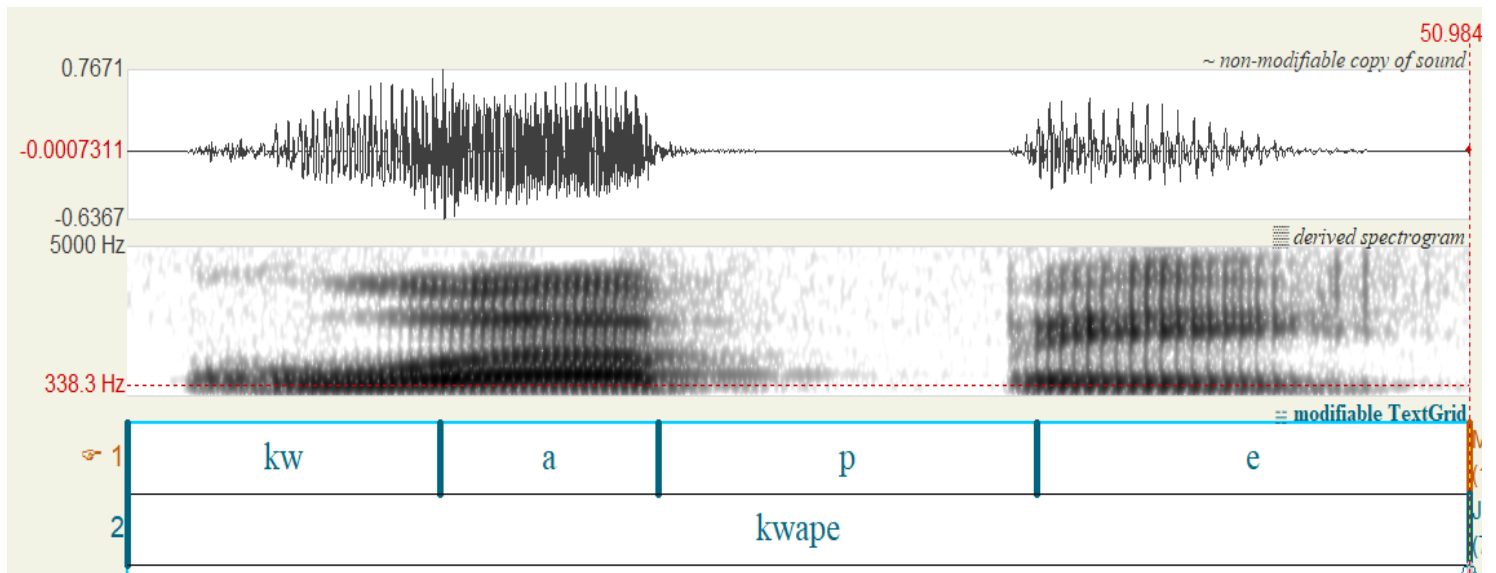
[k] inicial

Figura 46:oclusiva velar não vozeada [k] – Isoleño



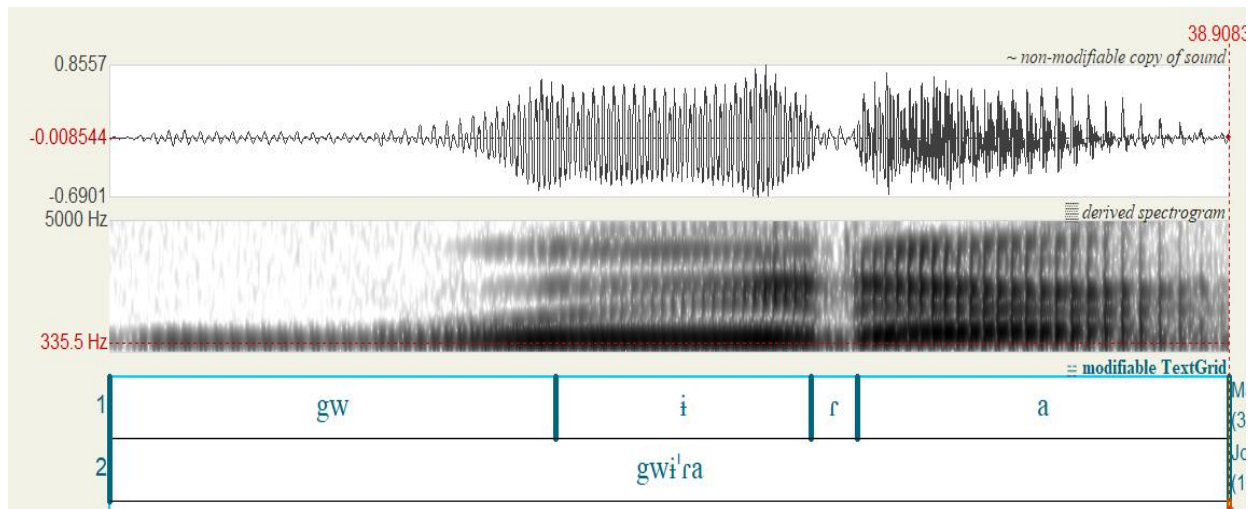
[Kʷ] inicial

Figura 47:oclusiva labializada não vozeada [kw] – Isoleño



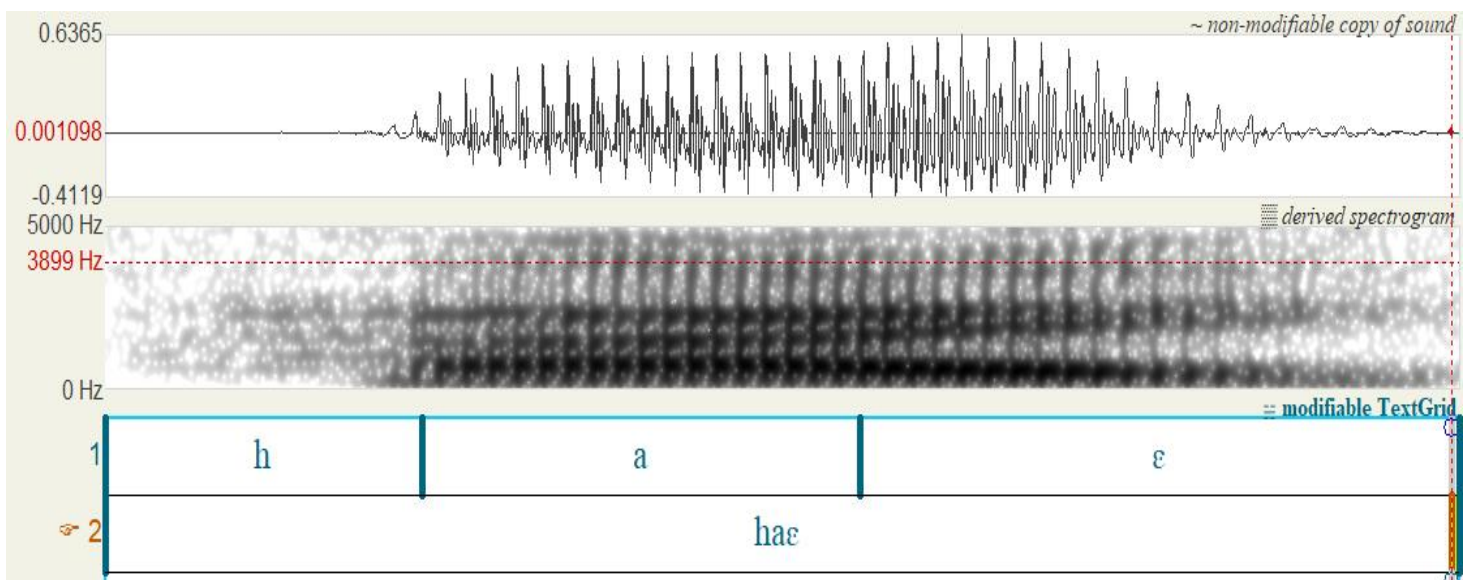
[gʷ] inicial

Figura 48:oclusiva labializada vozeada [gw] – Isoleño



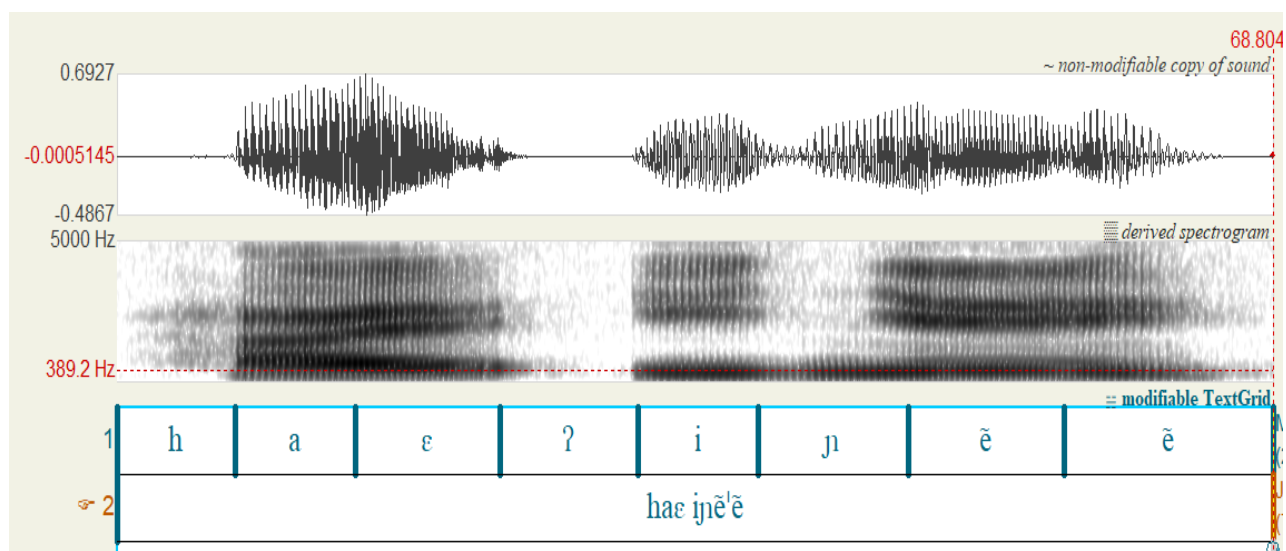
A distinção significativa parece-nos ser a ausência da oclusiva glotal [ʔ] em algumas produções das mesmas palavras produzidas pelas parcialidades Ava e Simba com a oclusiva glotal. Ilustramos abaixo a produção da palavra hae, produzida sem a glotal, mas com marcas de glotalização nas vogais.

Figura 49: oclusiva glotal [ʔ] – Isoleño



No entanto, em uma locução, os dois sons glotais foram articulados, a fricativa glotal [h] em sílaba pré-tônica e a oclusiva glotal [ʔ], em sílaba tônica, o que nos ajuda a ver que, embora em algumas produções vejamos apenas as marcas da glotalização de modo mais claro, os dois sons glotais são produzidos.

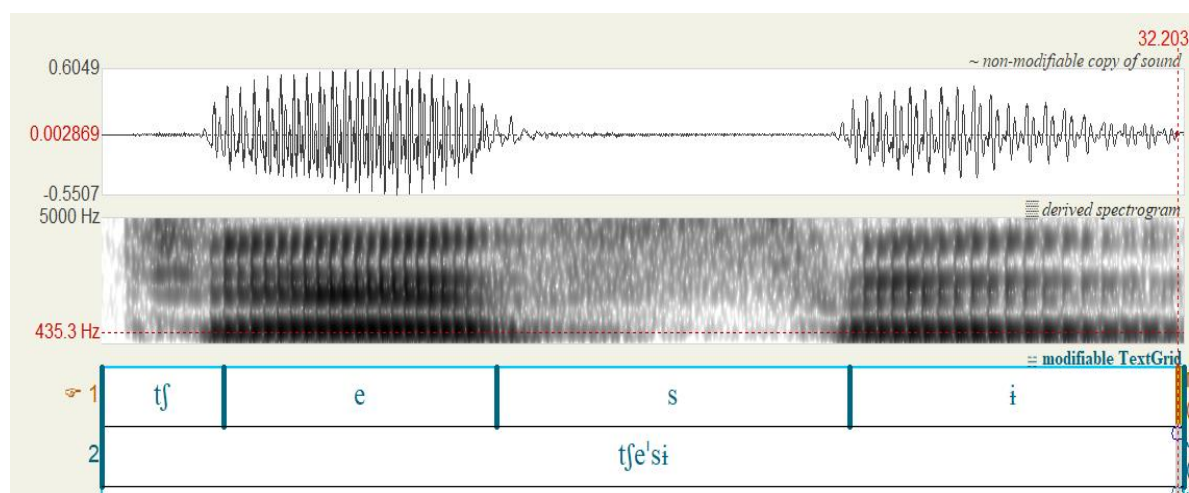
Figura 50: sons glotais – Isoleño



4.1.2.3.2 Sons africados [tʃ] e [dʒ]

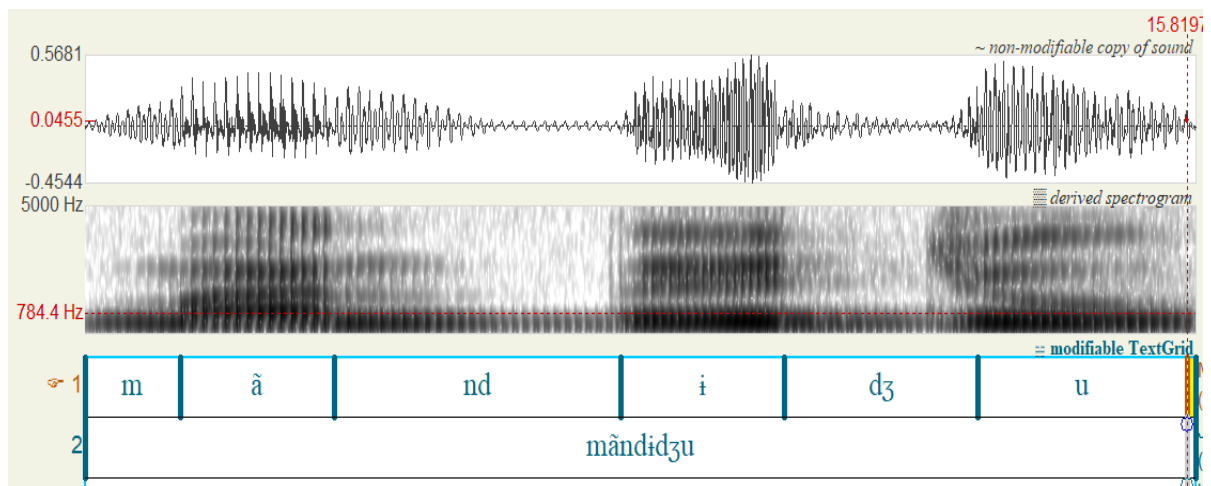
[tʃ] inicial

Figura 51: africada palatal não vozeada [tʃ] – Isoleño



[dʒ] medial

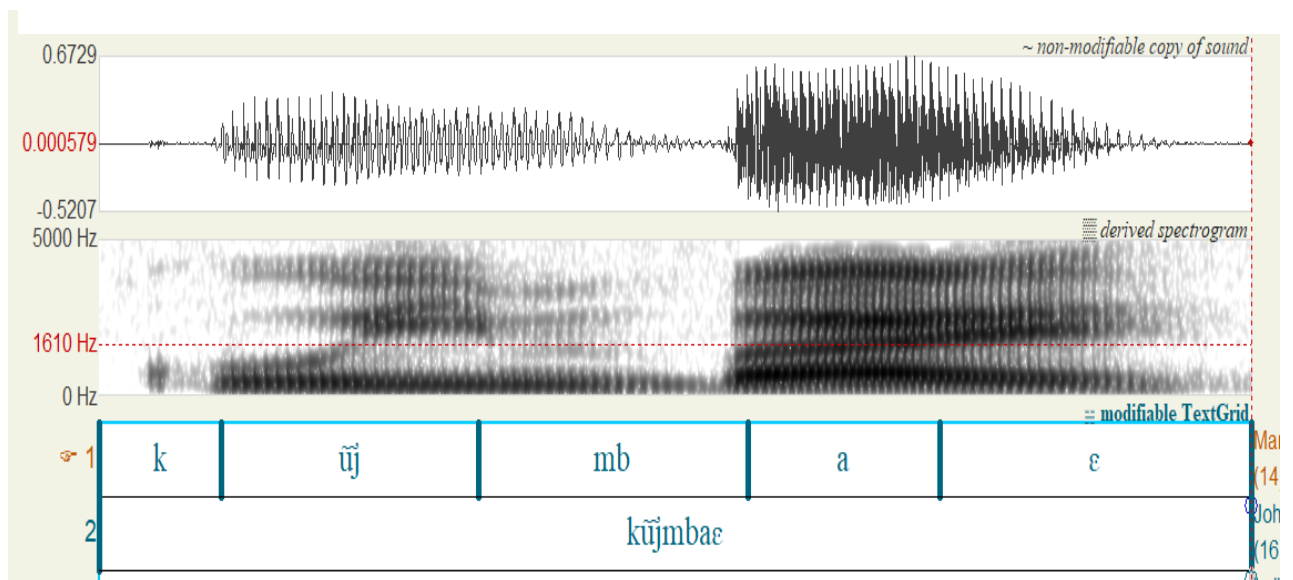
Figura 52: africada palatal vozeada [dʒ] – Isoleño



4.1.2.3.3 Pré-nasais:

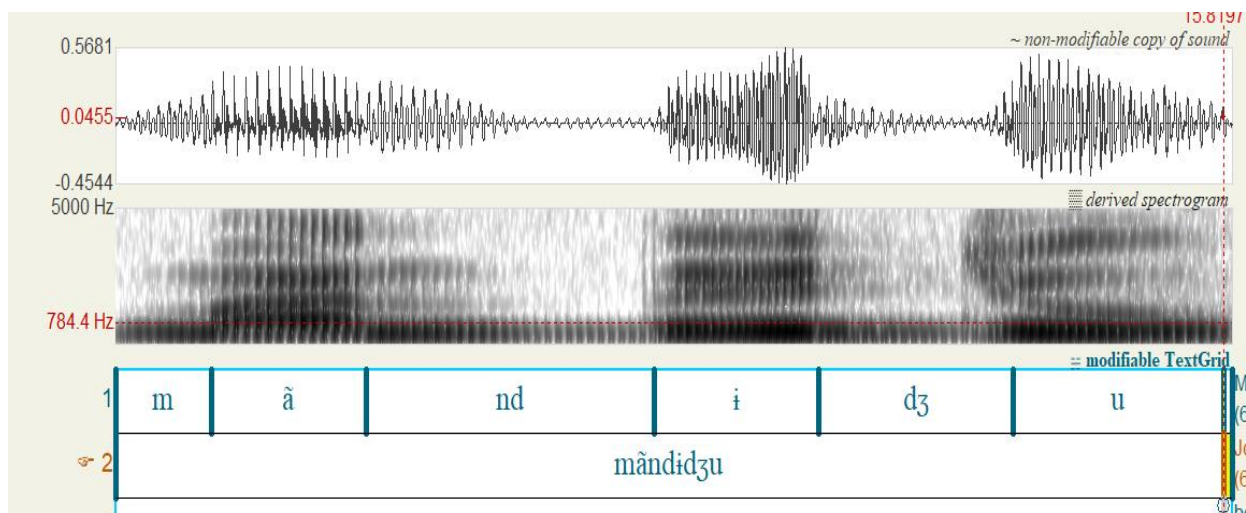
[mb]

Figura 53: pré-nasalizada bilabial- Isoleña [mb]



[nd]

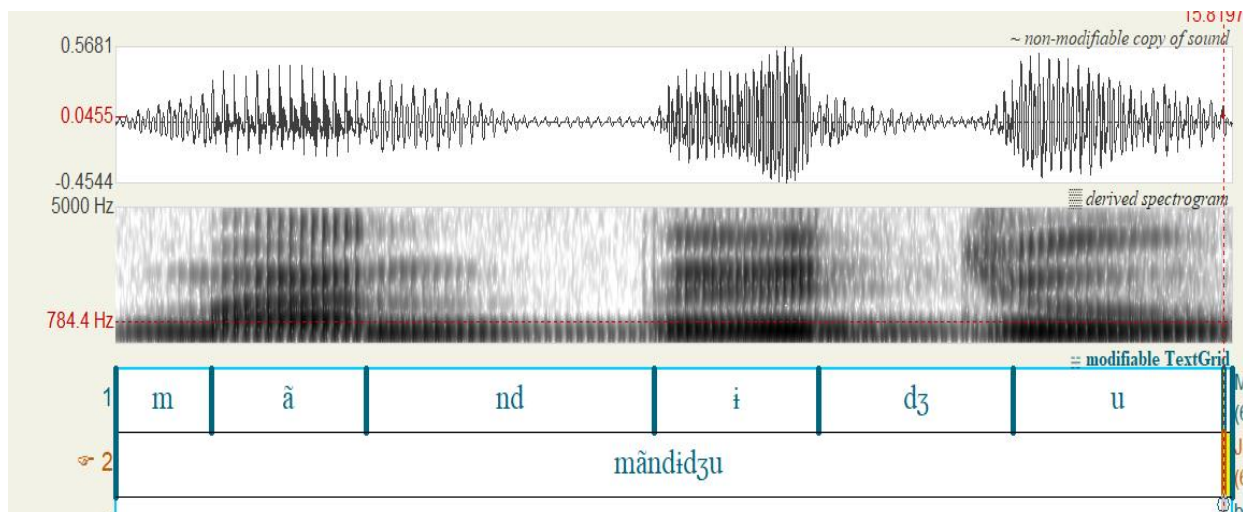
Figura 54:pré-nasalizada alveolar [nd] – Isoleño



4.1.2.3.4 Nasais: [m], [ɲ]

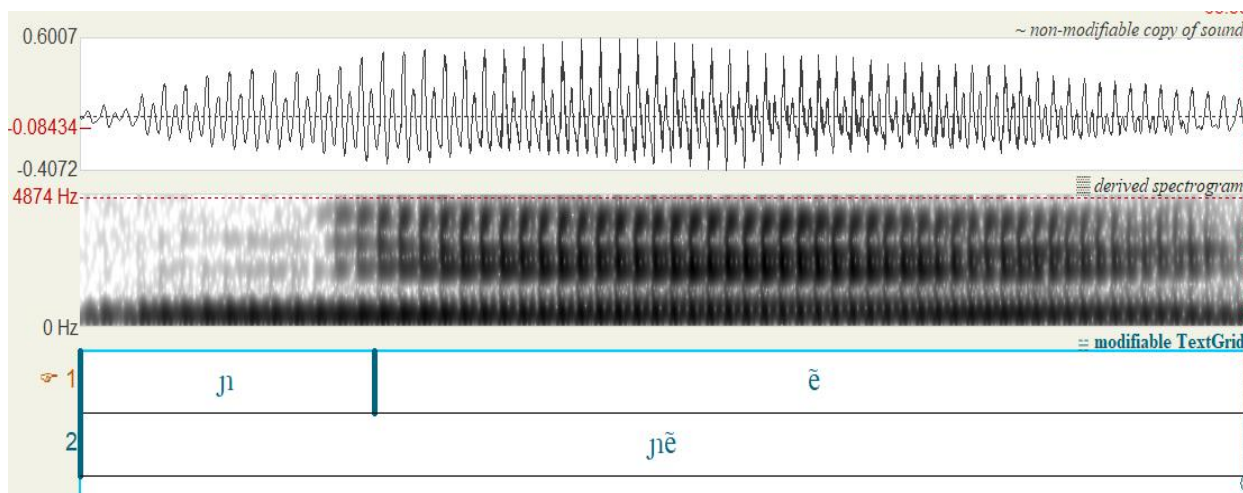
[m] inicial

Figura 55: nasal bilabial [m] - Simba



[ɲ] inicial

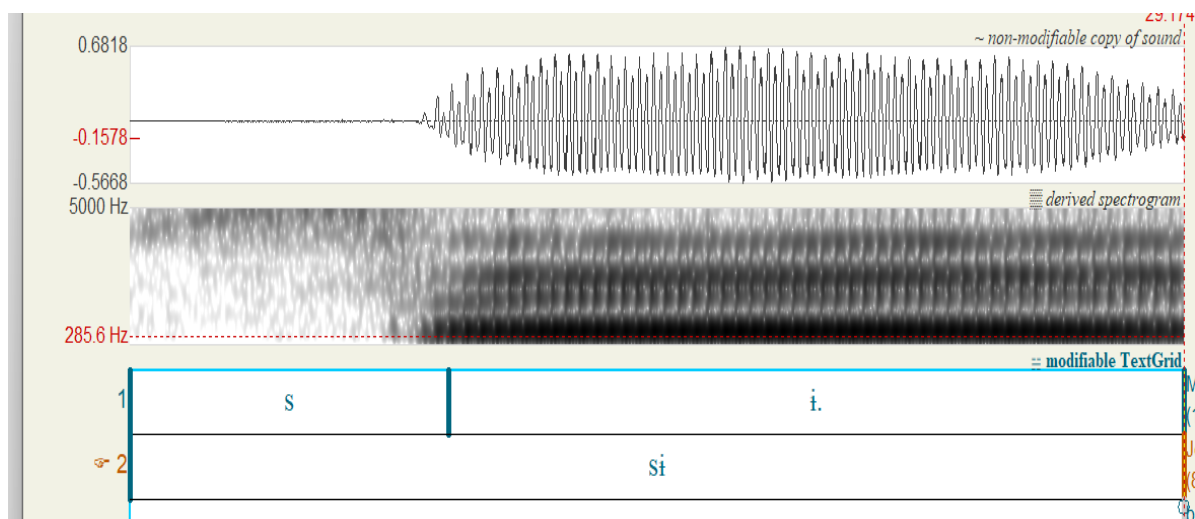
Figura 56: nasal palatal [ɲ] - Ioseño



4.1.2.3.5 Fricativas [s], [h]

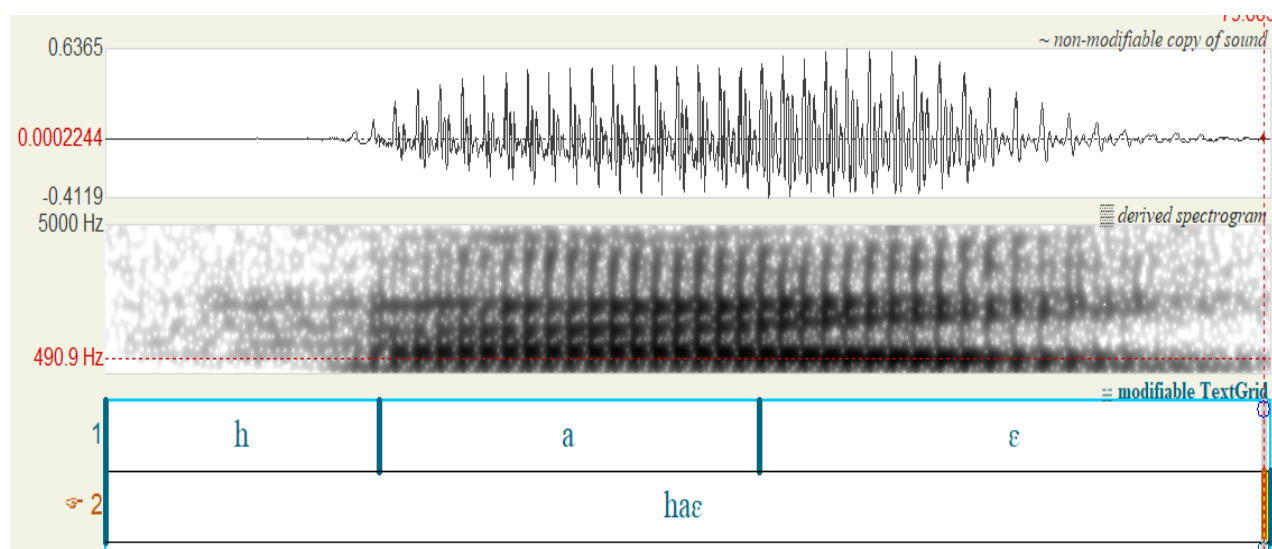
[s] inicial

Figura 57: fricativa alveolar não vozeada [s] – Isosẽño



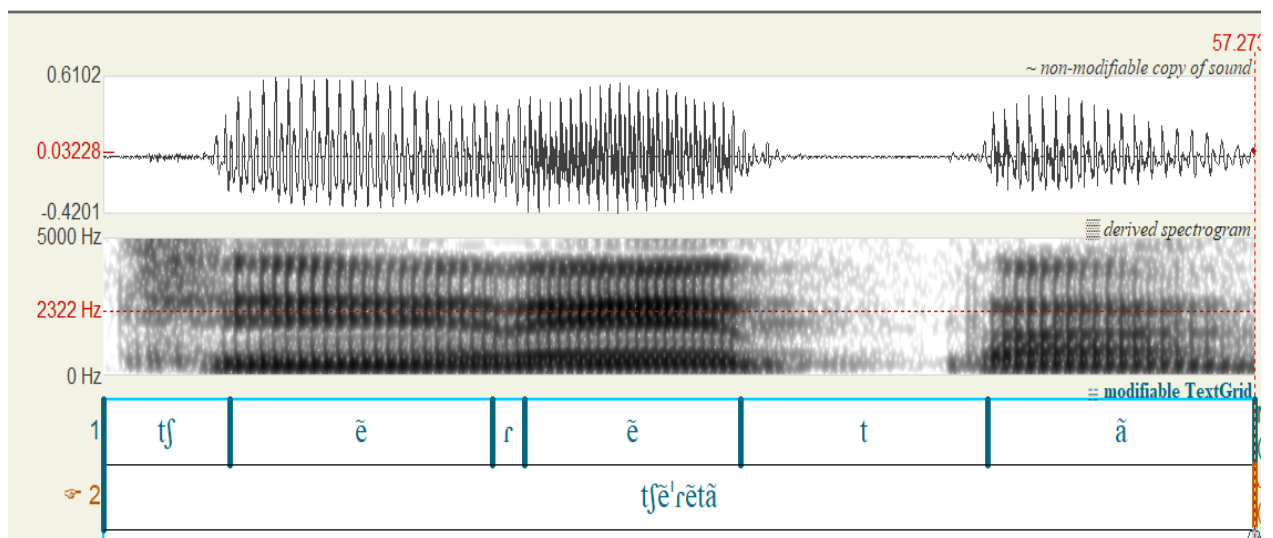
[h] inicial

Figura 58: fricativa velar não vozeada [h] - Isosẽño



4.1.2.3.6 Tap alveolar [ɾ]

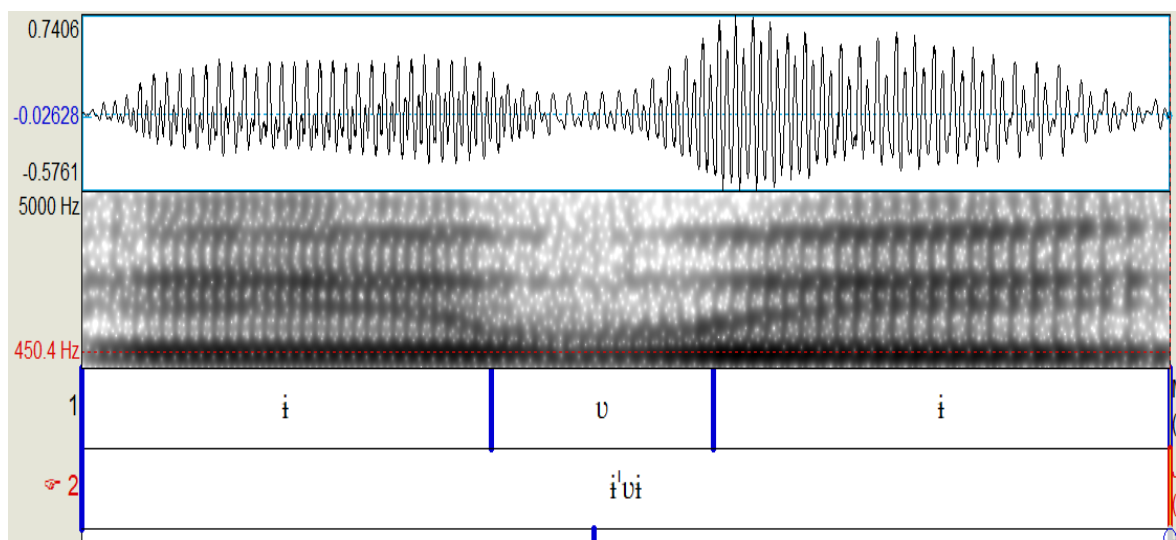
Figura 59: tap alveola [ɾ] - Isoleño



4.1.2.3.7 Aproximante labiodental [ʋ]

Tal como observado na produção da falante Simba, o falante Isoleño, também produziu uma aproximante na produção da palavra para ‘chão’, ‘terra’:

Figura 60: som aproximante labiodental [ʋ] isoleño



Assim, elencamos os seguintes sons consoantais do Ioseño⁵⁸:

Quadro 8- Consoantes do Ioseño

	ISOSEÑO				
	LABIAIS	LABIODENTAL	PALATAIS	VELARES	GLOTAL
OCCLUSIVAS	[p]	[t]		[k]	[ʔ]
PRÉ-NASALIZADAS	[^m b]	[ⁿ d]		[^ŋ g]	
NASAIS	[m]	[n]	[ɲ]		
LABIALIZADAS				[k ^w] [g ^w]	
AFRICADAS			[tʃ] [dʒ]		
FRICATIVAS		[s]			[h]
TAP ALVEOLAR		[r]			
APROXIMANTES	[v] [w]				

A partir da análise dos nossos dados, foram observadas diferenças mínimas entre as três parcialidades. Talvez a mais marcante seja a reduzida produção da oclusiva glotal [ʔ] pelos *Ioseño* nos mesmos ambientes em que as parcialidades *Ava* e *Simba* a produzem, mas, o fato de ela ser articulada em alguns ambientes, pode sugerir um possível processo de mudança, uma vez que foram observadas produções da glotal para demarcar fronteira das palavras. D’Angelis, em comunicação pessoal, sugeriu que nos casos em que uma oclusiva glotal ocorre no interior de uma palavra, em *Ava* e *Simba*, no *Ioseño* parece estar sendo substituída por glotalização, que pode ser um passo de um processo cujo final seja mesmo o apagamento dessa consoante. O professor sugeriu observamos dados do *Ioseño* em que uma oclusiva glotal interna à palavra (e assim realizada em *Ava* e *Simba*) ocorra em palavra não iniciada por glotal, como as palavras “so ’o”, “ka ’a”, produzidas por outras variedades com a glotal medial.

Abaixo, apresentamos esses dois dados:

⁵⁸ Neste Quadro apresentamos os sons consonantais existentes na variedade *ioseña*, porém não todos os são apresentaram uma descrição nos espectrogramas, como foram os sons [n], a pré-nasal [mb] e a aproximante labiovelar [w]. Fica para uma futura e novas pesquisas.

Figura 62: Glotal Ioseña em 'so'o'

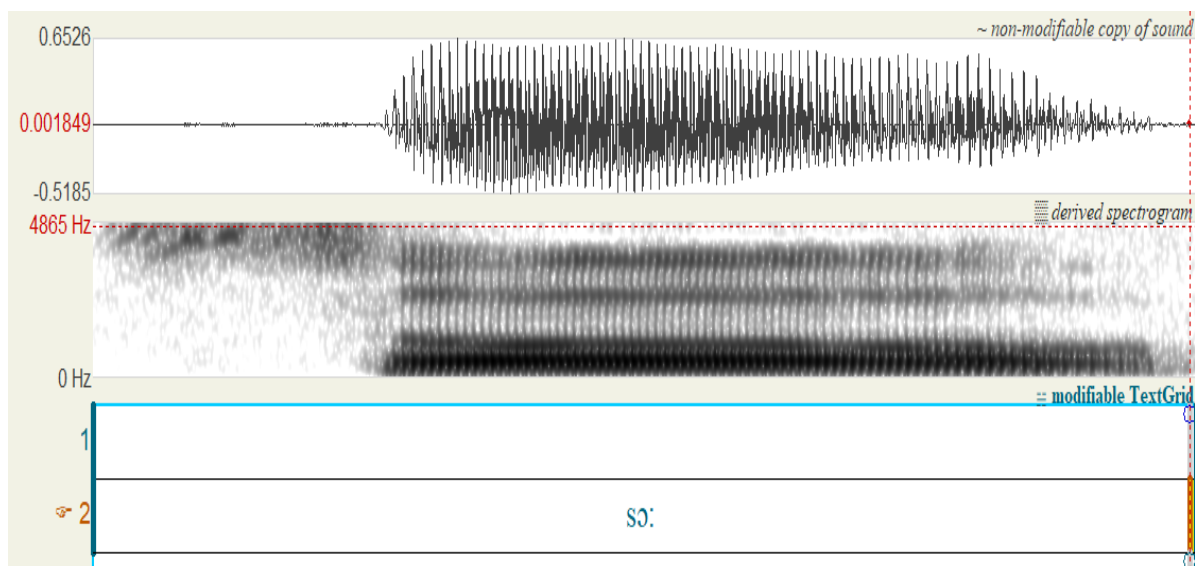
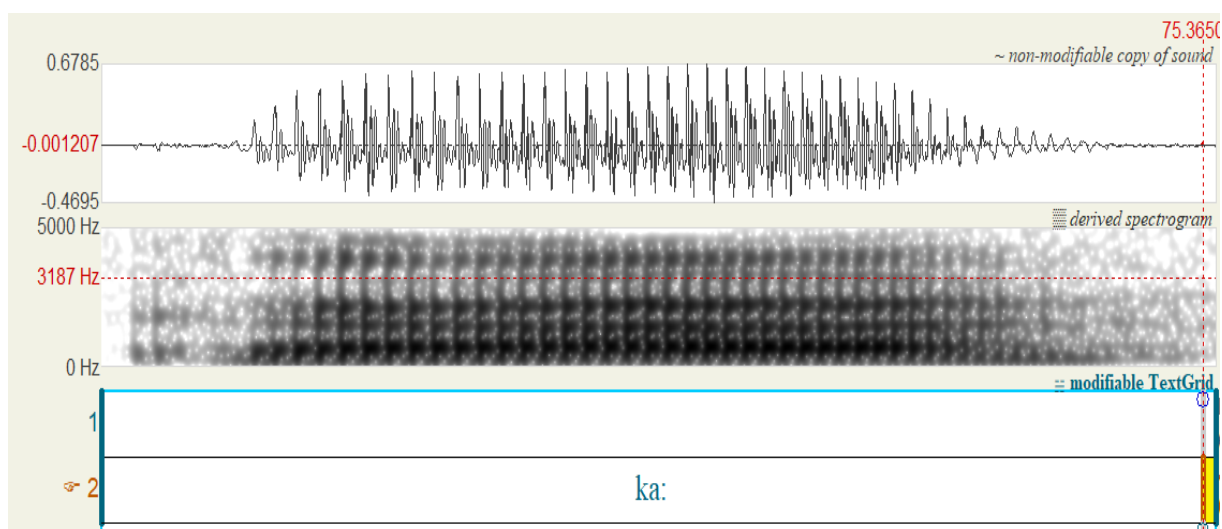


Figura 61: Glotal Ioseña em 'ka'a'



Nos dois espectrogramas acima, como sugeriu D'Angelis, a oclusiva glotal é substituída por marcas de glotalização nas vogais adjacentes, fazendo um tipo de alongamento compensatório na vogal.

Dentre as três parcialidades, no *Isoseño*, é mais comum que a posição tônica da palavra seja a posição imediatamente pré-tônica das mesmas palavras, nas variedades Ava e Simba;

Abaixo, um exemplo:

Ava:	[gwi ¹ ra]	‘pássaro’
Simba:	[gwi ¹ ra]	‘pássaro’
Isoseño:	[¹ gwira]	‘pássaro’

4.2 Fonologia

4.2.1 Sistema Vocálico

O sistema vocálico do Guaraní Chiriguano (variedades *Ava*, *Simba* e *Isoseño*) contrasta doze fonemas vocálicos, seis orais e seis nasais. Fonologicamente, são muito semelhantes às outras línguas da família Tupi-Guarani, opondo duas alturas, vogais altas e baixas, ainda que foneticamente as vogais menos altas /ɛ/ e /ɔ/, sejam realizadas /e/ e /o/ respectivamente, condicionadas pelo ambiente, especialmente, em sílabas não acentuadas. Destaque-se, ainda, que a nasalidade das vogais é distintiva, o que é uma característica da língua em suas diferentes variedades.

Quadro 9– Sistema vocálico do Chiriguano (Ava/Simba/Izoceño)

	Oral	Nasal	Oral	Nasal	Oral	Nasal
+ALTAS	/i/	/ĩ/	/i/	/ĩ/	/u/	/ũ/
-ALTAS	/ɛ/	/ẽ/	/a/	/ã/	/ɔ/	/õ/

4.2.2 Sistema consonantal

Segundo propõe Ivo (2018, p. 195), a teoria dos traços distintivos e o princípio da organização dos segmentos de uma língua em classes naturais podem ser efetivos na compreensão da fonologia da língua Guaraní. Para a pesquisadora, o princípio de classes

naturais é fundamental à concepção dos traços distintivos por possibilitar o agrupamento dos segmentos que apresentam um ou mais traços em comum, que podem sofrer juntos os mesmos processos fonológicos ou não, que podem ocorrer nos mesmos ambientes das regras fonológicas, sofrendo, portanto, os mesmos processos de alternância, de assimilação etc.

Segundo Hyman (1975, p. 130-40), quatro critérios podem ser utilizados na identificação dos segmentos que pertencem a uma mesma classe natural:

[...] os dois segmentos sofrem juntos regras fonológicas, b) os dois segmentos funcionam juntos nos ambientes das regras fonológicas, c) um segmento é convertido no outro por uma regra fonológica, d) um segmento é derivado no ambiente do outro segmento (como nos casos de assimilação) (HYMAN, 1975, p. 130-40)

Um dos processos fonológicos significativos na língua Guarani é a harmonização nasal, que ajuda esclarecer, também, o agrupamento dos fonemas em classes, considerando-se as fontes, os alvos e os gatilhos da nasalidade. Esse processo fonológico é apresentado na seção a seguir.

4.2.3 Harmonia nasal

Vários estudiosos, (Barrat 1981;Dooley 1998), entre outros, consideram a harmonia nasal como uma característica distintiva da fonologia Tupi-Guarani. Uma das características mais sobressalentes das línguas dessa família é a presença da harmonia nasal, ou seja, “a tendência de os sons de uma palavra terem o mesmo valor nasal/não-nasal que seus vizinhos” (ESTIGARRIBIA⁵⁹, 2020, p. 9).

González (2005 p. 64) “apresenta a harmonia nasal, como um processo pelo qual uma raiz lexical nasal desencadeia sua nasalização para vogais e consoantes adjacentes”. Portanto, nas línguas TG, a nasalização é considerada um traço prosódico que afeta uma palavra inteira e pode até se espalhar pelos afixos. Na mesma perspectiva, Daviet⁶⁰ (2016) salienta dizendo que “a harmonia nasal é, portanto, um fenômeno que nasaliza total ou parcialmente uma área além do único segmento adjacente (sílabas, raiz, morfema, palavra)”.

⁵⁹ “Lastly, like most other Tupi-Guarani languages, Guarani presents nasal harmony; that is, the tendency for sounds in a word to have the same nasal/non-nasal value as their neighbours” (ESTIGARRIBIA 2020 p. 9). Texto original

⁶⁰ “L’harmonie nasale est donc un phénomène qui nasalise totalement ou partiellement un domaine dépassant le simple segment adjacent (syllabe, pied, morphème, mot)” (DAVIET, 2016 p. 83). Texto original

4.2.3.1 Direcionamento do espalhamento nasal

Segundo Dooley (1998), “em Guarani, a nasalização é predominantemente regressiva, isto é, ela se estende aos sons que precedem o som nasal”. Porém, há estudos que sinalam que este não é o único direcionamento possibilitado pelo espalhamento nasal. Por isso, importa saber, como se inicia e como acaba esse fenômeno para, posteriormente, saber como se indica na ortografia. Em um estudo realizado pelo mesmo autor, com as variedades Guarani Mbyá observou-se que “a nasalização, quando ela começa dentro da palavra, vigora no sentido regressivo até o começo da palavra⁶¹, e pode ter uma leve influência no sentido progressivo também” (DOOLEY, 2006, p. 7), o que sugere que este fenômeno pode ocorrer em ambas as direções da palavra, dependendo do segmento⁶² em que se inicia a harmonia nasal. O espalhamento nasal em algumas variedades Guarani pode ter o espalhamento nasal tanto regressivo (à esquerda), como progressivo (à direita), mas o que predomina é sempre a nasalização regressiva.

Ivo (2018, p. 238) nos diz que: “quando o segmento que desencadeia a harmonia nasal for uma vogal nasal, se dará em duas direções, esquerda e direita”; e para sustentar essa afirmação a autora cita um estudo feito por Davi-Costa (2012);

Em nossa análise da variedade Mbyá estudada, consideramos haver as duas direções no processo de nasalização. Quando o **segmento** que desencadeia o espalhamento da nasalidade é uma **nasal plena**, o fenômeno somente contamina segmentos em núcleos de sílaba à **esquerda**. Somado a isso, todas as consoantes com contorno nasal (sons que realizam uma fase oral por contato com vogais orais tônicas tautossilábicas) espalham nasalidade sempre para a esquerda. E, quando o **segmento** que desencadeia a harmonia nasal é uma **vogal nasal**, a nasalidade espalha-se nas **duas direções** (esquerda e direita), alcançando, muitas vezes, todos os segmentos de determinados vocábulos da língua.” (DAVI-COSTA, 2012, apud IVO, 2018, p. 238).

Guedes (1991) e Dooley (1984;2008) concluem que um segmento que precede outro segmento nasal, ou nasalizado, é igualmente nasalizado. Portanto, a nasalização regressiva, sem importar onde começa, termina somente quando chega no começo da palavra⁶³.

São registrados casos de nasalização progressiva, porém com menor ocorrência do que a nasalização regressiva. O fenômeno acontece quando a consoante seguinte se sonoriza ou a sílaba seguinte se nasaliza, e pode acontecer com certos sufixos ou modificadores dentro do

⁶² “Já os **segmentos nasalizados** são aqueles que são nasalizados através da nasalização que opera no seu ambiente de ocorrência.” (DOOLEY, 2008, p. 5).

⁶³ Aqui é preciso qualificar o que seja ‘palavra’; tratando-se não no sentido lexical, mas sim da palavra fonológica.

sintagma. A este respeito, Dooley (1984) exemplifica como acontece a harmonia nasal progressiva, dizendo;

No verbo **/anhotĩ' i/** [ã.põ.tĩ.ʔĩ] ‘plantei um pouco’, o sufixo ‘i’ ‘diminutivo’ é nasalizado progressivamente por seguir a vogal nasal **ĩ**; no verbo **oma'ẽngatu** [õ.mã.'ʔeⁿg.'tu] ‘olhou fixamente’, o modificador começa com a consoante /ŋ/ escrita /ng/ em vez de /k/ (como ocorre em **oiko katu** [o¹.ko.ka.'tu] ‘aprontou-se’), por seguir a vogal nasal [ẽ] (DOOLEY, 1984. p. 6).

Pode-se observar como se espalha a harmonia nasal por sufixos e modificadores; graças ao fenômeno da harmonia nasal, a consoante oclusiva velar /k/ se harmoniza em /ng/ pela proximidade da vogal nasal prévia, dessa forma nasalizando a sílaba progressivamente.

Ivo (2018, p. 242), em sua pesquisa de doutorado, salienta explicando que existem obstruintes surdas /p, t, ts, tʃ, k, kʷ/ que chegam a ser “transparentes ao espalhamento da nasalização”, mas a autora enfatiza que isso ocorre com o espalhamento à esquerda; porém, “na composição morfológica, à direita, esses segmentos são vozeados e recebem um contorno nasal: [pẽ'tĩ] ‘fumo’ + {-ti} ‘coletivo’ = [pẽ.tĩⁿdi] ‘roça ou plantação de fumo’”(IVO, 2018). O mesmo processo é observado nas obstruintes /p, t, k, kʷ/. Quanto à existência de bloqueadores do espalhamento nasal, a pesquisadora ressalva o que a literatura afirma, quase de forma geral, que nas línguas Guaraní, não existem segmentos bloqueadores da harmonização nasal.

Segundo Drude (2009), Daviet (2016), o Guaraní chiriguano que se fala na Bolívia apresenta um fenômeno de nasalização muito interessante. Os estudiosos compatibilizam que as variedades do Guaraní do chaco boliviano pertencem ao tipo B da tipologia de Piggott (1992).

Não existem registros, na literatura que trata o Guaraní, sobre estudos específicos que tratem a harmonia nasal das variedades do Guaraní falado na Bolívia, embora o fenômeno tenha sido mencionado em vários trabalhos (Dietrich 1986, p. 59; Gustafson 1995, p. 25; Daviet, 2016 p. 83).

Daviet (2016, p. 84) indica que a harmonia nasal no Guaraní chiriguano ocorre de diferentes maneiras. O autor, de fato, define⁶⁴ que “as raízes lexicais em Guaraní da Bolívia podem ser totalmente orais, totalmente nasais ou desarmônicas”;

⁶⁴ “En effet, les racines lexicales en guaraní de Bolivie peuvent être soit entièrement oral [...], soit entièrement nasale [...], ou disharmonique” (DAVIET, 2016 p. 84)

Oral;

- [*iwi*] ‘terre’ ; [*tʃe'rike*] ‘mon petit frère’ ; [*dʒasi'piaw*] ‘nouvelle lune’;

Nasal;

- [*pĩtã*] ‘rouge’ ; [*mĩːtʃãẽ*] ‘enfant’ ; [*tʃõõ'kõkõ*] ‘cœur’;

Disharmonique;

- [*kãm̃bĩ*] ‘sein’ ; [*nã'mwẽĩndĩ*] ‘nous incendions’ ; [*tũ'nãĩga*] ‘beau-père’
(disarmônicas)

A respeito deste fenômeno presente nas análises do pesquisador, ele acrescenta;

No⁶⁵ caso de uma sequência desarmônica, a nasalidade e a oralidade dos segmentos nunca se misturam e ocorrem sempre na mesma ordem: os segmentos nasais aparecem à esquerda do morfema, enquanto os segmentos orais aparecem à direita [...] A terceira observação que nos permite postular a existência de uma harmonia nasal advém da impossibilidade de opor entre si consoantes sonoras, consoantes nasais e consoantes pré-nasalizadas (DAVIET, 2016, p. 84)

Estudos feitos sobre a língua Guaraní coincidem na importância da extensão nasal para a morfologia da língua e como a nasalização pode afetar a forma de certos elementos da palavra. Em um estudo realizado na variedade do Guaraní moderno falado no Paraguai, Estigarribia (2020, p. 40) nos mostra como prefixos e sufixos podem sofrer diferentes alterações na sua estrutura (alomorfes), quando se vêem afetados pela propagação da nasalização. O mesmo autor mostra na seguinte tabela, morfemas com alomorfes consonânticos condicionados pela harmonia nasal:

Quadro 10 - Propagação nasal nos alomorfes

<i>Meaning or gloss</i>	<i>Non-nasal allomorph</i>	<i>Nasal allomorph</i>
<u><i>Prefixes</i></u>		
<i>First person plural active, inclusive</i>	ja-	ña-

⁶⁵ “Dans le cas d’une séquence disharmonique, la nasalité et l’oralité des segments ne se mélangent jamais et se rencontrent toujours dans le même ordre : les segments nasals apparaissent à la gauche du morphème, tandis que les segments oraux apparaissent à droite. [...] La troisième observation nous permettant de postuler l’existence d’une harmonie nasale vient de l’impossibilité d’opposer les unes aux autres consonnes voisées, consonnes nasales et consonnes pré-nasalées”. (DAVIET, 2016, p. 85). Texto original

<i>Second person singular</i>	nde-	ne-
<i>inactive</i>		
<i>Negation</i>	nd-...-i	n-...-i
<i>Agent- demoting voice</i>	je-	ñe-
<i>Reciprocal</i>	jo-	ño-
<i>Causative ('make')</i>	mbo-, mby-, mbu-	mo-, my-, mu-
<u><i>Suffixes and enclitics</i></u>		
<i>in, on, at, to</i>	=pe	=me
<i>Plural</i>	=kuera	=nguéra
<i>Post-stative aspect/</i>	-kue	-ngue
<i>Nominal past tense</i>		

Os exemplos dessas alternâncias indicadas por Estigarribia (2020) mostram como o espalhamento nasal consegue alterar a forma de certos elementos da palavra. Por um lado, se observam as versões orais dos afixos usados quando a raiz não apresenta sons nasais. Em seguida estão as versões nasais, usadas quando a raiz tem som nasal.

O autor apresenta uma lista de palavras nas quais se pode observar como a nasalização se espalha para a maioria dos sons da palavra, porém, “isso⁶⁶ é indicado por uma mudança na grafia apenas para algumas delas (<mb> → <m>; <nd> → <n>; <j> → <ñ>; às vezes <p> → <mb> ou <m>, <k> → <ng> e <g> → <ḡ> também)”(ESTIGARRIBIA, 2020, p. 40).

Ivo (2018) e Estigarribia (2020) indicam igualmente que quando se trata de consoantes não vozeadas, elas se tornam transparentes; ou seja, não são afetados pela nasalização que se espalha pela esquerda, nem impedem sua propagação. Como se pode observar na palavra *kytĩ*, [kỹtĩ] as obstruintes surdas [k] e [t] não são alteradas e deixam espalhar a nasalização até o começo da palavra. No entanto, no caso da transcrição ortográfica, independentemente, de apenas a nasalização de segmentos nasais-orais para segmentos nasais, seja marcada na ortografia, todos os outros segmentos da palavra, excetuando as oclusivas surdas, são assumidos como segmentos com pronúncia nasal:

⁶⁶ “Note in the examples that nasalization spreads to most sounds in the words, but that this is indicated by a change in spelling only for a few of them (<mb>→<m>;<nd>→<n>;<j>→<ñ>. sometimes <p>→<mb> ou <m>, <k>→<ng> and <g>→<ḡ> as well)” ESTIGARRIBIA, 2020, p. 40).

Exemplos⁶⁷;

Quadro 11 – Transcrição ortográfica no espalhamento nasal

Oral	Nasal
ndakarúi [ⁿda.ka. 'ru^j] nd-a-karu-i NEG.1SG.ACT.eat (intransitive)-NEG ‘I don’t/didn’t eat’	nasēi [nã. 'sēⁱ] n-ã-sē-i NEG-1SG.ACT.GO.OUT-NEG ‘I don’t/didn’t go out’
ndaikuaái [ⁿda^j.kwa. 'a^j] nd-ai-kuaa-i NEG.1SG.ACT-know-NEG ‘I don’t/ didn’t know’	namondái [nã.mõ. 'ⁿda^j] n-a-monda-i NEG.1SG.ACT-steal-NEG ‘I don’t/ didn’t steal’
ojekuaa [o.ʒe.k^wa. 'a] o-je-kuaa 3.ACT-AGD-know ‘It is known’	oñenupã [õ.ɲẽ.nũ. 'pã] o-ñe-nupã 3.ACT-AGD-beat. up ‘s/he/it is punished’
Ajohayhu [a.ʒo.haⁱ. 'hu] a-jo-h-ayhu 3.ACT-RECP-POSSM3-love ‘they love each other’	oñohenói [õ.ɲõ.hẽ. 'nõ^j] o-ño-h-enói 3.ACT-RECP-POSSM3-call ‘they call each other’
pendekotýpe [pẽ.ⁿde.ko. 'ti.pe] pende-kotý=pe 2PL.INACT-room=in ‘in/to your (pl.) room(s)’	Peneakãme [pẽ.nẽ.ã. 'kã.mẽ] pene-akã=me 2PL.INACT-head=in ‘in/to your (pl.) head (s)’
jaguakuéra [ʒa.ɥ^wa. 'k^we.ra] jagua=kuéra dog=PL	mitãnguéra [mĩ.tã. 'ⁿg^we.ɾ] mitã=nguéra child=PL

⁶⁷ “On the left I show the oral versions of the affixes, used when the root has no nasal sounds. On the right I show the nasal versions, used when the root has a nasal sound. For every example, a line of phonetic transcription is added that reflects the pronunciation” (ESTIGARRIBIA, 2020, p. 40-41).

‘dogs’	‘children’
--------	------------

Com a exemplificação apresentada, o pesquisador também mostra que a nasalização funciona principalmente para a esquerda. Porém, destaca o fato de que essa propagação regressiva da nasalização diminui com a distância do *gatilho*⁶⁸. “É difícil dar uma regra concreta e apressurada, mas é geralmente aceito que a nasalização não é perceptível mais do que três sílabas longe do gatilho” (ESTIGARRIBIA, 2020, p. 42).

Por outro lado, sabemos também que o Guaraní tem a nasalização progressiva (à direita), mas como já dito, é menos frequente e dessa vez também se mostra a existência de uma extensão limitada para com os segmentos subsequentes. Segundo o mesmo Estigarribia, geralmente apenas a extensão chega à sílaba seguinte, isto, sempre, e quando a sílaba seguinte faz parte da raiz ou é um sufixo adicionado. Para este tipo de nasalização (progressiva), o autor afirma que nenhum som se torna bloqueador, nem mesmo os sons surdos⁶⁹;

Em Guaraní, a nasalização também tem uma extensão limitada para a direita, ou progressiva, para os segmentos subsequentes (geralmente apenas a próxima sílaba), quer a sílaba subsequente seja parte da raiz, ou seja, um sufixo oral adicionado ou enclítico. Os sons surdos não são transparentes a esse tipo de nasalização (são afetados por ela). (ESTIGARRIBIA, 2020, p. 43).

Daviet (2016, p. 83), ao falar da direção da nasalidade, afirma igualmente que ela pode se realizar de modo regressivo, da direita para esquerda, como também progressiva, com a propagação de esquerda para direita. A respeito dos bloqueadores à propagação da nasalidade, o autor fala⁷⁰ que “os segmentos opacos bloqueiam a propagação da nasalidade; há, portanto, uma chamada sequência desarmônica dentro do domínio”(ibid), o que pode se tratar da interrupção ou diminuição da sequência da nasalização em caso de aparecer segmentos bloqueadores. O que não se especifica pelo autor é se o bloqueio acontece em ambas as direções, tanto de forma regressiva como progressiva, ou só com a progressiva. Mas sim afirma⁷¹ que; “os segmentos transparentes permitem a passagem da nasalidade sem ser afetada pela sua

⁶⁸ Entende-se por gatilho, o segmento nasal que dispara ou começa o espalhamento nasal na palavra.

⁶⁹ Texto original “In Guaraní nasalization also has a limited rightward, or **progressive**, spread to subsequent segments (usually the next syllable only), whether the subsequent syllable is part of the root or is an added oral suffix or enclitic. Voiceless sounds are not transparent to this kind of nasalization (They are affected by it).” (ESTIGARRIBIA, 2020, p. 42).

⁷⁰ “Les segments opaques bloquent la propagation de la nasalité : il y a donc une séquence dite disharmonique au sein du domaine” (DAVIET, 2016, p. 83)

⁷¹ “Les segments transparents quant à eux laissent passer la nasalité sans être affectés par son passage”(DAVIET,2016).

passagem”. (Ibid), como foi afirmado por estudiosos como Dooley (1984), Ivo (2018), Estigarribia (2020), Cerno (2011), entre outros.

Na tipologia proposta por Glyne Piggot (1992), o autor propôs que a variação interlinguística na harmonia nasal se deve à variabilidade nas representações dos segmentos⁷². Classifica as línguas com propagação nasal em dois tipos: a) línguas do tipo A, têm subentendidos os fonemas nasais em seu inventário fonológico e podem apresentar segmentos opacos que impeçam a propagação da nasalidade. Os segmentos que podem bloquear a passagem nasal seguem a seguinte hierarquia plosivas < oclusivos < líquidos < semivogais. Porém, os segmentos que levam característica [+nasal], apresentam uma hierarquia diferente: vogais e laríngas < semivogais < líquidos < fricativos. Nestas línguas não há segmentos transparentes (PIGGOT, 1992, p. 45).

Por sua vez, as línguas do tipo B não contêm consoantes nasais em seu inventário de fonemas. O que significa que a harmonia nasal é uma propriedade de um domínio prosódico. “A nasalidade, é, portanto, um traço suprasegmental (um traço flutuante) que é “depositado” em todo o seu domínio de aplicação”. (DAVIET, 2016, p. 83-84). Sendo assim, a harmonia nasal não tem direção de propagação.

Em um estudo realizado por Piggott (1992) no Guaraní do Paraguai, o autor afirma que a nasalidade também é causada por uma vogal fonologicamente nasal. O estudioso complementa dizendo que a difusão da nasalidade nessas línguas nunca é bloqueada; a nasalidade é observada do início ao fim de seu campo de aplicação o que afeta todos os segmentos sonoros. No que se refere às oclusivas surdas e as laríngas, o autor conclui que elas são transparentes e não nasalizam, porém, não há segmentos opacos.

4.2.4 Fonemas das variedades do Guaraní Chiriguano

Abaixo, alguns *pares mínimos*⁷³ com os fonemas vocálicos, apresentados por Dietrich (1986, p. 46)⁷⁴: Nesses dados, o pesquisador só apresentou pares mínimos de duas variedades aqui estudadas, a variedade Ava e Ioseño porque no estudo realizado pelo pesquisador não

⁷² Na fonologia e na fonética, o conceito de “segmentos” refere-se aos sons individuais que compõem uma língua. Esses sons são chamados de fonemas na fonologia e de fones na fonética. Para mais explicação sobre o segmento se pode visitar Peter Ladefoged no seu livro “A Course in Phonetics” 7ª edição (2014)

⁷³ “Os especialistas chamam de pares mínimos às palavras opostas, isto é, com significados diferentes, que apenas diferem uma da outra num único som. Dois pares mínimos diferem na sua representação fonêmica subjacente em pelo menos um fonema. A título de exemplo, citaremos as palavras “rasa” e “casa”, ou ainda “vaca” e “faca”. (Disponível em: <https://conceito.de/fonologia>)

⁷⁴ Embora, comumente não sejam indicados os acentos nas transcrições fonológicas, o autor o faz, o que reproduzimos por fidelidade autoral.

apresenta exemplos da variedade Simba. Com relação aos pares mínimos referentes ao sistema vocálico, Dietrich não separa as variedades, apresenta uma lista de pares, dando a entender que as vogais têm a mesma produção independente das variedades.

/a/ ~ /ã/

tãta /tãta/ ‘duro’⁷⁵

táta /táta/ ‘fogo’

/ɛ/ ~ /ẽ/

jée /héc/ ‘nome dele’

jêe /hẽe/ ‘doce’

/ɔ/ ~ /õ/

o-ke /ókẽ/ ‘ele dorme’

õ-ke /õkẽ/ ‘porta, entrada’

/i/ ~ /ĩ/

íta /íta/ ‘pedra’

ĩta /ĩta/ ‘concha’

/i/ ~ /ĩ/

píta /píta/ ‘ficar’

pĩta /pĩta/ ‘vermelho/colorado’

/u/ ~ /ũ/

túpa /túpa/ ‘cama’

tũpa /tũpa/ ‘principio bom’

Abaixo, apresentamos alguns pares mínimos e alguns pares análogos envolvendo os sons consonantais, apresentados por Dietrich (1986, p. 48-49). Esclarecemos que mantivemos a transcrição morfológica do autor, tal como figura em seu texto. Para evidenciar os morfemas e seus respectivos sentidos, conforme nossa análise, apresentaremos uma proposta de transcrição em casos de usos de mais de um morfema com exemplos trazidos pelo mesmo autor Dietrich (1986, p. 48-49):

/p/ ~ /k/

/póti/ ‘flor’

/kóti/ ‘direção, lado’

⁷⁵ As palavras originais estão em espanhol, neste trabalho foram traduzidas para o português para melhor compreensão do leitor.

/t/ ~ /k/

/hãta/	‘duro’
/hãka/	‘galho’

Nos exemplos a seguir, são apresentados morfemas verbalizados e representam o modo como aparecem os sons consonantais na variedade Ava/Simba (/akwá-ta/) e na variedade Iloseña (/agwá-ta/), respeitando a transcrição autoral, mas com a descrição morfológica da nossa autoria:

/k^w/ ~ /g^w/

/akwá-ta/	‘golpearé’
{a-}	‘1sg.’
{-kwa}	‘bater’
{-ta}	‘partícula de FUT.’

/agwáta ⁷⁶ /	‘caminé’
{a-}	‘1sg.’
{-gwá}	‘caminhar’
{-ta}	‘FUT.’

Embora mantenhamos a transcrição do autor, Dietrich (1986, p. 48-49) que acentua as vogais na transcrição, antes dos dados do autor, apresentaremos a transcrição dos fonemas conforme o IPA:

/tʃ/ ~ /s/

/če-réča/	‘ <i>me vieron</i> ’ (Ava/Simba)
{če-}	‘1sg.’
{-réča}	‘olho/ver’

/če-résa/	‘ <i>mi ojo</i> ’ (Iloseño)
{če-}	‘1sg.’
{-résa}	‘olho’

/nd/ ~ /t/

⁷⁶ Segundo Dietrich (1986) /gw/ - /w/ carecem de oposição, então é substituída por /w/ na maioria das vezes. O uso do /gw/ é mais antigo, e quase não aparecem nas variedades Simba e Ava, só em alguns casos no Iloseño.

/ héndá/	‘su sitio’
{h-}	‘3sg.’
{-énda}	‘lugar’
/héta/	‘muito’
/s/ ~ /h/	
/siwa/	‘frente’
/hiwa/	‘su frente’
{h-}	‘3sg.’
{-iwa}	‘testa’
/j/ ~ /h/	
/y ⁷⁷ iwa/	‘brazo’
/h-iwa/	‘su frente’
{-h}	‘3sig.’
{-iwa}	‘testa’
/r/ ~ /s/	
/apirá-kwe/	‘punta perdida’
{apirá-}	‘ponta’
{-kwe}	‘partícula temporal de pasado’
/api'sakwe/	‘oído perdido’
{apisá-}	‘ouvido’
{-kwe}	‘particula temporal de pasado’
/r/ ~ /t/	
/káru/	‘comida’
/kátu/	‘potente’
/p/ ~ /mb/	
/ãpo/	‘grueso’

⁷⁷ Aqui está sendo utilizado o grafema /y/ para representar o fonema africado vozeado /j/, para respeitar o exemplo do autor (DIETRICH; 1986).

/ãmo/ ⁷⁸	‘ <i>aquel</i> ’
/t/ ~ /nd/	
/aétu/	‘ <i>huelo</i> ’
{a-}	‘1sg.’
{-étu}	‘cheirar’
/aéndu/	
{a-}	‘1sg.’
{-éndu}	‘escutar’
/mb/ ~ /nd/	
/kámbi/	‘ <i>leche</i> ’
/kándi/	‘ <i>cansado</i> ’
/m/ ~ /n/	
/ãmo/	‘ <i>aqué</i> l’
/ãno/	‘ <i>imp.neg. intensivo</i> ’
/nd/ ~ /ng/	
/omóndi/	‘ <i>le asusta</i> ’
{o-}	‘2sig.’
{-móndi}	‘susto’
/o-móngi/	
{o-}	‘2sig.’
{-móngi}	‘llover’

No sistema consonantal Ava/ Simba (A/S), não se reconhece a oposição entre [g^w] - [w] sendo substituída por [w] na maioria das vezes (DIETRICH, 1986, p. 49). A diferença entre o sistema A/S, e I, é porque o sistema I distingue os fonemas /g^w/ e /w/, mas a oposição é de escasso rendimento funcional. Segundo Dietrich (1986 p. 49), isto pode ser devido a que na maioria das vezes gw se interpreta como variante de /w/. O que o pesquisador considera como fato que “corresponde à evolução fonética chiriguana, sendo que /w/ do sistema I, se baseia em

⁷⁸ “Para usar una ortografía que combine, la sistematicidad con la mayor proximidad a la realidad fónica, hemos considerado útil indicar gráficamente las variantes consonánticas determinadas por el contexto; <m> en lugar de <mb> en secuencias nasales <n> en lugar de <nd> en secuencias nasales <ŋ> en lugar de <ng> en secuencias nasales <ñ> en lugar de <y> en secuencias nasales <ch> en lugar de <s> después de [i]” (DIETRICH, 1986, p. 59)

guar. gu- e, propriamente, o sistema I conserva gw, sendo o sistema I o mais conservador” (DIETRICH, 1986, p. 49). Isso significa, segundo o mesmo autor que o sistema I é conservador por optar pela manutenção da oclusiva velar sonora diante da fricativa bilabial, o que não acontece no sistema A/S.

Os dados de campo gravados por nós para a análise fonética, alistados abaixo, apresentam os ambientes de ocorrência dos sons⁷⁹:

Quadro 12 – Lista de palavras gravadas para a análise fonética

Guaraní	Castellano	Português
yuki	sal	sal
mandiyu	algodón	algodão
iyu	amarillo	amarelo
teyu	lagarto	lagarto
osoro	se rompió	rasgado
soo	carne	carne
sii	madre	mãe
che sii	mi madre	minha mãe
yasi	luna	lua
guira	pájaro	pássaro
gwasu	grande	grande
juwai	cola	rabo
kuimbae	hombre	homem
kwape	aquí	aqui
che	yo	eu
che-renta	mi lugar	meu lugar
che-raicho	mi suegra	minha sogra
ñee	idioma/habla	língua, fala
iñee	Su idioma/su lengua	língua, fala dele(a)
iñeengatu	habla fuerte	fala forte
kaa	yerba	erva de chimarrão
jae	él/ella	ele/ela

⁷⁹ As palavras em Guaraní estão com a ortografia atualmente utilizada na comunidade

ivi	tierra	terra
------------	--------	-------

Algumas observações a partir dos dados:

1. **Sons obstruintes /p, t, tʃ, k, ʔ/** ocorrem em todas as posições silábicas. Nunca são gatilhos para a nasalidade;

2. **O som obstruintes /s/**

A obstruinte /s/ pode ser agrupada com a série de obstruintes acima por apresentar o mesmo comportamento, ainda que o seu traço seja [+ contínuo]

3. **O som obstruintes /dʒ/**

Acompanhamos a proposta de Ivo (2018) para o fonema palatal /j/ que quando realizado em ambientes orais, é produzido como [dʒ] e quando em ambientes nasais, como [ɲ], por ser alvo do espalhamento nasal.

4. **Os sons oclusivos labializados [kʷ, gʷ]**

Esses sons sofrem processo da harmonia nasal em ambientes de espalhamento nasal: /kʷ/ pode ser realizado [ŋgw] em nasalização progressiva, como asinalados anteriormente e /gʷ/ pode ser realizado como [ŋw], também em contextos de harmonia nasal, compõem uma mesma classe natural.

5. **Os sons pré-nasais [mb, nd, ng]** ocorrem apenas em ambientes orais e os **sons nasais [m, n, ɲ]**, em contrapartida, apenas em ambientes nasais.

As consoantes pré-nasalizadas, quando em palavras envolvidas em processos de harmonia nasal, são produzidas como nasais plenas homorgânicas. Assim, em distribuição complementar: pré-nasais em ambientes orais e nasais plenas em ambientes nasais.

6. **A aproximantes /v/**

Embora os dados sejam restritos, observou-se, na análise acústica, a produção predominante de /v/ em diferentes posições silábicas, em variação com outros sons labiais, como [w]. Ao considerarmos a oposição do sistema proposta por Ivo (2018), compreendemos

que a posição é de um som na posição labial, como proposto pela pesquisadora. Esses sons soantes são alvos da nasalidade, nunca gatilhos.

7. O tepe alveolar /r/

Como apresentado em outras pesquisas, confirmou-se o fonema /r/, alvo da nasalidade, nunca gatilho. Assim, propomos o seu agrupamento nessa classe dos sons soantes.

A seguir, apresentamos o quadro dos fonemas consonantais, embora observemos uma variação dialetal envolvendo a oclusiva glotal /ʔ/, como também acontece em variedades do Guarani falado no Brasil.

Quadro 13 - Fonemas Guarani Chiriguano

		Labiais	Coronais	Palatal	Velar		Glotal
Obstruintes	[- soante]	/p/	/t/	/tʃ/	/k/	/kʷ/	/ʔ/
			/s/				/h/
Soantes	[+ soante]	/ᵐb/	/ᵐd/	/j/			
		/v/	/r/	/j/		/ᵍw/	

4.2.5 Estrutura silábica do Guarani Chiriguano

Nesta seção, apresenta-se a organização silábica do Guarani Chiriguano, domínio considerado importante conhecer para descrever a função do acento. Considera-se que a sílaba como primeiro domínio prosódico e ponto de partida no qual as línguas estruturam a sua fonologia, devido ao fato de que “as formas das sílabas variam de uma língua para outra e que a silabação é previsível, dentro de cada língua” (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 179).

Corbera Mori (2001, p. 173) considera a sílaba como o “coração” das representações fonológicas, constituindo-se na unidade básica que ajuda a informar como está organizado o sistema fonológico de uma determinada língua. O estudioso também considera a sílaba como uma unidade que não pode ser confundida nem com uma unidade da gramática ou da semântica.

Dietrich (1986) define sílaba como:

Entendemos por sílaba a unidade fonética que, na linguagem, é constituída pela alternância universalmente necessária de núcleos fônicos intensivos - chamados de vogais - e elementos fônicos marginais em termos de sua sonoridade reduzida - chamados de consoantes. Em geral, uma vogal ou a combinação de consoante mais vogal formam uma sílaba; duas ou mais vogais sucessivas formam duas ou mais sílabas. No caso oposto, quando duas ou mais vogais se encontram em uma única sílaba, falamos de ditongos, tritongos, etc. (DIETRICH, 1986, p. 50-51). Tradução própria

Primeiramente, apresentamos dois tipos de sílabas que são utilizadas no Guaraní boliviano, seus componentes e o processo de *re-silabificação* fonética das consoantes pré-nasalizadas. Trata-se da estrutura silábica das palavras e das possíveis sequências das sílabas. Para finalizar esta seção, descrevem-se as sequências das vogais no Guaraní da Bolívia que segundo Daviet (2016, p. 44), “podem ser analisadas como segmentos distintos ou como um único segmento”.

4.2.5.1 Tipos silábicos

Segundo Demolin e Storto (2012, p. 340), “um grande grupo das línguas tupis tem um tipo silábico que se pode esquematizar da seguinte forma: (C)V(V)(C)”. Porém, algumas línguas tupis aceitam consoantes silábicas em coda. Para Aikhenvald (2012), a maioria das línguas tupi-Guarani possuem uma estrutura silábica aberta, tipo (C)V, mas que para outras línguas da mesma família, a última sílaba pode aparecer fechada, gerando dessa forma a estrutura silábica do tipo (C)VC. Isto condiz com a proposta de Rodrigues (1945), quando estabelece as leis fonéticas, na evolução do Proto-Tupí-Guarani para o Proto-Guarani, e o Proto-Tupí, e essas leis são as seguintes:

- 1) as consoantes finais de sílabas tônicas (de vocábulos oxítonos) Proto-Tupí-Guarani conservam-se no Proto-Tupí; 2) as consoantes finais de sílabas tônicas (de vocábulos oxítonos) proto-tupís tornaram-se mediais no Nheengatú, pelo desenvolvimento ou acréscimo de uma vogal breve (-a, -e, -i, -o); 3) as consoantes finais de sílabas tônicas (de vocábulos oxítonos) Proto-Tupí-Guarani desapareceram nos dialetos Guaranis modernos (Avanheém)”(RODRIGUES, 1945, p. 340).

Segundo o próprio Rodrigues (1945), quanto à acentuação nas línguas do Proto-Tupí, registrados nos séculos XVI e XVII, os vocábulos não apresentavam verdadeiramente

paroxítonos, senão vocábulos oxítonos, cuja sílaba final se formava de (C) + V + (C), mas que “se tornavam paroxítonos, na frase, pela afixação de índices vocálicos, monossilábicos e átonos à consoante final” (RODRIGUES, 1945). Como pode-se observar nos seguintes exemplos do próprio autor:

Potar > potári; Poráng > poránga; Piním > piníma; Kúsáb > kúsába; Úb > úba

Sem dúvida que o Proto-Tupí-Guaraní possuía vocábulos terminados em consoantes como; *mén, *ók, *úb, *sém, *potár, *áng, *y-úr etc. Então, verifica-se que todas as palavras, nesta variedade de Guaraní terminadas em (C) consoante (-r, -m, -n, -k, -b, -ng), e acrescidas como índices vocálicos suaves (-a, -i) com o tempo foram perdendo os morfemas sufixais {-a} e como consequência as consoantes finais das sílabas já não são admitidas (C)VC; se tornando palavras oxítonas na maioria das variantes Guaraní faladas no Paraguai e no Brasil, mas que nas variedades bolivianas persiste a acentuação paroxítona, apesar do desaparecimento dos vocábulos terminados em consoante.

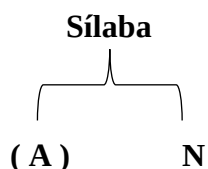
Dietrich (2016) observa que o acento na penúltima sílaba é um traço tipológico próprio de todas as línguas TG bolivianas. E, que a “fixação do acento, talvez pendente do PTG na penúltima sílaba, no subgrupo Guaraní do Chaco deve ser resultado de mudança brusca, já que teve consequências graves na estrutura das palavras” (DIETRICH, 2016, p. 43). As mudanças a que se refere o autor são síncope e simplificações de grupos vocálicos e consonânticos frequentes; por exemplo: guar⁸⁰. *a-jahe`ó > chir. a-jájo* = “choro / chorei”, *a-kyhyjé > a-kýje* = “tive/ tenho medo”, *a-purahéi > a-puráe* “cantei, dancei”, *kanguẽ > kãwe* = “osso” (DIETRICH, 2016, p. 44). Tendo em consideração essas mudanças, explicadas pelos anteriores estudiosos, podemos indicar que as sílabas do Guaraní boliviano terminadas em vogal são sempre abertas.

Para Daviet (2016, p. 41), as línguas que possuem uma estrutura silábica simples têm um inventário consonântico reduzido, enquanto línguas com estrutura silábica complexa CCV, como é o caso do português e o espanhol, o inventário consonântico é mais denso. A construção silábica das nossas variantes de estudo consiste em um *onset* opcional (C) + um núcleo obrigatório. No caso do Guaraní boliviano, a sílaba possui duas classes de estruturas silábicas: o CV, comum na maioria das línguas do mundo, e a sílaba tipo V, que se caracteriza por um

⁸⁰ Para exemplificar, são utilizadas as abreviações dos nomes das línguas, por exemplo; guar. > Guaraní; chir> chiriguano. Assim por diante.

(onset) ou ataque⁸¹ vazio, ou em outras palavras, a sílaba tem um início vazio, mas o núcleo prevalece. Pode-se observar na seguinte figura (1) a estrutura silábica do Guaraní boliviano, segundo Daviet (2016). O ataque opcional é simbolizado pelos parênteses (A) e o núcleo por N:

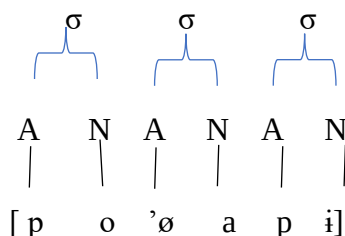
Figura 63: Estrutura silábica do Guaraní boliviano



Fonte: (DAVIET, 2016, p. 42)

A figura abaixo mostra as duas formas de estruturação silábica através da palavra [/po'api/], 'pulso/punho':

Figura 64: Estrutura Silábica da palavra [po'api]



A figura (62) mostra, segundo próprio Daviet (2016, p. 42), “a estratégia utilizada para respeitar a restrição fonotática do Guaraní boliviano que não permite sílabas CVC”, a língua sempre busca manter a estrutura silábica aberta CV. Mesmo em situação de empréstimos, cujas estruturas silábicas sejam do tipo CVC, para serem introduzidas no sistema da língua Guaraní, a consoante é eliminada, como no caso da palavra <açúcar> = [a.'sú.ka], isto como estratégia para conservar a estrutura CV que deve ser sempre aberta.

A posição de ataque em Guaraní, sempre tem uma consoante ou *onset* vazio; “como essa posição é a única ocupada por consoantes, todas as consoantes no inventário fonêmico pode preencher esta posição”(DAVIET, 2016,p. 43). Para o estudioso, os ataques da língua

⁸¹ Segundo as teorias lineares na perspectiva gerativista, as sílabas são unidades fonológicas que se constituem de uma margem esquerda, chamado onset (ou ataque), um núcleo e uma margem direita, chamada de coda.

Guarani chiriguana são sempre simples, nunca complexos. Sendo assim, em situações quando as consoantes como /tʃ/ > {ch}, /dʒ/ > {y} estejam em posição de ataque, representam uma unidade de tempo só, e são analisados como um único segmento.

No caso de algum empréstimo com a estrutura do tipo CCV, precisa se adaptar à fonologia da língua, e uma das estratégias utilizadas é a inserção de uma vogal entre as consoantes. Porém o núcleo silábico, obrigatoriamente deve estar constituído por uma vogal. Por outro lado, Daviet ⁸²(2016) esclarece que;

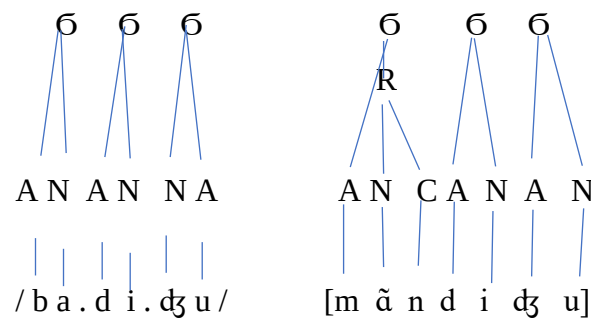
Quando uma sílaba sem ataque segue outra sílaba, uma sequência de vogais heterossilábicas é observada. Como os dois núcleos são fonologicamente distintos, o núcleo silábico nunca é complexo, principalmente por causa do acento que enfatiza a penúltima sílaba. [...]sob certas condições, uma sequência de duas vogais pode ser percebida como um ditongo [...] Em Guaraní da Bolívia, a segmentação da palavra em sílabas é, portanto, realizada de acordo com as duas regras seguintes: Cada vogal fonológica representa o núcleo da sílaba ocupada. Qualquer consoante colocada antes de uma vogal constitui o ataque da sílaba. (DAVIET, 2016 p. 42,43).

É importante também indicar que podem existir casos de *resilabificação fonética*, com consoantes pré-nasalisadas; como mostra Daviet (2016) no exemplo do caso da palavra “algodão”:

O exemplo [...] mostra a resilabificação fonética da palavra "algodão" (/badidʒu/ [mã'ndidʒu]). Fonologicamente, a estrutura silábica é do tipo CV.CV.CV. Foneticamente, a resilabificação leva a uma mudança e a estrutura é do tipo CVC.CV.CV (DAVIET, 2016p. 43).

Pode-se ilustrar no exemplo seguinte ;

⁸² Texto original; “Quand une syllabe sans attaque suit une autre syllabe, on observe une suite de voyelles hétérosyllabiques. Comme les deux noyaux sont phonologiquement distincts, le noyau syllabique n’est jamais complexe en raison notamment de l’accent qui accentue la syllabe pénultième. Nous verrons que sous certaines conditions, une suite de deux voyelles peut être perçue comme une diphtongue [...] En guaraní de Bolivie, la segmentation du mot en syllabes est donc réalisée suivant les deux règles suivantes : 1. Chaque voyelle phonologique représente le noyau de la syllabe occupée. 2. Toute consonne placée avant une voyelle constitue l’attaque de la syllabe.” (DAVIET, 2016 p. 42,43).



Fonte: (DAVIET, 2016)

O componente nasal da consoante funciona como coda da sílaba anterior, mesmo que a pré-nasalidade /nd/ forma parte fonologicamente do fonema em posição de ataque da seguinte sílaba. Devido a isso, a vogal anterior adquire uma maior abertura, numa sílaba fechada da qual a vogal é o núcleo⁸³.

A ressilabificação fonética da palavra [mã'ndidʒu], algodão em Guarani, mostra a mudança que ocorre na estrutura da sílaba, onde se pode perceber que, fonologicamente, a estrutura silábica é do tipo CV.CV.CV. Foneticamente, com a ressilabificação a estrutura muda para o tipo CVC.CV.CV. (DAVIET, 2016. p. 43). Cerno⁸⁴ (2011), em um estudo realizado com as variantes do Guarani correntino, indica que a aparição de coda fonética é possível em posição final absoluta e que este fenômeno pode acontecer, quando a sílaba final termina em vogal tônica (CERNO, 2011, p. 62-63). Dessa forma, o estudioso mostra que a estrutura silábica canônica é compartilhada entre as variantes do Guarani correntino com as outras das línguas Tupí-Guarani do sub-grupo I, grupo ao qual pertencem as variantes que são nosso objeto de estudo.

Depois de ter observado de forma breve, como se estrutura a sílaba nas variedades do Guarani boliviano, se pode prosseguir com as definições que ajudam a entender o que é acento em uma língua. Estigarribia⁸⁵ (2020, p. 36) define acento como a “proeminência relativa de

⁸³ O mesmo processo pode ser considerado como *ambissilabificação* do [n] situação em que o fonema está em duas sílabas ao mesmo tempo.

⁸⁴ “En posición final absoluta, la aparición de una coda fonética es posible, si la sílaba final termina en una vocal acentuada. En este caso, la coda se expresa como [ʔ], [x] o [h], articulados inmediatamente después de la vocal tónica” (CERNO, 2011, p. 62-63). Texto original.

⁸⁵ “Stress is the relative prominence of a syllable with respect to others in the word, indicated by higher volume, higher pitch, longer duration, or a combination of these. It is indicated in a phonetic transcription by a raised vertical line at the beginning of the stressed syllable; [...]” (ESTIGARRIBIA, 2020, p. 36).

uma sílaba em relação a outras na palavra”. O acento pode ser identificado pelo volume mais alto, tom mais elevado, ou duração prolongada, ou a combinação destes. E a forma de indicá-lo em uma transcrição fonética é “através de uma linha vertical elevada no início da sílaba tônica [']” (ESTIGARRIBIA 2020,p. 36).

4.2.6 Acento no Guaraní Chiriguano

Nessa seção, propomos observar como acontece o fenômeno da acentuação nas palavras chiriguanas, levando em consideração estudos feitos por pesquisadores que trabalharam especificamente com essas variedades do Guaraní boliviano. Será analisado o lugar do acento no nível da palavra (4.2.6.1) e, como se comporta nos casos de sufixação (4.2.6.2). É importante esclarecer que as análises do acento serão no nível de palavra isolada, e não no nível da frase. Devido ao fato de que o registro das nossas unidades neológicas está apresentado dentro de um glossário. Entende-se que é possível a existência de mudanças na acentuação das palavras na manifestação do discurso, porém, neste trabalho, fala-se do acento e como ele funciona dentro do lexema⁸⁶.

Ao contrário do que acontece com o Guaraní paraguaio, o chiriguano conhece “duas classes de acentos de intensidade, um do lexema isolado e outro, da sentença, ou melhor da unidade de sentido, que pôde sobrepor-se no primeiro”(DIETRICH,1986, p. 54-55). O acento de intensidade no lexema isolado no chiriguano é paroxítono, o que significa que está sempre na penúltima sílaba, com raras exceções, ao contrário de outras variedades T.G, como o Guaraní paraguaio ou Mbya, ou Nhandewa do Brasil que unicamente tem o acento oxítono no núcleo dos lexemas. O acento paroxítono no chiriguano é um traço tipológico e considerado uma das características mais distintivas entre o chiriguano com a variedade do Paraguai, por exemplo.

Dietrich (2016 p. 43) fala de duas prováveis causas, do acento das palavras isoladas ocorrer na penúltima sílaba; uma probabilidade seria pela influência dos Quéchuas sobre os Guaraní de Itatim e que estes últimos trouxeram para o Chaco. Por outro lado, considera que essa característica seja só um traço areal. “já que o acento na penúltima é um traço tipológico que caracteriza todas as línguas TG bolivianas, tanto o Guaraní como o Guaraní-Pauserna, o Siriono, Horá e Yuki” (DIETRICH, 2016).

⁸⁶ Nesta seção se prefere usar o termo lexema, em lugar de palavra, porque existem palavras e partículas que nunca leva acento, e que não podem ser considerados lexemas.

A literatura especializada indica que a maioria das variedades de Guaraní têm por regra geral, o “acento fixo colocado sempre na sílaba mais próxima ao limite direito da palavra” (CERNO, 2011 p. 63). Na última vogal pertencente à raiz, o que vale como regra para outras línguas da família tupi-Guarani que em sua maioria são línguas oxítonas, com exceção de algumas variedades linguísticas, como por exemplo o Guaraní chiriguano, que tem seu acento na penúltima sílaba, porém possuem palavras paroxítonas. (DIETRICH 1986, 2016, 2004; CERNO 2011, GORDON et ROSE 2006; DAVIET 2016). Como afirma Daviet⁸⁷ (2016 p. 55), a acentuação da penúltima sílaba em Guaraní boliviano e algumas outras línguas do mesmo grupo I⁸⁸ são exceções à acentuação oxítona que é regra generalizada nas línguas da família TG.

4.2.6.1 O acento não é distintivo

Uma característica que as variedades do Guaraní chiriguano partilham com outras línguas da família Tupi-Guarani é que “o acento não é lexicalmente distintivo; é apenas um acento de intensidade” (DEMOLIN e STORTO, 2012, p. 355). Em outras línguas, como o espanhol, onde sim o acento tem uma função distintiva, o acento permite distinguir semanticamente duas palavras que podem ser foneticamente idênticas, mas cuja maior força de voz não é colocada no mesmo núcleo silábico, como ocorre nas palavras *líquido* (substantivo) e *liquido* (conjugação do verbo liquidar da 3ra pessoa do singular no pretérito indefinido).

Para Brandão de Carvalho (2010, p. 96), o acento tem duas funções principais: uma função *culminante* e outra função *integrativa*. A primeira função permite conhecer o número de palavras presentes em um enunciado, isto identificando o número de núcleos de sílabas tônicas. A relação entre a palavra e o acento é biunívoca, o que significa que uma palavra corresponde a um acento, e vice-versa; a segunda função (integradora) permite que o falante perceba as palavras melhor.

⁸⁷ “L’accentuation sur la syllabe pénultième propre au guaraní bolivien, au sirionó ou encore au wayampi sont donc des exceptions à cette règle majoritairement répandue dans la famille”(DAVIET, 2016 p. 55). Texto original.

⁸⁸ El subgrupo I incluye aquellos idiomas relacionados estrechamente con el guaraní antiguo o que descienden directamente de él, un idioma ahora extinto. Este grupo incluye el mbya, kaiwa, (pãi-tavyterã), ndandeva (chiripá) y xetá, los pueblos e idiomas guaraníes indígenas existentes de Paraguay, el norte de Argentina y Brasil. El grupo incluye también el Guaraní criollo, el híbrido castellano-Guaraní hablado por gran parte de la población mestiza e indígenas existentes de Paraguay. El subgrupo II incluye el Sirionó, Gwarayu, yuki y Jorá (extinto), hablados en la cuenca amazónica de Bolivia. El subgrupo II incluye el actualmente extinto Tupí y Tupinamba, idiomas hablados alguna vez entre São Paulo y Rio de Janeiro a lo largo de Brasil en la época de la invasión europea (JENSEN, 1999)”

O acento no Guaraní boliviano é percebido em relação à intensidade proeminente do seu núcleo silábico. Segundo às palavras de Daviet⁸⁹ (2016), “o lugar do acento nas variedades do Guaraní boliviano é, portanto, previsível e tem uma terceira função *demarcatória*, o que permite a delimitação dos limites das palavras” (DAVIET, 2016, p. 55).

4.2.6.2 O acento em caso de sufixação

Aryon Rodrigues (1945) já advertia, que uma das diferenças entre as línguas do ramo Tupí e do Guaraní é justamente a ausência de sílabas finais átonas presentes nas línguas Tupí, porém, no ramo Guaraní são acentuadas, geralmente, na última sílaba.

Esta parte da tese, precisamente, tratará da interação do acento principal com outros elementos da palavra em Guaraní como são os sufixos, quando estão totalmente integrados na palavra e se carregam ou não a maior intensidade. Para exemplificar, serão apresentadas três tipos de sufixos de acordo com seu comportamento com o acento da raiz: **a)** os sufixos não acentuados que, incorporados no lexema, deslocam o acento da raiz para manter a regra do acento paroxítono; **b)** os sufixos que são lexicalmente acentuados, porém, colocam um acento secundário na raiz; **c)** os sufixos sem acento que não afetam nem modificam o lugar do acento.

Costa (2003), em um estudo realizado sobre a fonologia na variedade do Nhandewa-Guaraní Paulista-Paranaense, nos indica que efetivamente “existem as posposições e sufixos átonos, que quando combinados com as palavras oxítonas, resultam palavras fonológicas paroxítonas” (COSTA, 2003, p. 79). Como se pode ver, abaixo, nos exemplos da própria autora:

porã “bonito” + *nda-iry* (negação) = *na+po’rã+iry* “não bonito, feio”
tetã “cidade” + *gwi* (posposição de origem “de”) = *te’tã+gwi* “da cidade”

Ao mesmo tempo a estudiosa adverte que existe, nessa variedade, um grupo de palavras que podem ser confundidas com paroxítonas; “são aquelas em que, ao invés do apagamento da última sílaba átona, o que se nota é uma mudança nesta sílaba” (COSTA, 2003, p. 79); como se mostra o exemplo da mesma autora: G.A.: *oga* = *casa* A.PC.: *óy*

⁸⁹ “Le place de l’accent en guaraní est donc predictable et possède alors une troisième fonction démarcative qui permet de délimiter la frontière des mots” (DAVIET, 2016, p. 55). Texto Original

CERNO (2011), na análise realizada nas variedades do Guaraní *correntino* que se fala em partes do Chaco argentino, definiu o seguinte⁹⁰:

Quando duas ou mais palavras se combinam em uma mesma unidade sintática (determinação, incorporação, reduplicação etc.), a construção segue a regra descrita acima. A sílaba final do construto leva o acento principal, e as sílabas finais das palavras isoladas levam o acento secundário. Isto mostra que tem só um acento primário por sintagma (CERNO, 2011, p. 63).

Lembrando que as variedades estudadas e analisadas por Cerno pertencem ao grupo de línguas que apresentam acento na última sílaba, por isso sua análise indica que o acento principal prevalece na última sílaba (palavras oxítonas) e o elemento adicionado leva o acento secundário. Isso devido a que os prefixos e sufixos são átonos geralmente e quando se acrescenta algum sufixo átono no lexema, o acento não muda de lugar, não se desloca no lugar do sufixo ao limite direito da palavra. Cerno (2011 p. 64), com respeito à regra acima descrita, afirma que são morfemas “invisíveis” à mesma estrutura. Dessa forma, aparecem casos de palavras paroxítonas também no Guaraní correntino, como pode observar nos exemplos apresentados pelo mesmo pesquisador;

#mi'tã-pe# → [mi'tãpe] ‘al niño’
#o-'sẽ-ro# → [os'ẽro] ‘si sale’
#o-'ʔu-ta# → [ho'ʔuta] ‘comerá’

Porém, como em toda regra, tem suas exceções, Cerno (2011) explica que em casos onde aparecem lexemas com sufixos tónicos, o acento principal, se desloca à sílaba final da palavra.

Exemplo: /o'ʔu/+'pa/ → [hoʔu'pa] ‘comeu tudo’ (ibid).

4.2.6.2.1 Sufixos lexicalmente átonos

No caso das línguas chiriguanas, existem uma série de sufixos que são átonos e que na maioria das vezes são monossilábicos átonos e quando são incorporados no lexema, “o sufixo

⁹⁰ Texto original: “Cuando dos o más palabras se combinan en una misma unidad sintáctica (determinación, incorporación, reduplicación, etc.), la construcción sigue la regla descrita arriba. La sílaba final del constructo lleva el acento principal, y las sílabas finales de las palabras aisladas llevan acento secundario. Esto muestra que hay un solo acento primario por sintagma” (CERNO, 2011, p. 63).

átono segue imediatamente o acento, fazendo que o acento do lexema se coloque na última sílaba, ou em um sufixo”(DIETRICH, 1986,p. 56). Como podemos observar nos seguintes exemplos do mesmo autor:

káwi ‘bueno’ – *kawí-a* ‘malo’
áha ‘me voy’ – *ahá-ta* ‘me iré’

Por sua vez Daviet afirma que “estes sufixos estão profundamente incorporados na palavra, de tal forma que eles mudam o lugar do acento⁹¹” (DAVIET, 2016, p. 55). Como podemos observar nos exemplos apresentados pelo mesmo Daviet, (a sílaba acentuada está em negrito e a forma fonológica que mostra a raiz está entre slash //):

- /-’ã/: sufixo de negação

/’kaβi/ ‘bom’ : [i’**ka**βi] ‘vai’
[ika’**βi**-ã] ‘não vai’ (DAVIET, 2016 p. 55).

- /-ka/: sufixo causativo

/-eʈʃa/ ‘ver’ : [o’eʈʃa] ‘ele vê’
[oe’**ʈʃa**-ka] ‘ele mostra (literalmente: ele faz voce ver)’
(DAVIET, 2016 p. 55)..

4.2.6.2.2 Sufixos acentuados

Estudos realizados por Dietrich (1986: 55) descrevem que as línguas chiriguanas podem apresentar situações onde o lexema isolado porta sufixos com acento lexical e que “esses sufixos têm em comum uma estrutura dissilábica” (Ibid). E quando sucede a sufixação de um desses elementos à raiz, a palavra fonológica recebe um segundo acento, muito semelhante com a análises descritas por Cerno (2011) no Guaraní correntino. Porém, o que difere é o posicionamento do acento; “um acento primário na penúltima sílaba, que, portanto, corresponde à primeira sílaba do sufixo e um acento secundário na penúltima sílaba da raiz” (DAVIET, 2016

⁹¹ “Ces suffixes sont profondément intégrés dans le mot de telle sorte qu’ils modifient la place de l’accent” (DAVIET, 2016, p. 55). Texto original

p. 55), isto nas variedades do Guaraní chiriguano. Como pode ser observado no exemplo do mesmo autor:

- /-‘reta/ :‘Pl’

[ka¹rai] ‘étranger blanc’

[ka¹rai-¹reta] ‘étrangers blancs’

Com certos sufixos acentuados, o lexema carrega um acento secundário na penúltima sílaba. Em exemplos como esses, Dietrich (1986) recomenda não chamar de afixos, senão de posposições, sobretudo nos casos em que aparecem sufixos como <-rái>, <-réta>, onde “se trata efetivamente de um lexema, numa forma que antigamente tinham os complementos de substantivos e que se conservaram em combinações fixas” (DIETRICH, 1986, p. 56). Além do mais, todas as posposições são bissilábicas, entanto que muitos sufixos são monossilábicos.

4.2.6.2.3 Sufixos átonos sem modificação

Com respeito a sufixos não acentuados, pesquisadores como Daviet (2016), Dietrich (1986; 2016) e Cerno (2011) coincidem que as variedades do Guaraní chiriguano não levam nenhuma modificação do lugar do acento. O que significa que a intensidade da voz não recai na penúltima sílaba da palavra, porém da raiz. E que esse tipo de sufixo pode ser polissilábico (estramétrico), então pode haver duas até três sílabas atonas após a penúltima sílaba da raiz, ou depois do acento lexemático.

Exemplo:

- /-βae/ ‘ATTR’

[‘ipe-βae]

plat-ATTR

‘pampa’

- /-ko/ ‘?’

[re-wi¹a-ta-ko]

2SG.I-s’habituer-FUT- ?

‘tu vas t’habituer’

Considera-se natural que no caso de acontecer combinações de sufixos, em especial se são átonos, se observem acentos secundários. Desta forma, é sempre a penúltima sílaba a que se leva o acento, assim seja secundário.

São apresentados tres tipos de sufixos que podem ser encontrados no Guaraní boliviano e como é o comportamento do acento com respeito à raiz. Os sufixos não acentuados e que respeitam a regra da penúltima sílaba, os que são lexicalmente acentuados, mas, podem ter dois tipos de acentos e, por último, os sufixos átonos que não interferem no lugar do acento. Vimos que nas variedades Ava, Simba e Ioseño, o acento prosódico dos morfemas e da palavra, isoladamente, recai e prevalece na penúltima sílaba, a língua possui acentuação paroxítona dentro da estrutura do seu léxico.

Na definição sobre acento prosódico, Meddieson (2013, p. 53) define como uma “propriedade abstrata das sílabas, que pode ser percebida nas línguas por um segmento de maior duração, altura ou intensidade”. O que significa que dentro de uma palavra, existem sílabas tônicas com maior intensidade de voz, pronunciadas e percebidas com mais destaque do que sílabas átonas (ou sílabas com menor intensidade de voz).

De acordo com Estigarribia (2020) “Uma vogal nasal ou uma vogal oral na sílaba acentuada de uma palavra é crucial em Guaraní. De fato, tal diferença altera o significado das palavras” (ESTIGARRIBIA 2020, p. 27-28). Isso significa que o contraste entre vogais orais e nasais é fonológico - “serve para criar palavras diferentes em oposição a pronúncias alternativas da mesma palavra” (ESTIGARRIBIA 2020, p. 27-28).

a) Oke	‘ele/ ela dorme’	okê = ‘porta’
b) Piri	‘tapete de fibras’	pirĩ = ‘frio, arrepio’
c) Kói	‘fazenda, chakra’	kõi = ‘par, dupla’
d) Pytu	‘respiração, sopro’	pytũ = ‘obscuridade, noite’
e) Tupa	‘cama’	tupã = ‘Deus’

Essa exemplificação mostra a importância de estabelecer a diferenciação das oposições que existem entre as vogais orais e nasais no Guaraní. As línguas T.G são muito caracterizadas pela participação das nasalidades no sistema da língua e, no caso do Chiriguano, também acontece. A seguir, apresento a função da harmonia nasal nas línguas Tupi- Guaraní em geral, assim como funciona nas variedades chiriguanas.

4.3 Sistema Ortográfico do Guarani Boliviano

O quadro a seguir mostra a representação ortográfica oficial atual, indicada entre (< >), incluindo o fonema central alto /i/, vogal característica das línguas tupi-Guarani, representado com uma grafia própria nas variedades bolivianas, onde se dispensa do til (˘) para a apresentação da nasalidade na sílaba, mas representa sua escrita nasal através do trema (¨).

Quadro 14 – Vogais do Guarani Boliviano

	Anteriores		Centrais		Altas	
	Orais	Nasais	Orais	Nasais	Orais	Nasais
Fechadas	/i/ < i >	/ĩ/ < ĩ >	/i/ < i̇ >	/ĩ̇/ < ĩ̇ >	/u/ < u >	/ũ/ < ü >
Meias	/e/ < e >	/ẽ/ < ẽ >			/o/ < o >	/õ/ < ö >
Abertas			/a/ < a >	/ã/ < ä >		

Para ter uma aproximação das pronúncias das vogais em Chiriguano, as vogais orais /a/, /e/ e, /o/ são muito similares às vogais utilizadas no espanhol, exceto as vogais nasais, (por ser alheias ao sistema fônico do espanhol) e a vogal central alta /i/, (/y/ nas outras variedades de Guarani) cujo som é típico das línguas tupi-Guarani.

Quadro 15 : Sistematização da escrita

SÍMBOLO FONÉTICO	SÍMBOLO ORTOGRÁFICO	USO	SIGNIFICADO
/p/	p	pepo	asa
/t/	t	takareo	galo
/k/	k	kuarai	sol
/m/	m	membi	filho(a) da mulher
/ᵐb/	mb	mboi	serpente
/n/	n	nambi	orelha
/ⁿd/	nd	nde	você
/ⁿg/	ng	ngote	cigarra
/gʷ/	gu	guasu	grande

/tʃ/	ch	che	eu
/s/	s	soo	carne
/r/	r	renda	lugar
/v/	v	vevii	suave
/dʒ/	y	yuki	sal
/ɲ/	ñ	ñee	língua
/h/	j	jou	comeu

4.3.1 Representação Ortográfica e Breve história do *Achegety*

Originalmente o Guarani, assim como outras línguas originárias do continente foram de caráter exclusivamente oral e não tinha forma escrita, até o contato com os europeus, (espanhóis ou portugueses). Após a colonização espanhola, os missionários jesuítas e franciscanos criaram sistemas de escrita baseados no alfabeto romano, o que lhes permitiu escrever as primeiras gramáticas e dicionários. Exemplificando o caso da língua Guarani do Paraguai, Estigarribia (2020) expõe que “a padronização generalizada da ortografia ocorreu pela primeira vez em 1950 e o sistema proposto então é o que está em uso hoje” (ESTIGARRIBIA 2020, p. 46), aclarando que com algumas alterações, e que assim como muitas línguas européias, o Guarani tem um mecanismo de escritura horizontal, da esquerda para a direita.

O mesmo Estigarribia nos traz uma aproximação à etimologia da palavra *Achegety*⁹²:

Os grafemas Guarani (letras e combinações de letras) são organizados em um alfabeto chamado *Achegety*, a partir dos nomes das três primeiras letras, a, che, ge, e o sufixo plural coletivo -ty (*achegety*, então, significa algo como ‘conjunto dos a, che, ge’s’). Uma grande vantagem deste sistema é que cada grafema (seja uma letra ou um dígrafo composto por duas letras) corresponde a um fone básico da língua (ESTIGARRIBIA, 2020, p. 46).

Entre as vantagens do sistema escrito do Guarani cada grafema, seja letra ou dígrafo⁹³, representa um fonema específico. Entre outras características ortográficas, o Guarani apresenta dois *sinais diacríticos* – o acento agudo (´) para identificar uma vogal oral que carrega o acento principal do lexema morfológico, no caso da variedade do Guarani falado no Paraguai. Nas

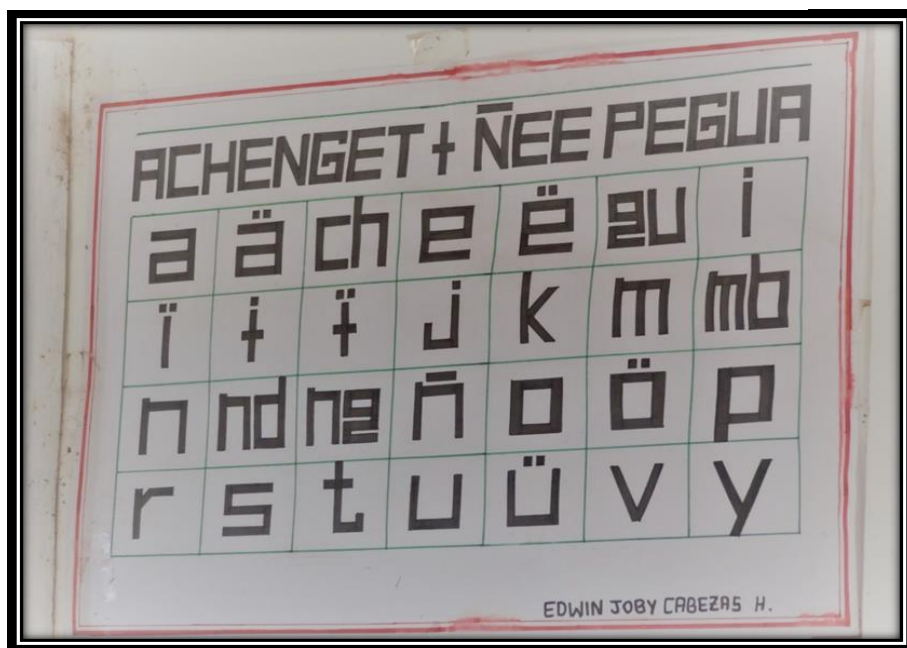
⁹² Texto original: *The Guarani graphemes (letters and letter combinations) are organized in an alphabet called Achegety, from the names of the first three letters, a, che, ge, and the collective plural suffix -ty (achegety, then, means something like ‘set of the a, che, ge’s’). A major advantage of this system is that each grapheme (be it a letter or a digraph) corresponds to one basic phone of the language” (ESTIGARRIBIA, 2020, p. 46).*

⁹³ Grafema composto por duas letras, mas que representa um som só.

variedades chiriguanas não existe a representação ortográfica do acento; também está o til nasal (~) para identificar vogais fonologicamente nasais, a cuja representação pertencem as variedades do Guaraní falado no Paraguai e no Brasil, porque nas variedades do Guaraní boliviano, a nasalidade é representada pelo trema (¨), como já foi mencionado anteriormente. Outra das principais diferenças entre a variedade falada no Paraguai e algumas do Brasil, com as variedades de Bolívia, é o uso do grafema <'> para representar a oclusiva glotal que recebe o nome de *puso* (*pu* ‘som’ e *so* ‘corte’) que segundo alguns estudiosos, nas variedades do Guaraní chiriguano, seu uso foi praticamente abandonado⁹⁴ (DIETRICH, 1986 p. 54). Contudo, é crucial ressaltar neste estudo que, mesmo que a representação ortográfica e seu uso tenham sido deixados de lado, conforme Dietrich, nesta pesquisa tem sido identificada ao menos nas expressões verbais dos Ava e Simba, como evidenciado nos espectrogramas.

Esse tipo de prática sobre diversificação na escrita de línguas indígenas é considerado completamente normal e natural já que a “diversificação ortográfica, não é, necessariamente, prejudicial à língua indígena ou à unidade de um povo” (D’ANGELIS 2023, p. 1), defendida pelo estudioso ao propor também que a unificação ortográfica deve estar sempre acompanhada e avaliada pelas comunidades interessadas (D’ANGELIS, 2005).

Figura 65: Achengueti ñee pegua; abecedario do Guaraní chiriguano



Fonte: Paredes (2019)

O *Achengeti*, ou alfabeto da língua Guaraní boliviana, foi adotado em 1979, graças às persistentes *Ñomboati*⁹⁵ (reuniões, assembleias) coordenação e participação das comunidades indígenas de cada grupo étnico, dirigentes Guaraní e sábios e conhecedores da língua (*arakuaíyasm*) que estipularam e concordaram que as vogais teriam a seguinte representação escrita para as variedades que compõem as línguas chiriguana da Bolívia:

Quadro 16 – As vogais Chiriguanas

a, e, i, o, u, i
ã, ë, ï, ö, ü, ï

No início, para marcar a nasalização foi escolhido o til < ~ >, assim como funcionam atualmente, nas variedades do Paraguai e do Brasil. Porém, por questões de praticidade do uso das antigas máquinas de escrever, tornou-se mais fácil adotar o uso do trema < ¨ > como marcação da nasalidade das vogais, e ainda hoje se mantém em vigor esta prática.

Por sua vez, a representação ortográfica das consoantes são:

Quadro 17: As consoantes Chiriguanas

ch, g, j, k, m, mb, n, ñ, nd, ng, p, r, s, t, v, y
--

No ano de 1998, no congresso *Ñeeroiki*, (o florescer da palavra) realizado na cidade de Camiri, se confirmou a ortografia da língua Guaraní utilizada na Bolívia. Essa ortografia ganhou aceitação geral dos falantes e tem sido amplamente utilizada na literatura educacional, em produção de materiais didáticos, dicionários, e na literatura religiosa e política. Entre os acordos formais e a dinâmica da prática, os processos de normalização estão se desenvolvendo aos poucos. Por exemplo, foi determinado que o acento nas palavras não teria representação ortográfica, mas na prática, alguns escritores às vezes usam acentos e em alguns casos chegam a usar a oclusiva glotal (ʔ). Por outro lado, também ocorrem divergências e há disputas

⁹⁵ “A reunião ou assembleia (*Ñemboati*), origem ancestral da atual Assembleia do Povo Guaraní (APG), é o principal instrumento institucionalizado para buscar e fortalecer o consenso entre os Guaraní da Bolívia. As *Ñemboati* se realizam no nível das comunidades, da região e no nível nacional, e está precedida pela autoridade principal o *Tëta Ruvicha*” (PAREDES, 2009, p. 40).

ortográficas frequentemente ligadas às variações dialetais. Por exemplo, se disputam limites de palavras e afixação e os efeitos fonéticos da nasalização são particularmente problemáticos. Sobre isso, Gustafson (2014) explica:

A nasalização é uma característica dos lexemas, mais do que dos fonemas (geralmente se origina na sílaba acentuada, ou seja, na penúltima). No discurso, há difusão de nasalidade através de lexemas nasais, ultrapassando fronteiras morfológicas, e a acentuação também pode mudar. As ortografias iniciais costumavam marcar a nasalização no ponto onde era primeiro audível ou onde recaía o acento. No Congresso de 1998, decidiu-se que, devido à sua natureza nasal, as raízes seriam reconhecidas como "donas da nasal" - de acordo com o conceito guarani de "i-ya", que significa "dono" ou "patrão espiritual". Dessa forma, a nasalidade é marcada em seu local de origem, e a difusão fonética da nasalidade não é mais marcada (GUSTAFSON, 2014, p. 326). Tradução própria.

Exemplificando a argumentação do teórico, a mudança aconteceria da seguinte forma:

che- ‘1SG’ + *-kü* ‘língua’ = ‘minha língua’

forma antiga: *chëku* [chëkü]

forma nova: *chekü*

(GUSTAFSON, 2014, p. 326)

Entre outras controvérsias ortográficas estão a distinção [ch/ s/ j] e a transição de [s] para [h] isto na variedade isoseña, assim como também a diferenciação [nd/-n-] que acontece com prefixos de alguns verbos na variedade simba. Conflitos ortográficos como os acima indicados, aprofunda ainda mais as distinções dialetais. A falta de um plano estratégico pedagógico faz com que se evite criar consciência de diferenciação dentro da unidade; ser unidos na diversidade significa entender que existe a distinção entre Guarani escrito e falado. É preciso criar consciência que a escrita pode ser unificada e a fala ser diversificada.

O pesquisador e linguista Corbera Mori (1997), em uma proposta de construção de um sistema escrito para línguas tradicionalmente orais, dá a seguinte recomendação; “há que considerar tanto os fatores estritamente linguísticos quanto aqueles de ordem pedagógica, psicolinguística e sociopolítica” (CORBERA, 1997, p. 24). O autor apresenta alguns critérios a ser considerados quando se trata da elaboração do sistema escrito para línguas de tradição oral para evitar conflitos ou controvérsias. O mesmo pesquisador afirma que um sistema de escrita deve ser científico e socialmente aceitável, não sendo apenas determinado por critérios linguísticos e pedagógicos.

Os princípios científicos referidos pelo estudioso são do tipo linguístico, pedagógico, psicolinguístico e prático, como também algumas variáveis externas consideradas, pelo autor,

como fatores extralinguístico (ibid). Entre os princípios técnicos - científicos a serem considerados para normalizar uma ortografia, recomendada por Corbera Mori (1997, p. 24-25-26-27), estão os fatores linguísticos que promovem uma elaboração dos sistemas ortográficos sob critérios sistemáticos da teoria linguística. Mori (1997) afirma que “a proposta de escrita das línguas indígenas não deve depender simplesmente da boa vontade das pessoas ligadas a esta causa” (MORI, 1997, p. 25). O que, na realidade, se espera é que as grafias selecionadas representem os fonemas de uma determinada língua – “as variações alofônicas e de registro não são representadas”. Provavelmente o fator que mais peso tem no chiriguano seja o extralinguístico, sendo o que está predominando na hora de padronizar a ortografia do Guaraní chiriguano.

A respeito da relação escrita e som, Pike (1938) indica que “na escolha dos símbolos para o alfabeto, assume-se a existência de uma relação biunívoca entre os fonemas e seus respectivos grafemas” (PIKE, 1938, p. 88). Acredita-se, portanto, que “a escrita deva ser o espelho daquilo que os falantes pronunciam” (MORI, 1997, p. 25). Porém, o mesmo autor acredita que há fatores não linguísticos que rompem com o famoso princípio “*one letter, one sound*”, o que pode estar acontecendo com o processo de standardização do alfabeto em chiriguano. A escrita nem sempre pode acompanhar e estar relacionada com a língua falada, e mais quando questões de variedades dialetológicas estão envolvidas, por um lado, e pelo outro interesses políticos, que muitas vezes pesam mais do que os interesses linguísticos. E assim as divergências continuam.

Para resolver parcialmente algumas tensões, são apresentadas mudanças ortográficas, como a ideia de Shuchard (1979) que adaptou a princípio <x> para as variações fonéticas [ch/s/ʃ], iniciativa que se acredita teria resolvido uma linha principal da distinção entre ava-isoseño-simba. Por outro lado, Gustafson (2014) indica que surgiram dois acontecimentos ou processos relevantes que permitiram abrir a possibilidade de modificar a ortografia;

- A busca da unidade no Guaraní paraguaio foi citada como uma justificativa para usar <h> (em lugar da atual <j> ou /h/), <y> (para a atual <i> ou /i/), <j> (para a atual <y> ou /j/), e para a readoção do til <~> para marcar a nasalização⁹⁶.
- Devido ao aumento do uso do Guaraní no ambiente virtual, por exemplo no e-mail, os usuários começam a usar <y> em lugar de <i> devido a sua facilidade

⁹⁶ Em 2011 foi criada oficialmente, no Paraguai, a Academia de la Lengua Guaraní, e em 2016 essa Academia aprovou *Las reglas ortográficas del Guaraní*.

de uso e disponibilidade. No e-mail, a maioria dos usuários também deixam de marcar a nasalidade (") porque é difícil marcá-la em muitas interfaces de e-mail.

No entanto, continuam aparecendo outras distinções dialetais que por sua vez distraem os ativistas da linguagem e estudiosos da língua de riscos mais sérios, como por exemplo, o enfraquecimento da transmissão intergeracional oral. A problemática da definição ortográfica dificulta a possibilidade de enxergar outras necessidades que podem ser mais urgentes e que podem ter consequências preocupantes. Assim, é percebido por Gustafson (2014) quando se refere à importância política da normalização ortográfica no Guaraní boliviano;

As disputas ortográficas são agravadas pelo trabalho de estrangeiros que não falam guarani, e embora raramente dominem a língua, tentam destacar a variação intraterritorial sem levar em consideração a importância política da normalização. Portanto, a língua tornou-se um veículo para lutas externas pelo controle interno entre organizações não governamentais (ONGs), organizações missionárias e organizações de desenvolvimento. A interferência das ONGs é notável, uma vez que, em sua maioria, têm pouca experiência ou conhecimento linguístico, mas agravam as divisões com seus esforços para fragmentar a leitura e a escrita e criar suas próprias regras ortográficas. Essa atitude merece ser condenada como uma ameaça à unidade da grande nação guarani (GUSTAFSON, 2014, p. 326).

Na década dos anos '90, a educação intercultural bilíngue promoveu o formulário padrão para standardizar a escrita Guaraní. No entanto, teóricos como Gustafson e Dietrich indicam que há lacuna entre a educação das crianças – onde a língua ainda é relativamente limitada- e a prática adulta- onde o uso público do idioma precisa ser reafirmado, onde a importância da transmissão intergeracional não é totalmente reconhecida e o uso escrito do Guaraní ainda é raramente visto.

Nas palavras de Paredes (2019) existem práticas de letramento nas variedades do Guaraní chiriguano, sobretudo no processo de formação universitária dentro da Universidade Indígena, o que significa que se observa um progresso no uso da escrita e da leitura em Guaraní, porém, a mesma autora indica que essas práticas são tênues e que precisam de novos incentivos que ajudem o desenvolvimento e fortalecimento das práticas de letramento em língua indígena nessas comunidades. A criação de neologismos forma parte do incentivo que tem a comunidade universitária Guaraní, em prol da revitalização da sua língua.

4.4 Morfologia

O objetivo desta seção é apresentar uma caracterização morfológica dos diversos procedimentos ou mecanismos de flexão ou derivação que possam existir nos processos de formação de palavras das línguas naturais. Mas antes faz-se um breve percurso histórico do surgimento dos estudos morfológicos, depois uma revisão holística da literatura já existente, desde diferentes perspectivas de análise e segundo diferentes estudiosos reconhecidos, com o interesse de pensar a forma como as categorias de flexão e derivação foram descritas através da teoria morfológica e com o intuito de determinar se é necessário estudar cada mecanismo separadamente, ou se a análises dos dados do glossário permitem compreender a derivação e a flexão como mecanismos interligados, os quais são possíveis de serem visualizados de maneira conjunta num mesmo procedimento morfológico, sem ter a necessidades de falar de interdependência. E o mais importante, se esses processos também podem ser analisados e percebidos nas línguas indígenas como foram observados nas línguas europeias.

Por outro lado, é importante destacar que os mecanismos da derivação e o da flexão têm sido uma parte importante do estudo da morfologia nos últimos séculos. Muitos linguistas dedicaram a sua atenção a esses mecanismos porque observaram que, graças a este tipo de análise, foi possível compreender a estrutura da gramática das línguas, quando a questão era a formação de palavras e ao mesmo tempo compreender as regras de seu funcionamento.

Com o surgimento da Teoria da Gramática Gerativa (TGG) (Chomsky; 1957-1970), entre os períodos da *Syntactic Structure* e *Aspect of the Theory of Syntax*, a linguística se dirige para um campo novo e pouco explorado até então, começando a dar notoriedade à estrutura sintática, porém ainda não se falava de estudos morfológicos. Os estudos de sintaxe e fonologia foram os mais beneficiados por essa corrente teórica, deixando de lado, naquela época, os estudos da morfologia. Entre as raras exceções, neste campo, pode-se citar os trabalhos de Lees (1960) que se dedicou inteiramente ao desenvolvimento do seu estudo sobre “domínio da palavra”⁹⁷. A autora destaca que “A morfologia até então não recebia um papel autônomo, dentro da gramática. Assim, ainda atualmente, alguns a consideram como parte da sintaxe (morfo sintaxe), ou da fonologia (morfonologia)” (ESCALISE 1990, p. 11).

Uma década depois do surgimento da TGG, a morfologia se tornou alvo de estudos importantes na pesquisa linguística, como uma vez já foi o estruturalismo, chegando finalmente

⁹⁷ “Domain of the word” foi um dos estudos relevantes realizado pelo estudioso Robert B. Lees nos anos 1960. Outros trabalhos de Lees são, *The grammar of English nominalizations* (1960), 1961. *The constituent structure of noun phrases* (1961a), e “*Grammatical analysis of the English comparative construction*” (1961b).

a ser concebida como um componente autônomo da gramática, surgindo assim o componente morfológico com plena autonomia em relação aos demais componentes (sintático e fonológico) e sendo parte do componente léxico.

Uma das atribuições da teoria morfológica é definir a noção de '*palavra possível*' numa determinada língua. Foi com o trabalho "*Prolegomena to a Theory of Word Formation*" (HALLE;1973) que se iniciou uma longa série de trabalhos que se preocupavam com o desenvolvimento de novas teorias e hipóteses sobre a morfologia da palavra. O estudo de Halle parte do pressuposto seguinte:

Sendo a gramática uma representação formal do conhecimento que um falante tem de sua própria língua, deve de existir então, no interior da mesma gramática um componente que considere e estude o conhecimento do léxico do falante nativo. Tal conhecimento permite ao falante, saber quais são as palavras de sua mesma língua, qual é a estrutura interna de determinadas palavras (entre prefixos, núcleo e sufixos) e finalmente chegar a conhecer que a estrutura das palavras segue uma ordem específico de concatenação dos morfemas constituintes (HALLE, apud D'ANGELIS 2008, p. 10).

O modelo de Halle pode ser representado da seguinte forma:



Segundo o modelo de Halle (1973), as unidades básicas do léxico são os morfemas (unidade mínima) cuja representação se dá por “uma sequência de segmentos fonológicos dotados de parêntesis etiquetados com sua categoria gramatical correspondente” (SCALISE, 1990, p. 47). Dessa forma, pode-se chegar a classificar um verbo {V} ou um nome {N}, mas para os afixos, não se mostra uma categoria sintática à qual pertenciam porque só se pode distinguir entre os prefixos e sufixos.

O segundo componente para Halle é a Regra de Formação de Palavras que daqui em diante será RFP. Esse componente tem como função indicar como os morfemas de um determinado sistema (língua) se dispõem em sequências para formar outras palavras. Com a RFP deveria ser possível gerar todas as palavras bem formadas de uma determinada língua e, ao mesmo tempo, definir quais não podem ser definidas como palavras nessa língua, chegando ao terceiro componente do modelo, o Filtro, componente com o qual se pode estabelecer quais palavras podem ter exceções e quais não podem, em palavras mais simples, as palavras devem

passar pelo Filtro antes de ser adicionadas ao Dicionário das palavras que é o último componente do modelo Halle.

Quando se trata de formação de novos itens lexicais (neologismos), segundo essa teoria, pode-se dizer que as palavras podem chegar só até o terceiro componente do modelo de Halle, para manter a categoria de neologismo, contrariamente, deixa de ser neologismo uma vez registrado no dicionário.

Com o estudo de Halle (1973), muitos outros trabalhos foram produzidos sobre a morfologia geral e específica das línguas do mundo. Para lembrar, podemos mencionar alguns trabalhos sobre a morfologia inglesa como Siegel (1974), Aronoff (1976), Allen (1978), sobre a morfologia do russo está Pesersky (1979), e Scalise (1980) sobre a morfologia do italiano; e Varela (1993) sobre a morfologia do espanhol, sendo estes dois últimos estudos trabalhos mais específicos e detalhados, enquanto os outros trabalhos são mais dedicados à morfologia em geral.

O trabalho de Aronoff (1976) representa o primeiro trabalho sistemático da morfologia gerativista. Entre os destaques do seu estudo, se pode mencionar a teoria morfológica com base na hipótese léxica (Hipótese da *Morfologia Baseada nas Palavras*) que sugere formas interessantes de melhorar as RFP e ao mesmo tempo propõe restrições e regras às RFP. Essas últimas regras, chamam-se, regras de reajuste. Dessa forma Aronoff (1976) estabelece a sua hipótese da *Morfologia Baseada nas Palavras*:

Todos os processos regulares de formação de palavras são baseados em palavras. Uma nova palavra é formada aplicando uma regra regular a uma única palavra já existente. Tanto a palavra nova quanto a existente são membros das principais categorias lexicais [definidas como advérbio, adjetivo, substantivo e verbo]⁹⁸ (ARONOFF 1976, p. 21).

Graças à teoria de Aronoff (1976), foram estabelecidas as bases para a formulação de uma definição moderna do que é morfologia e do que ela trata. Hoje em dia, segundo a definição moderna, pode-se definir que a Morfologia tem como objeto de estudo a estrutura interna da palavra, o que significa que a Morfologia é uma teoria que trata a forma das palavras e cujos objetivos são:

⁹⁸ “All regular word-formation processes are Word-based. A new word is formed by applying a regular rule to a single already existing word. Both the new word and existing one are members of major lexical categories [defined as adverb, adjective, noun, and verb]” (ARONOFF, 1976 p. 21)

[...] Delimitar, definir e classificar as unidades do componente morfológico; descobrir como essas unidades se agrupam em seus respectivos paradigmas; explicar como as unidades constituintes da palavra se combinam e formam sua estrutura interna. Visto que a gramática é concebida como um sistema organizado de unidades e regras, o objetivo da morfologia será descrever as unidades básicas ou necessárias para a análise e formular as regras que, ao combinar essas unidades, permitem construir os diferentes tipos de palavras possíveis, bem como analisar a estrutura das palavras já existentes em uma determinada língua (BOSQUE apud D`ANGELIS, 2008 p. 12).

A literatura contemporânea indica a existência de várias correntes de estudos morfológicos, dentre os mais representativos estão a corrente da Morfologia Léxica e a corrente da Morfologia Natural. De qualquer forma, nesta pesquisa, foram validados alguns conceitos já conhecidos da morfologia clássica, muito semelhante à Morfologia Léxica, e sem a necessidade de se auxiliar numa única corrente teórica, como bem é expresso por Bauer⁹⁹ (1988, p. 212,213): “[...] progressos estão sendo feitos nos estudos da morfologia e pode ser feito muito mais se várias escolas não permanecerem isoladas umas das outras”.

A morfologia, tradicionalmente, se divide em duas partes: Morfologia Flexional e Morfologia Derivativa, sendo que cada processo morfológico apresenta suas próprias características principais. O mesmo Bauer (1983, p. 29) apresenta as duas classes de morfologia e as descreve cada uma no seguinte esquema:

Quadro – 18- Esquema de Bauer de classes de morfologia

Morfologia Flexional	Morfologia Derivativa
➤ Produz “forma de palavra” de um único lexema. ➤ Envolve poucas variáveis em um sistema fechado. ➤ Caracterizado pela alta comutabilidade dentro da “palavra-forma”. ➤ Normalmente tem baixa comutabilidade dentro da sentença. ➤ Marca concordâncias.	➤ Produz novos lexemas. ➤ Pode envolver muitas variáveis em um sistema aberto. ➤ Caracterizado pela baixa comutabilidade dentro da “palavra-forma”. ➤ Alguns tipos mostram alta comutabilidade dentro da sentença. ➤ Não marca concordância. ➤ Em muitas línguas é marcado mais perto da raiz do que inflexão.

⁹⁹ “[...] Progress is being made in the study of morphology, and that much more can be made if various schools do not remain isolated from each other” (BAUER 1988, p. 212-213). Texto original com tradução própria.

➤ Em muitas línguas é marcado mais longe da raiz do que a derivação. ➤ Em algumas línguas não pode ser substituído por uma simples forma de raiz em uma frase. ➤ Normalmente não mostra lacunas no paradigma ➤ Normalmente semanticamente regular	➤ Em algumas línguas pode ser substituído por uma forma raiz simples em uma frase. ➤ Normalmente mostra lacunas no paradigma. ➤ Tipicamente semanticamente irregular
--	--

Esquema da divisão da morfologia proposto por Bauer¹⁰⁰ (1983, p. 29).

Ao mesmo tempo pode-se dizer que na Morfologia Derivacional se distinguem dois procedimentos: “por *Derivação* que compõem os afixos (elementos não livres, prefixos, infixos e sufixos); e por *Composição*, composta por elementos livres, compostos com traços categorial e estrutura argumental própria” (D’ANGELIS, 2008, p. 14) que servem para criar palavras.

A Morfologia Flexiva, por sua vez, se ocupa da conjugação verbal e as flexões que acontecem com os nomes, adjetivos, artigos e pronomes. A função substancial de proporcionar informações complementares à base que referem ao gênero, número, caso, modo, voz e aspecto, é também tarefa da Morfologia Flexiva.

Por outro lado, também deve-se ressaltar que existe uma considerável diversidade de comportamentos e procedimentos no que se refere ao uso de processos morfológicos nas línguas do mundo, o que nos leva à necessidade de conhecer algumas das teorias mais destacadas que tratam sobre o Procedimento Geral (ou específica) de Formação de Palavras, que de aqui em diante serão conhecidas como PGFP, ou PEFPP.

4.4.1 Procedimento Geral de Formação de Palavras (PGFP)

¹⁰⁰ “INFLECTION <Produces ‘word-form’ of a single lexeme>, <Involves few variables in a closed system>, <Characterized by high commutability within the ‘word-form’>, <Typically has low commutability within the sentence>, <Marks agreement>, <In many languages is marked further from the root than derivation>, < In some languages cannot be replaced by a simple root form in a sentence>, <Typically, does not show gaps in the paradigm>,<Typically semantically regular>. DERIVATION <Produces new lexemes>, <May involve many variables in an open system> <Characterized by low commutability within the ‘word-form’>,<Some types show high commutability within the sentence>, <Does not mark agreement>, < In many languages is marked closer to the root than inflection>, < In some languages can be replaced by a simple root form in a sentence>, <Typically shows gaps in the paradigm>, < Typically semantically irregular>.”(BAUER, 1983, p. 29). Texto original com tradução própria.

“As línguas conceptualizam uma mesma realidade de maneiras diferentes, e desde diferentes perspectivas”
(Luque: 2004)

Existem diversos procedimentos morfológicos utilizados pelas diversas línguas do mundo para formar novas palavras, sendo mais comuns como por exemplo a “derivação por sufixação, enquanto outros são quase estranhos, como o das mudanças de consoantes, a alternância do acento ou tom, ou, ainda, do alongamento das vogais para a criação de novas palavras” (FERRER, 2015, p. 53). Nesse processo contínuo de procedimentos, as línguas estabelecem quais deles serão usados para expandir seu léxico, considerando os tipos de línguas produto de sua estrutura morfológica interna.

Porém, falar sobre o Processo de Formação de Palavras pode-se tornar ambíguo se antes não se consegue a definição do termo «palavra» e o uso do termo não for bem definido. Portanto, primeiramente, buscamos a resposta para a pergunta; o que significa o termo palavra?

É necessário definir o uso do termo *palavra* nesta tese, sobretudo pela importância que tem dentro dos estudos morfológicos que, por muito tempo, buscaram caracterizá-la. Essa importância da *palavra* se deve ao fato de ter sido reconhecida como “a base da distinção entre morfologia e sintaxe, tornando-se a unidade por excelência da teoria gramatical tradicional” (LYONS, 1968, p. 194).

Muitos estudiosos tiveram dificuldade, há um tempo já, de poder estabelecer ou definir um conceito para o termo ‘palavra’ a ponto de ser tornar um desafio para os linguistas. Neste estudo foram tomadas definições de autores reconhecidos na área dos estudos lexicológicos, como Haspelmath e Sims (2010), Biderman (1998), Sapir (1947), Ullman (1952), entre outros estudiosos que também se animaram a buscar uma definição de palavra. Haspelmath e Sims (2010, p. 15) a definem utilizando a noção de *word-form* (forma de palavra), descrevendo como uma “sequência de sons que expressam a combinação de um lexema, e um conjunto de significados e funções gramaticais adequadas a esse lexema”.

Para Biderman (1998, p. 81), o conceito de *palavra* não pode ter um valor absoluto, uma delimitação concreta nas realizações discursivas: “cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas.” (BIDERMAN, 1998, p. 81). Visto que a dimensão cognitiva da *palavra* manifesta modos de cognição dos seus falantes, a conceitualização da realidade de uma determinada sociedade se configura linguisticamente em modelos arbitrários

que nem sempre coincidem, nem são equivalentes, apesar de as línguas terem tipos de semântica universalmente compreensíveis.

Biderman (1998), ao tratar da dimensão cognitiva da *palavra*, considera importante se aproximar à hipótese do “relativismo linguístico”, reconhecida nos estudos linguísticos como a hipótese “Sapir-Whorf”, cujas contribuições de ambos os teóricos consiste em propor uma hipótese orientada num novo modo de conceber a noção de palavra, trazendo a realidade social como algo que pode ser refletido na formação de palavras pelo falante.

Foi no texto *The status of linguistics as a science*, no início do século XX, que foram encontrados os primeiros indícios de uma proposta da relatividade linguística, premissas atribuídas a Sapir. Essa teoria revela que o entendimento sobre a realidade é revelado pelas línguas e pode ser facilmente percebido, tanto no seu léxico como na sua gramática. Porém cada sistema linguístico expressa o mundo e seu entorno social por meio do seu próprio modelo, espelhado em uma cosmovisão que lhe é própria. Dessa forma, Edward Sapir afirma que “a língua socialmente formada influencia [...] a maneira pela qual a sociedade concebe a realidade” (SAPIR, 1947, p. 11). O autor sendo mais explícito indica que:

A linguagem é um guia para a “realidade social”. [...] Os seres humanos não vivem só no mundo objetivo, ou só no mundo da atividade social como normalmente se admite, mas vivem quase totalmente à mercê da língua específica que se tornou o meio de expressão para sua sociedade. É ilusório imaginar que alguém possa fundamentalmente ajustar-se à realidade sem o uso da linguagem e que a língua seja apenas um recurso qualquer para resolver problemas específicos de comunicação ou reflexão. O fato é que “o mundo real” é, em grande parte, construído inconscientemente sobre a base dos hábitos linguísticos do grupo. Não existem duas línguas, por mais semelhantes que sejam, que possam ser consideradas como representantes da mesma realidade social. Os mundos em que vivem as diferentes sociedades humanas são mundos distintos e não um só e mesmo mundo, ao qual se teriam apostado etiquetas diferentes (SAPIR, 1947, p. 11).

Dentro desta mesma linha de pensamento, reforça-se a ideia de que a percepção dos falantes seja pré-definida pelo seu próprio sistema linguístico. As categorias linguísticas que conformam a sua língua predis põem-se para fazer determinadas escolhas para a interpretação dos contextos. Contribuindo com essa compreensão, o linguista Benjamin L. Whorf¹⁰¹ quis pôr

¹⁰¹ Várias demonstrações do “relativismo linguístico”, elaboradas por Whorf, se encontram no seu livro *Language, thought and reality*. No estudo intitulado *Science and linguistics*; 1964. Donde B.L. Whorf exprime as suas ideias claramente.

em prática as ideias de Sapir para demonstrar, factualmente, sua hipótese. Whorf buscou aplicar a teoria de Sapir, relativismo linguístico, nas línguas indígenas da América, nesse caso a língua Hopi.

Constatou-se o sistema linguístico subjacente a cada língua não é apenas um instrumento de reprodução para emitir ideias, mas ele é sobretudo um modelador de ideias, o programa e o guia para a atividade mental do indivíduo. [...] As categorias e os tipos que nós isolamos do mundo dos fenômenos não os encontramos aí porque eles estejam encarando cada observador face a face; pelo contrário, o mundo é apresentado num fluxo caleidoscópico de impressões que têm que ser organizadas por nossas mentes – e isso significa, em grande parte, pelo sistema linguístico em nossas mentes. Nós recortamos a natureza, organizamo-la em conceitos, e lhe atribuímos significados da forma como o fazemos porque constituímos as partes contratantes de uma convenção, segundo a qual devemos organizá-la assim- tal convenção se mantém na nossa comunidade linguística e é codificada nos moldes da nossa língua. Naturalmente essa convenção é implícita e não formulada, mas seus termos são absolutamente coercitivos; não podemos falar sequer, a não ser subscrevendo a organização e a classificação dos dados decretados por essa convenção. Somos assim introduzidos em um novo princípio de relatividade, o qual estabelece que todos os observadores não são movidos pela mesma evidência física, a uma mesma visão do universo, a menos que seus “backgrounds” sejam similares, ou possam ser calibrados de alguma forma. É fácil constatar que não é possível definir um evento, uma coisa, um objeto, uma relação etc., a partir da natureza, mas defini-los sempre envolve um retorno circular às categorias gramaticais da língua do definidor (WHORF, 1958, p. 5-6).

O que segundo Biderman levou à interpretação de que “a linguagem influencia o nosso modo de percepção da realidade” (BIDERMAN, 1998, p. 100). Se cada língua conceitualiza a realidade de distintas formas e a representa a seu modo, isto significa que cada uma das palavras se identifica e conceitua dentro do próprio sistema de signos. Nesse sentido, segundo Biderman, para realizar essa tarefa, devem ser considerados alguns critérios importantes para delimitação da palavra, são eles: (a) critérios fonológicos, quando se considera a palavra como uma sequência fônica, formada por emissão completa e seguida por uma pausa; (b) critérios morfossintáticos, atuando o critério morfológico e sintático simultaneamente, a fim de se compreender: i) a classificação gramatical que a palavra apresenta; ii) a função da palavra na sentença e, finalmente, (c) critérios semânticos, considerado, pela autora, como o mais profícuo para definir o termo *palavra*. Dentro desse critério estão os sentidos de inserção, da permutação e da coesão interna dos componentes morfêmicos da palavra (BIDERMAN, 2001).

Por outro lado, Ullmann (1952 apud MACEDO, 2021, p. 26) tenta definir *palavra* como “uma unidade semântica mínima do discurso”, ou seja – como uma unidade semântica indivisível. Para ele, existem unidades gramaticais com significados menores que a palavra. Essas unidades não têm significação autônoma, o que significa, segundo esta perspectiva, que a unidade semântica mínima do discurso seria a *palavra*.

Uma vez que as outras dimensões (fonológica e morfossintática) são uteis para reconhecer segmentos e identificar formas nos segmentos, a chave decisiva para identificar a unidade léxica nas manifestações discursivas é fornecida pela dimensão semântica (BIDERMAN, 1998). Assim, o que define uma palavra é o significado dela.

Uma vez visualizadas as diferentes abordagens da definição do termo palavra, agora voltamos à segunda questão dessa seção: o que é a formação de palavras? Pode-se dizer que não se pode instituir uma só definição, mas se pode começar estabelecendo que se trata de um “processo que pode intervir no desenvolvimento morfológico¹⁰² das palavras, não só trata da criação no sentido estrito que compreende os procedimentos de formação e incorporação sujeitos a recursos do sistema próprio da língua” (MARIN, 2016, p. 310).

O objetivo da formação de palavras é ampliar o repertório lexical de uma dada língua, por meio de atos morfológicos para satisfazer as necessidades dos falantes de colocar um nome às diferentes realidades que podem ser atualizadas por meio de técnicas como a atualização ou a modificação dos significantes existentes. Portanto, esse procedimento de atualização pode chegar a ser irregular, precisamente pelo dinamismo, vitalidade e criatividade léxica que existe em cada sistema linguístico. Isso não significa que não se possa negligenciar que tal irregularidade sempre pode ser sistemática.

Apesar da dificuldade que implica definir uma única linha teórica, é importante entender que o próprio conceito de formação de palavras deve ser delimitado, uma vez que isso ajuda a adotar uma posição mais ou menos rigorosa na hora das criações lexicais. Em sentido mais amplo, pode-se levar em conta a inclusão de diferentes mecanismos utilizados para a criação de novas palavras, seja buscando novos significados diante de realidades inéditas, ou de novos significantes ante realidades já preexistentes e que até o momento da formação das novas palavras não encontraram sua expressão linguística.

¹⁰² Embora seja o desenvolvimento morfológico das palavras o que se define como o objeto de intervenção derivacional, o próprio procedimento de formação das palavras não é apenas de natureza morfológica. O mesmo ALMELA PÉREZ (1999) define a formação de palavras como um procedimento de fusão dos níveis morfológico e sintático com uma forte ligação com o nível lexical.

Para escolher qual ou quais mecanismos ou procedimentos podem ser considerados no momento da criação de novos léxicos de uma determinada língua, é importante conhecer tais procedimentos ou mecanismos, mesmo que seja difícil estabelecer uma definição ou denominação de tais procedimentos, uma vez que estes vão variar dependendo das escolas e métodos linguísticos. Portanto, é difícil encontrar um consenso entre os diferentes pesquisadores. Mas antes de rever as diferentes classificações estabelecidas para agrupar os procedimentos geral de formação de palavras (PGFP) existentes, é necessário determinar seus limites conceituais, porque são estes mesmos limites que ajudam agrupar o conjunto de procedimentos morfológicos que permitem às línguas criar palavras a partir de uma base radical ou léxica.

Quando se fala de classificação dos procedimentos de formação de palavras, muitos pesquisadores e estudiosos (Sapir, 1986), (Varela, 1990), (Bickford, 1998), (Aronoff e Fudemam, 2005), (Almela Pérez, 1999), (Simone, 2001), (Van Dijk, 2001) concordam com relação às propostas de macro regras morfológicas (MMG) que podem ser realizadas por adição, supressão, modificação, reconstrução etc., que ao estar agrupadas formam o PGFP. Posteriormente deste tipo de procedimento pode derivar o Procedimento Específico de Formação de Palavras (PEFP). Este conjunto de procedimentos contém traços morfológicos (TM) que se tornam importantes porque graças a eles é possível diferenciar um procedimento de outro.

Sapir (1986) não se refere a procedimento de formação de palavras (PFP) como tal, ele acreditava que a formação de palavras era um fenômeno criativo e produtivo na linguagem humana, estando interessado em como as palavras eram formadas e modificadas para expressar novas ideias e conceitos. O autor reconhecia que as línguas têm uma capacidade intrínseca de criar novas palavras por meio de processos como a derivação, composição e combinação de elementos linguísticos existentes.

Embora Sapir não tenha desenvolvido uma teoria detalhada sobre a formação de palavras, suas ideias e abordagens ajudaram a estabelecer as bases para estudos posteriores na área de morfologia e do processo de formação de palavras, embora o autor não indique especificamente sobre PGFP. Ele fala de procedimentos gramaticais, classificando-os em seis grupos: a) ordem de palavra, b) composição, c) afixação, d) modificação interna do elemento radical ou elemento gramatical, e) reduplicação e f) diferencias acentuais.

Por sua vez Eugenio Coseriu (1986, p. 324) entende a formação de palavras como um conjunto de processos morfológicos sincrônicos que acontecem no léxico e que os diversos

procedimentos de formação de palavras “devem estar situados dentro da virtualidade do sistema, e não na norma”, pois o sistema coincide com técnicas abertas que não limitam a possibilidade de ação no discurso, pois segundo o estudioso, é no discurso que se situam “os constituintes lexicogenéticos que são elementos de verdadeira *energeia*¹⁰³, juntamente com aqueles que representam meros resultados que podem se transformar em “virtualidade” (PLATEIRO, 1998, p. 69).

Para Coseriu (1981, p. 178,182), a análise destes processos no nível do sistema da língua pode ser possível com a condição de que “em um estado sincrônico da língua, exista um lexema que sirva de componente léxico em uma formação de palavras”, o que significa que, uma derivação ou composição cuja base é inexistente na sincronia da língua não corresponderia à definição de formação de palavras (COSERIU,1981).

Segundo Coseriu (1981), há três procedimentos funcionais de formação de palavras: a) a modificação da palavra; b) o desenvolvimento da palavra e, c) a composição. Na modificação da palavra, segundo o estudioso, pressupõe-se um tipo de quantificação (repetição, diminuição, aumentativo etc.), isto sem alterar a classe da palavra. Por sua vez, o segundo procedimento para o desenvolvimento da palavra, já implica uma função sintática, uma mudança da classe de palavra. Finalmente, na composição, se pode criar uma palavra de um ou dois elementos básicos preexistentes na língua. Na concepção de Coseriu, existem dois tipos de composição: “a) a composição genérica, na qual um dos elementos básicos é de natureza pronominal (alguém, algo), e b) a composição específica (“ou nominal”) na qual os dois elementos implicados são lexemas (COSERIU; 1981, p. 182).

Como apresentado, há diferentes definições do termo *palavra* e mecanismos de formação de palavras, com algumas teorias que divergem e outras que se complementam na tentativa de propor uma definição a algo que não quer ser definido, mas que precisa ser compreendido pelos falantes, uma vez que são eles que as utilizam livremente para criar suas próprias conceitualizações, modificar seu repertório e compreender suas realidades.

Neste trabalho, busca-se identificar as palavras criadas em Guarani e seu papel gramatical nas manifestações discursivas. Em nossa proposta, destaca-se uma questão que para esta pesquisa é fundamental: será preciso compreender a estrutura de formação das novas palavras, não apenas como são criadas, mas como são modificadas ou atualizadas as unidades lexicais que compõem o léxico Guarani nos termos criados no Glossário “*Neologismos*

¹⁰³ *Energeia*, é uma palavra grega que significa “energia” em português e é escrita em alfabeto grego como < *ενέργεια* >. É usada para expressar a capacidade de realizar trabalho ou manifestar um potencial, ou produzir uma ação.

Lingüísticos de Términos Técnicos em Idiomas Bésiro-Mojeño-Guarani-Gwarayu” por alunos, professores e falantes da língua Guarani na UNIBOL. Após as análises dos dados, no capítulo 5, será possível compreender e descrever os procedimentos que se constituem tendências na criação dos neologismos pelas variedades chiriguanas.

4.5 Morfonologia do Guarani

A morfonologia concentra-se no estudo da relação entre os aspectos morfológicos e fonológicos das palavras em uma língua, analisando como as mudanças na estrutura das palavras influenciam a pronúncia e as regras fonológicas associadas a essas mudanças. É a área da linguística que investiga como as mudanças, como a formação de plurais, os sufixos, prefixos afetam a pronúncia das palavras.

No que se refere à acentuação na língua Guarani, existem morfemas átonos e tônicos. Segundo Cerno (2011), todas as raízes com significado lexical, assim como alguns sufixos, estão incluídas nos morfemas tônicos. Os morfemas átonos abrangem todos os prefixos e a maioria dos sufixos, bem como raízes sem significado lexical, como partículas e clíticos.

Alguns exemplos apresentados pelo mesmo autor sobre dados da variedade do *Guarani correntino*:

“Morfemas tônicos”

Raíces

/tu`ja/ ‘grandeza’

/`si/ ‘madre’

/`ɔya/ ‘casa’

Sufijos

/-i`te/ ‘Intensificador’

/-`se/ ‘Desid.’

/-`ra/ ‘ProsN’

Morfemas átonos

/el/ ‘Art’

/pa/ ‘Interrogativo’

/-ta/ Futuro 1

(CERNO, 2011, p. 82)

Podemos observar, nos exemplos trazidos por Cerno, que tanto na representação fonética quanto na representação fonológica dos morfemas, para destacar a presença do acento principal no Guarani, utiliza-se o diacrítico <`> antes da sílaba acentuada.

Quando os morfemas tônicos são sufixados por outro elemento acentuado ou precedidos por outro morfemaônico na mesma unidade sintática (compostos, incorporação ou reduplicação), eles são feitos com acento secundário <`,`>. A direita sempre tem o acento principal. “Esse é o que chamamos de deslocamento do acento” (CERNO, 2011, p. 82):

/tu'ja/ /-i'te/	>	[tu,t'ai'te]	'muy grande'
/'oɣa/ /-rã/	>	[,ʔoɣa'rã]	'futura casa'.

Os casos que concernem à acentuação do Guaraní chiriguano¹⁰⁴ são muito semelhantes aos exemplos trazidos por Cerno (2011), assim como também sobre os processos de espalhamento nasal, onde se observam, desde o ponto de vista da nasalidade em Guaraní, como são afetados os morfemas, tanto orais, nasais, e os morfemas não marcados pela nasalidade. Nesse sentido, estudiosos como Dietrich (1986), e Gustafson (2014) concordam que podem existir alternâncias morfológicas, principalmente, quando estão ligados a processos de nasalização e a questões de variações dialetais.

Por sua vez Gustafson (2014) também assinala outras variações que existem entre o Simba (S), Ava (A) e, Isoseño¹⁰⁵ (I):

Há entre o S e o AI outras variações, como o enfraquecimento entre o ~ u e a neutralização da distinção *r ~ nd*, que gera transformações nos prefixos verbais, por exemplo, em AI *o-guata* (3-caminhar) 'ela caminha', mas em S *u-guata*; ou em AI *ro-guata* (1PE-caminhar) 'nós caminhamos', mas em S *ndo-guata*, ou em alguns casos, *ndu-guata*. No caso da nasalização, existem alternâncias previsíveis, como descrito abaixo, entre *mbo ~ mo* e *nd ~ n*, que ocorrem com prefixos de ambas as séries de marcadores pessoais [...] na formação de palavras com raízes nasais, por exemplo, *o-guata* (3-caminhar) e *o-mbo-guata* (3-caus1-caminhar) 'ele faz caminhar'; mas *o-ë* (3-sair) 'ele sai' e *o-mbo-ë* [omöë] 'ele faz sair', ou ainda *nde-ro* [ndero] 'sua casa'; mas *nde-rëta* [nërëta] 'sua comunidade' (GUSTAFSON, 2014, p. 325). Com tradução própria.

A citação destaca que existem variações notáveis no Guaraní chiriguano contemporâneo, incluindo diferenças entre as variedades, Simba, Ava, e de Isoso. Isso é

¹⁰⁴ Muito da análise realizada sobre a acentuação do chiriguano, pode ser vista na seção (4.2.6)

¹⁰⁵ Texto original: Entre la serie 'S' y la serie 'AI' existen otras variaciones, como el debilitamiento entre la 'u' nasal y la neutralización de la distinción 'r' y 'nd', que generan transformaciones en los prefijos verbales. Por ejemplo, en 'AI' se tiene 'o-guata' (3-caminar) 'ella camina', pero en 'S' es 'u-guata'. En 'AI' se dice 'ro-guata' (1PE-caminar) 'nosotros caminamos', pero en 'S' es 'ndo-guata' o, en algunos casos, 'ndu-guata'. En el caso de la nasalización, se producen alternancias previsibles, como se describe a continuación, entre 'mbo' y 'mo' y 'nd' y 'n', que ocurren con prefijos de ambas series de marcadores personales en la formación de palabras con raíces nasales. Por ejemplo, 'o-guata' (3-caminar) y 'o-mbo-guata' (3-caus1-caminar) 'él hace caminar'; pero 'o-ë' (3-salir) 'él sale' y 'o-mbo-ë' [omöë] 'él hace salir', o incluso 'nde-ro' [ndero] 'su casa'; pero 'nde-rëta' [nërëta] 'su comunidad'

importante porque demonstra a complexidade da língua e como ela evolui ao longo do tempo o que é uma característica comum em línguas naturais. As mudanças nos prefixos verbais, conforme descritas na citação, são exemplos de como a língua adapta-se a diferentes contextos e situações.

Por outro lado, sobre a neutralização da distinção entre os sons ‘r’ e ‘nd’ é um fenômeno linguístico interessante e pode indicar uma simplificação fonológica ou mudanças no sistema fonético da língua ao longo do tempo. Sobre as alternâncias previsíveis na nasalização, como mencionadas na citação, as mesmas fornecem insights sobre como os sons nasais são usados na formação de palavras na língua Guaraní chiriguano.

É importante indicar que pesquisadores como Dietrich e Gustafson fizeram grandes contribuições para descrever diferentes aspectos do Guaraní chiriguano contemporâneo, porém algumas afirmações, podem ser facilmente discutíveis hoje em dia, sobretudo as que fazem referência a descrições fonéticas, ou morfológicas porque se percebe a necessidade de análises linguísticas mais detalhadas, como um estudo fonético-articulatório de cada variedade para garantir que as conclusões sejam baseadas em evidências sólidas.

4.6 Morfossintaxe

Documentos históricos sobre as variedades do Guaraní chiriguano demonstram que a primeira gramática da língua chiriguana foi escrita aproximadamente no ano 1790 pelo Padre Pedro León de Santiago¹⁰⁶ e só foi conhecida quase um século depois pelo Padre Doroteo Gianecchini (1896). A gramática contém elementos morfossintáticos do Chiriguano, recursos linguísticos típicos da língua Guaraní, que hoje em dia, nos documentos e estudos contemporâneos do Chiriguano já não se vislumbram mais ou apenas chegam a ser mencionados. Essas mudanças na gramática nos permite observar, pelo menos, duas coisas: “a grande variedade regional que devia existir no sistema linguístico chiriguano e a rapidez da evolução fonética, morfossintática e léxica do chiriguano num período de dois séculos” (DIETRICH, 2004, p. 351).

As mudanças que se apresentam na gramática, aparecem de forma misturada, devido ao fato de que as variedades regionais geralmente têm diferentes velocidades evolucionárias. O

¹⁰⁶ El franciscano Pedro León de Santiago nació en Samiano, España, en 1747. Salió de su tierra natal en 1777 y llegó al Colegio de Propaganda Fidei de Tarija en 1780. Trabajó en las misiones chiriguanas de Salinas, situada a Este de Tarija, todavía en la región montañosa, y de Abapó, mucho más al Norte, a sólo 130 km al Sur de Santa Cruz. Murió en Abapó en 1800 (DIETRICH, 2004, p. 349).

processo de substituições linguísticas pode diferir entre os grupos linguísticos, dependendo da região.

Segundo a literatura sobre a língua chiriguana, na estrutura morfológica, registrada em 1790, são apresentados traços comuns com os do Guaraní antigo, assim como também com o do jesuítico e do Guaraní paraguaio moderno, diferenciando-se, no entanto, com seu par Guaraní Gwarayo e o mesmo Chiriguano contemporâneo. Dietrich (2004) nos ilustra alguns exemplos dessas mudanças:

O sufixo -ve no sentido de “mais”, sufixo perdido desde finais do século XIX; o mesmo acontece com o diminutivo formado com o sufixo -i (áva-i “homenzinho”), o sufixo que indica origem e pertença -ögua, ao lado da moderna -pegua, -regua, -hegua. León de Santiago conoce ainda -guãra, por exemplo em cheve-guãra ‘eu+DAT-para’, ‘para mim’, que se encontra em obras de Romano e Cattunar (1916). Enquanto, no chiriguano moderno, temos -guãra em combinações com pronomes pessoais, cheve guãra, e peguãra com nomes, ore, ru-pe-guãra ‘para nosso pae (DIETRICH, 2004, p. 354).

Segundo a ALG¹⁰⁷ (2018), observa-se na construção sintática das variedades do Guaraní do Paraguai, palavras ou lexemas principais, que podem indicar marcas de flexão ou acidente gramatical. São palavras que podem sofrer mudanças na posição dentro da frase como também apresentar alterações em seu significado. Entre os mecanismos está o de deslocamento, procedimento pelo qual há palavras e partículas¹⁰⁸ que se deslocam ou mudam de lugar e ocupam outro lugar dentro do enunciado. Há palavras que se colocam depois do verbo, dando lugar a outras palavras, por exemplo;

Exemplos Da ALG (2018):

- ✓ *Arami ojoguave ao isýgui* (ALG;2018)
‘Arami, compra mais roupa que a mãe dela’
- ✓ *Arami ojoguaporãve ao isýgui* (ALG;2018)
‘Arami, compra mais e melhor roupa que a mãe dela’
- ✓ *Eñe’êke chupe* (ALG;2018)
‘hablale a él/ella’ (informante 1)
- ✓ *Eñe’êmike chupe* (ALG;2018)
‘hablale un poco a él/ella’

¹⁰⁷ Academia de la Lengua Guaraní (ALG).

¹⁰⁸ “Partículas são palavras funcionais que ocorrem separadamente e não recebem nenhuma marca de flexão. Às partículas podem se chamar de morfemas funcionais, mas que sempre ocorrem livres” (MORI, 2021).

Pode-se observar como o deslocamento do morfema <-ve> em <ojoguave> é interpretado como ‘comprar mais’, porém se se incorpora um outro morfema, no caso <porã> para formar, <ojoguaporãve> que poderia ser interpretado como ‘comprar mais e melhor’. Neste sentido observa-se que no Guaraní há palavras ou morfemas que se deslocam de um lugar para outro dentro do mesmo enunciado, seguindo sua própria regra como o sistema completo que é.

Entre outros processos da sintaxe Guaraní, verificam-se a reduplicação ou repetição e a supressão de palavras. Nos mecanismos por repetição partículas ou palavras, “reduplicações são feitas com uma ou duas palavras, dependendo na fonte original” (ESTIGARRIBIA, 2020, p. 52).

Exemplos de reduplicação do Guaraní Paraguaio:

- ✓ *mokõimokõi* = em pares
mokõi~mokõi
two – two = (dois em dois)
‘in pairs; in groups of two; two for each’
 (“em pares; em grupos de dois; dois para cada”)
- ✓ *overavera or overa vera*
o-vera~vera
3.act-flash~flash (brilho -brilho)
‘it is flashing lightning’ (está alumbrando um relâmpago)
 (ESTIGARRIBIA 2020, p. 53).
- ✓ *i-pöra i-pöra-pöra* (G. Chiriguano)
3-belleza → 3-belleza-RED
‘es bella’ ‘su belleza’ (con cariño) (GUSTAFSON, 2014, p. 349)

O mecanismo por supressão de palavras, que pode ser de uma posposição ou uma conjunção, aparece quando a intenção é não reiterar algum morfema que por si só tem algum significado explícito.

Exemplos de supressão de palavras da ALG¹⁰⁹: (G. Paraguay)

- ✓ *Rejúramo téra reju 'yramo* (ALG;2018)
'Si vienes o si no vienes' (voluntario 1)
- ✓ *Rejú téra reju 'yramo*
Si Vienes o no' (Informante 1)
- ✓ *Kirito ha José ha María*
'Cristo, y José y María' (voluntario 1)
- ✓ *Kirito, José ha María*
'Cristo, José y María' (voluntario 1)

4.6.1 Classes de palavras em Guaraní

A literatura especializada indica que as línguas Tupi-Guarani se caracterizam pela existência de duas classes fundamentais de palavras: nomes e verbos. Dietrich (2000, p. 255) reafirma a tese dessas duas categorias lexicais nas línguas Tupi-Guarani. O autor ainda enfatiza a não existência de categorias independentes, nem de adjetivos, nem de advérbios na maioria das línguas Tupi-Guarani, ou pelo menos essas classes não aparecem como se costuma ver em algumas línguas européias. Assim, Dietrich (2000) apresenta uma discussão sobre os problemas gerais das categorias léxicas e categorias verbais, discussão que já foi levantada por outros estudiosos, como Coseriu (1972; 1978), em virtude da necessidade de se distinguir o que se entende por categorias lexicais e categorias verbais Dietrich explica;

As classes verbais são universais e se referem ou ao 'quê' da apreensão lexical do mundo extralinguístico (são aquelas que chamamos de palavras lexemáticas), ou a classes substitutivas (nesse caso, são palavras categoremáticas ou substitutivas, ou seja, pronomes, pronomes circunstanciais, etc.), ou se referem à relação gramatical entre as palavras (ou seja, são palavras morfemáticas ou instrumentais, como, por exemplo, preposições, posposições, conjunções, artigos e outros determinantes, como demonstrativos, possessivos, etc.) [...] Enquanto as classes verbais (lexemáticas, categoremáticas ou instrumentais) existem necessariamente em todas as línguas do mundo, as categorias léxicas (substantivos, adjetivos, verbos) podem ou não ser encontradas em uma língua específica. Isso depende de várias perspectivas; pode depender de uma morfologia particular ou de um comportamento sintático diferente. Também pode ser baseado em uma classificação semântica, segundo a qual os lexemas que expressam

¹⁰⁹ Os exemplos que apresentam a ALG não apresentam traduções de nenhum tipo e foram traduzidos com auxílio de voluntários falantes do Guaraní paraguaio e auxílio da própria autora.

'substâncias', ou seja, coisas e ideias abstratas, são substantivos, os que expressam qualidades são adjetivos e os que expressam ações, processos e estados são verbos (DIETRICH, 2000, p. 257-258). Tradução própria.

O pesquisador aborda a classificação de palavras em classes gramaticais e a universalidade das classes verbais em todas as línguas. Enquanto as classes verbais, incluindo palavras lexemáticas e pronomes, são consideradas universais, a presença ou ausência de categorias léxicas, como substantivos, adjetivos e verbos pode variar de uma língua para outra. Isso depende da estrutura morfológica e sintática da língua, bem como da classificação semântica das palavras.

Assim o autor se concentra na importância de considerar a estrutura e função linguística ou analisar as línguas, reconhecendo a diversidade e a necessidade de abordagens comparativas na pesquisa linguística. Além disso, aqui podemos destacar a importância da documentação de línguas para compreender melhor as complexidades das classes gramaticais e categorias léxicas em diferentes contextos linguísticos.

Em outro estudo realizado pela pesquisadora Cardoso (2008, p. 49), são apresentadas seis classes de palavras quando descreve a estrutura das palavras da língua Guarani-Kaiowá, também da família Tupi-Guarani. A pesquisadora classifica as palavras em dois grupos; “três consideradas de classe maior onde estão os nomes, verbos e advérbios e três consideradas de classe menor, com os pronomes, posposições e partículas” (CARDOSO, 2008, p. 50).

A perspectiva da linguística cognitiva não fala de classes, senão de conceitos, e dentro desta perspectiva, apresentam-se três tipos de conceitos: “os que referem a coisas ou referentes, os que representam qualidades e finalmente os que se referem a eventos” (STASSEM apud DIETRICH 2009, p. 4). As coisas podem ser expressas por meio de raízes nominais e os eventos, mediante verbos. Quando se trata de palavras que expressam atributos do nome ou substantivo, “estas não constituem uma classe de palavra a parte, senão que se distinguem dos nomes, como expressões dos referentes, por um comportamento sintático diferente” (DIETRICH, 1986).

Retomando a noção de classes de palavras, “nas línguas Guarani, geralmente são caracterizadas pela existência de duas classes principais de lexemas, que se distinguem por dois conjuntos de marcadores de pessoas (prefixos)” (GUSTAFON, 2014, p. 327). Este estudioso reconhece duas séries: os verbos (I) e substantivos (II) cuja funcionalidade é variada. Na série (I) existem raízes transitivas e intransitivas que tem objetos diretos; na série (II), o substantivo se modifica com outro conjunto de prefixos que expressam “objetos obrigatoriamente possuídos e não obrigatoriamente possuídos, qualidades, características e condições do sujeito”

(GUSTAFSON; 2014, p. 328). Dito de outra forma, “a língua Guaraní utiliza marcadores para flexionar os verbos e os nomes” (IVO, 2021, p. 4), porém a sintaxe dessas línguas, além dessas classes de palavras, permite fazer as distinções necessárias entre sintagma predicativo, verbais e nominais e não predicativo, como entre a expressão de referentes nominais e atributos nominais.

Cerno (2011), em um estudo realizado no Guaraní correntino¹¹⁰, tratou o processo de formação de palavras considerando a postura de Coseriu (1977b). De acordo com essa postura, leva-se em consideração as funções gramaticais expressas por meio de operações morfológicas no nível do léxico que incluem a criação de novas palavras.

O pesquisador argentino acompanha a teoria de Coseriu (1977;1981) ao tratar da formação de palavras e baseia-se em três operações específicas: a) na modificação, b) no desenvolvimento da palavra, e c) na composição.

Apesar do fato de a teoria desenvolvida por Coseriu (1977) ter se fundamentado nas bases das línguas românicas, neste trabalho observou-se que também se podia aplicar às línguas indígenas ameríndias, como observado no trabalho de Cerno, considerando-se que algumas línguas indígenas são “línguas que por sua natureza, muitas vezes não permitem uma clara distinção entre sintaxes e formação de palavras” (DIETRICH, 2011, p. 4).

Para este trabalho nos fundamentamos também na teoria de Coseriu sobre o processo de formação de palavras e apresentamos alguns morfemas da língua Guaraní e seus sentidos, incluindo-se os mais frequentes para as variedades estudadas nesta tese. Apresentamos os conceitos básicos e as partes necessárias para se entender como as palavras são construídas na língua Guaraní, incluindo-se as funções dos elementos dentro das palavras, assumindo como base a teoria das estruturas lexemáticas de Coseriu (1977; 1981).

4.6.1.1 Modificação da palavra

4.6.1.1.1 Diminutivos {-i}, {-mi}, e {-rai}.

Na maioria das línguas tupi-Guarani¹¹¹ que já possuem um estudo ou foram analisadas em algum momento, reconhecem o morfema {-i}, como uso frequente para “expressar diminuição objetiva” (CERNO; 2011, p. 237), em outras palavras é um morfema diminutivo que pode ocorrer com nomes, verbos.

¹¹⁰ Guaraní Correntino é denominação utilizada para as variedades do Guaraní falado na província de Corrientes na Argentina.

¹¹¹ P.T.G. “-i, diminutivo” (JENSEN 1998, p. 596), Mbyá “-i (DOOLEY 2006; p. 56).

- a. *Nde-py'i* ‘tu piecito’ (CERNO, 2011)
- b. *oky'i* ‘llovizna’. (CERNO, 2011)

Dietrich (1986, p. 148) demonstra ainda que o morfema –’i no Guaraní chiriguano, combinado com o morfema *-ma* ajuda a formar novas palavras autônomas e que significa ‘definitivamente’. Segundo Montoya (1639), ‘Y’ significa ‘perseverança’, ‘sem dúvida’, ‘mesmo’, o que se poderia “deduzir no significado sistemático de ‘intensificador’” (DIETRICH, 1986; p. 148).

Cardoso (2022) explica que ajuda à formação de nomes em Kaiowá, além de indicar que nessa língua existe a possibilidade de formação de novas palavras por intermédio da derivação e da composição. A formação de nomes é um procedimento que está dentro das operações derivacionais via afixação, ({-ʔi ~ -ʔĩ ~ -miʃĩ ~ -mi}) e podem indicar que “estes afixos expressam nomes no diminutivo e no coletivo” (CARDOSO, 2022, p. 51), como se pode observar nos exemplos abaixo da própria pesquisadora:

- a) {-ʔi ~ -ʔĩ} ‘diminutivo’ o último com segmento nasal
Ita-ʔi ‘pequena pedra’
- b) {~- miʃĩ ~ -mi}
mitã-miʃĩ ‘criancinha’

(CARDOSO, 2022, p. 51)

O sufixo {-mĩ} ~ {-mĩĩ} como forma diminutiva se deve ao fato de que no Guaraní antigo e em algumas variedades contemporâneas, como o Guaraní-Mbyá, o lexema {mĩri} significava pouco, ou pequeno¹¹², como também pode-se observar no “exemplo *mĩchi-mĩĩ* ‘un poqui(ti)to’ (Dietrich, 1986; p. 178). Para Dietrich este morfema não expressa o diminutivo ou diminuição objetiva, senão que tem uma função ‘atenuativa’, um morfema que descreve algo que atenua ou reduz a intensidade de algo.

O sufixo {-mĩ}, pode ser combinada com verbos e com nomes:

- c. *Ché awáta-mi* ‘estuve caminando un poquito’ (DIETRICH, 1986).

¹¹² Em Montoya (1639); *mĩrĩ* ‘pouco, pequeno’; no Guaraní moderno do Paraguai o uso do *mĩrĩ*, tem o significado de ‘pequeno, humilde’ e, é utilizado em composições.

d. *Mitã-mi* ‘*niñito*’ (CERNO, 2011).

O sufixo *-rai* é considerado derivativo do léxico ‘*taí*’ ‘filho, (na fala do homem), fruto’, que ao ser gramaticalizado, utiliza a inicial *-r* que indica que se trata de um “nome é determinado por um atributo” (Dietrich, 1986, p. 177) e que pode ser usado em combinações fixas. Nas línguas chiriguanas, este morfema aparece frequentemente em ocorrências que indicam espécies de animais, ou as crias desses animais, no sentido de filhotes e não simplesmente do tamanho do animal, onde o morfema mantém seu significado lexical:

e. *Gwira-rái* ‘pajarito’ (DIETRICH, 1986).

f. *Mburiká-rái* ‘burrito’ (DIETRICH, 1986).

Segundo as professoras Bottega e Ivo (2023) que trabalham com as variedades da língua Mbya do Brasil, {-’i}, pode ser utilizado com nomes e verbos; quando o sufixo aparece com objetos concretos (nomes), indicará diminutivo, enquanto que se está sufixado a verbos {-’i} tem uma função afetiva. As pesquisadoras concordam em que geralmente o que vai determinar a função será o contexto da fala;

g. *O-vy’a o-karu’i a-guã*

‘3sg’ Alegria 3sg.comer-Afetivo Prop

h. *A-a rami pira’i*

1sg. ir cómo peixe-diminutivo (peixinho)

(BOTTEGA & IVO, 2023)

4.6.1.1.2 Intensificador {-ete} ~{-ite}

Outro tipo de modificação semântica é a intensificação, o que ocorre com o “sufixo *-ete* ~ *-ite*, que são colocados após os nomes e verbos. (Antes de *i/i* se realiza –{ete}, e em outros contextos *-ite*)” (CERNO, 2011, p. 239). Cerno esclarece que o uso da partícula¹¹³ {-ete}, {-ite}, há também o sentido equivalente a ‘autêntico’, ‘verdadeiro’¹¹⁴:

i. “*Iñ-akã-ite*” ‘su cabeça misma’”

¹¹³ Para um estudo mais aprofundado e exaustivo sobre partículas, ver SEKI, Lucy (2000).

¹¹⁴ Esta concepção que realiza Cerno, refutando a ideia de alguns autores (MELIÀ, 2007; GUASCH 1983; 2005) que chegam a descrever o uso de *-ete*, *-ite* como um superlativo ou elativo, com um sentido de ‘muito, em alto grau’ (GUASCH, 1983, p. 92).

j. “*Guarani-ete* ‘el auténtico guaraní’” (CERNO, 2011, p. 240).

Cardoso (2011, p. 116) também explica que “a partícula {-ete} ocorre geralmente em posição interna ou constituinte e indica algo real e verdadeiro”:

k. “*Jaguapiru ña-mômiri-ete-i*” (sic)... *na-mômiri*...
‘a aldeia *Jaguapiru* não é longe mesmo’ (CARDOSO, 2008, p. 116).

Segundo Cerno (2011), existe a possibilidade de que {-ite} ~ {-ete}, tenham se formado a partir do proto focalizador {*-’i} (que depois evoluiu para o diminutivo), mais o morfema elativo {-te} ~ {-ete} que significa em ‘alto grau existencial’ e que associado ao morfema frustrativo {-rei} (naturalmente, sem esforço) teria dado o sentido de ‘naturalmente, o mesmo realmente’, com essa “junção dos dois significados em um só morfema, o que teria originado o sentido de valor encontrado em expressões como; *oho-ite-rei* ‘se foi autentica, gratuitamente’” (CERNO, 2011, p. 117). Por outro lado, a hipótese etimológica de Cerno não tem como ser provada; ao contrário, é o entendimento de que aquilo seja um intensificador que permitiu elaborar a hipótese.

4.6.1.1.3 O aumentativo {-guasu} ~ {-nguasu}

O sufixo {-guasu} ~ {-nguasu} também pertence ao grupo dos modificadores e tem a função de aumentativo. Assim “como acontece com {-rai}, é difícil saber sim é um caso de modificação no nível lexical, ou de determinação, no nível gramatical” (CERNO, 2011, p. 240). A interpretação de Cerno é que se trata de um morfema gramatical, como se vê em estudos realizados por Dietrich (1986-1990) e Jensen (1998).

Abaixo, alguns dados do Guaraní Correntino (CERNO, 2011):

- | | | |
|----|---------------------|--------------------|
| a. | <i>Nde-py-guasu</i> | ‘tu pie grande’ |
| b. | <i>Akã-nguasu</i> | ‘tu cabeça grande’ |
| c. | <i>Y-guasu</i> | ‘grandes águas’ |

Na perspectiva de Gustafson (2014, p. 344), {-guasu} pertence ao grupo dos intensificadores nas variedades do Guaraní Chiriguano, juntamente, com outros clíticos e

sufixos intensificadores, (-ete, -katu, -i, -mo, -re, -asi). Essa variedade de recursos intensificadores demonstra, segundo o mesmo autor, “a habilidade descritiva, até cósmica, sobretudo na fala cotidiana, no desenvolvimento de suas narrativas”. Abaixo, dados apresentados pelo autor:

- | | | |
|----|---|--|
| d. | <i>Jae-ete</i> | ‘él es!’ |
| | <i>Pro-3SG-INTNS.</i> | |
| e. | <i>O-karu-katu</i> | ‘está comiendo bien/mucho’ |
| | <i>3SG-comer-INTNS.</i> | |
| f. | <i>O-sii-guasú</i> | ‘corrió mucho/sorpresivamente’ |
| | <i>3SNG-correr-INTNS.</i> | |
| g. | <i>A-yu-i</i> | ‘vine exclusivamente’ |
| | <i>1SG-venir-INTNS.</i> | |
| h. | <i>Ya-ja-mo</i> | ‘¡vámonos de una vez!’ |
| | <i>1PL-ir-INTNS.</i> | |
| i. | <i>Ti-asi</i> | ‘blanquísimo’ |
| | <i>Blanco-INTNS.</i> | |
| j. | <i>Che-kandi-re</i> | ‘estoy bien cansado, pues’(na fala do homem) |
| | <i>1SG-cansancio-INTNS. (GUSTAFSON, 2014)</i> | |

O uso do morfema (-guasú ~ -nguasú) nas variedades do Guaraní falado em Corrientes, no Guaraní moderno paraguaio e nas variedades chiriguanas, chegam a ter menor incidência do que seu equivalente {-tucha} (py), ~{-túicha} (chir¹¹⁵):

- | | | |
|----|--------------------|----------------------------------|
| k. | <i>Ne-kũ-tucha</i> | ‘tu lengua grande’ |
| l. | <i>Mbói-tucha</i> | ‘serpiente grande’ (CERNO, 2011) |

Para Dietrich (1986), tanto {-guasú} como {-tucha} ~{-túicha} são lexemas que têm valor predicativo da 3ª pessoa, seja singular ou plural, mas onde não aparece o morfema -i, ou qualquer das suas variedades, podendo ter as seguintes interpretações:

- | | | |
|----|--------------|------------------------------------|
| m. | <i>Guásu</i> | ‘(es/son) grande(s)/importante(s)’ |
|----|--------------|------------------------------------|

¹¹⁵ Chir: Abstração da palavra Chiriguano; Py = Paraguay

n. *Túicha* ‘(es/son) grande(s)/ enorme(s)’ (DIETRICH, 1986, p. 109)

4.6.1.1.4 Coletivo {-*ti*}~{-*ndi*}

O morfema {-*ti*}, que varia com a forma {-*ndi*}, que ocorre em ambientes nasais, está dentro da categoria de modificadores da palavra e tem um sentido de coletivo. É um sufixo que, na maioria das vezes, aparece em junção com lexemas que têm denotação de espécies vegetais; “noção que pode encontrar sua origem na sincronia com o verbo *a-ño-ty* ‘prantar’” (CERNO, 2011, p. 241). Pelo significado lexical o morfema tem uma conotação de valor locativo; “lugar no que o objeto nomeado pela base léxica cresce ou se encontra em quantidade”, isso segundo o próprio Cerno (2011). Por sua vez Cardoso (2008, p. 51) indica que a afixação do {-*ty*}, chega a alterar, significativamente o conceito básico expresso pelo lexema principal:

a. <i>petỹ</i>	‘tabaco’	
b. <i>petỹ-ndy</i>	‘tabacal’	(CERNO, 2011)
c. <i>avati</i>	‘maíz’	
d. <i>avati-ty</i>	‘maizal’	(CERNO, 2011)
e. <i>ky’a</i>	‘suciedad’	
f. <i>ky’a-ty</i>	‘maleza, yuyal’	(CERNO, 2011)
g. <i>pakowa</i>	‘banana’	
h. <i>pakowa-ti</i>	‘bananal, plantação de banana’	(CARDOSO, 2008)
i. <i>kapi’i</i>	‘capim’	
j. <i>kapi’i-ti</i>	‘pasto’	(CARDOSO, 2008)

4.6.1.1.5 Incorporação pronominal: - {-*mbáe*-} ~ {-*poro*}

Outro tipo de modificação muito frequente e conhecido no Guaraní Paraguaio, no Guaraní de *Corrientes* e nas variedades do chiriguano, entre outras línguas Tupi-Guarani, é morfema *-mbáe*¹¹⁶, um tipo de modificação característico da sintaxe das línguas Tupi-Guarani. O morfema pode ter diferentes usos, (em posposição, como pronome indefinido, interrogativo, ou com valor negativo). Por suas diversas formas de uso, não nos debruçaremos em todas elas, porém, esta análise se limitará à descrição dos usos que aparecem dentro da categoria de

¹¹⁶ Nas variedades do Guaraní Correntino, do Paraguai e Mbya do Brasil, se transcreve como *-mba’e* (pelo uso da ?), fonema que praticamente desapareceu nas variedades do Guaraní chiriguano segundo pesquisadores como Dietrich e Gustafson.

formação de palavras. Mas a funcionalidade de *-mbáe* é tão ampla que dependendo da forma da análise realizada, e de sua posição na frase, pode facilmente estar dentro do procedimento de formação de palavras, assim como dentro de uma função predicativa. Sendo assim, “o sufixo *-mbáe* um predicado de tal forma que dele surge uma nova palavra, que pode ser a base, de uma forma atributiva” (DIETRICH, 1986, p. 179);

- a. *iyiwa-mbáe* = *iyiwa-mbáe-wa* ‘que não tem braços’.
 - b. *hésa-mbáe* = ‘no tiene ojos / ciego’.
- (DIETRICH, 1986, p. 179)

Quando o sufixo atua como negação, ele se combina com verbos ou com nomes que designam objetos que se podem possuir. Essa característica é própria de *{-mbáe}*, o que não acontece com as outras negações, como com *{-a}* ou *{-mbáeti}*. Dietrich explica que o valor negativo nem a função sintática de *{-mbáe}* coincidem com os de *{-a}* ou *{-mbáeti}*. “A negação com *{-a}* afeta o conteúdo inteiro do lexema (*ikawi* ‘es bueno’ / *ikawĩ-a* ‘no es bueno/ es malo’), enquanto que *{-mbáe}* indica a ausência desse conteúdo” (DIETRICH, 1986, p. 179). É por isso que não podem se combinar com nomes que designam qualidades, segundo o próprio autor.

- c. *hésa-mbáe* ‘não tem olhos’ ‘cego’.
- d. *aparawiki-mbáe áiko* ‘não trabalho, vivo’ ‘vivo sem trabalhar’.
- e. *aparawiki-mbáe-ko ché* ‘el que no trabaja soy yo’. (DIETRICH, 1986, p. 179)
- f. *Nachembáe’ rugúai* ‘no es mia la cola’ (MONTROYA, 1639, p. 211)

Por outro lado, Cerno (2011, p. 241) apresenta o uso de *{-mba'e-}*, e *{-poro-}* como incorporador de objeto genérico pronominal (OGP) na posição de infixo, o que significa que podem estar entre a marca pessoal verbal e a base lexical, na mesma posição dos objetos incorporados e o anterior pronome do objeto. Por sua vez, outros estudiosos mostram que é importante indicar se o objeto genérico é humano ou não humano. Caso seja humano, é utilizado o infixo *{-poro-}*, se não é humano, ou sejam seres animados que sejam submetidos a ações humanas, se usa o infixo *{-mbáe-}*, como já apontado por Anchieta (1595) para o Tupi da Costa brasileira, em meados do século XVI.

- g. *O-poro-poan* ‘cura personas’ (GUSTAFSON, 2014, p333)
3-OGP-curar
- h. *O-poro-yuka-vae* ‘asesino’ (GUSTAFSON, 2014, p333)
3-OGP-matar- ATR.
- i. *O-jo o-mbáe-yuka* ‘se fue a cazar/pescar’ (GUSTAFSON, 2014, p. 333)
3-ir 3-OGP-matar
- j. *(a)-mbáe-nũpa* ‘lo que se azota un animal’
- k. *(a)-poro-nũpa* ‘azotar a las personas’ (DIETRICH, 1986, p. 180)

A expressão *mbáe* também existe como lexema e tem o significado de ‘coisa’ ‘algo’ (MONTROYA, 1639, p. 211), enquanto que {-poro-} não tem correlato como uma palavra independente. Assim como os objetos nominais não indicam objetos atuais, senão “objetos genéricos que denotam uma ação habitual, o que leva a uma modificação do significado lexical da base verbal. Nesse sentido são considerados como formadores de novas palavras”(CERNO, 2011, p. 241):

- l. *a-mba’e -karu* ‘comer (lo que se come normalmente)’
- m. *a-mba’e-jogua* ‘comprar (lo de siempre, hacer compras)’
- n. *a-mba’e-juka* ‘cazar (lo que se caza normalmente)’
- o. *a-poro-juka* ‘matar a una persona, asesinar’
- p. *a-poro-nupã* ‘castigar a una persona, alguien’

4.6.1.2 Desenvolvimento da palavra

Para definir que tipo de línguas são as variedades estudadas nesta tese, partiu-se do ponto de vista da tipologia morfológica tradicional, auxiliados por estudos anteriores realizados para outras variedades de Guaraní que servirão como fontes de análises comparativas.

Segundo Dietrich (2010), a tipologia morfológica das línguas da família linguística Tupi-Guarani apresenta elementos de todos os tipos: isolante, aglutinante, flexivo e incorporante (DIETRICH, 2010, p. 18). Pela natureza da língua Guaraní, “devido a seu tipo aglutinante e isolante, o desenvolvimento é um mecanismo de formação de palavras quase inexistente” (CERNO, 2011, p. 242). Porém, existem morfemas que são considerados, segundo seu funcionamento, dentro do mecanismo do desenvolvimento da palavra.

A seguir, apresentamos alguns exemplos de funcionamento de alguns morfemas no processo de desenvolvimento da palavra em língua Guaraní.

4.6.1.2.1 Substantivos abstratos; uso do morfema {-kue} ~{-ngue}

A forma {-kue} e a forma variante para ambientes nasais {-ngue}, segundo Dietrich (2011, p. 5) é o tipo de modificação mais estendida e provavelmente a mais tradicional do Guaraní. É a classe de sufixo que na maioria das outras línguas Tupi-Guarani se atribui um valor aspectual, ou um valor temporal de passado, ou como o chamaria Dietrich, perfectivo ‘PFV’. Por exemplo no (Gp¹¹⁷) Guaraní do Paraguai o valor aspectual aparece em bases nominais e não predicativas:

- a. Gp. *Ij-ao-kue*
3-ropa-NP ‘*lo que fue su vestido*’ (DIETRICH, 2011)
- b. Gp. *che-róga-kue*
1-casa- NP ‘*lo que fue mi casa/ mi casa abandonada*’
- c. Mb. *ao-kue*
ropa-NP ‘*Ropa extraviada/perdida*’ (DOOLEY, 2006 p, 86)
- d. Mb. *uru r-o’o-kue*
gallina CONT -carne- NP ‘*a carne que era de gallina*’ (DOOLEY, 2006)

A noção de não pertencimento (NP), explicada por Dietrich (2011, 1986), aparece como modificações das palavras *pykue*, *-ogakue*, *aokue*, *-o’okue*; modificações que surgiram das bases lexicais {-py} ‘pé’, {-óga} ‘casa’, *ao* ‘roupa’ e, *-o’o* ‘carne’. Essa noção de não pertencimento significa que o que formava parte do objeto base já não pertence mais ao possuidor, ou a função que exercia deixa de ser exercida (a casa deixou de ter função de casa, ou a roupa deixou de ser usada como roupa). Segundo Dietrich (2011, p. 6), “De qualquer forma, em todos os casos expressa uma ruptura com a função original da matéria referida”. Dessa forma, interpreta-se que a categoria de NP estaria dentro do mecanismo da modificação derivativa de palavras, assim como foi visto com os diminutivos, aumentativos ou intensificadores.

Utiliza-se as siglas Gp. Para indicar o Guaraní paraguaio; Mb para o Guaraní Mbyá, o Chir. Para indicar alguma das variedades do Guaraní Chiriguano.

Cerno (2011, p. 242) interpreta que o uso do morfema {-kue}, ~ {-ngue} está dentro da categoria de desenvolvimento da palavra e não só dentro da modificação de palavras, como foi indicado por Dietrich. O autor indica que a expressão do não pertencimento “produz substantivos abstratos, quando são combinados com nomes de qualidades” (CERNO, 2011, p. 242):

- e. *i-porã-ngue* ‘su belleza/tiene belleza’ (CERNO, 2011)
- f. *ij-aigue-kue* ‘su fealdade/tiene fealdad’ (CERNO, 2011)
- g. *Ø-guasú-kue* ‘su grandeza/ tiene grandeza’ (CERNO, 2011)

Cerno (2011, p. 243) discorda de que o significado básico de {-kue} seja aspectual ou temporal. Segundo ele, se essa hipótese fosse real, não seria possível explicar os usos que aparecem nos exemplos acima mencionados. A função de {-kue} com nomes de qualidade vem do valor do não pertencimento próprio do {-kue}, ‘a coisa separada do seu estado anterior’ (CERNO, 2011, p. 243).

Quando o sufixo aparece lexicalizado em palavras que expressam partes do corpo humano, “é considerado em um estado separado do organismo: *t-yge* ‘barriga’, *t-yge-kue*, ‘tripas’, *akã*, ‘cabeça’, *akã-ngue*, ‘crânio’, etc.” (CERNO, 2011, p. 243).

Cardoso (2008) mantém a ideia de {-kue} como o sufixo indicador de passado, coincidindo na mesma linha de pensamento que tem Gustafson (2014) ao indicar também o uso de {-kue}, e {-gwe}¹¹⁸ como marcadores de tempo, dessa vez de um estado que não existe mais, ou passado perfectivo (PFV). Além do mais, o estudioso esclarece que {-kue} e {-gwe} combinado com as palavras da Serie I tem a função *nominalizadora*; “com a nominalização completa do verbo se agrega frequentemente o clítico atributivo {-vae}, para formar uma frase nominal” (GUSTAFSON, 2014, p. 339).

- h. *ɖagwarete r-aʔi aipihĩ waze-kwe o-kaɲã* (CARDOSO, 2008, p. 86).

onça REL-filho 1SG-dir-agarrar Nom-pass 3SG-fugir
 ‘O filhote de onça que eu agarrei, fugiu’.

- i. *che ay-apo-gue*¹¹⁹ (Serie I) (GUSTAFSON, 2014, p. 339)

1SG 1SG-hacer-PFV

¹¹⁸ Gustafson (2014) mantém como marcadores de tempo -gue,-kue (pasado perfectivo ‘pfv’), e –rã (futuro incerto ou ‘destinativo’), isto dentro da variedade chiriguana.

¹¹⁹ Segundo Gustafson, este tipo de construção é próprio da variedade Simba: *che ay-apo-kue vae*

‘lo hecho por mi’

- j. *che ay-apo-gue vae*¹²⁰ (GUSTAFSON, 2014)

1SG 1SG-hacer-PFV ATR
‘lo que hice’

- k. *o-karu-kue* (intransitivo) (GUSTAFSON, 2014, p. 339)

3SG-comer-PFV
‘las personas que ya comieron’.

4.6.1.2.2 O uso do sufixo temporal {-rä}

Uma das características destacáveis das línguas Tupi- Guaran é o tempo nominal, o que significa que os marcadores de tempo aparecem junto ao nome e não, assim, ao verbo como ocorre no espanhol. Como nos afirma Corbera (2016, p. 202), as ocorrências de marcadores de tempo existem nos nomes destas línguas.

Cardoso (2008) explica que certos marcadores aparecem na língua em forma de sufixos, preferentemente ligados ao nome e são capazes de indicar termos de tempo passado, futuro e futuro pretérito.

O uso do sufixo -rä está dentro do mecanismo de desenvolvimento da palavra, aparecendo nas variedades de Guaraní, como marcador de tempo dentro da série I e série II da língua. A utilização do sufixo -rä, segundo Gustafson (2014), se opõe aos marcadores de tempo (-gue/-kue), indicando “uma ação, objeto, ou estado passado que não existe mais, frente a um que ainda não existe, mas que presume-se, mas não é certo, que ela existirá. (-rä),” (GUSTAFSON, 2014, p. 339), aportando assim, um significado de incerteza ou questionamento. Para Dietrich (2011) {-kue/} –{(n)gue} os chama de perfectivo ‘PFV’, e o marcador {-rä} de destinativo ‘DEST’.

- a. *o-karu-rä?*

3-comer-DEST

‘¿Será que comen?’ (GUSTAFSON 2014, p. 339)

- b. Serie I

che ay-apo-gue

1sg 1sg-hacer- PFV

‘lo hecho por mi’ (GUSTAFSON 2014, p. 339)

¹²⁰ Esta construção é das variedades Ava e isoso: *o-karu-gue.*

Com palavras que pertencem à Serie II¹²¹, o sufixo *-rã* pode aparecer sozinho ou em combinação (*-rãgue*), servindo, neste caso, para expressar um estado passado ou uma projeção de uma pessoa, animal, coisa ou possessões passadas e futuras, segundo o próprio Gustafson (2014, p. 339):

- c. *Che-koo-rã a-yapo.*
1sg-chaco-dest 1sg-hacer
‘Estoy preparando mi chaco’ (GUSTAFSON, 2014, p. 340)

O uso de *-rã* e *-ta* tem pequenas diferenças segundo o mesmo teórico;

- d. *j-embireko-ta*
3-esposa-FUT.
‘va a tener esposa’
‘se va a casar’
- e. *j-embireko-rã*
3-esposa-DEST.
‘su futura esposa’ (será su esposa, puede ser o no)
 (GUSTAFSON, 2014, p. 340)

O marcador *{-rã}* pode se combinar com o atributivo *vae*, combinando assim a função atributiva *{vae}* com destinativo *{-rã}*, o que Dietrich (1986) chama de *‘sufijo complejo’* (sufixo complexo) (*vaerã*), que segundo o pesquisador seria como a expressão em espanhol *‘para que’* (DIETRICH, 1986, p. 125). E dependendo de se o verbo é transitivo ou intransitivo *{vaerã}*, pode estar se referendo tanto ao objeto como ao sujeito do verbo.

- f. *I (intransitivo)*
o-karu vae-rã [vãerã]
3- comer ATR-DEST.
‘para comer ou para que coma’
(Lit. para que sea él/la que coma’ o ‘él/la los/las quienes están destinados a comer’)
- g. *I-A (transitivo)*
jo-u vae-rã
3-comer ATR-DEST.

¹²¹ Ver as classes de palavras que pertencem às séries I e série II para as línguas Guaraní da família Tupi-Guarani GUSTAFSON (2014).

‘para que coma(n)’ o ‘eso es lo que comerá(n)’, ‘eso es lo que están destinados a comer’
(DIETRICH, 1986, p. 125)

4.6.1.2.3 Causativo {-mbo-} ~ {-mo-}

O causativo {-mbo-} ~ {-mo-} é um prefixo que auxilia na formação de verbos transitivos a partir de raízes nominais ou verbais intransitivas” (CERNO, 2011, p. 243). Quando unidos a verbos intransitivos, o morfema é marca de voz causativa, enquanto unidos a bases nominais, este morfema está dentro do domínio da formação de palavras. Quando utilizado em nomes que indicam qualidade, como *tucha* / *ky'a* / *chii*, confere o significado de “– fazer que seja X-, - fazer que tenha X- dar X, sendo X o significado lexical da base nominal” (CERNO, 2011, p. 244).

O prefixo {-mbo-} ~ {-mo-} sempre vem depois de uma marca de pessoa gramatical verbal, dessa forma resultando em todos os casos um verbo transitivo, como se pode observar em a, b, e c, com exemplos do mesmo estudioso:

- | | | | | |
|----|--------------|----------|--------------------|------------------------------------|
| a. | <i>tucha</i> | ‘grande’ | <i>a-mbo-tucha</i> | ‘agrandando, hago que sea grande’. |
| b. | <i>ky'a</i> | ‘sucio’ | <i>a-mo-ngy'a</i> | ‘ensucio, hago que sea sucio’. |
| c. | <i>aigue</i> | ‘feo’ | <i>a-mbo-aigue</i> | ‘afeo, vuelvo feo’. |
- (CERNO, 2011, p. 243)

Quando usado com nomes que não indicam qualidade, o resultado do uso {-mbo-} ~ {-mo-} é um verbo transitivo, dando o sentido de “faço que tenha X” (CERNO, 2011, p. 243):

- | | | | | |
|----|-------------|-------|-------------------|---------------------------------------|
| d. | <i>juky</i> | ‘sal’ | <i>a-mbo-juky</i> | ‘salo, pongo sal, hago que tenga sal’ |
|----|-------------|-------|-------------------|---------------------------------------|
- (CERNO, 2011)
- | | | | | |
|----|--------------|---------|--------------------|-------------------------|
| e. | <i>Jagua</i> | ‘perro’ | <i>a-mbo-jagua</i> | ‘hago que tenga perros’ |
|----|--------------|---------|--------------------|-------------------------|
- (CERNO, 2011)

Gustafson (2014, p. 341) considera o {-mbo-} ~ {-mo-} como Causativo ou Factitivo que podem ser utilizados com os verbos intransitivos da Série I¹²² e praticamente todas as palavras

¹²² Para estudo sobre as classificações das Series da língua Guaraní, IVO (2019), para variedades do Guaraní do Brasil CERNO (2011), para o Guaraní Correntino e GUSTAFSON (2014), para as variedades do Guaraní Chiriguano”.

da Serie II do Guarani “para indicar que um sujeito faz com que outro sujeito execute a ação” (GUSTAFSON, 2014, p. 341):

mbo-/ mo- (causativo I)

f. *a-karu*

1SG-comer (INTR)

‘como’

g. *Amongaru*

a-mbo-karu

1SG- Caus1-comer (TR)

‘los hago comer’, ‘los alimento’.

h. *chemongaru*

che- mbo- karu

1sg- CAUS1-comer

‘me hacen comer’

‘me alimentan’

Os Causativos (-*mbo~mo*) também “podem transformar as palavras que aparecem na Serie II, em verbos transitivos A da série I” (GUSTAFSON, 2014):

i. *membĩ* *‘hijo/a de la mujer’* (Serie II)

mbo-membĩ *‘embarazar’ ‘preñar’* (Serie I)

Caus-hija/o (GUSTAFSON, 2014, p. 341)

j. *o-mo-membĩ* *‘la embarazó’*

3SG-Caus-hija/o. (GUSTAFSON, 2014, p. 341)

Segundo Dietrich (1986, p. 182), esses prefixos servem para formar verbos a partir de descritivos por um lado e, por outro, servem também para formar verbos de empréstimos do espanhol, o que nos indicaria que o prefixo estaria trabalhando na formação de novas palavras, desta vez partindo de um radical em língua estrangeira, ou de um empréstimo:

a.	<i>apúa</i>	<i>‘redondo’</i>	(a)mboapúa	<i>‘hacer redondo, tornear’</i> (DIETRICH,1986)
b.	<i>púku</i>	<i>‘largo’</i>	(a)mbopúku	<i>‘alargar’</i>

c.	<i>piáu</i>	<i>‘nuevo’</i>	(a)mbopiáu	<i>‘renovar’</i>
d.	<i>hésa</i>	<i>‘ojo’</i>	(a)mboésa ¹²³	<i>‘poner el ojo a alguien’</i>
e.	<i>hépi</i>	<i>‘costoso’</i>	(a)mboépi	<i>‘pagar el precio’</i>
f.	<i>gãna</i>	<i>‘ganar’</i>	(a)mongãna	<i>‘vencer’ ‘del castellano ganar’.</i>

4.6.1.2.4 Uso de sufixos locativos com pronomes demonstrativos

Gustafson (2014, p. 348) indica que, quando se trata das variedades do Guaraní Chiriguano, os pronomes demonstrativos que aparecem com mais frequência, associados a sufixos locativos ou direcionais são três (ver quadro 19). Dentre os sufixos locativos, estão *-pe* (instrumental), *-koti* (hacia), e *-rupi* (por). Sufixos tão frequentes e, segundo o pesquisador das línguas chiriguanas, aparecem nas conversações diárias, em formas coloquiais e são muito perceptíveis na fala cotidiana dos nativos:

Quadro 19 – Pronomes demonstrativos e sufixos locativos

Demonstrativos	<i>-pe</i> ‘LOC’	<i>-gui</i> ‘SEP’	<i>-koti</i> ‘hacia’	<i>-rupi</i> ‘por’
<i>Kua/kuae</i> <i>‘este/esto/esta’</i>	<i>Kuae-pe</i> <i>‘aquí en esto’</i> , <i>‘con esto’</i>	<i>Kuae-gui</i> <i>‘de aquí’</i>	<i>Kuae-koti</i> <i>‘hacia aquí’</i>	<i>Kuae-rupi</i> <i>‘por aquí’</i>
<i>Jokua/jokuae</i> <i>‘esse/eso/esa’</i>	<i>Jokuae-pe/ joko-pe</i> <i>‘allí con eso’</i>	<i>Jokuae-gui/ joko-gui</i> <i>‘de allí’</i>	<i>Jokua-koti</i> <i>Jo-koti</i> <i>‘hacia allí’</i>	<i>Jokuae-rupi/</i> <i>Joko-rupi (joko-ropi)</i> <i>‘por ahí’</i>
<i>pe/pea</i> <i>‘aquele/la’</i>	<i>Pe-pe/ pea-pe</i> <i>‘allá’</i>	<i>Pea-gui/ pe-gui</i> <i>‘de allá’</i>	<i>Pea-koti</i> <i>‘hacia allá’</i>	<i>Pea-rupi</i> <i>‘por allá’</i>

GUSTAFSON (2014, p. 348)

4.6.1.3 Composição

Segundo Dietrich (1986), a composição lexicática, aparentemente, é uns dos procedimentos mais fecundos utilizados no Guaraní chiriguano para o procedimento de formação de palavras. “Desde um ponto de vista histórico, muito dos antigos e atuais conceitos lexicais do Tupi- Guaraní parecem ter sido criados por composição, procedimento mais apto para a estrutura linguística de uma língua “isolante” ” (DIETRICH, 1986,p. 183). O posicionamento do autor baseia-se no princípio de que a criação léxica é a composição por simples justaposição, precedendo o elemento determinante ao determinado, como acontece

¹²³ Esta construção aparece com a variedade do Isoso: *hésa (a)mboésa*, enquanto na variedade Simba, aparece como *(a) mboéha*.

sempre na gramática Tupi-Guarani, porém nas variedades chiriguanas também. (DIETRICH, 1986).

Trazendo à tona a já mencionada teoria de Coseriu (1962), que indica que dentro da função da composição, distingue-se a composição genérica (ou prolexemática), procedimento pouco utilizado no chiriguano. Porém, autores como Cerno (2011) identificam o formador de gentílico e nominalizadores nesse tipo de composição. Por outro lado, temos a composição específica (ou nominal), na qual os elementos implicados são lexemas, estando dentro dessa função a composição nominal e a composição com verbos.

A concepção de ‘composição de Coseriu’ não coincide completamente com o conceito tradicional. Para o autor a composição genérica difere da composição tradicional.

A composição tradicional (como em “encontro cumbre ” em espanhol, “ciudad dormitorio” ou “mboi-mbaraka” em Mbyá, que significa “serpente cascavel”) da composição genérica, na qual um elemento com o valor de “alguém ” ou “algo” é composto com um lexema. Por exemplo: “caçador” significa ‘alguém que caça’, “comedouro” significa “um lugar onde se come” e “pescador” significa “alguém ou algo relacionado à pesca”, como “alguém que pesca” ou “um barco usado para pescar”. Esses últimos são os significados usuais da norma, enquanto o primeiro é uma fórmula que representa o significado fornecido no sistema da língua espanhola. A composição genérica engloba os tradicionais “*nomina agentis*”, “*nomina loci*”, “*nomina instrumenti*” etc. (DIETRICH, 2011, p. 4-5).

Os termos¹²⁴ “*nomina agentis*”, “*nomina loci*” e “*nomina instrumenti*” são utilizados na linguística para descrever categorias gramaticais relacionadas ao papel desempenhado por certos substantivos em uma frase ou contexto específico. Em português são conhecidos como “nome de agentes”, “nomes de lugares” e “nome de instrumentos”, respectivamente.

4.6.1.3.1 Composição específica

Sendo a justaposição um mecanismo básico da composição específica nas línguas Tupi-Guarani (Cerno, 2011, Dietrich, 1986,1990 e Seki, 2000), há grandes indícios de que também isso acontece nas línguas chiriguanas. No caso das variedades aqui estudadas, o problema,

¹²⁴ Os termos em latim, “*nomina agentis*” refere-se aos substantivos que indicam a pessoa ou entidade que realiza uma ação. Por exemplo, em português, “caçador” é um “*nomina agentis*” porque se refere a alguém que realiza a ação de caçar. E “*nomina loci*” refere-se aos substantivos que indicam o lugar ou espaço onde ocorre uma ação. Por exemplo, “comedouro” é um “*nomina loci*” porque se refere a um lugar onde se come. E por sua vez, “*nomina instrumenti*” refere-se aos substantivos que indicam o instrumento ou meio utilizado para realizar uma ação; “pescador” é um “*nomina instrumenti*”, porque se refere a alguém que utiliza o instrumento para pescar.

segundo Dietrich (1986) é saber em que medida “as formações de palavras são funcionais, vivas, paradigmáticas ou historicamente fixadas”, sem a necessidade de fazer nenhuma afirmação segura, ou asseveração a respeito. Neste estudo busca-se apresentar a tendência seguida pelo sistema no seu processo de formação de palavras e determinar se a estrutura que apresentam os novos lexemas cumprem os requisitos necessários para formar livremente palavras compostas, segundo os paradigmas já existentes.

4.6.1.3.2 Composição nominal

Trata-se de um tipo de composição que apresenta uma formação cujas raízes são nomes, apresentam-se duas funções que se diferenciam entre si pela ordem dos constituintes. O que seria uma função do tipo; I) “determinante + determinado, e II) uma função ‘adjetival’, na qual a estrutura se inverte formando “determinado + determinante”, (CERNO, 2011, p. 209); isto porque o elemento nominal da direita é um nome que indica qualidade.

Como se mostra nos seguintes exemplos:

I) Determinante + Determinado (nome + nome)

- a. *Pira* ‘pez’ *pire* ‘piel’ = *pirapire* ‘dinero’
(CERNO,2011).
- b. *Tata* ‘fuego’ *tĩ*¹²⁵ ‘punta’ = *tatatĩ* ‘humo’.
(CERNO, 2011).
- c. *Akã* ‘cabeza’ + *áo* ‘vestido’ = *akandáo* ‘sombrero’
(DIETRICH,1986).
- d. *Pó* ‘mano’ + *ãka* ‘cabeza’ = *poãka* ‘dedo de la mano’
(DIETRICH,1986).
- e. *Tũpa* ‘Dios’ + *ó(o)* ‘casa’ = *tupáo* ‘templo, iglesia’
(DIETRICH, 1986).

II) Determinado + Determinante (nome + qualidade)

- a. *Py* ‘pie’ + *nandi* ‘vacio’ = *pynandi* ‘descalzo’ (CERNO,2011).
- b. *Yvy* ‘tierra’ + *ku*’i ‘desmenuzado’ = *yvyku*’i ‘arena’ (CERNO,2011).

¹²⁵ O autor traduz *tĩ* como ‘ponta’ sendo que outros estudiosos o traduzem; *tĩĩ* = branco, (DIETRICH, 1986), *xĩĩ* = branco (variedade mbya), (IVO, 2020); *tỹ* = blanco, blancura (MONTROYA, 1639, p. 385).

- c. *Tata* ‘fuego’ + *tĩi* ‘branco’ = *tatãti* ‘humo’
(DIETRICH, 1986).

Os exemplos apresentados valem para as composições de dois elementos nominais, seguindo a descrição previamente mencionada.

Por outro lado, vale lembrar que em composições de dois elementos nominais e, onde aparece o fenômeno da nasalização e desnasalização, duas observações devem ser consideradas: a oralidade ou nasalidade da composição vai depender da oralidade ou nasalidade do segundo elemento: se este é nasal, o espalhamento nasal atinge todo o elemento (a, b), porém, se chega a ser oral, se desnasaliza o primeiro elemento até um acento secundário (c, d), conforme explicado por Dietrich (1986, p. 184):

- a. *kwarási* + *ã* = *kwarasĩia* ‘sombra’ (DIETRICH, 1986)
b. *táta* + *tĩi* = *tatãtĩ* ‘humo’

Se o segundo elemento é oral, desnasaliza o primeiro elemento até um acento secundário;

- a. *ãka* + *áo* – *akand-áo* = *akandáo*¹²⁶ ‘sombbrero’ (DIETRICH, 1986).
b. *tũpa* + *ó(o)* = *tupáo* ‘iglesia’ (DIETRICH, 1986)

Um fato importante a se observar a favor das composições chiriguana é que em muitos casos de composição nominal, o acento se encontra no lugar de onde tinha sido removido, em caso em que os elementos compostos teriam formado uma unidade de intensidade oxítone. Isso em Tupi-Guarani, antes da migração chiriguana, segundo o próprio Dietrich. Nos exemplos (d, e) nas formas atuais, como *kwarasia* ‘sombra’, *tatãti* ‘fumasa’ não levam o acento no lugar onde se encontra em cada um dos elementos bases, *kwarási* ‘sol’, + *ã* ‘sombra’, *táta* ‘fogo’, + *tĩi* ‘branco’. O acento permanece na penúltima sílaba de toda a composição.

4.6.1.3.3 Composição com verbos

¹²⁶ Os casos retratados pelo pesquisador tratam de composições feitas e não de procedimentos disponíveis na norma atual do chiriguano. A maioria das composições que se apresentaram no texto estão documentadas já em Tesouro de Montoya: *akandáo* : *acãngaó* (Montoya); *tatãti* : *tatatĩ* (Montoya)

No caso da construção das palavras que estão compostas por um nome e um verbo, a função do nome chega a se constituir como o objeto direto do verbo. Esse tipo de formação, junto às composições nominais, segundo Dietrich (1986) é muito mais livre e espontâneo nas línguas Tupi-Guarani. Por sua vez, Cerno (2011) indica que este tipo de formação, quando se junta uma base nominal com uma base verbal, “[...] o nome, que antecede o verbo, é determinado pela raiz verbal” (CERNO, 2011, p. 247); e como resultado desta composição seria um nome modificado:

- a. *tĩ ‘nariz’ + syry* *‘fluir’ = tĩsyry ‘moco’* (CERNO, 2011).
- b. *a-po + wĩwĩ* *‘manosear, palpar (con la mano)’* (DIETRICH, 1986).
- c. *a-pia + kãñi* *‘asombrarse, admirar (akãñi = perderse + pia = ‘higado, corazón, conciencia)’* (DIETRICH, 1986).
- d. *á-i + u* *‘tomar agua’ (de háu ‘comer/beber’ + i ‘agua’)* (DIETRICH, 1986).

Nos exemplos b, c, e d se observam construções de verbos transitivos com um complemento de objeto nominal que está incorporado ou infixado, onde o objeto infixado não é genérico, senão atual e concreto. Dessa forma, segundo Dietrich (1986), se trata do desenvolvimento da palavra e não de uma modificação. Estas formações são ainda muito funcionais no chiriguano, segundo o mesmo pesquisador, porque dessas formações se pode obter cada vez mais palavras novas.

4.6.1.4 Composição genérica; Derivação: {-gua} ~{ygua}

Para alguns estudiosos, {-gua} ~{-ygua} servem para denotar procedência ou origem (Guasch, 1985, Dietrich, 1990, 1986, Cerno, 2011. Cerno o classifica como ‘*formador de gentilício*’ e corresponde à composição genérica: “é um sufixo que forma um nome com função de atributo a partir de um advérbio ou de um nome em função de advérbio. Nesse caso, o resultado indica procedência” (CERNO, 2011, p. 244). O uso do morfema é frequente nas variedades do Guaraní do Paraguai, Mbyá, Guayrá e nas variedades chiriguanas:

- a. *Káa-pegua* *‘procedente del bosque’* (CERNO, 2011)
- b. *Paraguay-gua* *‘asunceno’* (CERNO, 2011)
- c. *Ñaná-ygua* *‘de la selva’* (DIETRICH, 1990, p. 311).

Nas variedades chiriguana, assim como também no G.P, Guarayo e o Mbyá, aparece o morfema {-gua} ~ {-ygua}. O pesquisador Cerno (2011) descreve morfema como “um sufixo que forma um nome com função atributiva a partir de um advérbio ou de um nome em função adverbial” (CERNO, 2011, p. 244), o que, no final, dá como resultado um atributo que indica procedência ou origem, como pode-se ver nos exemplos de Dietrich (1990, p. 311) na variedade do G.P.:

- d. G.P: Pilar-gua ‘(el cual es) de Pilar, pilarense’
- e. G.P: Paraguay-gua ‘(el cual es) de Asunción, asunceño’
- f. Chi: ñaná-ygua ‘de la selva’

Em Chiriguano se observam as três funções, enquanto se refere à formação de palavras defendida por Coseriu(1981) por modificação da palavra, o desenvolvimento da palavra e por composição. Porém, é importante destacar que segundo Dietrich (1986), a composição genérica o prolexemática não aparece como função no processo de formação de palavras em chiriguano. Ainda assim, Cerno (2011) identifica os morfemas -gua, -ygua como composição genérica e não como um processo de derivação.

A forma composta {-pegua} aparece nas variedades do G.P. e do Chiriguano, do morfema {-gua} + o locativo {-pe}, diferenciada de {-gua} pela especificação ‘espacial’ de origem ou da procedência, cujo resultado pode se traduzir como ‘o qual é’, procedência + lugar. No caso do morfema {-gua} no Guaraní Paraguaio, ele nunca aparece sozinho ligado diretamente à raiz, está sempre antecedido por um locativo, tendo um resultado do tipo, Loc + -gua.

Dependendo do elemento locativo que se encontre precedido de -gua pode indicar diferentes valores relativos à procedência, vejam-se alguns exemplos apresentados por Cerno (2011):

Sufixo -pe + gua:

-pe + gua ‘pea Tacuaral-pegua’ ‘es el que es de Tacuaral’.

Sufixo -vi ~ -gui + gua:

-gui (~-vi) + gua ‘so’o ovecha-vigua’ ‘carne (que es) de oveja’.

Sufixo **-re + gua:**

-re + gua ‘doctor ñande-pysa-regua’ ‘el doctor (que es) de la oreja’.

Sufixo **-rehe + gua:**

-rehe + gua ‘óga-rehegua’ ‘(el que es) de la casa’.

Sufixo **-ndí + gua:**

Sufixo **-py + gua:**

-py + gua ‘y-pygua’ ‘bichos (que son) del agua’.

Em chiriguano existe a forma {-pegua}, composição do locativo {-pe} + {-gua}, assim como existe na variedade do G.P. “diferenciada de {-gua} pela especificação ‘espacial’ da origem o da procedência que se aumenta à função normal deste morfema. O resultado pode traduzir-se com a fórmula (o qual é) procedente de + lugar” (CERNO, 2011, p. 244). O mesmo pesquisador afirma que nas variedades estudadas por ele na Argentina, o morfema -gua nunca aparece sozinho, anexado à base, senão que vai antecedido sempre por um sufixo locativo do tipo: Loc+gua:

-pe+gua péa Tacuaral-pegua ‘esse (el que) es de Tacuaral’

(CERNO, 2011)

5 NEOLOGISMOS LEXICAIS: principais conceitos

“Palavras são, na minha não tão humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia.”
(J.K.Rowling).

5.1 Lexicologia e Lexicografia

Neste capítulo, apresentamos uma reflexão teórica sobre os principais conceitos relacionados ao estudo do léxico (unidade lexical, lexia), além de definições sobre neologia e neologismo, conceitos que serão considerados nas análises dos dados constantes no Glossário “Neologismos Linguísticos de Terminos Técnicos en Idiomas Bésiro, Mojeño, Guaraní, Gwarayu” produzido pela UNIBOL Guaraní y pueblos de tierras bajas: Apiaguaiki Tüpa y el Instituto de Investigaciones. Serão considerados critérios de seleção para classificação dos neologismos, tipologia de neologismos e neologismos terminológicos.

Ferdinand de Saussure, em seu Curso de Linguística Geral, falou que uma língua é um sistema de signos e de regras, que cada elemento constitutivo de cada língua está interligado, combinando-se em relações. Dentre esses elementos constitutivos do sistema, o teórico se referia ao léxico. Para Polguère “as línguas se formam, evoluem no tempo e “morrem” (POLGUÈRE; 2018 p. 25). Graças à sua natureza flexível da língua é que ela está sujeita a evoluir, a se transformar e, assim necessariamente garantir sua continuidade.

As línguas estão constituídas por uma parte lexical e outra parte gramatical. A primeira é formada pelo conjunto das palavras¹²⁷, também conhecida no campo da lexicologia e lexicografia como léxico e a segunda parte é conformada pelas regras gerais que permitem combinar essas palavras para formar frases que constituem a gramática da língua.

Dentro da literatura lexicológica, entende-se por léxico¹²⁸ o conjunto abstrato de unidades lexicais ou lexemas de uma língua. O nosso léxico é constituído por lexemas, que são

¹²⁷ Neste sentido, utiliza-se o termo *palavra* para designar diferentes coisas no linguajar de todos os dias. Neste trabalho, usaremos **palavra** e **unidade lexical** como expressões sinônimas, embora não o sejam em sentido estrito.

¹²⁸ “Entendendo léxico como o conjunto virtual que inclui todas as unidades lexicais, atestadas e possíveis, próprias de todas as variedades e registros- formais e informais, orais e escritos, especializados ou não- de uma língua” (CORREIA, 2010. p. 47).

as palavras¹²⁹, ou unidades lexicais. Segundo Polguère (2018), o lexema é uma generalização do signo linguístico, “cada lexema da língua é estruturado em torno de um sentido exprimível por um conjunto de *formas de palavras* que somente a flexão distingue” (POLGUÈRE, 2018, p. 54). Quanto à forma de palavra, o autor define como um signo linguístico dotado de duas propriedades: possui autonomia de funcionamento e possui uma coesão interna (POLGUÈRE, 2018, p. 54).

5.2 Neologia e neologismos

Poderíamos começar esta seção afirmando que a neologia e neologismo são termos que, tradicionalmente, “em diversas línguas, têm sido usados para designar a criatividade no âmbito lexical: neologia designa o processo de criação e neologismo o produto desse processo” (ALVES; MARONEZE, 2018, p. 5). No entanto, apesar de parecer definições simples de se explicar, foram umas das definições mais difíceis de se estabelecer, no campo dos estudos do léxico, ou seja, delimitar o que se entende por neologia e neologismo. Desde a aparição do próprio termo neologia, a conceitualização sempre teve observações relevantes a serem levadas em consideração. Nas últimas décadas, as pesquisas no campo da neologia têm passado por um processo de evolução significativo. Apesar disso, ainda há poucas teorias que tentam delimitar o que se entende por neologia e neologismo, com estudos que se dedicam a classificar conjuntos de vocábulos, seguindo algumas determinadas propostas de neologia nas quais se podem encaixar os itens como candidatos a neologismo, “sem deixar constância do que se considera que é unidade neológica, e quais critérios seguem para detectar e determinar a neologia de um novo termo” (LLOPART; VEGA, 2017, p. 1417).

Pode-se afirmar que cada vez mais há estudos que colocam em dúvida, não somente o conceito de neologia e neologismo, mas também, a delimitação de parâmetros que auxiliem em sua identificação.

Sobre essas limitações, Llopart e Vega esclarecem que:

Ainda existe uma lacuna significativa no estudo da neologia como campo de conhecimento que se dedica à análise e evolução das palavras novas que

¹²⁹ “(palavra) é um termo ambíguo e o utilizamos de muitas maneiras, até mesmo na linguagem comum. Se quisermos utilizá-lo como um termo na descrição da linguagem, devemos ter certeza do que queremos dizer com ela” (JACKSON, 1988, p. 1).

surgem em um período de tempo específico. Seu objeto de estudo, os neologismos, é caracterizado, fundamentalmente, pela novidade de significado (LLOPART; VEGA, 2017, p. 1417). Tradução própria.

Apesar dessas limitações, é importante mencionar as teorias que existem e que buscam determinar a conceitualização de ambos os termos. Para isso, começou-se pelas definições que aparecem em alguns dicionários. Alves (1996) apresenta algumas:

Diz-nos Machado, em seu Dicionário etimológico da língua portuguesa (1989, v4, p. 207), que a oitava edição do Dicionário da língua portuguesa, de Moraes, registra o termo neologismo, no século XVIII, em Filinto Elísio, O Grande dicionário português ou Tesouro da língua portuguesa, de Frei Domingos Vieira (1871-1874, v. 4, p. 425), registra os termos neologia - “invenção ou introdução de termos ou locuções novas em um idioma” -, neologismo - “inovação de palavras e frases” - e neólogo - “o que usa com frequência de termos novos; o que afeta uma linguagem nova” (ALVES, 1996, p. 10-11).

Segundo a definição que se encontra na última edição do dicionário acadêmico da *Real Academia de la Lengua Española*¹³⁰, considera-se neologia:

1.f. Ling. Proceso de formación de neologismos.

2.f. Ling. Estudio de los neologismos.

Levando em consideração a mencionada entrada, pode-se entender neologia como processo de criação e como o estudo do produto que resulta desse processo, o que se conhece como neologismo, que por sua vez é um conceito para o qual não se consegue, também, encontrar uma definição consensual e definitiva, um tema que os teóricos e especialistas na área consideram como necessário delimitar para continuar com as análises e desenvolvimento dos novos itens de investigações futuras.

O conceito de neologia é muito anterior ao surgimento do próprio termo, a mesma função acompanha o desenvolvimento e evolução do acervo lexical das línguas do mundo. Hoje em dia, pode-se falar de estudos e teóricos importantes que realizaram aportes significativos na área da neologia como Guilbert, estudioso que produziu relevantes investigações sobre a neologia lexical e se refere à neologia como o “estudo que trata todos os fenômenos novos que

¹³⁰ “Ver en la vigésima tercera edición del Diccionario de la lengua española de la Real Academia Española (DRAE)”

atingem uma língua, e considera neológicas as inovações lexicais oriundas de outros idiomas ou empréstimos” (GUILBERT, 1975, p. 31).

Outro teórico relevante dos estudos neológicos, Jean-Claude Boulanger, definiu a nova unidade lexical neológica como “uma unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema linguístico estrangeiro e aceito numa língua” (BOULANGER, 1979, p. 65, 66). Da mesma forma, Alves (2007) salienta, indicando a neologia como o processo de criação de um novo item lexical e o produto desse processo, o neologismo, sendo que esses novos itens lexicais criados seguem critérios da própria língua, assim como também novos itens podem vir de outros sistemas linguísticos.

Observa-se no dicionário da RAE a seguinte entrada para neologismo:

De neo-, el gr. λόγος λόgos ‘palavra’ e -ismo.

1. m. Ling. Vocablo, acepción o giro nuevo en una lengua.

2. m. Ling. Uso de neologismos. (Ver DRAE)

Pode-se observar nesta entrada para neologismo que a Real Academia da língua espanhola não tem definido, de forma clara, o que é um neologismo e a diferença com a entrada para neologia.

Segundo Llopart e Vega (2017, p. 1419), “o termo *neologismo* foi introduzido no dicionário acadêmico muito antes que o termo *neologia*”; concretamente, na nona edição¹³¹, porém “o termo *neologia* não foi registrado senão até a última edição¹³²” (LLOPART E VEGA, 2017, p. 1419). Sobre isso, Cabré nos traz uma possível causa pela falta de precisão dessa definição.

O neologismo é um objeto complexo, pois é instável e relativo em relação à novidade, que deve ser analisado a partir de uma perspectiva multidimensional e não pode ser estudado apenas a partir da linguística, compreendida do ponto de vista morfológico e semântico (CABRÉ 2015b, p. 71). Tradução própria

¹³¹ REAL Academia Española. 1943: Diccionario de la lengua castellana por la Real Academia Española. 9ª ed. Madrid: Imprenta de D. Francisco María Martínez

¹³² REAL Academia Española. 2014: Diccionario de la lengua española. 23ª ed. Madrid: Espasa Calpe.

Guilbert (1975) chega a definir a neologia léxical¹³³ assim;

A neologia lexical se define pela possibilidade de criar novas unidades léxicas, de acordo com as regras de produção incluídas no sistema lexical. [...] Portanto, o estudo da neologia lexical também envolve a coleta de um conjunto de neologismos que surgiram em um período específico na vida da comunidade linguística (GUILBERT, 1975 p. 31).

Entretanto, outro importante estudioso, Alain Rey (1976) define da seguinte forma o conceito de neologismo¹³⁴:

Uma unidade do léxico, palavra, locução ou sintagma, cuja forma significante ou a relação significante-significado, por meio de um funcionamento efetivo em um modelo de comunicação específico, não estava presente no estágio imediatamente anterior do código da língua (REY, 1976 p. 17).

O que se pode resgatar das propostas dos dois teóricos é precisamente a principal característica da neologia e dos neologismos; a noção de novidade. “A especificidade do neologismo em relação com as outras unidades de um sistema linguístico é o fato de ser um novo elemento em relação com a forma ou significante, ou em relação entre a forma e seu significado” (SABLAYROLLES, 2004, p. 109). Essa definição apresenta um nível alto de solidez teórica, mas para outros teóricos¹³⁵, a aplicação não resulta evidente e a pergunta que continua é: que unidades são novidades da língua e, porém, neológicas? (LLOPART; VEGA, 2017, p. 142).

Teóricos como Dubois (1992) e outros consideram importante fundamentar a distinção entre neologia e neologismo por meio de uma oposição pertinente entre o processo e o produto. Definindo o conceito de neologismo fazendo referência à tipologia¹³⁶ geral da neologia e os neologismos mais usados nos tratados dedicados ao estudo deste fenômeno:

¹³³ Texto original; La néologie lexicale se définit par la possibilité de création de nouvelles unités lexicales, en vertu des règles de production incluses dans le système lexical. [...] L'étude de la néologie lexicale consiste donc aussi à rassembler un ensemble de néologismes apparus dans une période précise de l'histoire de la communauté linguistique. (tradução própria)

¹³⁴ Texto original: *Une unité du lexique, mot, lexie ou syntagme, dont la forme signifiante ou la relation signifiant-signifié, par un fonctionnement effectif dans un modèle de communication déterminé, n'était pas réalisée au stade immédiatement antérieur du code de la langue.* (tradução própria)

¹³⁵ Ver, entre outros, Corbeil, Quemada, Riffaterre, Gardin y otros, Guilbert, Rey y Boulanger.

¹³⁶ Texto original: “*neologismo de forma, neologismo de sentido y neologismo por préstamo*, haciendo referencia, en la primera acepción, al *neologismo de forma* y, en la segundo, al *neologismo de sentido*, e incluyendo dentro

neologismo da forma, neologismo de sentido, e neologismo por empréstimo, referindo-se, na primeira acepção, ao neologismo da forma e, no segundo, ao neologismo do significado, e incluindo dentro dos neologismos da forma, chamamos-lhes empréstimos” (LLOPART & VEGA, 2017, p. 1420).

Por sua parte, Rey (1974) propõe, em um dos seus estudos mais destacados sobre a noção de neologismo, a ideia de definir parâmetros¹³⁷ ou critérios¹³⁸, levando em conta a dificuldade de definir o conceito de neologia e neologismo. Por sua vez, Cabré Castellví (2015a) explica que essa dificuldade se deve ao fato de que estamos “ante uma unidade complexa devido a sua natureza, sendo que se trata de uma unidade poliédrica, de acordo com o princípio de *poliedricidade*¹³⁹, e relativa, em relação à noção de novidade” (CABRÉ CASTELLVÍ 2015a, p. 127). Por esse motivo, a autora propõe levar em conta todas as características que possuam esse tipo de unidades lexicais e as classifica “desde a vertente psicológica, social e prática, até a disciplinar e teórica” (CABRÉ CASTELLVÍ, 2015a, 2015b).

Dessa forma, a autora afirma que “se poderá avançar tanto na caracterização e abordagem do neologismo como assim também no marco teórico de onde nasce este campo de conhecimento” (CABRÉ CASTELLVÍ, 2015a, 2015b). Para que isso aconteça, Cabré fala da importância de se identificar os critérios a serem seguidos antes de se estabelecer qual unidade é um bom candidato para neologismo.

Vale a pena indicar quais são as propostas de critérios de neologicidade que existem nas bibliografias especializadas no assunto porque esse conhecimento pode ajudar na compreensão e determinação dos critérios usados, predominantemente, no processo de criação neológica nas comunidades Guaraní da Bolívia, e se eles são utilizados. Por essa razão, nesta seção, busca-se fazer uma breve revisão das distintas propostas de parâmetros para criação dos neologismos,

de los *neologismos de forma* los denominamos *prestamos* (LLOPART & VEJA 2017, p. 1420) (com tradução própria).

¹³⁷ Quando se fala de critérios de neologicidade, se faz referência ao que outros autores denominaram como critérios, valores, rasgos ou parâmetros para facilitar a identificação, detecção, reconhecimento ou caracterização dos neologismos ou pontos de referência propostos para determinar a neologicidade de uma unidade lexical.

¹³⁸ Ver entre outros autores: Cabré Castellví (1993); Guerrero Ramos (2006 y 2007); Díaz Hormigo (2004, 2007 y 2008); Estornell-Pons (2009); Méndez Santos y Sánchez Manzanares.

¹³⁹ “Estamos ante una unidad compleja debido a su naturaleza, ya que se trata de una unidad poliédrica, de acuerdo con el principio de *poliedricidad*” (CABRÉ CASTELLVÍ, 2008). Com tradução própria. O que a autora refere-se é à ideia de que algo pode ser abordado, compreendido ou analisado a partir de múltiplos ângulos ou perspectivas. Em outras palavras, reconhece-se que um objeto, conceito, problema ou fenômeno pode ser visto de diferentes maneiras, e cada uma dessas perspectivas pode fornecer *insights* únicos e valiosos.

precisamente pela importância de conhecer o que as teorias mais atuais falam sobre isso, e como as comunidades indígenas criam, de fato, novas palavras.

Uma das mais destacadas propostas é aquela formulada por Cabré Castellví, após a qual muitas outras foram apresentadas. Por esse motivo, serão consideradas as teorias de Cabré (1993) que é, por sua vez, uma ampliação da proposta formulada anteriormente por Rey (1975, p. 17) que postulou basicamente três critérios:

1. La cronología, que establece que una unidad léxica es neológica si ha aparecido en un periodo reciente;
2. El sentimiento neológico, que determina que una palabra es nueva si los hablantes o un colectivo la perciben como tal, y;
3. las dataciones lexicográficas, que asigna la cualidad neológica a una unidad léxica si esta no se encuentra documentada en un determinado *corpus* lexicográfico (REY, 1975, p. 17).

Uma vez conhecidas as considerações de Rey, a proposta formulada por Cabré (1993, p. 445), seguindo a mesmas considerações anteriores, define os seguintes parâmetros para a detecção de neologismos:

1. A diacronia: uma unidade lexical é considerada neológica, sim ela foi identificada num período recentemente;
2. a lexicografia: uma unidade é neológica se não aparece nos dicionários;
3. a instabilidade linguística: uma unidade lexical é neológica sim apresenta signos de instabilidade formal (no que se refere ao campo morfológico, gráficos ou fonológicos) ou a semântica;
4. a psicologia: uma unidade é neológica se os falantes a percebem como uma unidade nova”.

Com a ampliação da proposta de Rey, através da inclusão da instabilidade linguística, como requisito neológico, sugerida por Cabré, também aparece um outro critério proposto por Fernandez Sevilla (1982;2009), complementando os critérios anteriormente propostos. Esse nova condicionante deve cumprir uma unidade lexical para ser chamada de neologismo. Trata-se de sua *difusão no uso*, o que significa que:

uma nova unidade lexical não se espalha da mesma forma por uma comunidade linguística, uma vez que alguns sectores da sociedade são mais propensos à criação, utilização e aceitação de neologismos do que outros. Se não preencher esta condição, ou seja, se não for documentado um certo

número de vezes, é uma criação ocasional e não um neologismo (FERNÁNDEZ SEVILLA, 1982 p. 89).

Dessa forma, pode-se observar que os parâmetros ou critérios propostos pelos teóricos para condicionar se um determinado item é um neologismo ou não, são modificados ou ampliados segundo a proposta teórica de cada autor. A maioria coincide como requisito indispensável que o item deve cumprir, o critério de *novidade*, mas não pode ser considerado como único, nisso, concordam os estudiosos. Além do aspecto da novidade, unem-se aos requisitos acima estabelecidos por Cabré (1993) o da *difusão* proposto por Fernández (1982) e um critério a mais, postulado por Sablayrolles (2003) e Estornell Pons (2009 p. 31;32), o “critério do *índice ou grau de dispersão*” que praticamente consiste em verificar se uma determinada criação lexical nova está documentada em mais de um documento, podendo ser um jornal, diário ou distintos meios de comunicação e que devem ser registradas em datas diferentes; “vale dizer, se buscará a multiplicidade de contextos de documentação, descartando desta forma as criações léxicas esporádicas” (LLOPART; VEGA, 2017, p. 425).

Finalmente, pode-se dizer que não é fácil ou simples estabelecer os critérios definitivos que auxiliam nos processos de identificação e detecção dos neologismos em uma língua. Porém, pode-se começar das diferentes proposições dadas pelos investigadores acima mencionados para, dessa forma, apresentar uma proposta que ajude a estabelecer os parâmetros adequados, estabelecendo uma ordem que se possa aplicar para identificar e definir o que se entende como neologismo. Sempre haverá diferentes propostas de critérios a serem levados em conta. Compete aos pesquisadores e às próprias comunidades de falantes definir critérios e segui-los, verificando quais se adequam a quais metodologias aplicadas no momento da criação, que muitas vezes pode ser que não só se trate de um tipo de neologismo a ser analisado, senão vários.

Para conhecer um pouco sobre os tipos de neologismos é preciso adentrar nas teorias das tipologias de neologismos.

5.2.1 Tipologia dos Neologismos

Após observarmos o dilema enfrentados pelos pesquisadores que buscam estabelecer os critérios para definir o conceito de neologia e neologismo, verificamos, também, que se

suscitam outras problemáticas, quando o objetivo é a classificação dos neologismos, campo que tem um caráter obrigatório na área dos itens neológicos, porque ajuda com o registro de cada um dos neologismos, como também aporta informações específicas sobre eles. Dessa forma, “o tipo de mecanismo utilizado para criar o neologismo tem um papel relevante na percepção da novidade que provoca no receptor” (SABLAYROLLES, 2004, p. 287) e o senso neológico, pode variar segundo os processos de criação.

Jesus (2018) afirma que o “o próprio conceito de *neologismo* está vinculado a uma *tipologia*” (JESUS, 2018, p. 55) e que as tipologias baseadas em processos de formação lexical são adotadas pelos principais observatórios de Neologia. Porém, existem grandes diferenças nas propostas de classificação, sempre dependendo da postura teórica de quem propõe a classificação. Apesar disso, “de modo geral, é possível sintetizar esses processos de formação em três tipos: processos *formais*, *semânticos* e por *empréstimo*” (JESUS, 2018, p. 55). A mesma autora esclarece que a categorização é parte da *fase de tipologização*, uma das três fases que compõem a metodologia da pesquisa neológica: a *fase de tipologização*, que vem antes da *fase de seleção*, fase na qual se coletam as unidades lexicais candidatas a neologismos e, finalmente, a *fase de contraste*, quando se comparam as unidades lexicais com um *corpus de exclusão*.

Para Jesus (2018), o procedimento de tipologização pode-se fazer em dois sentidos;

[...] pode-se partir de uma classificação pré-estabelecida e atestada em trabalhos anteriores e submeter grupos de unidades neológicas aos subtipos estipulados por essa classificação” ou também, “pode-se partir das unidades neológicas coletadas e atestadas na própria pesquisa e estipular uma classificação que as abarque (JESÚS, 2018, p. 55).

Neste trabalho, seguimos essa última forma de classificação e categorização dos neologismos proposta por Jesús, por se aproximar mais da metodologia de coleta de dados realizada para esta investigação.

Segundo Costa, Brandão (2019) o fenômeno neológico subdivide-se em quatro tipos: “fonológico, semântico, sintático e morfológico” (COSTA, BRANDÃO, 2019. p. 68). Teresa Biderman, ao mesmo tempo que considera neologismo como “toda criação vocabular nova que passa a fazer parte do léxico de uma língua” (2001, p. 205) classifica os neologismos em dois tipos: O *neologismo conceitual* e o *neologismo formal*: o primeiro trata de “uma acepção nova que se incorpora ao campo semasiológico de um significante qualquer”, o que significa que para uma palavra já existente, aparecem novos significados. Por outro lado, o “*neologismo formal* aparece quando o novo item lexical é introduzido no acervo lexical do falante”

(BIDERMAN, 2001, p. 205). Esse novo item pode ser formado por mecanismos da mesma língua ou pode ser trazido por *empréstimo* de outro sistema estrangeiro.

Já que há várias tipologias que vêm sendo formuladas, a estas se somam as propostas por Matoré (1953), Guilbert (1972) e Boulanger (1979) conhecidos como estudiosos pioneiros na área da neologia lexical. Nesse grupo, pode-se aderir estudos realizados por Corbeil (1971), Deroy (1971) e, dentre as mais atuais, se encontram Sablayrolles (2000) e Cabré (2006). Com referência aos vários estudos sobre tipologias de neologismos, Sablayrolles expressa seu ponto de vista apontando¹⁴⁰:

As tipologias não somente são numerosas e estabelecem classes e subclasses mais ou menos numerosas (e esses dados aritméticos podem ser facilmente comparados, ainda que o tratamento dos resultados e as conclusões a que se possa chegar sejam, por vezes delicados), mas se baseiam, igualmente, em critérios que não pertencem aos mesmos domínios: podem ser radicalmente heterogêneos, o que proíbe qualquer comparação direta de uma tipologia com outra (SABLAYROLLES, 1997, p. 15)¹⁴¹. Tradução própria.

A preocupação indicada pelo autor envolve a imprecisão que existe para classificar as tipologias dos neologismos, problemática muito semelhante que se observou ao tentar definir o que se entende por neologia e neologismo. O que se pode resgatar deste tratamento pouco homogêneo é que essa diversidade não impede a identificação de pontos em comum, quando se busca explorar as categorizações mais sobressalentes.

Seguindo as posturas teóricas clássicas, Matoré (1952) ancorava-se na ideia de que as palavras-testemunho que compunham o campo nocional de uma dada sincronia eram neologismos. O autor concebe a manifestação do neologismo em dois níveis: o morfológico e o semântico e indica três formas de apresentação dos neologismos:

¹⁴⁰ Texto original; Non seulement les typologies sont nombreuses et établissent des classes et sous-classes plus ou moins nombreuses (et ces données arithmétiques peuvent facilement être comparées, même si le maniement des résultats et les conclusions qu'on peut en tirer sont parfois délicats), mais encore eles sont fondées sur des critères qui ne relèvent pas des mêmes domaines: ils peuvent être radicalement hétérogènes, ce qui interdit tout comparaison directe d'une typologie à l'autre" (SABLAYROLLES, 1997, p. 15). Com tradução própria

¹⁴¹ "Non seulement les typologies sont nombreuses et établissent des classes et sous-classes plus ou moins nombreuses (et ces données arithmétiques peuvent facilement être comparées, même si le maniement des résultats et les conclusions qu'on peut en tirer sont parfois délicats), mais encore eles sont fondées sur des critères qui ne relèvent pas des mêmes domaines: ils peuvent être radicalement hétérogènes, ce qui interdit tout comparaison directe d'une typologie à l'autre" (SABLAYROLLES, 1997, p. 15). Com tradução própria.

- (1) por meio de uma nova unidade lexical, que pode ser criada ex n  hilo, a partir de uma onomatopeia, de um nome próprio e, na maior parte dos casos, extraído do conjunto linguístico (prefixa  o, sufixa  o, composi  o), ou emprestada de uma de uma língua viva ou morta; (2) por meio de uma unidade lexical já empregada e    qual se atribui um significado novo; (3) por meio da mudança de classe gramatical (MATORÉ, 1952, apud JESUS, 2018, p. 57).

Guilbert (1972), por sua vez, apresenta um método de classifica  o dos neologismos com base nas dicotomias saussurianas¹⁴². Assim como qualquer signo linguístico, para o autor, o neologismo está constituído por uma “face significante e uma face significado” e cada face pode ser modificada de igual forma durante o ato da cria  o neológica, ainda que “a muta  o pareça estar baseada apenas na morfologia ou no significado da palavra” (GUILBERT, 1972, p. 12). Guilbert leva em considera  o a dimensão temporal, (dicotomia sincronia - diacronia) em busca da defini  o e classifica  o dos neologismos, porque se trata do aparecimento de um novo item no transcurso do tempo (diacronia), além disso, se pode definir o neologismo caracterizando a rela  o que tem os elementos entre si dentro do próprio sistema linguístico (sincronia) (GUILBERT, 1972).

Abaixo, a proposta de classifica  o de neologismos de Guilbert (1972):

neologismos fonológicos: a altera  o no significante    responsável pelo novo termo;

neologismos sint  ticos: formados por deriva  o prefixal, deriva  o sufixal, deriva  o sintagmática e composi  o;

neologismos semânticos: a altera  o no significado    responsável pelo novo termo, bem como a passagem de uma unidade lexical da língua geral para uma língua de especialidade ou vice-versa;

neologismos formados por conversão e por empréstimo” (GUILBERT, 1972, p. 12).

A proposta por Boulanger (1979, p. 75) classifica as unidades lexicais neológicas em três classes: a) os neologismos formais (léxicos criados com base na deriva  o, composi  o, forma  o por siglas, redu  o de palavras ou cria  o de um radical inédito), b) os neologismos semânticos (cria  o de um novo significado para um significante que já existe), c) e os

¹⁴² Ver mais em GUILBERT (1972), em seu artigo *Théorie do n  ologisme*.

neologismos por empréstimo (oriundas de uma língua estrangeira). O próprio Boulanger também faz referência aos neologismos terminológicos, atribuindo certas atividades específicas aos neologismos no âmbito terminológico. Este tipo de neologismo será ampliado mais adiante.

A partir de outra perspectiva mais contemporânea, teóricos como Carvalho (1989) e Manzollilo (2001) não compartilham a mesma linha de pensamento dos que consideram os empréstimos¹⁴³ como neologismos, e sem como processos separados que adotam as línguas para renovar seu acervo lexical. Carvalho argumenta que existem dois processos pelos quais atravessa a língua para ampliar o seu acervo lexical: “os processos de criação dentro do próprio sistema linguístico, os neologismos e o processo de adoção da língua, o empréstimo linguístico” (CARVALHO, 1989, p. 24).

As descrições até aqui mencionadas, entretanto, são demasiadamente genéricas porque não conseguem aclarar as especificidades necessárias para a compreensão dos processos realizados pelos grupos sociais, quando criam e utilizam neologismos. Por conseguinte, apresenta-se, a seguir, duas das propostas mais atualizadas e respeitadas no âmbito dos trabalhos da criação e classificação das unidades lexicais neológicas, uma faz referência à tipologia de neologismos proposta por uma teórica respeitada e reconhecida no Brasil e Latino America, Ieda Maria Alves (1990) e outra mulher destacada nos estudos do léxico na Europa, Maria Teresa Cabré Castellví (2009). Com ambas as propostas de tipologias de neologismos, busca-se concluir o debate das propostas anteriores que têm sua devida importância porque contribuíram para a construção dos conceitos hoje conhecidos, e pela contribuição histórica aos estudos neológicos.

Porém, é preciso delimitar a tipologia neológica, para entender onde se encaixam os neologismos que serão analisados nesta tese. E, com esse objetivo, apresenta-se a seguir as propostas de classificação neológica de Alves e Cabré.

Nos estudos realizados sobre as investigações neológicas no Brasil, uma das teóricas destacadas na área dos estudos lexicais é precisamente Ieda Alves (1990) que, por meio de uma tipologia das unidades neológicas, propõe uma classificação na base dos padrões do projeto TermNeo¹⁴⁴ (Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo) que, por sua vez, é coordenado pela própria autora.

Quadro 8: Tipologia de Processos de Neologismos por Alves (1990)

¹⁴³ Como REY, (1976), que inclui uma parte dos empréstimos dentre os neologismos *formais* juntamente com as criações *ex nihilo*, as unidades morfológicas, siglas e acrônimos.

¹⁴⁴ Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/dlcvcv/neo/index.php> >. O projeto TermNeo, coordenado por Alves, se baseia na coleta de unidades neológicas na mídia impressa (jornais Folha de S. Paulo e O Globo, revista Isto É e Veja); para mais informações visitar o site: https://www.fflch.usp.br/dlcvcv/neo/baseneo_apresenta.php

Tipo	Descrição
Neologismos Fonológicos: supõe-se o significante totalmente inédito	<i>Modificação do significante;</i>
Neologismos Sintáticos: combinação de membros constituintes não circunscrita ao âmbito lexical (junção de um afixo a uma base)	<i>Derivação prefixal</i> – ao unir-se um prefixo à base, acrescenta-lhe um novo significado
	<i>Derivação sufixal</i> – o sufixo, unido a uma base, atribui-lhe uma ideia acessória e pode alterar sua classe gramatical
	<i>Derivação parassintética</i> – o prefixo e o sufixo juntam-se simultaneamente a uma base nominal. Nesse processo, é fundamental que os afixos se incorporem ao mesmo tempo à palavra base.
	<i>Composição subordinativa com bases autônomas</i> – uma relação de caráter determinante/ determinado ou vice-versa ocorre entre os elementos da composição
	<i>Composição coordenativa com bases autônomas</i> – justaposição de substantivos, adjetivos ou membros de outra classe gramatical
	<i>Composição com base não autônomas</i> – Geralmente originárias de fontes eruditas, grega ou latina, as bases não autônomas compõem itens lexicais característicos de vocabulários especializados.
	<i>Composição sintagmática</i> – em um segmento frasal, os membros estão ligados sintática, morfológica quanto semanticamente de tal forma a constituir uma única unidade léxica. Em uma relação sintática; geralmente estão ligados por preposição;
	<i>Formação por siglas ou Acrônimos</i> – o sintagma sofre uma redução e torna a comunicação mais simples e eficaz, além da possibilidade de originar outros neologismos;
Neologismos semânticos: alteração no conjunto de semas da unidade lexical, alterando seu campo semântico	
Neologismo por conversão: alterações na distribuição da unidade léxica sem que haja mudanças formais	
Neologismo por truncção: abreviação em que uma parte da sequência lexical, muitas vezes a última, é eliminada;	
Palavra- valise ¹⁴⁵ : tipo de redução em que duas unidades lexicais são privadas de seus elementos para formarem uma nova, perdendo uma a parte inicial, e a outra, a parte final	
Reduplicação: a mesma base é repetida uma ou duas vezes;	
Derivação regressiva: o novo item lexical resulta da supressão de um elemento, considerado de caráter sufixal.	

¹⁴⁵ Conhecida também como *mot-valise* em francês e *blending* em inglês.

Empréstimo: compreende as unidades lexicais provenientes de um idioma estrangeiro.	Integração: Enquanto a estrangeirismo, o elemento externo ao vernáculo de uma língua, não faz parte do conjunto lexical desse idioma. O item estrangeiro está se integrando à língua receptora.
Estrangeirismo: o elemento estrangeiro, empregado em outro sistema linguístico, é sentido como externo ao vernáculo dessa língua; ou seja, ainda não faz parte do acervo lexical do idioma.	Decalque; outro modo de integração de uma formação estrangeira a um outro sistema linguístico é representado pelo decalque, de difícil reconhecimento, pois consiste na versão literal do item léxico estrangeiro para a língua receptora.

Fonte: Alves (1990)

Resumindo-se, a classificação dos neologismos proposta por Alves (1990, p. 14), na sua obra *Neologismo, criação lexical*, classificam-se em: os *neologismos fonológicos*; *neologismos sintáticos* com uma subdivisão em neologismos por derivação, composição, formação por siglas – acrônimos, e composição sintagmática; *neologismos semânticos*; e *neologismos por empréstimos*. Essa classificação é muito semelhante a estudos feitos por outros teóricos reconhecidos na área dos estudos de neologismos como Sablayrolles¹⁴⁶ (1997, 2004, 2009), Rey (1976, 1979), Guilbert (1972) e estudos feitos por Matoré (1952).

Cabré Castellví, por sua vez, propõe uma classificação¹⁴⁷ de neologismos que chama de “*tipologização multivariante*”, proposta que consiste em dar um valor marcado para cada critério que cumpre os neologismos, valores que podem ser positivos, negativos ou neutros (CABRÉ CASTELLVÍ, 2006, p. 248).

A proposta da autora estrutura cada tipo ou campo através de códigos da seguinte forma:

Quadro 9 – Tipologia de classificação de neologismos por Cabré

TIPO	CÓDIGO
1 NEOLOGISMOS DE FORMA	F
<i>Sufixação:</i> neologismo formado por adjunção de um sufixo à raiz. Os antropônimos também estão incluídos nesta a classificação	FSUF
<i>Prefixação:</i> formado pela adição de um prefixo explícito a um radical.	FPRE

¹⁴⁶ Sablayrolles em 1997 publicou um importante trabalho chamado *Neologismes; une typologie des typologies*, avaliando e comparando amplamente os diferentes enfoques de classificação de neologismo e as diversas tipologias que até então foram propostas. A partir desse estudo, aparece sua proposta que foi ampliada e publicada no âmbito do projeto NEOFRAN (Observatório de neologismos de francês da França), no ano 2004.

¹⁴⁷ A presente classificação se manteve em espanhol como no original, para preservar as siglas de cada tipo, porque não se encontrou o equivalente dessa siglação em português.

<i>Interferências entre sufixação e prefixação:</i> os neologismos podem ser classificados tanto por serem formados por prefixação e sufixação, mas não pode ser determinado qual dos dois foi o último a ser adicionado;	FPRSU
<i>Composição:</i> formados por dois radicais simples ou complexos;	FCOM
<i>Composição culta:</i> neologismos formados por: a) uma forma prefixada culta e uma forma sufixada culta. Ex.: biogenia; b) uma forma prefixada culta e um radical. Ex.: microvestido; c) um radical próprio da língua (ou emprestado) e uma forma sufixada culta. Ex.: clássicómano;	FCULT
<i>Lexicalização:</i> formado a partir da lexicalização de uma forma flexiva (não de um paradigma completo), normalmente de uma forma do paradigma verbal. Ex.: encadernado;	FLEX
<i>Conversão Sintática:</i> formado a partir de uma mudança de categoria gramatical, sem modificação da base. Ex.: redesenho DE redesenhar;	FCONV
<i>Sintagmatização:</i> neologismo formado por uma estrutura sintática lexicalizada. Ex.: violência doméstica.	FSINT
<i>Siglação:</i> neologismos formados pelas letras correspondentes a uma sigla. Ex.: dvd;	FTSIG
<i>Acrônimo:</i> neologismo formado pela combinação de segmentos de palavras que formam uma estrutura sintagmática. Ex.: cubanglish (cubano e inglês).	FTACR
<i>Abreviação:</i> neologismo formado pela abreviação da base léxica de uma unidade. Ex.: prota (protagonista).	FTABR
<i>Variação:</i> Variante formal ortográfica (nem morfológica nem sintática) de uma palavra documentada no corpus de exclusão. Ex.: infraestrutura (infraestrutura).	FVAR

2 NEOLOGISMOS SINTÁTICOS.

SINT

Neologismos que envolvem uma mudança em uma subcategoria gramatical (gênero, número, mudança de regime verbal etc.) em uma base léxica. ex.: amo de casa (**ama de casa**_f).

3 NEOLOGISMOS SEMÂNTICOS.

S

Neologismos formados por uma modificação do significado de uma base léxica. Ex.: buscador (informática), também pode ser um neologismo formado a partir de um nome próprio (de pessoa a marca registrada) utilizado como nome comum. Ex.: tupperware.

4 EMPRÉSTIMOS: Unidades importadas de outra língua. Ej.: sushi

M/AM (empréstimo e empréstimo adaptado, respectivamente)

OUTROS

A etiqueta "outros" foi prevista para palavras simples, dialetais, argóticas, cultismos ou casos estranhos difíceis de categorizar, mas que também são neológicos. por exemplo, yuyu, etc.

Elaboração própria Fonte; Cabré Castellví (2006)

O quadro apresenta uma tipologia de classificação de neologismos proposta pela pesquisadora Cabré em 2006, indicando que os neologismos são palavras ou expressões recém-criadas em uma língua. A classificação inclui quatro tipos principais: 1) neologismos de forma que envolvem a criação de palavras por meio de processos como sufixação, prefixação, composição, lexicalização, conversão sintática, siglação, acronímia, abreviação e variação ortográfica; 2) neologismos sintáticos: envolvem a mudança na subcategoria gramatical de uma palavra-base, como gênero, número ou regime verbal; 3) neologismos semânticos: são neologismos que surgem da modificação de significados de palavras-base. Isso pode incluir a transformação de nomes próprios em marcas registradas ou o uso de nomes próprios com nomes comuns; 4) empréstimos: são unidades linguísticas importadas de outras línguas, incluindo palavras não adaptadas (empréstimos) e palavras adaptadas à língua receptora (empréstimos adaptados).

Cabré sugere que os neologismos podem ser avaliados como positivos, negativos ou neutros e não são classificados sob os mesmos critérios. A classificação é mutuamente exclusiva, outorgando uma etiqueta 'outros' para aqueles neologismos difíceis de classificar.

A tipologia proposta pela autora ajuda a entender como novas palavras e expressões são criadas e incorporadas à língua, considerando diversos processos linguísticos e sua influência na comunicação

5.2.2 Neologismo terminológico

Os neologismos terminológicos são palavras ou expressões novas que são criadas em um campo específico de conhecimento ou em uma área técnica para descrever conceitos ou ideias que não têm um equivalente exato na linguagem comum. Esses termos são frequentemente utilizados em disciplinas como ciência, tecnologia, medicina, direito, entre outras, onde é necessário comunicar de forma precisa e eficaz em contextos altamente especializados.

Um destacado teórico que se aproxima ao conceito de neologia no âmbito da terminologia é Boulanger (1989). O teórico atribui cinco atividades fundamentais que deve ter toda neologia terminológica:

1. o processo prático de criação de novas unidades lexicais na língua geral ou nos tecnoletos, por meio de recurso consciente ou inconsciente aos mecanismos de criatividade lexical habituais em uma língua;
2. O estudo teórico e aplicado relativo às inovações lexicais: os processos de criação, os critérios de reconhecimento, a aceitabilidade e difusão de neologismos, os aspectos sociais e culturais da neologia;
3. a atividade institucional, organizada sistematicamente para coletar, registrar, difundir e implantar as inovações lexicais, no âmbito concreto de uma política da língua;
4. a tarefa de identificação dos setores especializados novos ou recentes, ou com lacunas que necessitam de intervenção;
5. a relação com os dicionários, gerais monolíngues como específicos” (BOULANGER 1989, apud JESUS, 2018, p. 58-59).

Margarita Correia (1998) explica que os neologismos com viés terminológico recebem o nome de *neónimos* e que a neologia recebe o nome de *neonímia*. No que se refere a terminologias técnica e científica, só a neologia denominativa pode ser representada. O que significa que “os neologismos terminológicos resultam exclusivamente da necessidade de designar novos conceitos, associados a novas teorias, descobertas, produtos ou tecnologias” (CORREIA, 2018, p. 4). Por esse motivo, esse tipo de neologismo é considerado, desde sua criação, como “unidade da língua e faz parte do seu subsistema linguístico, conhecido como a linguagem de especialidade” (CORREIA, 2018, p. 4).

Em resumo, os neologismos terminológicos são palavras novas ou expressões criadas em domínios técnicos e especializados para suprir a necessidade de descrever conceitos ou fenômenos que não têm termos equivalentes na linguagem cotidiana. Eles desempenham um papel fundamental na comunicação precisa dentro de campos específicos de conhecimento

5.2.3 Neologismos em língua indígena

Quando se fala de neologismos em língua indígena, estamos nos referindo às palavras ou expressões recém-criadas ou adaptadas para ajudar a descrever conceitos, objetos, ou

fenômenos que são, muitas vezes, novos para as comunidades indígenas e resposta à influência de culturas não indígenas, à globalização, à tecnologia ou a outras mudanças sociais e ambientais.

Considerando a hipótese inicial deste trabalho, as variedades Ava, Simba e Ioseño, promovem a criação de neologismos na sua língua mãe, para evitar usar empréstimos em língua espanhola, fato que se pode interpretar como uma forma de preservação e revitalização de sua língua. Estas variedades do Guaraní possuem sua própria política linguística de preservação da língua Guaraní, contemplando como parte de seu planejamento linguístico, a criação de neologismos na língua originária. Este tipo de práticas já se observou em outras comunidades indígenas, como parte da luta pela preservação de sua língua. Vê-se em “alguns povos como os Bakairi e os Tapirapé que adotaram os neologismos como uma maneira de frear um número significativo de empréstimo que estavam sendo incorporados à língua” (COSTA; BRANDÃO, 2019, p. 67).

Porém, há estudiosos como Carvalho (1989) que consideram as práticas de adoção por empréstimos, dentro das línguas indígenas como muito mais frequente do que os processos de criação neológica. E isto devido a que “a cunhagem de um novo termo demanda tempo e interesse, enquanto a adoção é instantânea” (CARVALHO, 1989, p. 80). Com essa aparente facilidade de aquisição do empréstimo, muitas línguas indígenas preferem optar por essa prática para desenvolver seu acervo lexical.

Entre os trabalhos sobre a formação de novas palavras em línguas indígenas, temos a postura de estudiosos como Manzollilo (2001) que considera:

Uma palavra nova, forjada com o escopo de responder linguisticamente a uma necessidade surgida no contexto biossocial, algo que circula entre o caráter ilimitado da realidade a ser expressa e as limitações do sistema linguístico (MANZOLLILLO, 2001, p. 12).

A postura do autor nos dá a entender que as línguas indígenas frequentemente recorrem ao processo de criação de novas palavras por diversas razões e essa prática pode ser fundamental para a sobrevivência e a adaptação das línguas originárias em um mundo em constante evolução.

As línguas indígenas podem recorrer aos neologismos na sua língua mãe, em busca da própria preservação cultural porque muitas vezes tem palavras e conceitos específicos que não

têm equivalentes diretos em outras línguas. E os neologismos permitem, de certa forma, preservar a riqueza cultural e a identidade linguística das mesmas comunidades, evitando assim a substituição de termos tradicionais por empréstimos de outras línguas, que em sua grande maioria, são línguas que sempre ocupam espaços de poder e são majoritárias.

Em conclusão, a evolução constante do mundo e o surgimento de novos conceitos e realidades exigem que as línguas também se adaptem para permanecerem relevantes e funcionais. Os neologismos desempenham um papel crucial nesse processo, especialmente no contexto das línguas indígenas. Eles permitem que essas línguas, em alguns casos, preservem sua identidade e se tornem pertinentes em contextos modernos, incorporando vocabulário relacionado à tecnologia, ciência e outras áreas emergentes.

Ao adotar neologismos em suas línguas, as comunidades indígenas não apenas enriquecem seu léxico, mas também fortalecem sua capacidade de comunicação em um mundo em contante mudança. Isso ajuda a manter vivas as línguas indígenas e garantir que elas continuem sendo uma parte vibrante da herança cultural e linguística global.

6 ANÁLISE MORFOLÓGICA DO GLOSSÁRIO “*NEOLOGISMOS LINGÜÍSTICOS DE TÉRMINOS TÉCNICOS EN IDIOMA GUARANI*”

“A língua é a única ferramenta na caixa de ferramentas da mente que funciona sem instruções.”
(Mark Twain)

Um glossário linguístico é, segundo (CRISTAL, 2008), “um conjunto organizado de termos técnicos e especializados usados na linguística, apresentados em forma de lista geralmente acompanhados de suas definições ou explicações”. Ele serve como uma ferramenta de referência para estudantes, pesquisadores e profissionais da área da linguística, ajudando-os a entender e clarificar os termos e conceitos utilizados no estudo da linguagem.

Neste caso do Glossário de “*Neologismos Lingüísticos de Términos Técnicos en Idiomas Bésiro, Mojeño, Guaraní, Gwarayu*” se trata de um glossário particular com uma compilação de termos e expressões recentemente criados ou adotados em língua indígena que ainda não faziam parte do vocabulário padrão ou tradicional. Os respectivos neologismos podem surgir por diversos motivos, como avanços tecnológicos, mudanças sociais, influências culturais ou mesmo criações artísticas e literárias.

Esse tipo de glossário é útil para acompanhar e documentar as evoluções e transformações da língua ao longo do tempo, além de ajudar os estudiosos e pesquisadores em linguística a compreender e analisar as novas palavras e expressões que emergem em uma língua.

Por outro lado, a criação de glossários como estratégia didática visa a enriquecer vocabulários, fixar termos específicos e desenvolver novos conhecimentos. Essa prática é considerada um exercício intercultural que busca estabelecer conexões linguísticas e aproximar diferentes normas para analisar e resolver problemas.

No contexto da educação universitária, como é o caso da UNIBOL Apiaguaki Tüpa, as palavras fazem parte de um conjunto de conhecimentos que têm origem em contextos particulares e globais. “Para os docentes e estudantes indígenas Guaraní, acessar esses

conhecimentos significa compreender o conhecimento do outro e reinterpretá-lo a partir de suas próprias experiências e sistemas culturais” (UNIBOL, 2019).

Estudantes indígenas, que têm uma língua indígena como língua materna, precisam de uma abordagem cultural para compreender as definições técnicas que expressam conhecimentos universais, geralmente, expressos em espanhol. Isso implica interpretar as definições em sua própria língua e a partir de sua realidade e cosmovisão.

Os glossários técnicos bilíngues e interculturais podem ser usados em processos de aprendizagem e ensino, assim como em processos de pesquisa e ação. Na prática pedagógica, os docentes podem utilizar o glossário como uma ferramenta didática para “definir e expandir conceitos, incorporar novos saberes e contribuir para a construção coletiva de novos conhecimentos, com ênfase em uma abordagem educativa socio comunitária e produtiva” (UNIBOL, 2019).

O Instituto de Investigações, por meio de sua Equipe de Língua e Cultura, criou o livro de neologismos com glossários como parte de um processo de pesquisa linguística destinado a promover a revitalização das línguas Bésiro, Gwarayu, Guaraní e Mojeño na UNIBOL “Apiaguaiki Tüpa”, com o objetivo de “melhorar o desenvolvimento de conteúdos temáticos especializados que se adequem às grandes curriculas de cada curso, utilizando uma abordagem pluricultural e internacional” (UNIBOL, 2019).

O livro é oferecido à comunidade universitária e outras instituições como uma contribuição para a ressignificação de termos técnicos sob uma perspectiva intercultural e holística. Os termos técnicos incluídos no livro têm origem fora da cultura indígena, mas a cosmovisão indígena é considerada para uma interpretação adequada das novas palavras.

6.1 Macroestrutura do glossário de neologismos:

Toda construção lexicográfica está constituída e organizada por dois eixos fundamentais: a macroestrutura e a microestrutura. A macroestrutura, “constituída por todas as entradas disponibilizadas e ordenadas com um determinado critério”(DAPENA, 2002), os termos escolhidos foram adequados para cursos universitários de Engenharia de Petróleo e Gás Natural (IPGN), Engenharia Florestal (IFO), Engenharia em Eco Piscicultura (ECOP), e Licenciatura em Medicina Veterinária e Zootecnia (MVZ) da UNIBOL “Apiaguaiki Tüpa”.

O glossário abrange termos de tecnologia, ciência e medicina veterinária como temas principais. Esses termos foram organizados em ordem alfabética e relacionados aos cursos em que são mais úteis. O glossário é bilingue Guaraní-espanhol, apresentando o lema em Guaraní

com seu respectivo significado, uma exemplificação e uso e sua tradução ou interpretação em espanhol.

6.2 Microestrutura do glossário de neologismos:

Em relação à microestrutura do glossário, sua estrutura interna, que apresenta as informações detalhadas de uma palavra ou expressão, “incluindo sua definição, pronuncia, classe gramatical, etimologia, divisão silábica, sinônimos, exemplos de uso, entre outros aspectos linguísticos relevantes” (DAPENA, 2002, p. 135), os verbetes apresentam o lema, com sua significação, uma exemplificação do possível uso e, de lado, sua interpretação em espanhol.

A Microestrutura como está no livro original;

Figura 66: Estrutura do glossário Guarani – Castellano

Aceite - Mbaekira	
CASTELLANO	GUARANÍ
1. Abono (IFO). Cualquier tipo de sustancia orgánica e inorgánica que se utiliza para incrementar la calidad germinativa del suelo. Ejemplo: Nosotros producimos abono para mejorar la producción agrícola.	ivimoingoveka. Opaete oikove ani oikovembae oyeporu omoingove katu vaëra ivi. Mojaanga: Ore royapo ivimoingoveka maeti kavi peguara.

Fonte: Glossário de Neologismos 2019

Para entender a análise apresentada no quadro 22, é importante observar que ele não segue o formato original como está no livro de neologismos. Foi decidido criar um formato específico para cada aspecto da análise, a fim de proporcionar uma abordagem mais clara e precisa. Isso se justifica pela necessidade de dividir o quadro em seções dedicadas a diferentes elementos das análises de neologismos em língua indígena.

As seções incluem:

1. Uma parte destinada à apresentação do neologismo em si, que é o ponto central da análise.
2. Uma seção dedicada à análise e descrição morfológica que explora a estrutura e a formação do neologismo.
3. Uma parte específica para a interpretação em espanhol, uma vez que o espanhol é a língua que está em contato com as variedades da língua guarani estudadas.

4. Finalmente, há uma seção que oferece a interpretação em português, considerando que todo o estudo está redigido nessa língua.

Essa abordagem em seções distintas torna a análise mais organizada e clara, permitindo que os leitores compreendam melhor os diferentes aspectos dos neologismos em questão e sua relevância na língua Guaraní.

Também no quadro 22, foram listados todos os neologismos pertencentes às variedades do Guaraní chiriguano. Em seguida, para proporcionar uma compreensão abrangente, cada um desses neologismos em Guaraní foi acompanhado de sua interpretação em espanhol. Posteriormente, realizou-se a descrição e análise morfológica da maioria dos neologismos presentes no quadro. Em alguns casos, quando foi identificado que determinados neologismos já constavam em outros dicionários, eles foram categorizados como palavras polissêmicas. Em outros não se conseguiu descrição morfológica de algumas palavras, isto devido à não disponibilidade dos elementos que compõem a palavra em Guaraní. Em outras situações, significados foram extraídos de obras de referência, como Assis (2018), Chamorro (2022), Cadogan (2011), Ortiz; Caurey (2012), Dooley (1998; 2006), (CERNO, 2013). Cada entrada no quadro é identificada por um número e apresenta um lema em **negrito**, com **verde**, se apresenta a interpretação do neologismo tanto em português, quanto em espanhol, destacada em verde para facilitar a compreensão.

Microestrutura apresentada na tese:

Cada entrada inicia com uma numeração e com um lema em **negrito**, com **verde**, se apresenta a interpretação do neologismo tanto em português como em castelhano).

Neologismo	Análise morfológica:	<i>Castellano</i>	Português
(#) (lema)	{prefixos}...	<i>Definición</i>	Tradução
(definição em Guaraní)	{radical}	<i>Ejemplo de uso</i>	
(exemplificação)	{sufixos}...	<i>interpretación</i> ¹⁴⁸	Interpretação

¹⁴⁸ Empregamos “interpretación” /”interpretação” e não “equivalente” porque esse é o termo empregado pelos autores guaraní que foram entrevistados para a pesquisa de Mestrado (PAREDES, 2019).

NEOLOGISMO	ANÁLISE MORFOLÓGICA	CASTELLANO	PORTUGUÊS
(1) Mojaanga 	{mo-}+{ -jaanga} {mo} ‘causativo’ {jaãnga} ‘desenho, imagem, retrato’	Ejemplo: acción o efecto que se utiliza para explicar o aclarar una cosa <i>‘Imagen para mostrar’</i>	Exemplo <i>‘Imagem para mostrar’</i>
(2) ivimoingoveka Opaete oikove ani oikovembae oyeporu omoingove katu vaëra ivi. Mojaanga Ore royapo ivimoingoveka maeti kavi peguara.	{ivi} + {mo-} + {-iko-} + {-'ve-} + {-ka} {ivi} ‘terra’ {mo} ‘causativo’ {iko} ‘existir’ {ve} ‘aditivo’ {ka} ‘expletivo’	Abono (IFO): Cualquier tipo de sustancia orgánica e inorgánica que se utiliza para incrementar la calidad germinativa del suelo. Ejemplo: Nosotros producimos abono para mejorar la producción agrícola. <i>‘Lo que ayuda a la tierra a producir’</i>	Adubo <i>‘O que faz a terra produzir mais’</i>
(3) Jetavae Jaeko omombeu jeta oiko matei tètape ani kaaraipvae. mojaanga: Ñemuña reta jetavae guirokuavee tekokavi iviipo peguara.	{jeta-} + {-vae} {jeta} ‘muito’ {vae} ‘nominalizador oracional’	Abundancia: Indica un elevado número de individuos presentes en un ecosistema o en un área determinada. Ejemplo: La abundancia de especies asegura la prosperidad del territorio. <i>‘Lo que es mucho’</i>	Abundância <i>‘O que é muito’</i>

(4) Tembiuyepii Jaeko oñemoiru tembiupe miratara reta, oñemoai vaëra opaete yanderete rupi. Mojaanga: Temiti reta oipii tembiu mirata ivigui.	{tembiu} + {-yepii} {tembiu} ‘alimento’ {yepii} ‘captura, presa’ jepyhy	Absorción: Es la asimilación de nutrientes por medio de un proceso metabólico. Ejemplo: Las plantas absorben nutrientes de la tierra. <i>‘Captura do alimento’</i>	Absorção <i>‘Captura do alimento’</i>
(5) Atiimi Jaeko mbae ipeu oyemboati yande pire iguipvae. Mojaanga: Guaka guinoi atiimi iu ipereape.	{atii-}+{-mi} {atii} ‘furúnculo, abscesso’ {-mi} ‘diminutivo, atenuativo’	Absceso. (MVZ) Acumulación de pus interna o externa en un tejido orgánico. Ejemplo: La vaca tiene un absceso en la pierna por una herida. <i>‘Grano pequeño’</i>	Abscesso <i>‘Abscesso pequeno’</i>
(6) Mbaekira Jaeko itanekiraü tiguegue yemboyaoyao rupi ñe mboakuvo pĩrata rupi vae. Jaeramiñovi oyeki ñana jare mimba kiragui. Kua reta ikavi yau vaëra ani moara. Mojaanga: Kusi ikira ikavi äjarasi uu jare taku peguara.	{mbae} + {-kira} [mbae-] ‘coisa/ o que’ {kira} ‘gordura’	Aceite (es común). (IPGN): Porción de petróleo que existe en fase líquida en yacimientos y permanece así en condiciones originales de presión y temperatura. También se obtienen aceites naturales de algunas plantas. Ejemplo: El aceite de cusí se utiliza como medicina natural para dolor de cabeza, tos y fiebre. <i>‘Algo grasoso’</i>	Óleo <i>‘Coisa gordurosa’</i>

(7) Mbaekiramongue Mbaekira oñeño tembiporu iyoapikare, okuekatu reve oparaviki vaëra. Mojaanga: Motor oiporu mbaekira mongue oguata vaëra.	{mbae} + {kyra}+ {-mõ-} + {-kue} {mbae-} ‘coisa’ {kira-} ‘gordura’ {mo-} ‘causativo’ {-kue} ‘perfectivo’	Aceite lubricante. (IPGN): Aceite lubricante usado para facilitar el trabajo de las uniones mecánicas y partes movibles. Ejemplo: El motor necesita aceite lubricante para funcionar. <i>‘Lo que hace que sea grasoso’</i>	Óleo lubrificante <i>‘O que fez a gordura’</i>
(8) Jayasiembochi Jaeko metei mbáejeko oyapo yuki oyea yave i ndive. Kuapeguara oimetako mokoi mbáe reta oyea. Mojaanga: Jayasiembochivae omboitapuru jiero	{ja}+{yasi-}+ {-embo-}{-chi} {ja-} ‘1ra Pl Incl.’ <ya> {-yasie-} ‘dor, doença’ {mbo-} ‘causativo’ {-chi} ‘ferida’	Ácido. (IPGN) Sustancia caracterizada por la capacidad de reaccionar con bases o en agua para formar sales. Ejemplo: El ácido desgasta el metal. <i>‘Lo que hace causar daño’</i>	Ácido <i>‘O que pode fazer fermentos, danificar’</i>
(9) Jevae irirupegua Jokope oñemoñemuña oipotague jevae reta oyechauka vaëra. Kuae ipuere oyeapo vidriogui aniramo ñru tembiporu retagui. Mojaanga: Ñamuñemuña piki reta jevae jirupe.	{jevae} + {i} + {r-}{-iru-}+{-pegua} {jevae} ‘aquilo que’ {i} ‘água’ {r-} ‘prefixo relacional’ {-iru} ‘recipiente’ {pegua} ‘original de’	Acuario. (ECOP): Es la cría de peces en un recipiente artificial. Puede ser construido de vidrio o en combinación con otros materiales. Ejemplo: Criamos pescaditos en el acuario. <i>‘Recipiente para contener agua’</i>	Aquário <i>‘O que é recipiente da água’</i>

(10) Irupigua reta Jaeko opaete i iyivite ani iarambo rupi oiko vae reta, ipuere jevae ani ñana opaete jekove vae reta. Mojaanga: Mimba reta irupigua ipo reta oipotaviko metei yeangareko kavi.	{i-} + {-rupi}+{-gua}+{-reta} {i} ‘água’ {-rupi} ‘locativo, direccional, (por)’ {-gua} ‘origem’ {-reta} ‘pluralizador’	Acuáticos. (ECOP): Son organismos que viven en el seno del agua, en diferentes niveles, durante todo su ciclo de vida. Ejemplo: Los animales acuáticos también necesitan protección. <i>‘Lo que es de la agua’</i>	Aquáticos <i>‘Os que são da água’</i>
(11)Maeti i rupigua Jaeko mbaravikiapo jevae jare temiti ñoti reta i rupigua. Mojaanga: Maeti i rupigua omee yaiko jese vaëra.	{maeti} + {i} {-rupi-} +{-gua} {maeti} ‘roça plantada’ {i} ‘água’ {-rupi-} ‘locativo, direccional’ (por) {-gua} ‘origem’	Acuicultura de agua dulce. (ECOP): Cultivo de organismos acuáticos y semi acuáticos en agua dulce. Ejemplo: La acuicultura de agua dulce es un negocio rentable <i>‘Lo que se cultiva por las aguas’</i>	Aquicultura de água doce <i>‘Plantação pela água’</i>
(12)Maetiguasu i rupigua Mbaraviki jeta rupi oyeapovae oime vaëra mbaeyekua mbaeguiyere, oyeporureve tembiu kavi reta okuakua vaëra. Mojaanga: Maetiguasu i rupigua, oyeapo vaëra ñanoitako tembiporu ipiaugue jare korepoti. (dinero)	{maeti} + {guasu} + { i} +{rupi} + {-gua} {maeti} ‘roça plantada’ {guasu} ‘grande’ {i} ‘água’ {-rupi-} ‘locativo, direccional’ (por) {-gua} ‘origem’	Acuicultura intensiva. (ECOP): Actividad productiva para aumentar la población piscícola y acelerar su crecimiento utilizando alimentación controlada y balanceada. Ejemplo: La acuicultura intensiva requiere de tecnología e inversión económica. <i>‘Lo que se cultiva intensamente en las aguas’</i>	Aquicultura intensiva <i>‘Plantação grande pelas águas’</i>

(13) Yepokuakatu Jaeko temiti jare mimba reta oyepokua mbae mbae reta ipite rupivae. Mojaanga: Arayoavi reta guirova jevaae reta oyepokuakatu vaëra.	{yepokua-}+{-katu} {yepokua} ‘acostumar-se’ {-katu} ‘intensificador’	Adaptación: Capacidad de subsistir y acomodarse a las condiciones del medio. Ejemplo: El cambio climático condiciona la adaptación de los peces. <i>‘Lo acostumbrado’</i>	Adaptação <i>‘O que se acostuma’</i>
(14) Ayuräiruru Jaeko ayu mbaerasi, iruru jare jasivae. Mojaanga: Mimba reta iyayuräiruruvae ipuereä oichuu jembiu.	{ayvu} +{-rä-} +{i}+{-ruru} {ayu} ‘pescoço’ {-rä-} ‘prospectivo’ {i-} ‘líquido’ {-ruru} ‘inchaço’	Adenitis. (MVZ): Inflamación de una glándula o ganglio linfático o nudo tiroidal. Ejemplo: Los animales con adenitis sufren al masticar los alimentos. <i>‘Lo que hace hinchar el cuello’</i>	Adenite <i>‘O que faz o pescoço inchar com líquido’</i>
(15) Moïru Jaeko mbaeapo oegüe omoïru vaëra ñanoivae. Mojaanga: Ñemimo yeapope oyemoïru mbae mbae reta.	{mo-} {-ĩ} +{rü} {mo-} ‘causativo’ {ĩ} ‘estar’, ‘localizar’ {-rü} ‘companheiro, próximo, amigo’	Adiciones: Es el acto y el resultado de sumar, complementar o agregar algo. Ejemplo: En la preparación de alimento se adicionan diferentes productos. <i>‘Traer / poner junto’</i>	Adições <i>‘Colocar junto’</i>
(16) Kiraete Jaeko oasaeteyema ikiravae. Mojaanga: Mimba ikira oyemboati iupe.	{kira}+ {-ete} {kira} ‘gordura’ {-ete} ‘intensificador’	Adiposidad. (MVZ - ECOP): Acumulación excesiva, general o local de la grasa. Ejemplo: La adiposidad del ganado se concentra en las piernas. <i>‘Grasoso’</i>	Adiposidade <i>‘Gorduroso’</i>
(17) Iuvepa Jaeko iuvepa kativae, yepe iuvetei erëi oasa chugui.	{i-}{-u-}+{-ve-}+{-pa} {i-} ‘água’	Adipcia. (MVZ): Disminución o suspensión anormal de la sed.	Adipsia

Mojaanga: Mimba imbáerasivae oasa iuvepa chugui.	{-u-} ‘deglutir’ {-ve-} Locativo. {-pa} ‘completude, acabar’	Ejemplo: El animal enfermo padece de adipcia. <i>‘Lo que termina con la sed’</i>	‘Término da sede’
(18) Mbáemojeengatu Jaeko oñemoïru opaete mbáembáe omojeengatu tembiu jare moangapii kavi gueru vaëra. Mojaanga: Temimoapope oñeyono mbáemojeengatu reta.	{mbáe}+{mo-}+{jee}+{ngatu} {mbáe-} ‘coisa’ {mo-} ‘causativo’ {jee} ‘temperado’ {katu~(n)gatu} ‘intensificador’	Aditivo: Combinación de ingredientes a la mezcla base de alimento, para satisfacer una necesidad específica. Ejemplo: En la preparación de alimentos se le agregan los aditivos. <i>‘Lo que se adiciona’</i>	Aditivo ‘O que se aumenta’
(19) Piandekorai Jaeko yandereko omoangekoraivae. Mojaanga: Mimba reta ipiandeko jeta osiiyave.	{pia}+{nde-}+{-eko} + {rai} {pia-} ‘peito, coração, fígado’ {nde-} ‘2sg’ {-eko} ‘existir, viver’ {-rai} ‘intensificador’	Adrenalina. (ECOP - MVZ): Hormona secretada por la médula suprarrenal. Ejemplo: Los animales aumentan la producción de adrenalina cuando corren en exceso. <i>‘Lo que te deja mas fuerte’</i>	Adrenalina ‘O que te deixa muito forte’

(20) Mbáemboya Jaeko mbáe oipii jare omboya mbáereterevae. Mojaanga: Imán omboya iyee jirokui.	{mbáe}+{mbo}+{ya}: {mbáe-} ‘coisa/ o que’ {-mbo} ‘causativo’ {-ya} ‘aproximar, grudar’	Adsorción: Es la atracción y retención que realiza un cuerpo en su superficie. Ejemplo: El imán adsorbe partículas de acero. ‘Lo que hace juntar, colar’	Adsorção ‘O que faz se aproximar, ficar junto, grudar’
(21) Okuakuavae Jaeko jevae jare mimba jete yaguiyema oñemuña vaëra jare oima ipuere vaëra oñemuña. Mojaanga: Mimba okuakuavae ikavi yae oñemuña.	{o-}+{-kua-}+{-kua-}+{-vae}= adulto Palavra já está no Dicionário etimológico e etnográfico de la lengua Guaraní. É um caso de polissemia	Adulto. (MVZ) Organismo con una edad tal, peso y tamaño adecuado, para su reproducción. Ejemplo: El animal adulto es un buen reproductor. ‘El que sabe y conoce’	Adulto ‘Quem sabe e conhece’
(22) Retevevui Tetevevui jaeko ovevuikatuvaë omuiivaëra ivate rupi, oipisi ipituë oikove vaëra. Mojaanga: Ñana reta jetevevui vae jaeko iko iviräraka.	{r-}{-ete-}+{-vevui} {r-} ‘Prefixo relacional’ {-ete} ‘corpo de’ {-vevui~ vevýi} ‘leve’	Aeróbico. (IFO): Organismo unicelular y pluricelular que tiene las condiciones de consumir oxígeno para vivir. Ejemplo: Las plantas aeróbicas viven en las ramas de otros árboles. ‘Cuerpo leve’	Aeróbico Corpo leve
(23) Mbáerasipiapoa	{mbáe-}+{r-}+{-asi-}+{-pi-}+{-apo-} + {-a}	Agente etiológico: Son microorganismos responsables	Agente etiológico

Jaeko mbáe reta oyapo mbáerasi jare omoaika mbáerasi reta. Mojaanga: lupa retape oime jeta iyapoa reta.	{mbáe} ‘coisa/algo’ {-rasi} ‘dor, doença’ {-pi} ‘Locativo (em)’ {-apo} ‘fazer’ {-a} ‘nominalizador’	<i>de inducir a un estado patológico.</i> Ejemplo: las aguas detenidas contienen agentes etiológicos. <i>‘Lo que hace enfermar’</i>	<i>‘O que faz adoecer’</i>
(24) Mbáepiguara Jaeko mbáe yaipiguara oyemboyea kaviete vaëra vae. Mojaanga: Iviraraipe oyepiguara i oñemo pitüe vaëra pira jiru.	{mbáe-}+{-piguara} {mbáe} ‘algo, coisa’ {-piguara} ‘bater, misturar’	Agitación: Movimiento manual o mecánico sobre un líquido para homogeneizarlo. Ejemplo; La agitación con una varilla oxigena el agua de una pecera. <i>‘algo que se mezcla’</i>	Agitação <i>‘Algo que mistura, mexe’</i>
(25) Iyearambo Jaeko i oyea öi itanekiraü ndive jare mbáemotimbo jae jokua ivikira guasurendape öi pävevae. Mojaanga: Incahuasipe oime iyearambo.	{i-} +{-yea}+{r-}+{-ambo} {i-} ‘agua’ {-yea-} ‘pref. pronominal, reflex.’ {r-} ‘prefixo relacional’ {-ambo} ‘formar, fazer’	Agua de formación. (IPGN); agua que se encuentra juntamente con el petróleo y el gas en los yacimientos de hidrocarburos. Ejemplo; En el campo Incahuasi encontramos agua de formación. <i>‘Formación de agua’</i>	Água de formação <i>‘Formação de água’</i>

(26) Itipivae Jaeko ivitipigue guinoi pandepopopa ñejaa (500) aniramo ipuerevi guinoi eta padepopopa ñejää (1500). Mojaanga: Yeyoo oyeapo itipivaepe.	{i-}+{-ti-}+{-pi-}+{-vae} {i} ‘agua’ {-ti} ‘coletivo’ {-pi ~pe} ‘Locativo (em)’ {-vae} ‘Atri. nominalizador’	Aguas profundas. (IPGN); Profundidad del agua mayor o igual a 500 metros, pero menor a 1500 metros. Ejemplo: La perforación se realiza en aguas profundas. <i>‘Lo que son de las aguas’</i>	Águas profundas <i>‘O que são das águas’</i>
(27) Pireguiraiño jaeko ipireguiraiño mbáeti ipirä, ipara, ipirey, jundai vae. Mojaanga: Mimba ipireguiraiño vae öeko tugui.	{pire}+{-guirai}+{ño} {pire} ‘pele’ {gwirai} ‘pássarinho, ave’ {-ño} ‘só, como’	Albino. (MVZ); Condición de la no formación de pigmento en la piel de los organismos. Ejemplo; El animal albino hereda su color genéticamente. <i>‘Como la piel de pájaro’</i>	Albino <i>‘Semelhante à pele das aves’</i>
(28) Tekove moechauka jaeko oechauka jare omboyekuaa tekove iñemuña reta iADNrupi. Mojaanga: Jaeko opaete ñemuña reta tekove moechauka omee vae.	{tekove}+{mo-}+{-echa-}+{-uka} {tekove} ‘ser vivo’ {-mo-} ‘causativo’ {-echa-} ‘ver’ {-uka} ‘causativo, factitivo.’	Alelo. (ECOP - MVZ); Característica que presenta una misma especie a través de su ADN. Ejemplo: Todas las especies heredan el alelo de sus progenitores. <i>‘Lo que muestra al ser vivo’</i>	Alelos <i>‘O que mostra o ser vivo’</i>

(29)Ivai jaeko ñanarai reta irupigua òi iupa rembei rupi. Mojaanga: Amogue pira reta jou kuae ivai.	{i} + {-vai} {i} ‘água’ {-vai} ‘mal, ruim’	Alga. (ECOP); Planta primitiva pluricelular, que se encuentra en lugares húmedos o acuáticos. Ejemplo: Algunos peces herbívoros se alimentan de algas. <i>‘Agua mala’</i>	Alga <i>‘Água ruim’</i>
(30)Okui Jaeko mimba reta jaa okuivae. Mojaanga: Yaimba ikuru yave ombokui jaachugui.	{okui} ‘cair /queda’ Polissemia em guarani; palavra já existente em dicionário; Neologismo semântico	Alopecia. (MVZ); caída o ausencia de pelos. Ejemplo: La sarna provoca alopecia en los perros. <i>‘Lo que se cae naturalmente’</i>	Alopecia <i>‘Cair naturalmente’</i>
(31)Tembiu jaeko opaete mimba ani ramo kuimbáe reta jouvae ipuere vaëra jete omomiräta, oikoeavi vaëra. Mojaanga: Ñemoña oyeapo vaëra oyeporuaveita tembiu.	{Tembiu}= alimento, comida Palavra já existente em dicionário Guaraní.	Alimento; Sustancia nutritiva que toma un organismo o un ser vivo para mantener sus funciones vitales. Ejemplo; La crianza intensiva requiere alimento permanente. <i>‘Alimento/comida’</i>	Alimento <i>‘Alimento’</i>

(32) Mbáe ñovatu renda Jaeko oyemboiru, oñeñovatu vaëra opaete mbáe mbáe reta oyeporuvae. Mojaanga: Industria petroleira oiporuta mbáe ñovatusu renda oñovatu vaëra itanekiraüpe oyeporuvae reta.	{{mbáe}+{-ñovatu}+{-renda}} {mbáe} ‘coisa/algo’ {-ñovatu ~ñongatu} ‘guardar’ {r-} ‘pref. relacional’ {-enda} = ‘lugar’	Almacenamiento; Depósito y resguardo de productos. Ejemplo: La industria petrolera tiene su propio almacenamiento para los petroquímicos. <i>‘Lugar para guardar cosas’</i>	Armazenamento ‘Lugar para guardar coisas’
(33) Yaisikirapomo Oyeapoko ivirayaisi jare itanekiraugui. Mojaanga: Oyeporuko yaisikirapomo tapeguasu reta oyeapo vaëra.	{ya-}+{isi}+{kira}+{-a¹⁴⁹pomo} {yaisi} ‘resina’ {kira} ‘gordura’ {-apomo} ‘grudento, pegajoso, espeso, resina’	Alquitrán. (IPGN); compuesto de resina y aceites esenciales provenientes de petróleo o especies vegetales. Ejemplo: Usamos alquitrán en la construcción de la capa asfáltica de la carretera. <i>‘Resina grasosa de producción’</i>	Alcatrão ‘Produção intensiva de resina oleosa’
(34) Ivatea Ivategue, ñemae yemboyuvake iguasú regua oñerenoi ramo yemboipe iyekua. Mojaanga: Ivi oajaavae ojaa ivi ivategue.	{ivate}+{-a} {ivate} ‘acima, altura’ {-a} ‘nominalizador’ Neologismo semântico	Altitud; distancia vertical o altura sobre un nivel medio que constituye el plano horizontal de referencia. Ejemplo: El topógrafo mide la altitud del terreno. <i>‘Lo de las alturas’</i>	Altitude O que está nas alturas

¹⁴⁹ Está-se considerando que o {a} final de ‘kira’ se assimila ao {a} inicial de ‘apomo’

(35) Tesapitumbi Jaeko tesakañirai oata tugui iñaputupe ramo. Mojaanga: Tesapitumbi oasa ñaneäka yarokua yave.	{t-} + {-esa}+{pitu}+{-mbi} {t-} ‘posse absoluta’ {-esa} ‘olho’ {pitu} ‘oscuro’ {mbi} ‘fazer’	Amaurosis: pérdida temporal de la visión por falta de irrigación de la sangre. Ejemplo: un golpe fuerte en la cabeza provoca amaurosis. <i>‘La oscuridad de los ojos’</i>	Amaurose <i>‘O que os olhos escurecerem’</i>
(36) Apirua Jaeko yandepire jare yanderetere ani yandepore oyekuaa ñakamambuvae. Jaeko oyeapo iraimi 5mm yande pire iguipvae. Mojaanga: Yakai yave yande rete apirua.	{api}+{ru-}+{-a} {api-} ‘ferir, atirar’ {-ru} ‘trazer’ {-a} ‘nominalizador’ Neologismo semântico	Ampolla: Es un mecanismo de defensa del cuerpo humano, consistente en bolsitas mayores de 5mm, llena de líquido linfático y otros fluidos corporales que se forman en la epidermis. Ejemplo: Las quemaduras producen ampollas en la piel. <i>‘Lo que produce herida’</i>	Bolha <i>‘O que causa ferimento’</i>
(37) Mbáepoepika Jaeko oipoepe tembiu omee vaëra mirata yanderete jare yanderayi reta rupiguarävi. Mojaanga: Tembiu mongui reta omee mbáepoepi miräta pia jare soo retape.	{mbáe}+{-poe}+{-pi-}+{-ka} {mbáe} ‘coisa/algo’ {-poepe} ‘recompensar’ {-ka} ‘causativo’	Anabolismo. (ECOP, MVZ); Es el proceso metabólico que tiene la capacidad de transformar y agrupar energía. Ejemplo: los carbohidratos en el proceso anabólico generan energía para el hígado y músculo. <i>‘Lo que hace recompensar’</i>	Anabolismo <i>‘O que faz retribuir’</i>

(38)Mbáerasirecha Jaeko mbáe mbáe reta oyeki jare oyecha omoguapi vaëra oimera mbáerasi reta. Mojaanga; Mimba oipoanovae oipuru mbáerasirecha oikuaka vaëra oimera guinoi guaka reta mbáerasi.	{mbáe}+{r-} + {achi-}+{r-} {-echa} {mbáe} ‘o que’ {r-} ‘Prefixo relacional’ {-achi} ‘dor, doença’ {-r-} ‘Prefixo relacional’ {-echa} ‘ver, mirar’	Anamnesis. (MVZ). Conjunto de datos que se recogen en la historia clínica de un paciente para diagnosticarlo. Ejemplo: El médico veterinario utiliza la anamnesis para detectar las enfermedades del ganado. <i>‘Lo que muestra la enfermedad’</i>	Anamnese <i>‘Aquilo que mostra a doença’</i>
(39)Reteyemboe Jaeko yemboe rete régua jare opaete oikovevae reta regua. Mojaanga: Oyeparavo ñemuña yave outako reteyemboegui.	{r} + {-ete}+{ye}+{mboe} {r-} ‘Prefixo relacional’ {-ete} ‘corpo’ {ñe-~se} ‘reflexivo’ {mboe} ‘ensinar, aprender’	Anatomía: (ECOP, IFO, MVZ); Estudio de la estructura del cuerpo humano y de otros seres vivos. Ejemplo: la selección de especies depende de su anatomía. <i>‘Lo que se enseña del cuerpo’</i>	Anatomia <i>‘O se ensina referente ao corpo’</i>
(40)Tuguiësaka jaeko tugui jësäkavaem mbáeti ramo okaru kavi mimba ani ramo kuimbáe reta. Mojaanga; Mimba reta tuguiësaka mbáerasi guinoi oyembongaru.	{t-} {ugui}+{-ësaka} {t-} ‘posse absoluta’ {-ugui} ‘sangue’ {-ësaka} ‘falta’	Anemia. (MVZ) Disminución de glóbulos rojos en la sangre de los organismos vivos. Ejemplo: los animales con anemia pueden ser tratados con buena alimentación. <i>‘sangre débil’</i>	Anemia <i>‘Sangue fraco/ pobre’</i>

(41) Moa mongea Moa reta oyeambáe ani oyea químico ndivevae ikavi omonge yanderetavae. Mojaanga: Amboegue mbáe yaisi reta oyeporu moa mongearä.	{moa}+{mo-}+{-nge-}+{-a} {moa ~ poã} ‘remédio’ {mo-} ‘causativo’ {-nge-} ‘dormir’ {-a} ‘nominalizador’	Anestésico. <i>Productos naturales o fármacos que sirven para mitigar o eliminar la sensibilidad local o general de un organismo.</i> Ejemplo: algunas resinas se utilizan como anestésico. <i>‘Remedio que hace dormir’</i>	Anestésico <i>‘Remédio que te faz dormir’</i>
(42) Mbáepoti kuimbáe Jaeko opaete mbáepoti tai reta. Mojaanga: Mbáepoti kuimbáe mbáeti yave omeeä mbáe iareta.	{mbáe}+{poti}+{kuimbáe} {mbáe} ‘o que’ {poti} ‘flor’ {kuimbáe} ‘masculino, macho’	Androceo. (IFO) <i>Es el conjunto de órganos masculinos de la flor.</i> Ejemplo: Sin el androceo las plantas no dan frutos. <i>‘Reproductor masculino de la flor’</i>	Androceu <i>‘O que faz a flor masculina’</i>
(43) Pituopia Mbáeti ipuere ipitue omoata kavi tugui jare rayi reta rupivae. Mojaanga: Ambuegue tembiu reta ikavimbáevae oipituopia mimba reta.	{pitu}+{o-}+{-pi-}+{-a} {pitu} ‘fôlego, respiro’ {o-} ‘3^asp’ {-pi-} ‘cessar, estiar, desviar’ {-a} ‘nominalizador’	Anoxia. (MVZ, ECOP) <i>Insuficiencia de oxígeno en la sangre y tejidos.</i> Ejemplo: El consumo de algunos alimentos tóxicos provoca anoxia en los animales. <i>‘El desvío del aliento’</i>	Anoxia <i>‘Ausência de fôlego’</i>

(44)Moa mbáerasiyukaa Kuae jaeko moa jasietevae oporomboguera vaëra mbáerasi retagui. Mojaanga: Amboegue mbáeyaisigue oyeporu moa mbáerasiyukaarä.	{moa}+{mbáe-}+{-rasi-}+{yukaa} {moa~põa} ‘remédio’ {mbáe-} ‘o que’ {r-} ‘Prefixo relacional’ {-asi-} ‘doença’ {-yuka} ‘matar’ {-a} ‘nominalizador’	Antibiótico. (MVZ) Compuesto químico producido por organismos vivos para controlar o eliminar la bacterioidad. Ejemplo: Algunas recinas se utilizan como antibiótico natural. ‘Remedio que mata la enfermedad’	Antibiótico ‘O remédio que mata a doença’
(45)Reteyeopiaka Jaeko yanderete iyeopiaka mbáerasigui, oñerenoi ramo tembiu mirata yande rete. Mojaanga: Opaete tekove reta guinoita reteyeopiaka aniara imbáerasi.	{r-} {-ete}+{ye} + {o-}+{-pia-}+{-ka} {r-} ‘Prefixo relacional’ {-ete} ‘corpo’ {ye-} ‘reflexivo’ {o-} ‘3^asp’ {-pia} ‘cessar, estiar, desviar’ {-ka} ‘causativo’	Anticuerpo. (MVZ) Proteína capaz de reaccionar contra un antígeno, para producir inmunología o respuesta humoral en los organismos. Ejemplo: Todos los organismos vivos necesitan anticuerpos. ‘Lo que protege el cuerpo’	Anticorpo ‘O que faz o corpo se proteger (desviar)’

(46)Mbáekomegüa raivimbáepagua Jaeko tembiu reta oñepoano oñeñovatu vaëra, aguiyearä oikomegua imambáe yanderete peguarä jare ombopukuta tekove oipuepi mbáe reve. Mojaanga: Tembiu guinoi jeta mirataka oikomeguaraivimbáe yave ombopuku tekove.	{mbáe}+{-ko-}+{megüa}+{raivi}+{mbáe}+{pegua} {mbáe} ‘o que, coisa’ {-ko} ‘pron. demonstrativo’ {megüa} ‘ruim’ {r-} ‘Pref. relacional’ {-aivĩ} ‘ruim, mal’ {mbáe-} ‘o que’ {-pegua} ‘original de’	Antioxidante. Sustancia natural o química, que se adiciona a las dietas para evitar lo oxidación de moléculas de un organismo y prolongar la vida sin cambiar la naturaleza original. Ejemplo: Una alimentación con altos niveles de nutrientes antioxidantes prolonga la vida. <i>‘algo que sirve para desgaste’</i>	Antioxidante <i>‘Para o que é ruim’</i>
(47)Ivira asia Oyeasia jare oyeiti ivira iyipiguietei. Mojaanga: Oyeasia kavi ivira yave oyeporu kavivi iivira.	{ivira}+{asi-}+{-a} {ivira} ‘árvore’ {asi} ‘dor, ferida’ {-a} ‘nominalizador’	Apeo. (IFO) Cortar un árbol desde la base y derribarlo. Ejemplo: Con un buen apeo se aprovecha mayor cantidad de madera. <i>‘El corte del árbol’</i>	Apelo <i>‘O que adoece (fere) a árvore’</i>
(48)Potijoombáe Jaeko mbáepoti joombáe. Mojaanga: Takuarepoti jaeko ipoti joombáe.	{poti}+{-joo-}+{mbáe} {poti} ‘flor’ {joo ~ ja} ‘ir’ {-mbáe} ‘o que’	Apétala. (IFO) Flor sin pétalos. Ejemplo: La flor de caña es apétala. <i>‘lo que se cae, se va de la flor’</i>	Apétala <i>‘O que cai da flor’</i>

(49) Api Jaeko opaete mbáe mbáe reta iyapite. Mojaanga: Avatiroore oyekua katu iyapipukuvae.	{api} ‘ponta’ Neologismo semântico em G-CH; palavra já existente em dicionário de outra variedade.	Ápice. (IFO) Punta o extremo superior de un órgano. Ejemplo: El ápice de la hoja del maíz es alargado. ‘Punta’	Ápice ‘Ponta, parte superior’
(50) Mboyorambo Jaeko ivira reta oyemboyoramborambo vae oyeparaviki vaëra. Mojaanga: Oyemboyorambo vaëra ivira reta oñeñotako iyeasia rupi.	{mbo-}+{yoa} {r-} + {-a} + {mbo} {mbo-} ‘causativo’ {-yoa} ‘juntar, acumular-se’ {r-} ‘Pref. relacional’ {-ambo} ‘algum/alguma’	Apilar. (IFO) Acción de aprovechamiento maderero que consiste en poner los árboles, fustes o trozas unas encima de otras. Ejemplo: Para apilar la madera se clasifican según el tamaño de la troza. ‘Lo que se acumula’	Acumular ‘O que faz se amontoar’
(51) Yembojee renda regua Oyeapota yembojee oyeapo vaëra yembieka jare oyeki vaëra itanekiraü. Mojaanga: Unibol guinoi metei yembojee renda oyeapo vaëra mbáemotimbo.	{ye-}+{mbo-}+{-je}+{-e}+{r-}+{-enda}+{r-}+{-egua} {ye-} ‘Reflexivo’ {mbo-} ‘causativo’ {-je} {-e} ‘reflexivo’ {r-} ‘Prefixo relacional’ {-enda} ‘lugar de’ {r-} ‘Prefixo relacional’ {-egua} ‘locativo (origem)’	Área de asignación. (IPGN) Determinación de un área en la fase de exploración y extracción de hidrocarburos. Ejemplo: La UNIBOL guaraní cuenta con un área de asignación para la producción de biogás. ‘Un lugar indicado’	Área de alocação ‘um lugar indicado’

(52) Yembieka renda Ivi mbáerenda oñemae oyeapoko pipe mbaraviki, mborokuaiguasu itanekiraü jei rami. Mojaanga: Yembieka renda öiko yande ivipe.	{ye-}+{mbi-}+{-eka-}+{r-}+{-enda} {ye-} ‘reflexivo’ {mbi~ mbo} ‘causativo’ {-eka} ‘buscar’ {r-} ‘Pref. relacional’ {-enda} ‘lugar de’	Área de exploración. (IPGN) Bloque o superficie que se considera para realizar labores de exploración, según lo determina la Ley de Hidrocarburos. Ejemplo: El área de exploración se encuentra dentro de nuestro territorio. ‘Lugar donde se busca’	Area de exploração ‘Local para busca’
(53) Ivianga renda Jaeko ivikua reta itanekirau pegua jare mbáemotimbo jekopo metei ramiño oyeapovae. Mojaanga: Kuae ivianga renda rupi jetayeye maembotimbo.	{ivi}+{-anga}+ {r-}+{-egua} {ivi} ‘terra, solo’ {-anga} ‘lugar de’ {r-} ‘Prefixo relacional’ {-egua} ‘locativo (origem)’	Área geográfica. (IPGN) Ubicación de un número de pozos de petróleo y gas que producen en una misma reserva probada. Ejemplo: En esta área geográfica se produce abundante gas. ‘Lugar específico en la tierra’	Area geográfica ‘Local na terra’
(54) Mbáerenda okuakuavae Jaeko ñemae yemoenda oyeyoovae itanekiraü kutikatu peguarä.	{mbáe}+{r-}+ {enda}+{okua kua^{150}}}+ {vae} {mbáe} ‘o que’ {r-} ‘Pref. relacional’	Área probada desarrollada. (IPGN) Es un lugar ubicado dentro de una reserva probada	Área comprovada desenvolvida

¹⁵⁰ Os casos de reduplicação são muito frequentes nas línguas indígenas, segundo Ortiz e Caurey (2011, p. 16) são recursos linguísticos muito importantes no guarani, podem servir para expressar o superlativo, uma forma interativa do verbo, também podem expressar intensidade, ou conferir uma nova acepção à palavra.

Mojaanga: Mbáerenda okuakuavae gueru mbáeyekou.	{-enda} ‘lugar de’ {-o} ‘3ª p.s/p’ {-kua kua} ‘saber, conhecer’ {-vae} ‘nominalizador oracional’	que garantiza el desarrollo de la producción futura. Ejemplo: El área probada desarrollada garantiza la inversión económica. <i>‘El lugar que es conocido’</i>	‘Lugar conhecido’
---	---	--	--------------------------

(55)Mbáemoañeterenda. Jaeko mbaravikimae oñerenoi jokoepvae, oyekuakareve yacimientope kuae yechaka regua. Mojaanga: Mbáemoañeterenda rendape oime itanekiraü.	{mbáe}+{-mo-}+{-añete-}+{r-}+ {enda} {mbáe} ‘o que’ {mo-} ‘causativo’ {añete} ‘certamente, verdadeiramente’ {r-} ‘Prefixo relacional’ {-enda} ‘lugar de’	Área probada. (IPGN) Proyección en planta de una parte conocida del yacimiento correspondiente al volumen probado. Ejemplo: En el área probada existe petróleo. <i>‘Lugar escogido’</i>	Área testada ‘Local atestado’
(56)Punga Jaeko Mbáerasi omboati i jie rapipe iyivirivae. Mojaanga: Piaruru oyapo punga.	{punga} ‘inchado; de barriga cheia’ Caso de polissemia. Palavra existente em dicionários Guarani.	Ascitis. (MVZ) Acumulación de líquidos serosos en la cavidad peritoneal. Ejemplo: La infamación del hígado provoca ascitis. <i>‘Hinchazón’</i>	Ascite ‘Inchaço’

(57)Mbáerasiyeopia Jaeko yetio yeyoe kavi tembiporu jare mbáe renda regua, aguiyearä mbáerasi reta ova. Mojaanga: Mbáe renda jare tembiporu retape oyeapo mbáerasiyeopiaka.	{mbáe}+{r-}+ {asi}+{-ye-}+{o-} {-pia} {mbáe} ‘o que’ {r-} ‘Pref. relacional’ {asi-} ‘dor, doença’ {-ye-} ‘reflexivo’ {-o} ‘3ª p.s/p’ {-pia-} ‘desviar-se’	Asepsia. (MVZ) Acción para esterilizar o liberar microorganismos y patógenos de los tejidos secos, instrumentos y ambientes. Ejemplo: Al ambiente y los instrumentos quirúrgicos se les realizó la asepsia correspondiente. <i>‘Lo que hace evitar la enfermedad’</i>	Asepsia <i>‘O que desvia (evita) a doença’</i>
(58)Retereogüe Ipiräta mbáe ani ramo ipoakambáe. Mojaanga: Mimba imbáerasivae jete reogüe oiko.	{r-} + {ete}+{r-} + {eogüe} {r-} ‘Prefijo relacional’ {-ete} ‘corpo’ {r-} ‘Prefijo relacional’ {-eogue} ‘cadáver’	Astenia. (MVZ) Falta o pérdida de fuerza. Ejemplo: El animal en mal estado físico presenta astenia. <i>‘Cuerpo inerte’</i>	Astenia <i>‘Corpo morto, cadáver’</i>
(59)Temitijaeño oyembongaruvae Jaeko kii ani temitimirai, jaeño oyembongaru oiko vaëra jare ipuerevi oñovatu iyeipe. Mojaanga: Kuaraí omee mirata temiti retape.	{temi}+{ti}+{jaeño}{oye}+{mbo}+{-ngaru-}+{-vae} {temi} ‘o que, quem’ {-ti-} ‘plantar’ {-jaeño} ‘por si só’ {-o} ‘3ª p.s/p’ {ye-} ‘reflexivo’ {mbo-} ‘causativo’	Autótrofo. (IFO) Microorganismos o plantas que por medio de la fotosíntesis tienen la capacidad de formar su propio alimento de subsistencia, producción y almacenamiento.	Autótrofo

	{-ngaru} ‘comer’ {-vae} ‘nominalizador oracional’	<i>Ejemplo: El sol proporciona alimentos para las plantas autótrofas.</i> <i>‘Plantas que se retroalimentan’</i>	‘Plantas que se alimentan por sí só’
(60) Itayokaa Jaeko tembiporu oyoka opisaä aniramo omongui itape tätague. Mojaanga: Itayokaa oyeporu oyeyoo vaëra ivikua.	{ita} + {yoka} + {a} {ita} ‘pedra’ {yoka} ‘quebrar, rachar’ {-a} ‘nominalizador’	Barrena. (IPGN) Herramientas de corte o trituración de rocas. <i>Ejemplo: La barrena sirve para la perforación de un pozo.</i> <i>‘Moledor de piedra’</i>	Barrena <i>‘O que quebra pedra’</i>
(61) Mbáeriru Tembiporu ñemaejää itanekirau regua, guinoi oyovake 42 gal. (US) aniramo 158.987304 metei tijää. Mojaanga: Itanekiraü riru jepi omboavai teko korepoti opaete tetaguasurupi.	{mbáe} + {-r-} + {-iru} {mbáe} ‘o que’ {-r-} ‘Prefixo relacional’ {-iru} ‘recipiente’	Barril. (IPGN) Unidad de volumen para petróleo e hidrocarburos derivados; equivale a 42 galones (US) o 158.987304 litros. <i>Ejemplo: El precio del barril de petróleo influye en la economía nacional.</i> <i>‘Lo que es un recipiente’</i>	Barril <i>‘Aquilo que é um recipiente’</i>
(62) Püpia Jaeko pia iarambo öivae jare, jovi jare iro yeyé amope ikavi moarävi.	{Püpia} = ‘fel’ Palavra já existente em dicionário Guaraní	Bilis. (MVZ, ECOP) Sustancia líquida viscosa, amarilla verdosa, sabor amargo y	Bílis

Mojaanga: Püpia yandembori ombasa yande rembiu.		reacción alcalina, secretada por el hígado. Ejemplo: La bilis ayuda a la digestión. <i>‘Bilis’</i>	‘Fel’
(63) Tekoveati Jaeko temiti aniramo mimba reta jekoveati iñemoenda iviipo rami, öiarupi. Mojaanga: Kuae kooivi guasupe oime mboviete tekoveati.	{t-} + {eko} + {-ve}+{-ati} {t-} ‘posse absoluta’ {-eko} ‘vida’ {-ve} ‘aditivo’ (mais) {-a} ‘nominalizador’ {-ti} ‘conjunto, coletivo’	Biocenosis. (ECOP, MVZ, IFO) Conjunto de vidas de: plantas, animales, acuáticos, aves, seres humanos y todos los que viven en la tierra. Ejemplo: La biocenosis del Chaco es diversa. <i>‘Conjunto de seres vivos’</i>	Biocenose ‘Conjunto de seres vivos’
(64) Tekovekui Opaete tekove guinoi vae opa ikui jare ichuumbi. Mojaanga: Ivira reta o yave tekovekuira ikaviko ivimoingovera.	{t-} + {eko} + {-ve}+{-kui} {t-} ‘posse absoluta’ {-eko} ‘vida’ {-ve} ‘aditivo’ (mais) {-kui} ‘moido/ moida’	Biodegradación. Son los materiales que pueden transformarse en sustancias más simples e inofensivas. Ejemplo: La biodegradación de árboles sirve como abono. <i>‘Seres vivos desmenuzados’</i>	Biodegradação ‘Seres vivos pulverizados’
(65) Ivipoati Meti ramiño yoguireko iviipo retavae meti jendape. Mojaanga: Ivipoati oime yave, oimeta tekove taikuegua retape.	{ivi} + {po-}+{-a}{-ti} {ivi} ‘terra’ {-po} ‘habitantes de’ {-a} ‘nominalizador’ {-ti} ‘conjunto, coletivo’	Biodiversidad. Es la variedad de formas de vida que se desarrollan en un ambiente natural.	Biodiversidade

		Ejemplo: La biodiversidad garantiza el futuro de las nuevas generaciones. <i>‘Habitantes de la tierra’</i>	‘Habitantes da terra’
(66) Iviipoyepapa Opaete iviipo reta yoguireko meteiramiñovae. Mojaanga: Tekove iviipo reta peguara ivipoyepapa oñejaa hectarea rupi.	{ivi}+{i-} + {po-}+{ye-}+{papa} {ivi} ‘terra’ {-i} ‘3ª p.s/p’ {-po} ‘habitantes de’ {-ye-} ‘reflexivo’ {-papa} ‘contar; nombrar’	Biomasa. Cantidad total de los seres que viven en un ecosistema. Ejemplo: Para los seres terrestres la biomasa se mide por hectárea. <i>‘Cantidad de seres terrestres’</i>	Biomassa ‘Contagem dos seres terrestres’
(67) Mbayachi Jaeko mbayachi pichiivae, kii reta peguara. Mojaanga: Mbayachi reta oyeporu kii reta iyukara.	{mbáe}+{yachi}= veneno Polissemia; neologismo semântico	Biosida. Producto químico tóxico para los microorganismos. Ejemplo: Las biosidas se utilizan a menudo para eliminar bacterias. <i>‘Lo que enferma’</i>	Biocida ‘Aquilo que adoecer’
(68) Ivikavi Ivimoanga renda omee ñemoikavi iviipo reta oñemoña kavi vaëra opaete reve.	{ivi}+{kavi} {ivi} ‘terra’ {kavi} ‘mata, floresta’	Biotopo. Área geográfica que ofrece condiciones cíclicas constantes para el desarrollo de una comunidad de organismos.	Biotopo

Mojaanga: Kaa guasu reta ivikavi guinoivae ikavi yaeko opaete tekove reta i jare ivi rupigua retape.		Ejemplo: Las selvas tropicales ofrecen biotopo ideal para seres terrestres y acuáticos. <i>‘Suelo del monte’</i>	‘Solo da floresta’
(69) Tekoveyandu Jaeko oyepii teko aniara oasa susere metei mbaraiki rendape. Mojaanga: Uru rokaipe oyeporu tekoyeandu cal ndive.	{t-}+{-eko}+{-ve}+{-yeandu} {t-} ‘posse absoluta’ {-eko} ‘vida’ {-ve} ‘aditivo’ (mais) {-ye} ‘reflexivo’ {-andu} ‘visitar, perceber’	Bioseguridad. Conjunto de medidas practicadas en un determinado local o unidad de producción. Ejemplo: En la granja de pollos se aplica cal como práctica de bioseguridad. <i>‘Percepción de seres vivos’</i>	Biossegurança ‘Percepção dos seres vivos’
(70) Uumbáerasi Jaeko mbáerasi oyeapo tarakakapevae jare oyopia pitue. Mojaanga: Uumbáerasi ipuereko jeiete yaevae.	{uu-}+{mbáe-}+{-r}+{-asi} {uu ~juu} ‘tos’ {mbáe-} ‘o que’ {-r} ‘Prefixo relacional’ {asi} ‘dor, doença’	Bronquitis. (ECOP, MVZ) Inflamación de la mucosa de los bronquios. Ejemplo: La bronquitis puede ser aguda o crónica. <i>‘Enfermedad de la tos’</i>	Bronquite ‘Doença da tosse’
(71) Necheipi Jaeko kambigui oe korota ndei mbove oñerenoe iñeche. Mojaanga: Necheipi ikavi yaeko sambiai oaramovae peguara.	{neche}+{ipi} {neche} ‘leite’ (empréstimo do espanhol) {ipi} ‘origem, começo’	Calostro. (MVZ) Líquido secretado por las glándulas mamarias antes de la leche. Ejemplo: El calostro es esencial para la vida del recién nacido. <i>‘La primera leche’</i>	Colostro ‘A primeira leite’

(72) Kaaisi Jaeko taperai reta oyeapo ipuere vaëra jokoropi oñerenoe iviraipevae reta ikaviko oyeki vaëra ivira, ikaviko oyeki vaëra ivira Mojaanga: Tëta iya reta ojovi kaaisipe.	{kaa} +{isi} {kaa} ‘erva em geral’ {-isi} ‘linha’	Caminos forestales. (IFO) Son generalmente caminos secundarios y brechas, que se consideran indispensables para la extracción de la madera. Ejemplo: La comunidad participó en la realización de caminos forestales. <i>‘Sendero del monte’</i>	Estradas forestáis <i>‘Trilha do mato’</i>
(73) Voitamondo Jaeko mbáeapo iviraasia oyemondo jendape vaerä. Mojaanga: Voitamondo ivira yeasiati jaeyaema öi oyererajaa vaëra.	{voita}+{-mondo} {voita} ‘carga’ {mondo} ‘enviar’	Carguío. (IFO) Es la actividad que se realiza en un rodeo para despachar las trozas cortadas a su destino. Ejemplo: El carguío de madera está listo para su traslado. <i>‘El envío de carga’</i>	Carregamento <i>‘Ação de enviar a carga’</i>
(74) Taimoñemuña Kuaepeko oechakakavi taireta metei ñemuña pega. Mojaanga: Taimoñemuña oechaka metei yemboati mbáeñemuña reta regua.	{tai}+{-mo-}+{-ñe-}{-muña} {tai} ‘filho, descendência’ (ego masculino) {-mo} ‘causativo’ {-ñe ~je} ‘reflexivo’ {-moña} ‘perseguir (procurar)’	Cariotipo. (MVZ) Es un mapa que sirve para la identificación de la cantidad de los cromosomas. Ejemplo: El cariotipo nos muestra un conjunto de células de un individuo o una especie. <i>‘Lo que busca la descendencia’</i>	Cariótipo <i>‘(O que) se procura a descendência’</i>

(75) Kaaisiyovaicho Jaeko taperai reta oyuvake öi 250 piñejää oyoiguivae. Mojaanga: Yaikua vaëra mbáeyekou kaaregua oyeapotako kaaisiyovaicho.	{kaa}+{isi-}+{yovai}+{-cho} {kaa} ‘ervas em geral’ {-isi} ‘linha’ {yovai} ‘ambos os lados’ {-cho} ‘rasgado (aberto)’	Carriles. (IFO) Son brechas paralelas que se abren a la línea base cada 250 metros unas entre otras. Ejemplo: Para la valoración del potencial forestal es necesario construir carriles. <i>‘sendero abierto en el monte’</i>	Trilho <i>‘Trilha (caminho) aberto na mata’</i>
(76) Yepapa maemepegua Jaeko yeparavo oyeapo 100%vae opaete ivira reta mamea regua jepi kavi ivate rupi vae DMC. (Sp jei rami). Mojaanga: Opaete kaa angareko guinoitako mopeti yepapa maemepegua.	{ye-}+{papa}+{-mae}+{-mee-}+{pegua} {ye} ‘reflexivo (se)’ {papa} ‘contar números’ {mae} ‘olhar’ {-mee} ‘dar, repartir’ {pegua} ‘locativo (origem)’	Censo comercial. (IFO) Es el inventario al 100% de todos los árboles con valor comercial que tienen fustes por encima del DMC. (De acuerdo con la Sp.) Ejemplo: Todo Plan de Manejo Forestal requiere de un censo comercial. <i>‘contar lo que se ve’</i>	Censo comercial <i>‘Quantificar o que se vê’</i>
(77) Tekoveipi Tekove retepo opaete oikove vae reta pegua. Mojaanga: Tekoveipipe jaeko öi tekove iyipi.	{t-}+{-eko}+{-ve}+{-ipi} {t-} ‘Posse absoluta’ {-eko} ‘vida’ {-ve} ‘aditivo (mais)’ {-ipi} ‘origem’	Célula. Unidad anatómica fundamental de todos los organismos vivos. Ejemplo: La célula es el principio de la vida. <i>‘Origen de los seres vivos’</i>	Célula <i>‘Origem dos seres vivos’</i>
(78) Tekoyuapiapi Jaeko tekove oyupapiavae regua ipuere vaëra oekavi.	{t-}+{-eko}+{-yua}+{pia} + {pi} {t-} ‘posse absoluta’ {-eko} ‘vida’	Ciclos. Sucesión de fenómenos que se repiten periódicamente en un orden determinado.	Ciclos

Mojaanga: Ñemokañitei kaa reta regua omombia i tekoveyuapiapi.	{-yua} ‘vir’ {pia-} ‘começo’ {-pi ~pe} ‘locativo (em)’	Ejemplo: La deforestación altera el ciclo del agua. <i>‘Lo que viene desde el comienzo’</i>	‘Do começo da vida’
(79) Ñejaäka Tembiporu mbäe ñajäa ipigue pipevae. Mojaanga: Ñejaäka ikavi oñejäa ivira reta ikavi oyeporu vaëra.	{ñe}+{-ja-}+{-aä} +{ka} {ñe ~ je} ‘reflexivo’ {ja-} ‘1ª pp (inclusiva)’ {-aä-} ‘medir’ {-ka} ‘causativo’	Cinta métrica. Es un instrumento de medición longitudinal. Ejemplo: La cinta métrica de acero sirve para medir las dimensiones de los árboles maderables. <i>‘con lo que se mide’</i>	Fita métrica ‘O que se faz medir’
(80) Ara Jaeko oechaka kerai eteiko öi aravae aniramo jokuae arirevae, opa oyuvaviyuavi arapitüe rupi. Mojaanga: Ara oyuvaviyuavi yasi rupi opete arasape.	{ara} ‘tempo/espço’ Caso de polissemia	Clima. Conjunto de fenómenos meteorológicos que caracterizan el estado medio de la atmósfera y su evolución en un lugar determinado. Ejemplo: El clima de Ivo es variable según los meses del año. <i>‘Tiempo, Clima’</i>	Clima ‘Clima’
(81) Arambombeurero Yemboe oyapo jare omombeu keräita öi aravae. Mojaanga: Aramombeurero reta omoerakua keräitako oyepoepi aravae.	{ara}+{-mbombeu-}+{-rero} {ara} ‘tempo’ {-mombeu-} ‘contar’, avisar’ {r-} ‘prefixo relacional’ {ero-} ‘comitativo’	Climatología. Ciencia de la geografía que estudia el clima y sus variaciones a lo largo del tiempo. Ejemplo: La climatología nos anuncia los cambios del tiempo.	Climatología

		<i>‘Lo que se avisa del tiempo’</i>	<i>‘O que se avisa sobre o clima’</i>
(82) Teikuayuru Jaeko opaño guira reta ani ñru ipepovae reta jeikua rupi omombo ikavimbáemavae. Mojaanga: Uru jeikuayurure oyekua omee kavitako ururupiavae.	{t-}+{-eikua}+{yuru} {t-} ‘Posse absoluta’ {-eikua} ‘buraco’ {-yuru} ‘boca/ abertura’	Cloaca. (MVZ) Es la parte final del tracto digestivo de las aves. Ejemplo: El buen estado de la cloaca de la gallina determina la producción de huevos. <i>‘Abertura del ano’</i>	Cloaca <i>‘A abertura do anus’</i>
(83) Ivimojeñii Jaeko ivimoingoveka oñerenoe opaete mbáe ivipo ñemona retagui mimba jare ivira reta guinoivaegui. Mojaanga: Iti tembui reta ikavi oyapo mbáereñii.	{ivi}+{-mo-}+{-jeñii} {ivi} ‘terra’ {mo} ‘causativo’ {-jeñii ~ jeñoi} ‘germinação, descendente, broto’	Compost. (IFO, MVZ, ECOP) Es un abono orgánico que se obtiene de compuestos que forman partes de seres vivos de origen animal y vegetal. Ejemplo: Los residuos de alimentos sirven para preparar el compost. <i>‘Lo que hace germinar la tierra’</i>	Adubo orgânico <i>‘O que faz brotar, germinar’</i>
(84) Ñemaeño Jaeko oñemee ñeemongeta rupivae oyeapo vaëra mbaraviki. Mojaanga: Municipio omee oñemaeño oyeporu vaëra mbáeyekou reta.	{ñe}+{-mae-}+{-ño} {ñe ~ye} ‘reflexivo’ {-mae-} ‘olhar’ {ño} ‘recíproco’	Concesión. Derechos de permisos que otorga una entidad sobre otra. Ejemplo: El municipio otorga la concesión para la explotación de agregados. <i>‘Lo que se concede’</i>	Concessão <i>‘O que se concede’</i>

(85) Mbáeangareko Metei tembiokuai oyeangareko kavi vaëra oyeporu ivipo reta, ipuere vaëra mbáe ikavigue ou tētaipo retape. Mojaanga: Mbáeangareko kaa reta peguara oñerenoitako metei yupavo oyeporu kavi vaëra.	{mbáe}+{-angareko} {mbáe} ‘coisa’ {-angareko} ‘cuidado’	Conservación. Gestión dirigida a la preservación y uso racional de los recursos naturales para el desarrollo sustentable de la sociedad. Ejemplo: La conservación de los recursos naturales requiere un plan de manejo sostenible. <i>‘Lo que se cuida’</i>	Conservação <i>‘O que se cuida (conserva)’</i>
(86) Tekoveangareko Oyeporu yave opaete mbáenunga moa reta regua, kiimi ani kiimiasí reta oyopia vaëra mbáerasigui ani iiru mbáe pichii oñevae kaa retapevae. Mojaanga: Mimbaikagüe mbáe rai reta oyeporu tekoveangareko peguara.	{t-}+{-eko}+{-ve}+{-angareko} {t-} ‘posse absoluta’ {-eko} ‘vida’ {-ve} ‘aditivo (mais)’ {-angareko} ‘cuidado’	Control biológico. (IFO, ECOP, MVZ) Utilización de agente biológico, para el control de malezas y plagas. Ejemplo: Los insectos nemátodos, hongos y virus se utilizan como control biológico. <i>‘El cuidado de los seres vivos’</i>	Controle biológico <i>‘Cuidado com os seres vivos’</i>
(87) Yasiakatu Jaeko oñemae kavi ivira oyeiti iyakatukoti aguiyera guirokomegua ivirasia. Mojaanga: Oyeporu arakuaa mbáeyasiakatu aniara guirokomegua iiru ivira.	{yasia-}+{-katu} {yasia} ‘corte’ {-katu} ‘intensificador’	Corta dirigida. (IFO) Es el direccionamiento de un árbol en el momento del apeo. Ejemplo: Para mitigar los daños en la regeneración natural se realiza la corta dirigida. <i>‘Corte considerable’</i>	Corte direcionado <i>‘corte real’</i>
(88) Ñeotiapo	{ñeoti-}+{-apo}	Cultivos. Multiplicación de organismos en un medio óptimo.	Cultivos

Jaeko moñemuña jekovevae reta jenda kaviapo regua. Mojaanga: Pira ñeotiapo peguara oimetako iupa ikavigue.	{ñeoti} ‘plantação’ {-apo} ‘fazer’	Ejemplo: El cultivo de peces requiere de pozas apropiadas. ‘Cultivo de plantas’	‘Cultivo de plantas’
(89) Kaamokañi Jaeko opaete ñamokañitei ivira reta kaa retagui. Mojaanga: Kaamokañi oapeko mbáeyekou ivi pegua.	{kaa}+{-mo-}+{-kañi} {kaa} ‘ervas em geral’ {-mo-} ‘causativo’ {-kañi} ‘desaparecer/perder’	Deforestación. (IFO) Acción de despojar árboles y plantas de un bosque. Ejemplo: La deforestación afecta a la madre tierra. ‘Hacer desaparecer los arboles’	Desmatamento ‘Desaparecer a mata’
(90) Mbáerendaapi Jaeko maambiapo reta iyeapo yevikapo mbáeyeyo peguara. Mojaanga: Mbáerendaapi omee yandeye ikavi aniramo mbáeyepiro mbáeyeyoo peguara.	{mbáe}+{-renda-}+{-api} {mbáe} ‘o que’ {r-} ‘Prefixo relacional’ {-enda} ‘lugar de’ {-api} ‘ponta/limite’	Delimitación. (IPGN) Actividad de exploración para la perforación de un pozo. Ejemplo: La delimitación incrementa o disminuye la producción de un pozo. ‘Lo que marca el límite’	Delimitação ‘O limite de um lugar’

(91) Ñevaëpiau Ñeñovātuapo oñerenoiuae regua, itanekiraü ivikua yeyoo retare, oñerenoe mbáembiapo jenda reta rupiguavaere. Mojaanga: Ñevaëpiau ñeñovatu maemotimbo gueru mbáe ikavivae têtaguasu peguara.	{ñe-}+{vaẽ}+{-piau} {ñe-} ‘palavra, falar’ {-vaẽ} ‘chegar, vir’ {piau} ‘novo’	Descubrimiento. (IPGN) Acción de encontrar algo nuevo. En la actividad petrolera se refiere a la incorporación de reservas atribuibles a la perforación de pozos exploratorios que prueban formaciones de productos hidrocarbúricos. Ejemplo: El descubrimiento de una reserva de gas beneficia al país. <i>‘Llegada de algo nuevo’</i>	Descobrimiento <i>‘chegada de algo novo’</i>
(92) Motimboñepiro Jaeko maemotimbo oñepiro i yepiguara ndive oyemboyea reve i pitue ndive. Mojaanga: Oyepiguara i öe vaëra motimboyepiro.	{mo-}+{timbo}+{ñe-}+{-piro} {mo-} ‘causativo’ {timbo} ‘fumaça’ {-ñe-~ye} ‘Reflexivo’ {-piro} ‘tirar-se, arrebatar’	Desgasificación. (ECOP) Transferencia mecánica de gases disueltos desde el agua al aire por agitación del agua para aumentar el área de contacto entre aire y agua. Ejemplo: Removemos el agua para desgasificar. <i>‘Algo que saca el gas’</i>	Desgaseificação <i>‘o que se tira do gás’</i>

(93) Tierasi, tiaï Jaeko tepoti tiguevae, mbáerasi kiimirai reta gueruvae. Mojaanga: Tembiu ikavimbáe yauyave oyapo tierasi.	{t-}+{-ie}+{-rasi}+{tiaï} {t-} ‘posse absoluta’ {-ie} ‘barriga’ {r-} ‘prefijo relacional’ {-asi} ‘dor, doença’ {tiaï} ‘diarreia’	Diarrea. Son las heces acuosas y blandas producidas por virus, bacterias y hongos. Ejemplo: Ingerir alimentos tóxicos produce diarrea. <i>‘enfermedad de la diarrea’</i>	Diarreia <i>‘Diarreia’</i>
(94) Membiaravimbáe Jaeko michia jare mimba reta oaravimbáe ichi reta jiegui. Mojaanga: Membi tuichavae oaravie.	{membi}+ {-a} + {raivi} +{-mbáe} {membi} ‘filha (ego feminino)’ {-a} ‘nominalizador’ membia = parto {r-} ‘prefijo relacional’ {-aivĩ} ‘mal’ {-mbáe} ‘o que’	Distocia. (MVZ) Complicación en el parto. Ejemplo: Un feto grande provoca distocia. <i>‘Mal parto’</i>	Distocia <i>‘Parto ruim’</i>
(95) Eimaeyeapo Jaeko mbaraviki yeimae regua, jaeko oyereroyakavo mbaguiye maemotimbo reta regua. Mojaanga: Oyeya motimbo oyeapo tēta tēta rupi.	{ei}+{mae}+{-ye-}+{-apo} {ei-} ‘2ª p.s’ {-mae} ‘dar, distribuir’ {-ye-} ‘reflexivo’ {-apo} ‘fazer’	Distribución. Actividad relacionada con la repartición, incluyendo el traslado de un determinado producto. Ejemplo: La distribución de gas será a domicilio. <i>‘Lo que se distribuye’</i>	Distribuição <i>‘O que se distribui, dá’</i>

(96) Taitatiyopara Jaeko jeta mimba reta oyemboati metei tetararami. Mojaanga: Kuaerupi oñerenoi jeta mimba ipepo retavae taiyopapa .	{t-}+{-ai}+{ta}+{ti}+{-yopara} {t-} ‘Posse absoluta’ {-ai} ‘filho (ego masculino)’ {-ta} ‘futuro’ {-ti} ‘coletivo’ {yopara} ‘mistura, misturado’	Diversidad genética. (IFO, ECOP, MVZ) Variabilidad genética dentro de una población o dentro de una especie. Ejemplo: Contamos en la región con una gran diversidad genética de aves. <i>‘Diversidad de la descendencia’</i>	Diversidade genética <i>‘A diversidade da descendência’</i>
(97) Güee Jaeko tembiu oyembombo tatague rupi yande yuru rupi. Mojaaga: Mimba reta ogüee jouyave tembiu ikavimbáevae yave.	{güee} ‘vomitar’ Neologismo semântico	Emesis. expulsión violenta y espasmódica del contenido del estómago a través de la boca. Ejemplo: Los animales presentan emesis después de ingerir alimentos tóxicos. <i>‘Vomitar’</i>	Êmesis <i>‘Vomitar’</i>
(98) Mbáerepoti Jaeko opaete mbáerepoti, oyeporu vaëra ivi kavira. Mojaanga: Mbáerepoti oyea ivi ikavi vaëra.	{mbáe}+{r-}+{-epoti} {mbáe} ‘algo’ {-r-} ‘prefixo relacional’ {-epoti} ‘fezes’	Estiércol. (MVZ) Excremento de animales. Ejemplo: El estiércol se utiliza como abono para las plantas. <i>‘Lo de las eses’</i>	Esterco/ fertilizante <i>‘O que é das fezes’ (o relacional dá esse sentido)</i>

(99) Ñanaiviraregua Jaeko oiko japichare vae. Mojaanga: Mbáepoti orquidia jaeko ñana iviraregua.	{ñana}+{-ivira}+{-regua} {ñana} ‘erva’ {ivira} ‘árvore’ {r-} ‘prefijo relacional’ {egua} ‘Locativo (origen)’	Epífita. (IFO) Planta que vive sobre otra. Ejemplo: La orquídea es una planta epífita. <i>‘La hierba del árbol’</i>	Epífita ‘planta que é de árvore’
(100) Temitiraitara Metei temiti yaipota imambáe jeñii yave ñaiñai chupe aniramo yamee kavi jese jarembáeño oë vaëra jare okuakuavi mbáemboavai mbáereve. Mojaanga: Almendra jaigue oyetara jeñii vaëra imambáe.	{t}+{-emiti}+{-rai}+{-tara} {t-} ‘posse absoluta’ {-emiti} ‘plantação’ {-rai} ‘intensificador’ {-ta} ‘determinante’ {-ra} ‘prospectivo (o que será)’	Escarificación. (IFO) Técnica o tratamiento pre germinativo que se utiliza para que las semillas germinen en menor tiempo. Ejemplo: La semilla de almendra se escarifica para que germine. <i>‘Lo que ayudará a la plantación’</i>	Escarificação ‘O que será a lavoura’
(101) Tekoveyemboe. Jaeko yemboe oikovevae reta regua, iyembokuakuaa, jenda, yemboyao, iñemoñemoña jare opaete iyembáe oyeapo ñemoïru oyogui iyekovemirai jare iñemoenda. Mojaanga: Juan jaeko ipoki tekoveyemboe.	{t}+{-eko}+{-ve}+{-ye}+{mbo}+{-e} {t-} ‘posse absoluta’ {-eko} ‘vida’ {-ve} ‘aditivo (mais)’ {ye~-ñe} ‘reflexivo’ {-mbo} ‘causativo’ {-e} ‘ensinar-se, aprender’	Ecología. Ciencia que se dedica a estudiar a los seres vivos, su desarrollo, el ambiente, la distribución y abundancia. Ejemplo: Juan es experto en ecología. <i>‘La enseñanza sobre seres vivos’</i>	Ecologia ‘Ensino sobre os seres vivos’

(102) Kuatiamosiro Tembiporu mbaradueka pegua oyekuatia vaëra pipe opaete oyechague ani yaikuague. Mojaanga: Semillero reta oiporu kuatiamosiro yemboerendaguasupe.	{kuatia}+{mosiro} {kuatia} ‘papel, caderno’ {mosirö ~motirö} ‘trabalho em comum’	Encuesta. Es una herramienta de investigación para recolectar información sobre un hecho en particular. Ejemplo: Los semilleros aplican sus encuestas hacia la comunidad universitaria. <i>‘Trabajo en cuaderno’</i>	Pesquisa <i>‘Trabalhar com papeis’</i>
(103) Iyepiyere Oasaete yave i oñeño mbáerirupe oyepiyere ikatu kotí, jokoraiño ani kiayave omotinie. Mojaanga: Jeta ama oki yave oyepiyere iupa tēta pegua.	{i}+{-ye}+{pi}+{ yere} {i } ‘agua’ {-ye} ‘reflexivo’ {piyere} ‘derramar’	Escorrentía. Agua que se vierte al rebasar su depósito o cauce natural o artificial. Ejemplo: La fuerte lluvia ha provocado una escorrentía del atajado comunal. <i>‘Agua que se derrama’</i>	Escoamento <i>‘Água que se derrama’</i>
(104) Mbáembosiri Oñemae kavitako aguīyera koi ñi oyogui mbaravikirenda itanekiraü oyeyoo oīape. Mojaanga: Mbáeyeyo renda reta itanekiraü pegua guinoikavitako yembosiri.	{mbáe} +{-mbo-} +{-siri} {mbáe} ‘o que’ {-mbo-} ‘causativo’ {-siri} ‘trasladar-se, movimentar-se, separar-se ’	Espaciamiento. (IPGN) Distancia óptima entre los pozos productores de hidrocarburos de un campo o un yacimiento. Ejemplo: Los pozos productores de hidrocarburos requieren un espaciamiento adecuado. <i>‘Lo que se separa’</i>	Espaçamento <i>‘Causar o deslizamento ou separação de algo’</i>

(105) Yíkemoata Iyike moata Jaeko mbáerasi oasa ñane paranoevae. Mojaanga: Yíkemoata omoguĩrakua ñande soo.	{yike}+ {-mo-} +{-ata} {yike} ‘de lado’ {-mo-} ‘causativo’ {-ãta} ‘duro’	Espasmos. (MVZ) El espasmo muscular o calambre es una contracción dolorosa involuntaria de uno o más músculos. Ejemplo: El espasmo endurece los músculos. <i>‘Lo que se endurece a los lados’</i>	Espasmos ‘O que fica rígido nos lados’
(106) Ñemuñareta Ati ñemuña oyeapo vae oñoetara jeko oyuvakevae reta. Mojaanga: Amogue mita ñaoetara ñemuña reta opatama okañitei.	{ñemuña} + {-r-}+{-eta} {ñemuña} ‘reproduzir, multiplicar’ {-r-} ‘Prefixo relacional’ {-eta} ‘quantificador’	Especies. Grupos formados por seres semejantes que tienen uno o más caracteres en común. Ejemplo: Algunas especies de felinos están en extinción. <i>‘Descendencias’</i>	Espécie <i>‘Descendência’</i>
(107) Ñemuña ambueyevae reta Jaeko ñemuña reta, arakaeguive, mbáeti oñerenoi tēta. Mojaanga: Ñemuña ambueyevae ipepovae reta oyeyono oyepokua vaēra región Chacope.	{ñemuña}+{ambue-}+{-vae}+{r-}+{-eta} {ñemuña} ‘reprodução/descendência’ {ambue} ‘estranho, alterado, transformado, outro’ {-vae} ‘Nominalizador oracional’ {-r-} ‘Prefixo relacional’ {-eta} ‘quantificador’	Especies exóticas. (MVZ, ECOP, IFO) Son especies foráneas introducidas fuera de ambiente natural. Ejemplo: Especies exóticas de aves han sido introducidas para su adaptación en la región del Chaco. <i>‘Lo relacionado descendencias foráneas’</i>	Espécies exóticas O relacionado a uma descendência não nativa.
(108) Ñemuña tētaigua	{ñemuña}+{t-}+{-eta-}+{-igua} {ñemuña} ‘reprodução/descendência’	Especies nativas. Son las especies que históricamente existen en una región.	Especies nativas

Jaeko ñemuña reta arakaeguvema oiko tētarupivae. Mojaanga: Tayasu jaeko jevae ñemuña tētaigua ivikotigua.	{t-} ‘posse absoluta’ {-eta-} ‘comunidade, povo’ {-igua} ‘procedência, origem’	Ejemplo: Los taitetúes son especies nativas de tierra bajas. <i>‘Descendencia común’</i>	‘Descendência nativa’
(109) Mbáereñiñemuña. Jaeko omojeñii ĩru temiti michivae reta. Mojaanga: Mbáereñii oyeapoko mbáereñiñemuña rupi.	{mbáe}+{-re-}+{-ñii-}+{-ñemuña} {mbáe} ‘o que’ {-re-} ‘diretivo, relacionado a’ {-ñii-} ‘pulsar, bater’ {-ñemuña} ‘reprodução/descendência’	Espora. (IFO) Célula aislada para reproducir hongos, algas y protozoos. Ejemplo: Los helechos se reproducen por medio de esporas. <i>‘Lo mueve la descendencia’</i>	Esporos ‘Aquilo que pulsa a linhagem’
(110) Mbáerokireñiika. Oime temiti reta oyeki oyemojeyii vaëra ikotia. Mojaanga: Cítrico jeyii mbáerokireñiika oyeparavo reve	{mbáe}+{r}+{-oki-}+{-re-}+{-ñii-}+{-ka} {mbáe} ‘algo’ {-r-} ‘prefixo relacional’ {-oki ~hoki} ‘broto de’ {-re} ‘Em respeito a’ {-ñii-} ‘pulsar, bater’ {-ka} ‘causativo’	Esqueje. (IFO) Fragmento de tallo o gajo utilizado para multiplicar una planta. Ejemplo: Se injertan los cítricos con esquejes seleccionados. <i>‘Lo que hace pulsar el brote’</i>	Muda ‘Aquilo que aciona o broto’

(111) Yemboe mbáeruparegua Jaeko oñerenoi opaete yemboevae reta, oyeapokatu ipuere oyecha oyeapo vaëra mbáe mbáe reta. Mojaanga: Unibolpe oyeapo yemboe mbáeruparegua oyecha vaëra mboaguiye reta.	{ye-}+{mbo-}+{-e}+{mbáe-}{r-}+{-upa-}+{r-}+{-egua} {ye~-ñe} ‘reflexivo’ {-mbo} ‘causativo’ {-e} ‘ensinar-se, aprender’ {mbáe-} ‘algo’ {r-} ‘prefixo relacional’ {-upa} ‘espaço, terreno’ {r-} ‘prefixo relacional’ {-egua} ‘locativo (origem)’	Estudios de superficie. Son todos aquellos estudios que conforman la base para considerar las intervenciones en una zona. Ejemplo: En los predios de la UNIBOL se realizan estudios de superficie para identificar áreas productivas. <i>‘El estudio sobre un espacio’</i>	Estudo de superfície ‘Estudo relacionado à superfície’
(112) Yemboembáerasiapo Jaeko oyapo yekura mbáe jekopeguako oime mbáerasivae. iyembova jare iyeepi reguare. Mojaanga: Mbáekavimbáe gueru mbáerasi uupe.	{ye-}+{-mbo}+{e}+{mbáe-}+{-rasi-}+{-apo} {ye~-ñe} ‘reflexivo’ {-mbo} ‘causativo’ {-e} ‘ensinar-se, aprender’ {mbáe} ‘algo’ {-rasi} ‘dor, doença’ {-apo} ‘trabalhar, fazer’	Etiología. (IFO, MVZ, ECOP) Es el estudio de las causas de las enfermedades. Ejemplo: Un virus es el agente etiológico que provoca el resfrío. <i>‘El estudio que se hace sobre enfermedades’</i>	Etiologia ‘Estudo que se faz sobre doenças’
(113) Yeyukaete Jaeko mbáe mímba jare tekoipo imbáerasi okuera mbáepe oiporu yeyayukaete, aguiyearäma oiporara oĩ. Mojaanga: Mímba reta omanopotamavae oyeyukaete.	{ye-}+{yuka}+{-ete} {ye-} ‘reflexivo’ {yuka} ‘matar’ {-ete} ‘intensificador’	Eutanasia. (MVZ) Acto de provocar intencionalmente la muerte de una persona o animal que padece de una enfermedad incurable para evitar que sufra. Ejemplo: Se aplica eutanasia a los animales moribundos. <i>‘lo que en realidad se mata’</i>	Eutanásia ‘O que realmente mata’

(114) Iviyaperu Jaeko oime yave oyeki ivi iarambogu guirokomegua reve ñana reta jare ivimoingove guinoivae. Mojaanga: Iviyaperu oyeapo ama, i, kuarasi jare ivitu rupi.	{ivi}+{-ye-}+{-apero} {ivi} ‘terra/solo’ {ye-} ‘Reflexivo’ {-apero ~apẽro} ‘calvo’	Erosión. (IFO - IPGN) Pérdida de la capa vegetal que cubre la tierra, dejándola sin capacidad para sustentar la vida. Ejemplo: La erosión puede ser provocada por el agua, sol y viento. <i>‘Suelo pelado’</i>	Erosão <i>‘Solo pelado’</i>
(115) Mbáe yeki. Mbaraviki oyembojee guinoi vaëra mbáeguiye itanekirau yeyoope. Mojaanga: Mbáe yeki maemotimbo oyeapoko tembiporu tiuchavaepe.	{mbáe}+{-yeki} {mbáe} ‘o que’ {ye-} ‘Reflexivo’ {-ki} ‘tirar’	Extracción. (IPGN) Actividad destinada a la producción de hidrocarburos de pozos perforados. Ejemplo: La extracción de gas se realiza con maquinaria pesada. <i>‘lo que se saca’</i>	Extração <i>‘o que se extrai’</i>
(116) Kañitei Jaeko maemegua oasa ñemuña retape, mimba reta jare ñana reta ndive oyapeko reve jekove. Mojaanga: Mborevi reta oapeko kañitei	{kañi}+{-tei} {kañi} ‘perder, desaparecer’ {-tei} ‘intensificador’	Extinción. Proceso que afecta a muchas especies animales y vegetales amenazando su supervivencia. Ejemplo: Las antas (tapir) están en peligro de extinción. <i>‘perdida real’</i>	Extinção <i>‘perda real’</i>
(117) Itayuki Itapekuigui oëvae reta guinoiko yuki, tovatĩ, oyeapo mbáerakuvo koiño otimbo mbáeapo jendagui.	{ita}+{-yuki} {ita} ‘pedra, rocha’ {yuki} ‘sal’	Evaporitas. (IPGN) Son rocas sedimentarias compuestas principalmente por sal o yeso, resultado de la evaporación en zonas cerca de las costas.	Evaporitas

Mojaanga: Mbáeyeyoo rendaivi rupi oime itayuki.		Ejemplo: Alrededor del pozo perforado se encuentra gran cantidad de evaporitas. <i>‘Piedra de sal’</i>	‘Pedra de sal’
(118) Moingoveka oyeapoivae. Yemboyea oyeapo tembiupe omee vaëra mirata. Mojaanga: Urea jaeko oyeporu tembiu mboyea oyeapoivae peguara.	{mo}+{-ingo-}+{-veka}+{o}+{ye-}+{-apo}+{-vae} {mo-} ‘causativo’ {iko} ‘ser, existir’ {-ve} ‘aditivo, mais’ {-ka} ‘causativo’ {o-} ‘3 sp’ {ye-} ‘reflexivo’ {-apo-} ‘trabalho, fazer’ {-vae} ‘nominalizador oracional’	Fertilizante químico. Fertilizante mezclado industrialmente, el cual contiene nitrógeno, fósforo y potasio en diferentes proporciones. Ejemplo: La urea se utiliza como fertilizante químico. <i>‘Lo que produce más abono’</i>	Fertilizante químico ‘O que produz mais adubo’
(119) Öpe. Kuae jaeko retekaguë opëvae regua. Mojaanga: Maekague retere öpe.	{öpe} ‘roto/ quebrado’ Palavra já existente em dicionários	Fractura. Ruptura violenta de una cosa sólida, especialmente de un hueso del cuerpo. Ejemplo: El cachorro del doctor Luis se ha fracturado. <i>‘Quebrado, roto’</i>	Fratura ‘Quebrado’
(120) Yemboe retemomii regua. Jaeko arakuayemboe keraiko oparaviki yande rete jare tekove reta oikovae.	{ye-}+{mbo-}+{-e}+{-rete-}+{-mo-}+{-mii}+{r-}+{-egua} {ye~-ñe} ‘reflexivo’	Fisiología. Ciencia que se encarga de estudiar las funciones de los seres vivos. Ejemplo: El estado fisiológico informa de la salud del individuo.	Fisiologia

Mojaanga: Yemboe retemomii regua omombeu yandevé tekoroisa.	{-mbo} ‘causativo’ {-e} ‘ensinar-se, aprender’ {r-} ‘prefixo relacional’ {-ete} ‘corpo’ {mo-} ‘causativo’ {mii} ‘mover-se’ {r-} ‘prefixo relacional’ {-egua} ‘Locativo (origem)’	<i>‘Estudio sobre lo que hace el cuerpo’</i>	‘Estudo correspondente ao que acontece no corpo’
(121) Yateu Jaeko kii reta öi mimba jetere jare oipite jugui. Mojaanga: Yateu omombáerasi guaka.	{yateu} ‘carrapato’ Palavra já existente em dicionários	Garrapata. Parásito de los animales. Ejemplo: Las garrapatas enferman al ganado vacuno. <i>‘Garrapata’</i>	Carrapato ‘Carrapato’
(122) Mbáemoerakuaa Kuae jaeko teko mbáeti oechakambatee jare omoërakua teko retavae. Mojaanga: Mbáemoerakuaa oechaka tuu retachavae.	{mbáe}+{-mo-}+{-era-}+{-kuaa} {mbáe} ‘o que’ {-mo-} ‘causativo’ {-era} ‘fazer realizar uma ação’ {-kuaa} ‘saber, conhecimento’	Gen. Es una unidad de información. Ejemplo: Los genes transmiten rasgos físicos. <i>‘Lo que carga conocimiento’</i>	Gene ‘O que leva o conhecimento’
(123) Mbáemoerakuaa mboasa. Jaeko opete reta oyepi tu jare ichi oasague rami jukurai oasa iru ñemuña retarupi. Mojaanga: Mbáemoerakua mboasa oyono ndaivi oime vaëra mbáerasi.	{mbáemoerakuaa}+{mbo-}+{-asa} {mbáemoerakuaa} ‘gene’ {mbo-} ‘causativo’ {-asa} ‘passar, transferir’	Genética. Es la herencia biológica que se trasmite de generación en generación. Ejemplo: La genética predispone la aparición de enfermedades. <i>‘Lo que transfiere el gen’</i>	Genética ‘O que faz transferir o gene’

(124) Tugui pirāta Jaeko mbáemoerakuaa omboasa mbáe reta, jaeko omee pirāta. Mojaanga: Mimba reta ipira jaeko oipi tu reta jugui ipirātavaegui.	{t-}+{-ugui}+{pirāta} {t-} ‘posso absoluta’ {-ugui} ‘sangue’ {pi-} ‘profundidade, capacidade’ {r-} ‘prefixo relacional’ {-āta} ‘dureza, força’	Gen dominante. Gen responsable de transmitir las características al cual representa y expresa su máxima potencialidad. Ejemplo: El color de los animales está condicionado por el gen dominante. <i>‘El poder de la sangre’</i>	Gene dominante <i>‘A força do sangue’</i>
(125) Kuña jare kuimbáe Jaeko kia reta oiko pave jare oyuavi jeko reta jare iaraviki guinoi. Mojaanga: Oyemboyao yave ñoetara reta oyogui ipuere oñemuña reta oyeambáe reve.	{kuña}+{jare}+{kuimbáe} {kuña} ‘mulher, fêmea’ {jare} ‘Conectivo (e)’ {kuimbáe} ‘masculino, macho’	Género. Conjunto de personas o cosas que tienen características comunes. Ejemplo: La división de género garantiza la reproducción de las especies. <i>‘Mujer y hombre’</i>	Genero <i>‘Homem e mulher’</i>
(126) Yemboe ivi regua Jaeko arakua oyemboe ivi kerieteko vae regua. Mojaaga: Yemboe ivi regua oikuaka yandeva iāka reta, iviti jare ivipe reta.	{ye-}+{-mbo-}+{-e}+{-ivi}+{regua} {ye~-ñe} ‘reflexivo’ {-mbo} ‘causativo’ {-e} ‘ensinar-se, aprender’ {ivi} ‘terra’ {r-} ‘prefixo relacional’ {-egua} ‘Locativo (origem)’	Geología. Estudio de la estructura y el desarrollo de la tierra. Ejemplo: La geología sirve para conocer las estructuras de tierra, ríos y praderas. <i>‘El estudio de la tierra’</i>	Geología <i>‘Estudo sobre a terra’</i>
(127) Piremborovi Jaeko rete mborovi opitavae jare tugui oasavae. Oyepiaka, oñenupaka, oñerāro, jare oyererokua yave.	{pire}+{-mbo-}+{rovi} {pire} ‘pele’ {-mbo-} ‘causativo’	Hematoma. (MVZ) Mancha de la piel de color azul, amoratado, que se produce por la acumulación de sangre u otro	Hematoma

Mojaanga: Toro iperemborovi iupe.	{r-} ‘prefixo relacional’ {-ovi} ‘cor azul ou verde’	líquido corporal, como consecuencia de un golpe. Ejemplo: El muslo del toro presenta un hematoma. <i>‘Piel amoratada’</i>	‘o que faz a pele azul ou verde’
(128) Tuguimopitaka Oñerenoi ramo tuguí omopitavae. Mojaanga: Yemboe arakuamaegui oikuaakua tuguimopitaka.	{t-}+{-ugui}+{-mo-}+{pīta-}+{-ka} {t-} ‘posse absoluta’ {-ugui} ‘sangue’ {-mo-} ‘causativo’ {pīta} ‘cor vermelha’ {-ka} ‘causativo’	Hemoglobina. (MVZ) Sustancia cristalina que da el color rojo a la sangre. Ejemplo: A través de un análisis clínico se identifica la disminución de hemoglobina. <i>‘El rojo de la sangre’</i>	Hemoglobina ‘O vermelho do sangue’
(129) Tuguí mombo Jaeko tuguí oë, jayí osoro ramo, oasa mbáe jeko pegua ani ramo guĩramoi peguaiñovi oyeapo. Mojaanga: Yaimba guĩnoi tuguí mombo tuicha oyeasia ramo.	{t-}+{-ugui}+{mombo} {t-} ‘posse absoluta’ {-ugui} ‘sangue’ {mombo} ‘jogar fora; retirar’	Hemorragia. Salida más o menos copiosa de sangre de los vasos, por ruptura accidental o espontánea de los mismos. Ejemplo: El perro tiene hemorragia a raíz de un corte profundo. <i>‘Pérdida de sangre’</i>	Hemorragia ‘Perda de sangue’
(130) Temitiatitini Temiti reta oñemotinigue oyemboati mbovi ati rupivae, oñeñoño oñemae jese vaëra. Mojaanga: Temitiatinipe yemboati ñana moareta.	{temi}+{-ti}+{-a-}+{-titini} {t-} ‘posse absoluta’ {-emiti} ‘plantação’ {-a-} ‘nominalizadora’ {-ti-} ‘coletivo’	Herbario. (IFO) Es una colección de plantas o partes de las plantas disecadas. Ejemplo: En el herbario contamos con una colección de plantas medicinales.	Herbário

	{-tini} ‘secar-se’	<i>‘Plantación seca’</i>	<i>‘Plantação seca’</i>
(131) Moñopeti Mimba ani ñana oë mokoï ñeotara yoavigui. Mojaanga: Tambaku jaeko ñemopeti oë tambaki jare pakuguivae.	{mo-}+{-ño} + {peti} {mo-} ‘causativo’ {ño- ~ yo-} ‘recíproco, mutuamente’ {peti} ‘um(a)’	Híbrido. Animal o vegetal que proviene de dos individuos de distintas especies. Ejemplo: El tambacú es un pez híbrido proveniente de la especie tambaquí y pacú. <i>‘Hacerse uno’</i>	Hibrido <i>‘O que foi feito um’</i>
(132) Iviäki Jaeko oime i yande pite rupi. Mojaanga: Iviäkipe temiti jeñii katu.	{ivi}+{-äki} {ivi} ‘terra’ {-äki} ‘molhado/a’	Humedad. Es la cantidad de agua presente en el medio. Ejemplo: La humedad de la tierra hace que germinen las semillas. <i>‘Tierra mojada’</i>	Humidade <i>‘Terra molhada’</i>
(133) Omboyaka Jaeko mimbarupia reta opaño ipuere oyemboyaka, ichi oguiroyapakua yave oya vaëra, ani ramo tembiporu mboyakapoa rupi. Mojaanga: Unibolpe omboyaka ñandu rupia mbáemboyaka rupi.	{o-}+{-mbo-}+{-ya}+{-ka} {o-} ‘3 p/s’ {-mbo-} ‘causativo’ {-yaka ~jeka} ‘quebrar-se’	Incubación. (MVZ) Huevos puestos a una temperatura de calor constante, por medios naturales o artificiales para que los embriones se desarrollen. Ejemplo: En la UNIBOL guaraní se realiza la incubación de huevos de avestruz de manera artificial. <i>‘Lo que se quiebra, se raja’</i>	Incubação <i>‘O que faz rachar (sentido de romper mesmo, como a casca de um ovo)’</i>
(134) Membiriru mbáerasi	{membi}+{-r-}+{-iru} {mbáe-}+{-rasi}	Inercia. (MVZ) Falta de fuerza.	Inércia

Jaeko membiriru ipiiratambáe. Mojaanga: Guaka imembi oa yave imembiriru ipitu.	{membi-} ‘filho (ego feminino)’ {-r-} ‘prefixo relacional’ {-iru} ‘recipiente’ {mbáe-} ‘o que’ {-r-} ‘prefixo relacional’ {-asi} ‘dor, doença’	Ejemplo: La vaca después del parto presenta inercia del útero. <i>‘Enfermedad relacionada al útero’</i>	‘Afecção relacionado ao útero’
(135) Ivirayepapaapo Jaeko metei tembiporu ñeemongeta oyeapo ivira retare, omoerakuaa oñerenoi ñemoendaape, kuae pegua oyeapota yupavo. Mojaanga: Felipe oyapo ivira yepapa Monte Verdepe.	{ivira}+{-ye-}+{papa-}+{-apo} {ivira} ‘árvores, plantas’ {-ye-} ‘reflexivo’ {-papa} ‘contar, nomear’ {-apo} ‘construir, fazer’	Inventario forestal. (IFO) Es la herramienta que sirve para obtener la información precisa de las especies forestales para realizar un plan de manejo. Ejemplo: Felipe realiza el inventario forestal en Monte Verde. <i>‘Contaje de las plantas’</i>	Inventario florestal ‘Contagem das árvores’
(136) kiimbáerasi Mbáerasi oyapo kiirai reta. Mojaanga: Yaimbarai guinoi kiimbáerasi iure.	{kii}+{mbáe}+{-r-}+{-asi} {kii- ~ky} ‘piolho, pulga’ {-mbáe} ‘o que’ {-r-} ‘prefixo relacional’ {-asi} ‘dor, doença’	Infeción. Enfermedad producida por la invasión de un germen. Ejemplo: El cachorro presenta una infección en la pierna. <i>‘La enfermedad de germen’</i>	Infecção ‘A doença de germe’
(137) Yukuai Jaeko yandeyukuai kandirupi ani mbáerasi rupi oyeapovae. Mojaanga: Oasaete arakuvovae oyapo yukuai.	{yukuai} Palavra já existente em dicionários	Jadeo. Respiración anhelosa por efecto del cansancio, excitación, alguna dificultad de vida o enfermedad. Ejemplo: El calor excesivo provoca jadeo. <i>‘respiración agitada’</i>	Ofegar ‘Respiração ofegante’

(138) Mbáe rokai. Mbáe yokenda oyeporu mimba reta peguara. Mojaaga: Ururai reta okaru jokaípe.	{mbáe}+{r-}+{-okai} {mbáe} ‘o que’ {-r-} ‘prefixo relacional’ {oka ~oga} ‘casa’ {-i} ‘diminutivo’	Jaula. Estructura cerrada utilizada para la cría de los animales. Ejemplo: Los pollitos están en sus jaulas comiendo harina. <i>‘Lo relacionado a casita’</i>	Gaiola <i>‘O que está relacionado a uma casinha’</i>
(139) Pukuapi Jaeko oñerenoi ñejãa vae regua, iyipigui jare övae iyapípe. Mojaanga: Tapeopomboasaka vae pukuapi guinoi 28 ñejaka ivategue.	{puku}+{-a-}+{-pi} {puku} ‘cumprido/alto/extenso’ {-a-} ‘nominalizador’ {-pi ~pe} ‘Locativo (em)’	Longitud total. Es la distancia desde el punto anterior hasta el punto posterior. Ejemplo: La longitud total del puente es de 28 metros. <i>‘La longitud’</i>	Comprimento total <i>‘Extensão’</i>
(140) Kaaki Jaeko ñana kavimbáe reta okuakua yaipota mbáeape. Mojaanga: Oka iyangarekoa mbáepe okuakua kaaki reta.	{kaa}+{-ki} {kaa} ‘erva’ {-ki} ‘verde, não madura’	Maleza. Son las hierbas no deseadas que crecen en un lugar determinado. Ejemplo: El patio de la casa deshabitada está lleno de malezas. <i>‘Hierba tierna’</i>	Matagal <i>‘relva, mata verde’</i>
(141) Mbáeraso Mberu omboa mimbare yave ombojaso javoi omombáerasivae. Mojaanga: Guaka rai jaso ipurüape.	{mbáe-}+{-r-}+{-aso} {mbáe-} ‘o que’ {-r-} ‘prefixo relacional’ {-aso} ‘verme de’	Miasis. (MVZ) La miasis es una enfermedad parasitaria ocasionada por las larvas de moscas que afecta a los tejidos y órganos de vertebrados. Ejemplo: El ternero tiene miasis en el ombligo.	Miasse

		<i>‘Lo relacionado a parásitos’</i>	‘O que é verme’
(142) Yeyakao Kuae oipota jei yaeya ñanerëta vae ojoma yave ñru kotì oiko vaëra, ipuere ndipo oasa mimba reta rupia ani ramo kuimbáe reta rupivi. Mojaanga: Mbaravikioata vae gueru yeyakao.	{ye}+{-eya}+{-ka}+{-o} {ye} ‘Reflexivo’ {-eya} ‘deixar, abandonar’ {ka-} ‘causativo’ {-o} ‘casa, hogar’	Migración. Desplazamiento de una población animal o humana que se produce desde un lugar de origen a otro. Ejemplo: La falta de trabajo ocasiona la migración de la población. <i>‘Abandono de la casa por sí mismo’</i>	Migração <i>‘Abandonar a casa por si mesma’</i>
(143) Ñemomoe Mborokuai tekoroïsa rupi oyeapo ñemae tembiure. Mojaanga: SENASAG pegua reta oyapo ñemomoe tembiureguare.	{ñe-}+{-mo-}+{moe} {ñe ~ye} ‘Reflexivo’ {-mo-} ‘causativo’ {-moe ~maẽ} ‘observar, vigiar’	Monitoreo. (MVZ) Proceso oficial continuo para comprobar situaciones fitosanitarias. Ejemplo: El personal del SENASAG realiza el monitoreo de la producción de embutidos. <i>‘Lo que se vigila’</i>	Monitoramento <i>‘o que se observa’</i>
(144) Maetimateivaeño Opaete rupi oyapo maeti metei temitiño. Mojaanga: Che ayapo maeti meteivaeño.	{maeti}+{-metei-}+{-vae-}+{-ño} {maeti} ‘roça, plantação’ {-metei ~peteĩ} ‘um(a), um(a) pequena parte’ {-vae-} ‘nominalizador’ {-ño ~año} ‘só’	Monocultivo. Es el cultivo de una sola especie en un área determinada. Ejemplo: Ahora muchos practicamos el monocultivo. <i>‘Una pequeña parte de una plantación’</i>	Monocultura <i>‘Uma porção pequena de uma plantação’</i>
(145) Ñanaguirai	{ñana}+{-guira}+{-i}	Musgo. (IFO) Plantas muy simples, sin flores ni frutos que	Musgo

Temiti mbáeti ipoti jare iavae öi iviaki jare kuaraia rupivae. Mojaanga: Ambuegue temiti okapegua jaeko ñanaguiraiño.	{ñana} ‘erva, arbusto’ {-guira} ‘pássaro’ {-i} ‘diminutivo’	viven en medios muy húmedos y sombríos. Ejemplo: Los musgos se utilizan como plantas ornamentales. <i>‘Arbusto de los pajaritos’</i>	‘Arbusto dos passarinhos’
(146) Yechauka. Jaeko yeparavo mbáe mbáere oyeapota yemboevae. Mojaanga: Mimba iyayu rayigui oyeki tugui yechauka.	{ye-}+{echa}+{-uka} {ye-} ‘Reflexivo’ {-echa-} ‘ver, mostrar’ {-uka} ‘causativo’	Muestra. Conjunto de cosas, personas o datos elegidos por selección o al azar. Ejemplo: La muestra de sangre fue extraída de la vena yugular. <i>‘Lo que se muestra’</i>	Amostra ‘O que é mostrado’
(147) Mboechaukaparavo Jaeko yeparavo echauka tētaipo oipota iokuavaepe. Mojaanga: Oyeapo mboechauka 20 guaka retape “Estancia los hermanospe”.	{mbo}+{-echauka-}+{-pa-}+{-ra-}+{-vo} {mbo-} ‘causativo’ {-echauka-} ‘mostrar, expor’ {-pa-} ‘Tudo, todo’ {-ra ~ era} ‘causativo’ {-vo} ‘Atributivo’	Muestreo. Es la selección específica de una población a la que se desea estudiar. Ejemplo: Se realizó el muestreo a las 20 vacas de la ‘‘Estancia Los Hermanos’’. <i>‘Todo lo que se muestra’</i>	Amostragem ‘Tudo o que se mostra’
(148) Tembiu mirata Jaeko oatapotaambáe oiko vaëra mbáe oikove ani oikovembáevae peguara jokorai omokuakua vaëra tekove reta. Mojaanga: Tembiu mirata reta yauvae omeë yekou yandevé.	{tembiu}+{mi-}+{-r-}+{-atã} {tembiu} ‘alimento’ {mi ~py} ‘locativo (em/para)’ {-r-} ‘prefixo relacional’ {-atã ~ hatã} ‘dureza de’	Nutrientes. Sustancias de origen orgánico e inorgánico necesarios para el desarrollo de los seres vivos. Ejemplo: Los alimentos nos aportan diferentes tipos de nutrientes. <i>‘Para fortalecer el alimento’</i>	Nutrientes ‘Para fortalecer o alimento’

(149) Pirareikua Jaeko pira ikuarurape, jepotirape, iñemoñarape jare jokoropivi omboa. Mojaanga: Pirati imbáerasi jeikuape.	{pira}+{r-}+{-eikua} {pira} ‘peixe’ {r-} ‘prefixo relacional’ {-eikua} ‘ânus, o lado oposto de algo’	Orificio urogenital. (ECOP) Es el meato posterior del tracto digestivo. En los peces se sitúa delante de la aleta anal por la que desecha heces fecales y orina. Ejemplo: El sábalo presenta en su orificio urogenital una lesión. <i>‘Año del pescado’</i>	Orificio urogenital <i>‘Ânus dos peixes’</i>
(150) Ñuu Kuae ivi jaeko mboviño ñana guinoivae. Mojaanga: Ñuu rupi mbáeti jeta ivira tuichague.	{ñuu} ‘campo’ Neologismo semântico	Pampa. Es el terreno que carece de árboles y vegetación densa. Ejemplo: En la pampa existen pocas variedades de árboles. <i>‘Campo’</i>	Pampa <i>‘Campo’</i>
(151) Chörokokopiretĩ Jaeko piretĩ jayivae jare iyivite rupi oñeova ñi mbáekiraitipe Mojaanga: Chorokokopiretĩ oñeova ñi mbáekirape.	{Chörokokoko}+{pire}+{tĩ} {chörokokoko¹⁵¹} ‘coração’ {pire} ‘pele’ {-tĩ} ‘branco’	Pericardio. (MVZ) Membrana fibrosa doble que envuelve el corazón y cuya capa interior esta revestida de una membrana serosa. Ejemplo: El pericardio que cubre el corazón se encuentra cubierto por grasa. <i>‘Piel blanca del corazón’</i>	Pericárdio <i>‘Pele branca do coração’</i>
(152) Tractor rape Jaeko guataka imaeapo täkarara guasu, oasata mboviye omoata vaëra ivira reta oyeasiague jepivae.	{tractor}+ {r-ape} {tractor} ‘empréstimo do espanhol; tractor’ {r-ape} ‘caminho de’	Pistas de arrastre (PA). (IFO) Vías principales por donde el tractor va a acarrear fustes de árboles cortados.	Pistas de arrasto

¹⁵¹ ‘Chörokokoko’ ‘coração’ término utilizado sólo para o órgão biológico. Tem etimologia onomatopeica (Ortiz; Caurey;2011)

Mojaanga: Tractor oasa jape rupi.		Ejemplo: El tractor pasa por una pista de arrastre acarreando troncas. <i>‘Camino del tractor’</i>	‘Caminho do trator’
(153) Tëtaipo Jaeko ñemboati ñemuña ñeotara meteivae reta. Mojaanga: Guaka ñemuña öiko 100 San Miguelpe.	{tëta-ipo} ‘los habitantes de la comunidad’ Palavra já existente em dicionários	Población. Conjunto de individuos de una misma especie. Ejemplo: La población de bovinos es de 100 cabezas en la estancia de San Miguel. <i>‘Los habitantes de la comunidad’</i>	População ‘Habitantes da comunidade’
(154) Peu Jaeko itigue oë soo iyeiviteguivae jare opa oyuvavi, kae oass metei mbáerasi. Mojaanga: Juana ipere ipeu chupe.	{peu~ mbeu} = ‘pus’ Palavra já existente em dicionários	Pus. Líquido más o menos espeso, de color variable y de reacción alcalina, producto de una infamación aguda y crónica. Ejemplo: La herida de Juana tiene pus. <i>‘Pus’</i>	Pus ‘Pus’
(155) Membiriru yekuaku. Jaeko oñearo membiriru okuera kavi vaera mimbi oayave. Mojaanga: Guaka okuera öi imembiriru.	{membi}+{r-}+{-iru}+{ye-}+{-kuaku} {membi} ‘filho (ego femenino)’ {r-} ‘prefijo relacional’ {-iru} ‘útero’ {ye-} ‘Reflexivo’ {-kuaku ~kuakuaa} ‘madurecer, crecer’	Puerperio. (MVZ) Es el periodo que requiere el útero para retornar a su normalidad después del parto. Ejemplo: El puerperio de la vaca toma mucho tiempo para volver a su normalidad. <i>‘Útero que se madura’</i>	Puerpério ‘Útero que amadurece por si só’

(156) Tupapire momaendua. Jaeko tembiporu oyekuatia jokope opete oyecha jare okua yemboe oyeao vae regua. Mojaanga: Tupapire momaendua ikaviyaeko mbaraviki peguara.	{tupa}+{pire}+{-mo-}+{maendu-}+{-a} {tupa} ‘cama’ {pire} ‘pele’ {-mo-} ‘causativo’ {maendu} ‘lembrança’ {-a} ‘nominalizador’	Planilla. Material de campo que sirve para recabar datos. Ejemplo: En la planilla se registran datos de una actividad productiva. <i>‘Papel que hace recordar’</i>	Planilha ‘Papel que faz lembrar’
(157) Tembiuomboyevi Jaeko mimba ikaa jokogui jembiu omboyevivae. Mojaanga: Tembiumboyevi oasa piaguive jou kavi vaëra.	{tembiu}+{-o-}+{-mbo-}+{-ye-}+{-vi} {tembiu} ‘comida, alimento’ {-o} ‘3ª p. s/p’ {-mbo} ‘causativo’ {-yevi} ‘retornar, voltar’	Rumen. (MVZ) Panza o primer estómago de los rumiantes. Ejemplo: Los alimentos pasan lentamente hacia el rumen para su fermentación. <i>‘Lo que se vuelve alimento’</i>	Rúmen ‘Alimento que volta’ (ruminar)
(158) Mbáerasi mombeu Jaeko mbáe jasivae, opaño mbáe jasi oyehanduvae regua. Mojaanga: Maemimba oyembombayachivae yaikua mbáerasi mombeu oyekua yave.	{mbáe}+{-r-}+{-asi}+{mo-}+{-mbeu} {mbáe} ‘o que’ {-r-} ‘prefixo relacional’ {-asi} ‘dor, doença’ {mombeu} ‘contar, narrar’	Síntoma. (MVZ) Es la referencia subjetiva que da un paciente, causada por una enfermedad. Ejemplo: Un animal intoxicado presenta síntomas de vómito y salivación excesiva. <i>‘Lo que se cuenta sobre la enfermedad’</i>	Sintoma ‘O que narra (conta sobre) a doença’
(159) Yembovivi Jaeko mbáembovivi jare mbáemboya yembopere jare ñekiti oyeapo regua. Mojaanga: Mbáe pere oyembovivitako okuera vaëra.	{ye-}+{-mbo-}+{vivi} {ye-} ‘Reflexivo’ {mbo-} ‘causativo’ {vivi} ‘estar costurado’	Sutura. (MVZ) Unión quirúrgica que se realiza con hilos, grapa u otros materiales para cerrar una herida o para unir tejidos u órganos. Ejemplo: La herida requiere de una sutura para su cicatrización.	Sutura

		<i>‘Lo que se costura’</i>	<i>‘O que se costura’</i>
(160) Jakuroimombeu Kuae yaikuako yaiporu reve jakuroimombeuka ñejaa ome yandevae vae. Mojaanga: Metei michia jete raku ikavi vae jaeko 36 C°.	{jaku}+{roi}+{-mombeu} {jaku} ‘calor, quente’ {roi} ‘frio’ {-mombeu} ‘contar, relatar’	Temperatura. Es una magnitud que mide el nivel térmico o de calor que un cuerpo posee. Su medición es a través de un termómetro. Ejemplo: La temperatura normal de un niño sano es 36 C°. <i>‘Lo que avisa lo caliente y frio’</i>	Temperatura <i>‘O que avisa (conta se está) quente e frio’</i>
(161) Kuaruriru Jaeko kuaru omboiru vae pirikiti retagui ouvae ndei oyembombo ikatupe mbove Kuarurape rupi. Mojaanga: Kuaru oyemboati kuarurirupe.	{kuaru}+{r-}+{-iru} {kuaru} ‘urinar’ {r-} ‘prefijo relacional’ {-iru} ‘recipiente’	Vejiga. (MVZ, ECOP) Órgano muscular en forma de bolsa que almacena orina producida por los riñones antes de ser expulsado al exterior a través de la uretra. Ejemplo: La orina se acumula en la vejiga. <i>‘Contenedor de orina’</i>	Bexiga <i>‘Recipiente de urina’</i>
(162) Mbáepiapia Jaeko retegua ôi yande rambe jare opaeta yande rie rapipevae. Mojaanga: Mbáepiapia reta ôi ikotia.	{mbáe-}+{-pia-}+{-pia} {mbáe} ‘o que’ {-pia-pia} ‘vísceras, estômago’	Vísceras. (ECOP, MVZ) Órganos contenidos en las principales cavidades del cuerpo humano y animales. Especialmente en la región abdominal. Ejemplo: Las vísceras están en mal estado. <i>‘Las viseras’</i>	Vísceras <i>‘As vísceras’</i>

6.3 **Sistematização dos Resultados:** a formação de palavras a partir dos neologismos

Na formação dos neologismos registrados no Glossário “*Neologismos de términos técnicos em idomas Bêsiro, Mojeño, Guaraní, Gwarayu*”, observou-se o procedimento de formação de palavras por composição predominantemente. Conforme descrito por Dietrich (1986), pesquisador que trabalhou com algumas variedades do Chiriguano, ele indicou que a formação de palavras por composição parece ser o procedimento mais eficaz entre os chiriguano. Nossa hipótese foi confirmada ao compararmos nossos dados, feita as análises morfológicas e, conforme os resultados, se demonstra que o procedimento por composição é de fato predominante na formação de novas palavras nas variedades do Guaraní chiriguano, ava, simba e isoseño.

A sistematização dos resultados deste estudo revelou a presença proeminente de dois morfemas ou afixos formativos na formação de novas palavras na língua chiriguana. Esses morfemas desempenham papéis significativos na estruturação do léxico chiriguano e serão detalhadamente explorados ao longo desta sistematização.

O primeiro desses morfemas é o {mbáe}, o qual foi identificado em um total do 22,22% das palavras, aparecendo predominantemente na posição de prefixo e infixo. Embora haja conhecimento de que {mbáe} também pode atuar como sufixo, este estudo não registrou nenhum caso desse padrão específico.

O segundo morfema de destaque é o causativo {mo ~mbo} que desempenha uma função crucial na formação de novas palavras no chiriguano. Esse morfema foi encontrado em 20,99% das novas terminologias aproximadamente, sendo utilizado tanto como prefixo, quanto como no interior da palavra.

Além dos dois morfemas destacados neste estudo, também foram identificados outros elementos morfológicos que desempenham um papel relevante na formação de novas palavras na língua chiriguana. Esses elementos foram quantificados e organizados de acordo com a abordagem de Eugenio Coseriu (1979;1981) que categoriza diferentes operações de formação de palavras. A seguir, destacamos alguns desses morfemas e afixos formativos, considerando as operações de formação de palavras de acordo com a classificação Coseriana que distingue três tipos de funções:

Função por modificação da palavra:

Diminutivos, atenuativos {-mi}, {-rai}, {-i}

Coletivos {-ti}, {-ndi}

Intensificadores {-katu},{-ete}

Quantificadores {r-j-t-eta}

Morfema {mbáe}

Função por desenvolvimento da palavra:

Causativos, comitativos {mo ~mbo}

Causativo indireto {ka~uka}

Nominalizadores {-a}{-vae}

Os morfemas {kue~(n)gue} para criação de nomes abstratos ou de não pertencimento.

Demonstrativo {pi~pe}

Função por composição:

Composição específica, ou de dois elementos (lexemas), incluindo a composição nominal (substantivo + substantivos) e a composição verbal (substantivo + verbo).

Esses morfemas e afixos formativos desempenham um papel crucial na formação de neologismos na língua chiriguana, refletindo a diversidade e a riqueza dos processos de formação de palavras presentes nesse idioma. A análise minuciosa desses elementos contribui para uma compreensão aprofundada da estrutura linguística e do léxico do chiriguano.

6.3.1 O uso do causativo

6.3.1.1 O uso causativo factitivo {-mbo-}~{-mo} em ambiente nasal

O afixo {mbo-} ~ {mo-} no Chiriguano tem como função expressar formas causativas, alterando a valência verbal. Esse morfema foi observado em dados como *mojaanga* ‘exemplo’. Neste caso, o neologismo foi criado com a forma nasal do morfema{-mo} que parece ser resultado do espalhamento da nasalidade que se dá a partir da pré-nasal /ŋg/. Embora, em dados como *ivimoingoveka* ‘adubo’, tudo indica que o causativo {mo-} seja o gatilho que afeta o lexema {-iko} ‘existir’, que passa a ser produzido como {-ingo}.

A disseminação ou espalhamento nasal do mencionado afixo foi observado em exemplos como <mojaanga> ‘exemplo’ (ver exemplo a); neste caso, o neologismo aparece num ambiente nasal {-mo-}, o que parece ser resultado da difusão da nasalidade que ocorre a partir da pré-nasal /ŋg/. Embora, em dados como <ivimoingoveka> ‘adubo’ (ver exemplo b), tudo indica que o afixo {-mo-} seja o desencadeador ou gatilho que inicia a nasalização na palavra, afetando assim o lexema <-iko> ‘existir’, que se torna <-ingo>:

***mojaanga* = ‘Exemplo’¹⁵²**

a) {mo-}+{-haãnga}

{-mo-} ‘causativo’

{ha’ãnga} ‘desenho, imagem, retrato’.

***mojaanga* = imagem que se mostra ‘exemplo’.**

***ivimoingoveka* = ‘Adubo’**

b) {ivi-} + {-mo-} + {-iko-} + {-ve-} + {-ka}: Adubo

{ivi-} ‘terra’

{-mo-} ‘causativo’

{-iko-} ‘existir’

{-ve-} ‘aditivo’

{-ka} ‘causativo’.

***ivimoingoveka* = terra que faz gerar ou produzir mais.**

No exemplo b, o mencionado afixo têm a função de expressar formas causativas, alterando a valência verbal, quando está junto a outro verbo de valência verbal diferente, se assemelhando com a composição de palavras em outras variedades de Guaraní como a variedade do Guaraní correntino pesquisada por Cerno. No caso de *ivimoingoveka* ‘adubo’, tudo indica que o causativo {-mo-} é o desencadeador que afeta o lexema {-iko} ‘existir’, que é um verbo intransitivo copulativo, que se torna {-ingo}, em sua forma nasal. A função do morfema {-mo-} é fazer com que {-iko} não expresse simples existência, mas ao mudar de valência verbal para transitivo, expressa ‘produção; gerador’, assim, {-moingo-} expressaria o que ‘faz produzir x’, ou ‘o que gera x’. Por sua vez, *ivimoingo*-seria ‘terra que faz, produz, gera x’.

Por outro lado, observando o que acontece com o exemplo c:

***mbáekiramongue* = ‘Oleo, lubrificante’**

c) {mbáe} + {kira}+ {-mo-}+ {-ngue}

¹⁵² O termo ‘*mojaanga*’, não aparece como lema do glossário, mas sim como neologismo já incorporado no texto do próprio texto, neste caso do glossário.

{mbáe} ‘coisa/ o que’

{-kira-} ‘gordura/gorduroso’

{-mo-} ‘causativo’

{-kue~ŋgue} ‘Perfectivo’

mbáekiramongue = algo que engraxa ‘óleo, lubrificante’.

Neste exemplo, pode-se observar, do ponto de vista morfofonológico, novamente a disseminação nasal, assim como aconteceu no caso anterior de {iko /-ingo}, desta vez com {-kue/ -ngue}, podendo estabelecer que o gatilho da disseminação nasal ocorreu em {-mo}, nasalizando, tanto o lado esquerdo quanto o lado direito do léxico. Lembrando que o espalhamento nasal nas línguas T.G. geralmente acontece da direita para esquerda da palavra, porém existem casos onde a difusão nasal pode se espalhar para o lado direito. Confirmando assim a preservação do espalhamento nasal de direita a esquerda, característica típica das línguas da família Tupi-Guarani nos neologismos em chiriguano.

Na análise em *mbáekiramongue*, o morfema {-mo} não aparece ao lado de um verbo, de fato, sem a necessidade de mudança de valência, porém está junto a um nome (substantivo) que indica qualidade {-kira} ‘gordura;gorduroso’, ou o que comumente se conhece nas línguas ocidentais (espanhol, português) como adjetivos.

Na composição {-kiram-}, o afixo {-mo-} estaria atuando como um formador de palavras, o que daria o significado de ‘dar uma atribuição ou característica x a algo’, ‘fazer com que algo tenha x’, teoria bem definida por Cerno (2011) para o caso do Guaraní correntino. Dessa forma, *mbáekiram-* estaria significando ‘algo que lubrifica’, ‘algo que deixa gorduroso’. No final, complementando com o sufixo {-kue} na sua forma nasalizada que aparece como {-ngue}, assim completando o novo nome.

Observando os exemplos d e e:

mbáemboya = ‘Adsorção’

d) {mbáe}+{-mbo-} +{-ya}

{mbáe-} ‘coisa’

{-mbo-} ‘formador de palavra’

{-ya} ‘aproximar, juntar’

mbáemboya = ‘aquilo que faz se juntar’

No exemplo do caso d, observa-se que o afixo {-mbo-} está precedendo um verbo transitivo {-ya} (juntar), o que estaria dando a função de ‘o que faz juntar x’. Dessa forma, novamente aparece a função causativa de {-mbo-} e não com sua função como formador de palavra, como aconteceu com *mbáekira* 'mongue, onde {-mo} deve estar depois de um nome para desempenhar essa função. O que não acontece com o exemplo e:

***Moamõngea* = ‘Anestésico’**

{**Moa**} + { **-mõ-** } + { **-nge-** } + { **-a** } : anestésico

{moa} ‘remédio’

{-mo-} ‘causativo’

{-nge-} ‘dormir’

{-a} ‘nominalizador’

Moamõngea = ‘remédio que te faz dormir’

No caso do exemplo e, se observa que o afixo {-mo-} está entre um nome {moa} ‘remédio’, e um verbo {-nge} ‘dormir’ e nesse caso, a função que desempenha é a de causatividade, conferindo ao verbo {-nge} ‘dormir’ a ideia de fazer com que ‘x faça relaxar’; o que nos leva a abrir uma hipótese de que, em alguns casos, o morfema {-mo} terá a função de causativo sempre que estiver junto a um verbo intransitivo, conforme afirmam outros estudos já feitos com outras variedades de línguas T.G. Por outro lado, se tais afixos estiverem junto a um nome, ou entre nome e verbo, há grandes chances de que tenham a função de formadores de palavras. É importante destacar que essas são probabilidades detectadas com os exemplos de neologismos de nossos dados, que são limitados, para poder afirmar, se poderia fazer mais levantamentos de dados e assim concretizar essa hipótese.

Para concluir a função de {-mbo}~{-mo} nos neologismos chiriguano, podemos dizer que a afixação de tais morfemas se pode ajudar a definir a função que realiza dentro de uma palavra, seja como causativo, ou como formador de palavras. Tudo vai depender do lexema que acompanha o morfema. Na pesquisa feita por Cerno (2011), o pesquisador indica que quando está junto a verbos intransitivos, é uma voz causativa, alterando a valência verbal do verbo, assim sendo reconhecido como causativo. Por outro lado, quando o mesmo morfema está ligado a uma base nominal, seja um nome ou um lexema que indica qualidade, como no caso de {-

kira- e, *{ivi-}*, os afixos *{-mbo-}*~*{-mo}* teriam a função de morfemas formadores de palavras, porque seu uso ao lado de uma base nominal atribui qualidades ao nome que acompanha, dando o sentido de ‘o que faz x’.

A principal característica identificada do morfema *{mo}*~*{mbo}* é que geralmente ocorre em posição inicial ou média da palavra. Isso é relevante, pois, de acordo com a descrição inicial, essa posição sugere a voz causativa ou formador de palavra, quando se fala no nível do léxico. No entanto, a análise observa que o morfema *{mo}*~*{mbo}* também aparece em posição final em palavras como *iyearambo*, *yaa isi kirapomo*, *mboyorambo*. A presença em posição final levanta a questão de se essa ocorrência representa a voz causativa, uma vez que isso difere da tendência observada nos exemplos anteriores e não condiz com estudos já realizados por outros pesquisadores, como Dietrich (1986) e Cerno (2011). O que leva a considerar que existe indicação de outros significados para *{mo}* em posição final; a argumentação se baseia nas informações fornecidas por Montoya que sugere que *{mo}* tem outros significados, como “indefinido de lugar” e ‘indefinido geral, de algum, alguns, algo’ (TESORO, 32), por sua vez Dietrich (1986) indica *{-ramo}* como pospositivo com a função de circunstancial e, é considerado pelo autor como sufixo átono.

Finalmente, se observou um fenômeno interessante no uso do morfema *{-mo}**{-mbo}* nos neologismos como formadores de nomes. Eles geralmente aparecem como causativos que ajudam a mudar a valência verbal de algum determinado verbo. Porém, dessa vez, ele tem uma função de formador de nomes dentro do processo de criação de neologismos em chiriguano.

6.4 Uso do morfema *{mbáe-}*

Foi verificado o uso frequente do afixo *{mbáe}* dentro do processo de formação de palavras nos neologismos do Guaraní chiriguano. Segundo a sua função, *{mbáe}* pode pertencer à operação da modificação, desenvolvimento da palavra e a composição, como composição específica, o que implica que pode ter uma função sintática. Isso quer dizer que implica uma mudança de classe de palavra, como também pode modificar o valor de uma determinada palavra, como quando é usada como posposição.

Lembrando que, segundo a proposta de Dietrich, a função de *{mbáe-}* como prefixo em palavras da Serie I do Guaraní permitem expressar ações generalizadas e criam categorias de agentes com características comuns, dependendo de se os objetos são seres humanos ou objetos inanimados/ animados sujeitos a ações humanas.

Analisando as palavras que apresentam o prefixo {*mbáe*-} nos novos itens neológicos em Guaraní chiriguano, e explicando seus usos frequentes e as utilidades que esse prefixo oferece em diferentes casos, se pode observar a posição e a função que desempenha segundo o contexto onde aparece.

Exemplo:

***mbáekira* = ‘Óleo’**

a)

{*mbáe*-} + {-*kira*}:

{*mbáe*-} ‘coisa, o que’

{*kira*} ‘gordura’.

***mbáekira* = ‘coisa gordurosa’**

***mbáepiguara* = ‘Agitação’**

b)

{*mbáe*}+{-*piguara*}= agitação

{*mbáe*} ‘coisa, o que’

{-*piguara*} ‘bater, misturar’

***mbáepiguara* = ‘algo que mistura/ o que se mexe’**

Mbáe é uma palavra que pode ter vários significados, dependendo do contexto em que é usada. Em alguns casos ela é identificada como um substantivo que pode funcionar como pronome indefinido (CERNO, 2011), ou como prefixo (GUSTAFSON, 2014), ou como objeto genérico (DIETRICH, 1986), adquirindo assim significados diversos segundo o contexto gramatical. Porém a função menos gramatical, que tem maior significado no nível lexical, sucede em expressões donde significa ‘coisa’ ou ‘algo’.

Neste trabalho, {*mbáe*, sim, se apresenta com diversas funções, por exemplo em (a,b) quando anteposto a um elemento nominal, o morfema adquire o sentido de ‘algo’ indefinido. No entanto, neste contexto, mais do que um determinante pronominal, trata-se de um recurso que pertence ao processo de formação de palavras.

***mbáemboya*= ‘Adsorção’**

c)

{*mbáe*}+{*mbo*}+{*ya*}:

{*mbáe*-} ‘coisa/ o que’

{-*mo*-} ‘causativo’

{-*ya*} ‘aproximar, grudar’.

Mbáemboya = ‘o que se junta, gruda’

O uso do prefixo {*mbáe*-, neste exemplo, é para expressar a ideia de ‘coisa’ ou ‘o que’, que se aproxima ou gruda em X, resultando na palavra ‘adsorção’ em português. O prefixo contribui para formar a palavra específica para o conceito de adesão ou atração de moléculas a uma superfície sólida. Nesse contexto, {*mbáe*-} é usado para se referir a entidades não humanas, nem objetos genéricos. No entanto, é importante destacar que o uso do morfema {*mbáe*, assim como é sugerido por estudiosos como Cerno (2011), Gustafson (2014) não deve ser associado a um pronome que denote uma entidade concreta, porém indefinida, como a palavra em espanhol ou português ‘algo’. Em vez disso, refere-se a um objeto muito mais abstrato que possui um significado relacionado com ‘o habitual’, ou ‘o que se acostuma’, assim em diante.

Mbáerasipiapoa = ‘Agente etiológico’

d)

{*mbáe*}{*r-asi-*}{*-pi-*}{*-apo-*} + {*-a*}

{*mbáe*} ‘algo’

{*-rasi*} ‘doença’

{*-pi*} ‘Loc. em’

{*-apo*} ‘fazer’

{*-a*} ‘nominalizador’.

Mbáerasipiapoa = ‘o que faz adoecer’

Nesse caso, o prefixo {*mbáe*-} aparece para expressar a ‘coisa’ ou ‘ou algo’ que está relacionada a uma doença, causada por uma ação específica. O termo ‘agente etiológico’ se refere ao agente ou causa responsável por uma doença específica.

Mbáe ñovatu renda = ‘Armazenamento’

e)

{*mbáe*}{*-ñovatu*}{*-r-*}{*-enda*}

{*mbáe*} ‘algo’

{*-ñovatu ~ñongatu*} ‘guardar’

{*r-*} ‘prefixo relacional’

{*-enda*} = ‘lugar’

Mbáe ñovatu renda = ‘lugar para guardar algo, coisas’

Uma função parecida acontece com o prefixo deste exemplo, onde é usado para indicar a ‘coisa’ ou ‘algo’ que é guardado em um lugar ou local específico, dando assim a formação da palavra ‘armazenamento’ em português.

***Mbáepoepika* = ‘Anabolismo’**

f)

{mbáe}+{-poe}+{-pi-}+{-ka}

{mbáe} ‘algo, o que’

{-poepi-} ‘recompensar’

{-ka ~uka} ‘causativo indireto’

***Mbáepoepika* = ‘o que recompensa, algo que retribui’**

O prefixo {*mbáe*-}, neste exemplo, representa a ideia de ‘algo’ que recompensa ou acompanha uma ação específica, dando assim como resultado a palavra ‘anabolismo’ em português. Em biologia, ‘anabolismo’ refere-se às reações metabólicas que constroem moléculas complexas a partir de moléculas mais simples, o que está relacionado ao conceito de ‘recompensar’ ou ‘acompanhar’ uma ação metabólica.

***Mbáerasirecha* = ‘Anamnese’**

g)

{mbáe-}+{-r-}+{-achi-}+{-r-}+{-echa}

{mbáe} ‘o que; aquilo’

{r-} ‘prefixo relacional’

{-achi} ‘dor, ferida’

{-r-} ‘prefixo relacional’

{-echa} ‘ver, mirar’

***Mbáerasirecha* ‘aquilo que mostra as doenças’**

Nesta palavra se utiliza {*mbáe*-} para indicar a ideia de ‘o que’, que está relacionado a uma ação de ver ou olhar, resultando na palavra ‘anamnese’ tanto em português como em castelhano. Em termos médicos, ‘anamnese’ se refere ao histórico médico de um paciente, o que está relacionado diretamente à ideia de ‘ver’ ou ‘olhar’ para o histórico de saúde do paciente.

Certamente, como foi observado nos exemplos anteriores, o prefixo {*mbáe*-} é geralmente utilizado com objetos não animados, ou seres animados que podem ser submetidos a ações humanas, como no caso de *mbáerasipapoa* ‘agente etiológico’, entendendo-se como

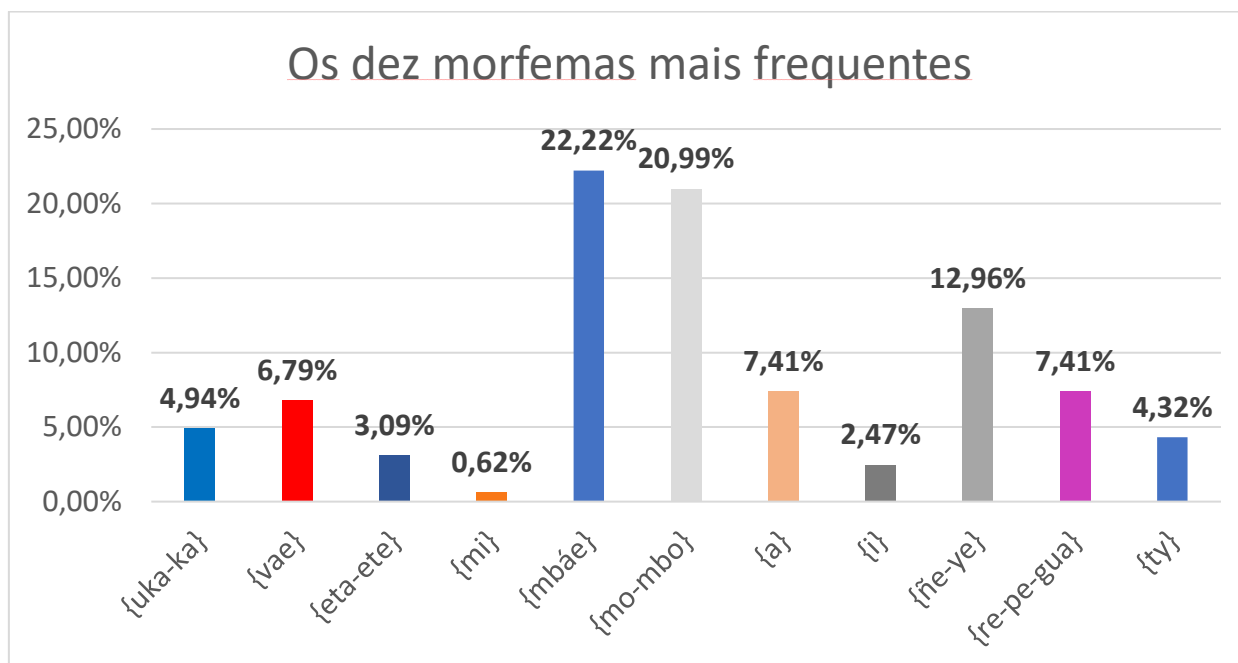
agente etiológico a qualquer microorganismo, bactéria, vírus, um parasita ou fungo que pode ser manipulada ou estudada por uma ser humano. Dietrich refere-se a esse tipo de prefixo como objeto genérico pronominal, embora seu sentido também seja de ação generalizada.

Finalmente a análise das variedades linguísticas do Guaraní chiriguano aqui estudadas revelou efetivamente a frequência de dois morfemas {mo}~{-mbo} e {mbáe} que desempenham um papel proeminente no processo de formação de palavras. Esses morfemas não apenas contribuíram significativamente para a riqueza lexical da língua, mas também desempenham um papel fundamental na criação de neologismos. A frequência de uso desses morfemas é notável, demonstrando sua relevância na evolução da língua chiriguano.

Para ilustrar essa importância, se apresenta um quadro detalhado com dados de frequência, exemplos e função dos formadores mais utilizados nos neologismos, destacando como esses morfemas enriquecem o léxico da língua Guaraní. Esses formadores são essenciais para a criação de novas palavras e a adaptação da língua às necessidades contemporâneas.

Além disso, se anexa um gráfico que oferece uma representação visual dos dados quantitativos, destacando os dez morfemas ou formadores mais proeminentes nas formações de palavras do Guaraní chiriguano. Essa análise quantitativa reforça ainda mais a importância desses morfemas na evolução e inovação da língua chiriguano ao longo do tempo. A presença significativa desses morfemas nas composições de neologismos destaca a resiliência e a vitalidade da língua, bem como a capacidade de se adaptar às necessidades em constante evolução de seu povo.

Expressões quantitativas em porcentagens dos morfemas mais frequentes:



6.5 A Polissemia e os neologismos semânticos

A Polissemia é explicada como o fenômeno linguístico que envolve a coexistência de múltiplos significados relacionados em uma única palavra. Segundo Jackson (2013), “a polissemia ocorre quando uma palavra tem diversos sentidos ou variantes de significado que estão interligados ou relacionados de alguma forma” (Jackson, 2013, p. 5). Fato que foi observado nos neologismos em Guaraní, diferentes acepções de uma mesma palavra polissêmica estão relacionadas por um elemento de significado comum, como foi constatado nos casos das palavras: *okui*, *tembiu*, *apia*, *punga*, *ara*, *gweë*, *öpe*, *yateu*, *ñuu*, *peu/mbéu* que são palavras já conhecidas ou existentes em dicionários de língua Guaraní de outras variedades. Para esse processo de identificação e comparação foram utilizados como fonte de verificação e consulta os dicionários digitais Kaiowa-Guarani (CHAMORRO, 2022), o Dicionário Mbya-Guarani Castellano (CADOGAN, 2011) e em, alguns casos, extraímos significados de palavras já existentes em outras obras (ASSIS, 2018, ORTIZ; CAUREY, 2012; DOOLEY, 1998; 2006).

O surgimento de um novo sentido à palavra é conhecido como neologia semântica, sendo o seu resultado um neologismo semântico: neologismo formado por uma modificação do

significado de uma base léxica que geralmente é preexistente (GUILBERT, 1972; BOULANGER, 1979; ALVES, 1990; CABRÉ, 2006).

Nos estudos linguísticos tanto a formação de palavras quanto a neologia semântica são processos naturais na evolução das línguas. Esses fenômenos são parte fundamental da evolução linguística e acontecem quando “as palavras de uma determinada língua se adaptam às necessidades em constante mutação da língua e da cultura” (JACKSON, 2013).

Os exemplos a seguir são considerados neologismo semântico na língua Guaraní-chiriguana, pois representam novas palavras ou expressões introduzidas para descrever conceitos ou significados que não eram previamente representados no léxico dessa variante da língua Guaraní. Abaixo, se analisa cada exemplo individualmente para sustentar essa afirmação:

Okui ‘cair / queda’ vs. ‘Alopecia’: o termo *okui* originalmente representava a ideia de “cair” ou “queda” no dicionário Guaraní Kaiowá. No entanto, a introdução do termo para “Alopecia” no Guaraní Chiriguano demonstra um neologismo semântico, pois essa palavra específica se refere à queda de cabelo que é um conceito mais específico do que a ideia geral de queda. *okui*.

Ivateá ‘Altura’ vs ‘Altitude’: Enquanto a língua Guaraní chiriguano possuía a palavra *yvate* para se referir à altura de objetos e pessoas, a introdução do termo “Altitude” cria um conceito que não era previamente representado na língua. “Altitude” se refere à altura acima do nível do mar, que é uma distinção diferente da simples altura.

Apirua- Bolha: A palavra *Apirua* é um exemplo notável de neologismo semântico, pois não existia uma palavra específica para “bolha” na língua Guaraní chiriguano. Porém existe *apiru’a* como ‘bolha mole’ no Guaraní Kaiowá, mas em Guaraní chiriguano existe *kamambu* e é usada em outros contextos para “bolha ou fazer-se bolhas”, a introdução de *Apirua* preenche uma lacuna semântica.

Api; ‘ponta’ vs. ‘Ápice’: Enquanto a palavra *api* originalmente significava “ponta” em Guaraní chiriguano, a introdução do termo “Ápice” representa um neologismo semântico. “Ápice” se refere ao ponto mais alto ou extremo superior de um órgão, o que é um conceito mais específico do que a ideia geral de “ponta”.

Mbayachi- Biosida: A introdução de *Mbayachi* para representar “Biosida” também é um exemplo de neologismo semântico, pois a palavra “Biosida” descreve um tipo específico de veneno ou substância tóxica que não era previamente representada na língua Guaraní chiriguano.

Ñuu- ‘campo’: Enquanto o termo *ñu* existia no Guaraní Kaiowá e representava "campo", a variedade Guaraní chiriguano não possuía uma palavra equivalente para campo, ou ‘pampa’ em espanhol. No Chiriguano há palavras para terra, terreno, solo, e para todos esses é *ivi*. A introdução de *ñuu* para representar "campo" preenche uma lacuna semântica na língua chiriguana.

Esses exemplos demonstram a adaptação da língua Guaraní chiriguano para expressar conceitos mais específicos e novos, evidenciando a criação de neologismos semânticos para atender às necessidades de comunicação e representação de idéias em evolução na sociedade.

Finalmente, constatei que a formação de palavras em línguas aglutinantes e flexivas é enriquecida pela sua morfologia derivativa, permitindo a criação de composições. No entanto, essa capacidade de criação é naturalmente limitada em línguas mais isolantes e incorporantes, como o Guaraní chiriguano. Nestas línguas, distinguir as funções intrínsecas à formação de palavras das funções gramaticais é particularmente desafiador, devido à complexidade da estrutura das palavras ou lexemas, à ausência de formas verbais infinitas e à escassa distinção entre classes de palavras.

No entanto, a pesquisa permitiu justificar a descrição dos elementos da língua e de alguns afixos formativos. Observou-se que, apesar das dificuldades mencionadas, a formação de neologismos na língua Chiriguano ocorre predominantemente por meio de composição, em conformidade com a teoria de Composição Lexemática de Eugenio Coseriu. Além disso, se conseguiu distinguir as funções dos morfemas, lexemas, e partículas dentro das operações de modificação da palavra, bem como o desenvolvimento da palavra e a composição, incluindo a composição específica.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A continuidade implica necessariamente a alteração”

(Ferdinand de Saussure).

O estudo de novas unidades neológicas de uma determinada língua pode dar indícios de como está o grau de vitalidade dessa língua. O que significa que se uma determinada língua produz seu próprio léxico, isso se torna uma espécie de termômetro da vitalidade da língua. No caso das línguas indígenas, a criação de neologismos demonstra um ato de resistência e vitalidade linguística.

A pesquisa em questão abordou questões cruciais relacionadas à criação de neologismos em língua Guaraní, particularmente focando nas variedades Ava chiriguano, Simba e Ioseño, e sua importância na Universidade Indígena Boliviana, UNIBOL Guaraní *Apiaguaki Tüpa y Pueblos de Tierras Bajas*, na comunidade indígena Guaraní local, e na comunidade Guaraní geral, cuja língua é um elemento essencial de sua identidade cultural, e o principal meio de transmissão de seus conhecimentos ancestrais e tradicionais. Ao longo deste estudo, várias conclusões significativas foram alcançadas, que contribuem para o entendimento de criação de neologismos em Guaraní e seu papel na revitalização linguística e na promoção do conhecimento técnico entre os falantes nativos dessa língua. Os objetivos estabelecidos foram investigados com profundidade e a busca por compreender a formação e os critérios dos novos termos técnicos teve resultados significativos.

O objetivo geral da tese foi alcançado com sucesso, já que o estudo efetivamente descreveu e analisou as unidades neológicas presentes no livro: *Neologismos lingüísticos de Términos Técnicos em Idiomas Bésiro, Mojeño, Guaraní, Gwarayu*, na qual se insere as três variedades do Guaraní chiriguano. Foi possível observar que a criação de neologismos envolve uma gama diversificada de recursos morfológicos e critérios específicos, demonstrando uma rica adaptação à estrutura da língua Guaraní.

Além disso, os objetivos específicos foram cumpridos. O levantamento das criações léxicas presentes no livro “*Neologismos Lingüísticos de Términos Técnicos en idiomas Bésiro, Mojeño, Guaraní, Gwarayu*” contribuiu para a compreensão das necessidades educacionais e

profissionais da UNIBOL e da comunidade Guarani. A análise linguística abordando aspectos fonéticos, morfológicos e morfosintáticos da língua, também trouxe insights valiosos sobre a estruturação dos neologismos e seu impacto na língua Guarani.

No que diz respeito à pergunta de pesquisa sobre se a criação de neologismos contribui para o fortalecimento e preservação da língua Guarani chiriguana, os resultados da pesquisa indicam claramente que sim. A criação de termos técnicos em Guarani não apenas demonstra a adaptabilidade da língua às demandas modernas, mas também fortalece seu papel como veículo de conhecimento técnico e cultural, proporcionando uma ponte entre as tradições linguísticas e as necessidades contemporâneas.

Porquanto, esta pesquisa não apenas oferece insights valiosos para estudiosos da língua Guarani e da linguística em geral, mas também contribui para a promoção da língua Guarani como um meio eficaz de comunicação em um contexto acadêmico e técnico, bem como para o enriquecimento da cultura e identidade da comunidade Guarani em geral.

Certamente, ficou claro que a criação de termos técnicos em Guarani é uma resposta às necessidades educacionais e profissionais dos alunos da UNIBOL e da comunidade Guarani em geral. A justificativa para esse esforço reside na necessidade de tornar a língua Guarani uma ferramenta eficaz para a educação superior e a pesquisa técnica. Os termos técnicos em Guarani, muitos dos quais anteriormente inexistentes na língua, estão em processo de desenvolvimento e seleção, com supervisão das instâncias comunitárias, como os *Arakuaiyas*, sábios anciãos da comunidade Guarani.

Além disso, os resultados desta pesquisa revelaram que a criação de neologismos em Guarani envolve uma série de recursos morfológicos e critérios específicos. As variedades linguísticas Ava, Simba e Ioseño Guarani demonstram diferenças na maneira como criam termos, mas todas compartilham um compromisso com a adaptação dos conceitos técnicos à língua Guarani de maneira significativa e culturalmente apropriada.

Uma conclusão importante deste estudo é que a criação de neologismos desempenha um papel fundamental na preservação e fortalecimento da língua Guarani. Isso ocorre não apenas porque permite que a língua se mantenha relevante em um mundo em constante evolução, mas também porque reafirma a capacidade da língua Guarani de se adaptar e expandir para atender às necessidades modernas.

Além disso, a pesquisa destacou o valor cultural da criação de neologismos em Guarani. Essa prática não apenas enriquece o vocabulário da língua, mas também preserva a sabedoria

tradicional e a identidade cultural dos Guaranis, pois muitos termos técnicos são criados com base em conceitos e práticas tradicionais.

Em resumo, este estudo alcançou seus objetivos propostos, fornecendo uma análise aprofundada da criação de neologismos em Guaraní nas variedades Ava, Simba e Isoleño. As conclusões destacam o valor crucial desses neologismos na preservação da língua, na promoção da educação superior na UNIBOL e no enriquecimento de identidade cultural Guaraní.

RECOMENDAÇÕES

“É o ponto de vista que cria o objeto”

(Ferdinand de Saussure)

Efetivamente acredita-se ter se alcançado os objetivos, hipóteses e problemáticas planteadas que me incentivaram a iniciar esta pesquisa, porém nunca pode ser considerado um ponto final, nem uma conclusão definitiva, até porque está se tratando com línguas, entre cujas características principais está justamente, a flexibilidade, a capacidade de adaptação em diversos contextos, em e através do tempo. Por esse motivo, nada pode ser considerado como ‘uma última palavra’ em uma pesquisa, quando o objeto de estudo é uma língua. Tendo isto em claro, aqui deixo algumas recomendações que podem ser consideradas:

Incentivar a Continuidade da Pesquisa: esta pesquisa ofereceu uma compreensão aprofundada da criação de neologismos em língua Guaraní nas variedades Ava, Simba e Ioseño. Recomenda-se incentivar a continuidade da pesquisa nessa área, explorando ainda mais as práticas de criação de termos técnicos e sua influência na revitalização da língua Guaraní.

Integração Curricular: a UNIBOL e outras instituições de ensino indígenas podem considerar a integração gradual dos novos termos técnicos em Guaraní nos currículos acadêmicos. Isso ajudaria os estudantes a familiarizarem-se com a língua em contextos acadêmicos e técnicos. Se bem alguns termos já estão sendo incorporados paulatinamente no vocabulário da língua, fazer um seguimento para analisar, compreender e de ser necessário recomendar estratégias que ajudem a dar maior inserção nas comunicações orais e cotidianas dos falantes, começando na comunidade universitária dentro da UNIBOL.

Desenvolvimento de Recursos Educacionais: desenvolver recursos educacionais, como glossários ou dicionários especializados que incluam os neologismos em Guaraní identificados nesta pesquisa. Esses recursos seriam úteis para estudantes, professores e pesquisadores interessados em aprender e ensinar a língua Guaraní chiriguana.

Promoção da Conscientização Cultural: além de seu valor linguístico e técnico, os neologismos em Guaraní também têm um significado cultural profundo. Promover a

conscientização sobre a importância desses termos na preservação da cultura Guarani pode ser valioso.

Colaboração entre Comunidades Indígenas: promover a colaboração entre diferentes comunidades indígenas que buscam criar neologismos em suas línguas pode ser enriquecedor. Isso permitiria a troca de experiência e o compartilhamento de melhores práticas.

Apoio à Publicação: apoiar a publicação e divulgação de trabalhos, relacionados à criação de neologismos em Guarani, tanto em nível acadêmico quanto comunitário. Isso ajudaria a difundir o conhecimento gerado por essa pesquisa.

Preservação da Oralidade: reconhecendo a importância da oralidade na transmissão cultural, considerar a integração dos neologismos em Guarani em narrativas, canções e outros meios de expressão cultural pode ser uma maneira eficaz de preservar a língua e a cultura.

Apoio à Educação Bilingue: promover programas de educação bilíngue que incentivem o uso da língua Guarani em contextos educacionais e técnicos, juntamente com a língua castelhana, pode ser crucial para o sucesso da revitalização linguística. Desenvolver as práticas de transletramento Guarani-castelhano.

Monitoramento e Avaliação Constantes: estabelecer mecanismos de monitoramento e avaliação para medir o impacto da integração dos neologismos em Guarani nos contextos acadêmicos e técnicos. Isso ajudaria a ajustar e melhorar continuamente as estratégias.

Apoio à Pesquisa Interdisciplinar: encorajar a pesquisa interdisciplinar que explore não apenas a criação de neologismos em Guarani, mas também seu impacto nas áreas técnicas e culturais, poderia levar a descobertas ainda mais significativas.

Essas recomendações visam a promover a continuidade do trabalho realizado nesta pesquisa, aproveitando seu valor para a preservação da língua Guarani chaqueña e seu papel vital na educação superior e no enriquecimento cultural das comunidades Guarani.

8 REFERÊNCIAS

- ALG. **Guarani Ñe'ẽ Rerekuapavẽ Academia de la Lengua Guarani**. Asunción – Paraguay: Editorial Servilibro, 2018.
- A.S.A.C.C. **Natureza e direções das mudanças de alinhamento ocorridas no tronco Tupí**. En Q. F. (Org.): *Ergatividade na Amazônia I*. Paris: Centre d'études des Langues Indigènes d'Amérique. (CNRS. IRD): Laboratório de Línguas Indígenas. UNB. Brasília, 2002.
- AIKHENVALD, A. **The languages of the Amazon**. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- ALBÓ, X. **Para comprender las culturas rurales de Bolivia**. La Paz: Ministerio de Educación y Cultura- CIPCA-UNICEF, 1989.
- ALMEIDA, F.; NEVES, E. **Evidências Arqueológicas para a origem dos Tupi-Guarani no leste da Amazônia**: Manaus: Manaus, 2015.
- ALMELA, P. R. **Procedimiento de formación de palabras en español**. Barcelona: Ariel, 1999.
- ALVES, I. M. **TermNeo**: Obtenido de Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo, 1993: disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo/index.php>.
- ALVES, I. M. **Neologismo**: Criação Lexical. São Paulo: Ática, 1994.
- ALVES, I. M. (2010). **Neologia e Neologismos em Diferentes Perspectivas**. São Paulo: Paulistana, CNPq, 2010.
- ALVES, I. M. **Neologia e composição por coordenação no português brasileiro**. En D. d. Costa Silva.; D. R. Bençal.; *Nos Caminhos do Léxico*. Campo Grande: UFMS, p. 34-51, 2016.
- ALVES, I. M.; MARONEZE, B.; **Neologia: histórico e perspectivas: Revista GTLex**, p. 6- 32, Disponível em: <file:///C:/Users/lili/Downloads/guifromm,+REvista+GTLex+7+-+revista+completa.pdf>.
- ANCHIETA, P. J. **Arte de grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil**. Lisboa: Antonio de Mariz, 1592.
- ARONOFF, M. **Generativ Grammar**. Cambridge: MIT Press, 1976.
- ARONOFF, M.; FUEDEMAN, K. **What is Morphology?** United Kingdom: Blackwell, 2005.
- ASTETE, D.; A. MURILLO, D. **Pueblos indígenas de Tierras Bajas**. Características Principales. La Paz. Bolivia: Ministerio de Desarrollo Sostenible y Planificación Viceministerio de Asuntos Indígenas y Pueblos Originarios. Programa Indígena. PNUD, 1998.
- BARBOSA, P. A.; MADUREIRA, S. **Manual de fonética acústica experimental: aplicaciones a dados do português**. São Paulo: Cortez, 2015.
- BARTH, F. **Ethnic Groups and Boundaries: Social Organization of Culture Differences**. Ed. Allen: Unwin. Waveland Press, 1969.
- MELIÀ, B. **Guaraní ñe'ẽ Paraguái**: Gramática pedagógica para hablantes de guaraní. Asunción: Fé y Alegría, 2007.
- BAUER, L. **Introducing Linguistic Morphology**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1988.
- BIDERMAN, M. T. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística Computacional**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. **PRAAT: doing phonetics by computer**: Praat Software. version 6.2.23: disponível em: <https://www.fon.hum.uva.nl/praat/>. acessado 08, 15, 29 de Abril de 2021.
- BOTTEGA, S. B.; IVO, I. **A língua Guaraní- Mbyá**. Salvador- Bahia : (em fase de elaboração), Junho, 2023.
- BOULANGER, J. C. **Problématique d'une méthodologie dynamique d'identification des néologismes en terminologie**. Na. Néologie e lexicologie, pág 36-46, 1979.

- BROCHADO, J. P. **An ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern South America**: um projeto virtual. Ph.D. Dissertation - University of Illinois: Urbana Champaign, 1984.
- BROCHADO, J. P. "A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policroma amazônica". Dédalo, 1989.
- BROCHADO, J. P.; LATHRAP, D. W. **Chronologies in the new world**. Manuscrito não publicado, 1982.
- CABRAL, C. A; ISIDORO, E. A; DOMINGUES, L. J. **Línguas e Culturas Tupi**. VOL. 4. Brasília: LALLI/UNB, 2016.
- CABRÉ CASTELLVÍ, M. T. **La neología, campo disciplinar y aplicativo**: utilidad y problemas en el trabajo neológico de los Observatorios. En I. M. ALVES, Neologia e Neologismos em Diferentes Perspectivas: p. 13-34. São Paulo: Paulistana, 2010.
- CABRÉ CASTELLVÍ, M. T. **La neologia; un nou camp a la cerca de la seva consolidació científica**. Caplletra. Revista Internacional de Filologia: p. 125-136, 2015a
- CABRÉ CASTELLVÍ, M. T. **Bases para una teoría de los neologismos léxicos**: primeras reflexiones. En E. I. ALVES.; E. S. PEREIRA: Neologia das Línguas Românicas. São Paulo: Humanitas/ CAPES:p.70-110, 2015b.
- CABRÉ CASTELLVÍ, M. T. **La Clasificación de Neologismos**: Una tarea compleja. *Alfa*: p.219-250, 2016.
- CADOGAN, L. **Diccionario Mbya-Guarani Castellano**: Asunción: Friedl Grünberg; bajo la dirección de Bartomeu Melià, 2011.
- CÂMARA CABRAL, A. S; SILVA MARTINS, A. M; CÔRREA DA SILVA, B. C; de OLIVEIRA, S. S.; **A Linguística Histórica das Línguas Indígenas do Brasil**, por Aryon Dall'igna Rodrigues: perspectivas, modelos teóricos e achados. *DELTA*: p.513-542, 2014.
- CARDOSO, V. F. **Aspectos Morfosintáticos da língua Kaiowá (Guarani)**. Tese de Doutorado: Campinas. SP: IEL-UNICAMP, 2008.
- CARVALHO, B. d; NOËL NGUYEN, S. W. **Comprendre la phonologie**. Paris : Presses universitaires de France: PUF. Linguistique nouvelle, 2010.
- CARVALHO, N. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo : Cortez Editora, 2009.
- CERNO, L. **Descripción fonológica y morfosintáctica de una variedad de la lengua guaraní hablada en la provincia de Corrientes (Argentina)**. Disponível em: Biblioteca Digital Curt Nimuendajú: <http://www.etnolingustica.org/tese:cerno->. 2011.
- CERNO, L. **Descripción, fonológica y morfosintáctica de una variedad de la lengua guaraní hablada en la provincia de Corrientes (Argentina)**. Tesis de doctorado: Tutor; DIETRICH Wolf. Rosario: Universidad Nacional del Rosario/ Facultad de Humanidades y Artes, 2011.
- CHAMORRO, G; CABRAL, C; MÁRCIO, S. M; LOPES, J. D. **Dicionário Kaiowá-Português** . Belo Horizonte: javali, 2022.
- CHAMORRO, G. **Terra Madura**. YVY ARAGUYJE: Fundamento da Palavra Guarani. Dourados. MS: UFGD, 2008.
- CHOMSKI, N. «Remarks on Nominalization». En R. y. JAKOBS, Readings in English Transformational Grammar. Waltham, (Mass): Ginn and Co. p.184-221, 1970.
- COMBÈS, I. **Conceito de fonologia**: disponível em : <https://conceito.de/fonologia>. acesso em 12/02/2021.
- COMBÈS, I. **Alto y Bajo Isoso**: Geographie et pouvoir dans le Chaco bolivien. La Paz, Bolivie: Institut français d'études andines, 2005.
- COMBÈS, I; SAIGNES, T. **Alter Ego**. Naissance de l'identité chiriguano. Paris: EHESS/Cahiers de l'Homme, 1991.

COMBÈS, I; VILLAR, D; **Os mestiços mais puros**: representações chiriguano e chané da mestiçagem. *Mana*, 2007.

COMRIE, B; GOLLUSCIO, L. A; GONZÁLEZ, H; VIDAL, A. **El Chaco como Área Lingüística**. En F. Z. Estrada.; M. R. Arzápalo.; *Estudios de lenguas amerindias 2: contribuciones al estudio de las lenguas originarias de América*: Hermosillo, Sonora: Editorial Unison; p. 85-130. 2010.

CORBERA M. A; MARÍLIA, S. F.; **Aspectos técnicos e políticos na definição de ortografias de línguas indígenas**. En W. D'ANGELIS; V. J. (Orgs.): *Leitura no Brasil; Leitura e Escrita em Escolas Indígenas*. Campinas SP: Mercado de Letras; ALB; p. 23-52, 1995.

CORBERA, M. A.; **Tipologia morfológica**: Apostila online para os alunos do Bacharelado em Linguística, Disciplina HL481-A. Línguas Indígenas I. Tipologia morfológica. Apostila online para os alunos do Bacharelado em Linguística: IEL-UNICAMP, Sao Paulo, Brasil. Disponível em: IEL-UNICAMP, 2021.

CORBERA, M.A.; **Fonologia**. En F. MUSSALIN.; A. C. BENTES; *Introdução à Linguística - Domínios e Fronteiras*. São Paulo:: Cortez - Vol. 1: p.147-179, 2001.

CORRÊA DA SILVA, B. C.; **Etnolinguística e Etnohistória Tupí**: desfragmentando o olhar. *Revista Estudo Linguístico*; p. 61-86, 2010.

CORREIA, M; ALMEIDA, G. M.; **Neologia em português**: São Paulo: Parábola, 2012.

CORSERIU, E.; **Lecciones de Lingüística general**. Madrid: Gredos, 1986

COSERIU, E.; **"Sistema, norma y habla"**: en *Teoría del lenguaje y Lingüística General*. Madrid: Cinco Estudios, Gredos, 1962.

COSERIU, E.; **Principios de semántica estructural**. Madrid: Gredos, 1977^a.

COSERIU, E.; **La formación de palabras desde el punto de vista del contenido**; En E. Coseriu, *Gramática, semántica, Universales*: Madrid: Gregos, p. 186-200. 1977b.

COSERIU, E.; **Las Estructuras Lexemáticas**: En *principios de Semántica Estructural*. Madrid: 2da Edición, Gredos, 1981.

COSTA, D. d; BENÇAL, D. R.; **Nos Caminhos do Léxico**. Campo Grande: UFMS, 2016.

COSTA, G. C.; **Fonologia do Nhandewa-Guaraní Paulísta-Paranaense**: *LIAMES* 3, p. 75-95, 2003.

CREVELS, E. I.; (eds.), M. P; **Lenguas de Bolivia. Tomo IV. Temas Nacionales**: La Paz: Plural Editores, 2015.

CREVELS, E; MUYSKEN, P.; **Lenguas de Bolivia. Tomo III; oriente**. La Paz: Plural Editores, 2014.

CRYSTAL, D. **Language Death**. Oxford: Univerity Press, 2000.

CRYSTAL, D. A.; **Dictionary of Linguistics and Phonetics**; 6th ed: Blackwell Publishing, 2008.

DA SILVA, J. P.; **Neologia e Neologismos no Brasil**; século XXI 2da Edição. Curitiba: Prismas, 2012.

DADEFOGED, P.; **Vowels and Consonants**: an introduction to the sounds of the languages. Los Angeles: Blackwell Publishers; University of California, 2001.

D'ANGELIS, A.; **La derivación nominal y adjetival en italiano y en español**: La sufijación. VII Congrès de Lingüística General (p. 8-27). Barcelona: Universitat de Barcelon, p. 8-27, 2008.

D'ANGELIS. W. R.; J.VEIGA.; **Leituras no Brasil; Leitura e Escrita em Escolas Indígenas**: Campinas SP: Mercado De Letras; ALB; 1995.

D'ANGELIS, D. R.W.; **Unificação X Diversificação ortográfica**: um dilema indígena ou de linguistas? En A. D. RODRIGUES.; A. S. (orgs.): *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Ed. da UnB; p. 23-33, 2005.

D'ANGELIS, D. R. W.; **A língua nheengatu e suas ortografias**; questões técnicas e de política linguística. *LIAMES*, v. 23, p. 1-22, 2023.

- DAPENA, P. J.Á.; **Manual de Técnica Lexicográfica**. Madrid: ARCO/LIBROS, S.L, 2002.
- DAVIET, W. **Observations sociolinguistiques et analyse de la phonologie du dialecte ava du guaraní bolivien**: Langue Tupi - Guaraní de Bolivie. Lyon, France : Université Lumière Lyon 2, 2016.
- DEMOLIN, D. E. **"The phonetics and phonology of South American languages"**: En L. e. Campbell. Handbook of American languages. Berlin: De Gruyter Mouton; p. 331-390, 2012.
- DEMOLIN, D. H.; **"Aerodynamic and acoustic evidence for the articulations of complex nasal consonants"**. Université de Mons-Hainaut.: Parole, 2006.
- DIETRICH, W.; **EL IDIOMA CHIRIGUANO**; Gramática, textos, vocabulario. Madrid. España: Instituto de Cooperación Iberoamericana; Imprenta Grafur, S.A. 1986.
- DIETRICH, W.; **Problema de la Categoría del Adjetivo en las Lenguas Tupí-Guaraníes**. Indigenous Languages of Lowland South America [Indigenous Languages of Latin America (ILLA) Vol. 1. Hein van der Voort & Simon van de Kerke (eds.), p. 255-263, 2000.
- DIETRICH, W.; **La primera gramática del chiriguano (Tupí-Guaraní)**: In Rivista di Linguistica 17.2, p. 347-360, 2005.
- DIETRICH, W.; **Cambio del orden de las palabras en lenguas Tupí-Guaraníes**: Cadernos de Etnolingüística, p. 1-11, 2009a.
- DIETRICH, W.; **Sintaxis del guaraní chaqueño (Chiriguano, Tupí-Guaraní)**: La cláusula y las relaciones interclausales. Research Gate, 2009b.
- DIETRICH, W.; **O tronco tupi e as suas famílias de línguas**. Classificação e esboço tipológico. In Volker Noll; Wolf Dietrich (Orgs.). O português o tupi no Brasil. p. 9-25, 2010a.
- DIETRICH, W.; **Tiempo, Aspecto y evidencialidad en guaraní**. LIAMES: Línguas Indígenas Americanas. Vol 10, 2010b.
- DIETRICH, W.; **La Función del sufijo guaraní -KUE/ -(N)GUE**. UniverSOS, p. 65-77. jan. 2011.
- DIETRICH, W.; **Conservação e Inovação no campo léxico do parentesco: o caso do Mbyá e do Guaraní paraguaio (Tupi-Guarani)**. Revista Brasileira de Linguística Antropológica: p. 195-216, 2014.
- DIETRICH, W.; **As línguas Tupi-Guarani Bolivianas e as de Rondônia: novas hipóteses sobre as origens**. En A. Câmara Cabral, I. A. E.; L. D.J.; Línguas e Culturas Tupí Brasília : Laboratório de Línguas e Literatura Indígenas: p. 43-68, 2016.
- DIETRICH, W.; **Tipologia morfossintática da negação nas línguas do tronco Tupi**. En LIAMES, Línguas Indígenas Americanas: Campinas: USP; p. 7-38, 2017.
- DIETRICH, W.; **As línguas Tupi-Guarani bolivianas e o conjunto Kawahiwa: novas hipóteses sobre as origens**. Linceu Literário Português, Especial 30 anos; p. 258-295, 2021.
- DÍEZ, A. A; MURILLO, D.; **Pueblos Indígenas de Tierras Bajas: Características principales**. La Paz: Ministerio de desarrollo sostenible y planificación Viceministerio de asuntos Indígenas y Pueblos Originarios PNUD, 1998.
- DOMÍNGUEZ, M. E.; **Sons, Rituais e História Indígena no Oeste do Chaco**. Universidade Federal de Santa Catarina; ILHA, vol. 20; p. 45-66, 2018.
- DOOLEY, R. A.; **Nasalização na Língua Guaraní**. In: DOOLEY, Robert. A. (org). Estudos sobre línguas tupi do Brasil. Brasília, DF: Summer Institute of Linguistics, 1984.
- DOOLEY, R. A.; **Léxico Guaraní, Dialeto Mbyá: versão para fines acadêmicos**. Curso de Capacitação em Língua Guaraní. Porto Velho., RO, Brasil: Sociedade Internacional de Linguística, 1998.
- DOOLEY, R. A.; **Léxico Guaraní: Dialeto Mbyá: Introdução, esboço gramatical e referências**. Cuiabá, MT: SIL: disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/publcnns/dictgram/GNDicInt.pdf>. 2006.
- DUBOIS, J.; otros. **Diccionario de lingüística**: 3era reimpressão. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

R.A.E. **Real Academia de la Lengua Española**. Disponível em: <https://dle.rae.es/bolivianismo>. DEL: Asociación de Academias de la Lengua Española: <https://dle.rae.es/>. acessado em 18/06/2022.

ESTIGARRIBIA, B. A.; **Grammar of Paraguayan Guaraní**. London: UCL Press; disponível em; <https://doi.org/10.14324/111.9781787352872>. 2020.

ESTORNELL PONS, M.; **Neologismos en la prensa**: Criterios para reconocer y caracterizar las unidades neológicas. València: Universitat de València, 2009.

FERNÁNDEZ SEVILLA, J.; **Neología y neologismo en Español Contemporáneo**. Granada: don Quijote, 1982.

FERRAZ, G. F; THIAGO, T. COELHO ARAGON, C; REICHERT, S; SOUZA, G. J; SILVA, N. F. **Lexical phylogenetics of the Tupi'-Guaraní family**: Language, archaeology, and the problem of Cronology: PLoS ONE 18(6):Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0272226>. acessado em 14 de Junho de 2023.

GARCÍA, P. J.; **Consideraciones sobre la Formación de Palabras en Español**. Sevilla: E.L.U.A, 1998.

GONZÁLEZ, H. A.; **A grammar of Tapiete (Tupi-Guarani)**: Ph.D. Dissertation. Doctoral thesis. Pittsburgh, Pennsylvania, USA.: UNIVERSITY OF PITTSBURGH, 2005.

GONZÁLEZ, H. A.; **Léxico Etnobotánico Tapiete (Tupí-Guaraní)**; Lengua del Chaco Argentino. INDIANA 28, p. 1-34, 2011.

GORDON, M; ROSE, F.; **“Emérillon Stress: a Phonetic and Phonological study”**. Anthropological Linguistic. University of Nebraska Press, p. 125-143, 2006.

GRASSO, I. D.; **Las Lenguas Indígenas en Bolivia**. La Paz- Bolivia: Urquiza, S.A, 1996.

GUASCH, P. A.; **Diccionario básico Guaraní-Castellano / Castellano - Guaraní**. Asunción: CEPAG.: Nueva Edición por Bartomeu Melià, 2005.

GUEDES, M.; **Subsídios para uma análise fonológica do Mbyá**. Campinas: Unicamp, 1991.

GUILBERT, L.; **Théorie do Néologisme**: Cahiers de l'Association Internationale des Etudes Françaises, p. 9-29, 1972.

GUILBERT, L.; **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.

GUMPERS, J.; HYMES, D. *Directions in Sociolinguistics: The Ethnography of Communication*. Holt, Rinehart and Winston, 1972.

GUSTAFSON, B.; **Ñee**: Introducción al estudio lingüístico del Idioma Guaraní, para guarani hablantes. La Paz: UNICEF, Teko Guaraní, 1996.

GUSTAFSON, B.; **Guaraní**: En Lenguas de Bolivia; La Paz: UNICEF-APG: 1 Library disponível em: https://1library.co/document/y6p750gq-guaran%C3%AD-bret-gustafson.html?utm_source=user-action&utm_medium=email&utm_campaign=downloaded-document. p. 308-368, 2014

HALLE, M.; **Prolegomena to a Theory of Word Formation**: Linguistic Inquiry, v.4, n.,p. 3-16, 1973.

HECKENBERGER, M. J; NEVES, E. G; PETERSEN, J. B; *De onde surgem os modelos? Como origenes e expansões Tupi na Amazônia Central*. Disponible em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011998000100003&lng=en&nrm=iso. acceso el 13 de março de 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77011998000100003>. 13 de março de 1998.

HOWARD, J.; **Words and Their Meaning**. Essex, England: Longman, 1988.

HYNAM, L.; **Phonological Theory and Analysis**. New York: Holt Rinehart Winston, 1975.

IBARRA GRASSO, D. E.; **Lenguas Indígenas Americanas**. Buenos Aires: Editorial Nova, 1958.

ISQUERDO, A. N; FINATTO, B. M.; **As Ciências do Léxico**: Lexicologia, Lexicografia Terminologia Vol. IV. Campo Grande: UFMS; UFRGS, 2010.

- IVO, I. P.; **Caraterísticas Fonéticas e Fonologia do Guaraní no Brasil**: Campinas/ São Paulo: Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP; 2018.
- IVO, I. P.; **A Grande Nação Guaraní**: Material Introdutório para o curso "Língua Guaraní do Brasil". Bahia/ Brasil: Universidade Federal da Bahia. - UFBA/ Instituto de Letras - ILUFBA e ao Coletivo Ará Jerá, 2021.
- JACKSON, Howard.; **Words and Their Meaning**: Learning about language. Routledge. Taylor & Francis Group. London and New York, 2013.
- JAKOBSON, R.; **Para a Estrutura do Fonema**: In Fonema e Fonologia - ensaios. Seleção, tradução e notas Joaquim Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1932; [1972].
- JAKOBSON, R.; **Observações sobre a classificação fonológica das consoantes**. Fonema e Fonologia - ensaios - Seleção, tradução e notas Joaquim Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972; [1938].
- JAKOBSON, R.; **Sobre a identificação das unidades fônicas**. In: Fonema e Fonologia - ensaios. Seleção, tradução e notas Joaquim Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972 [1949].
- JAKOPSON, R; FANT, G; HALLE, M.; **Preliminaries to speech analysis**. Cambridge: MA: MIT Press, 1952.
- JENSEN, C.; **"Comparative Tupí-Guaraní Morphosyntax"**. En D. D. (Eds), Handbook of Amazonian Languages, 4, (págs. 489-618). Berlín, 1998.
- JESUS De, A. M. **Terminologia da Astronomia: estudo da neologia e da variação**. Tese de Doutorado; (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) . São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.2011.tde-31052011-112535>.
- JESUS De, A. M.; **Tipologia dos Neologismos**; breve percurso histórico. *Revista GTLex*; p. 54-67, 2018.
- JESUS De, A. M.; **Principios Metodológicos para a detecção de neologismos da comunicação digital**. Estudos Linguísticos (São Paulo); p. 243-261, 2021.
- LADEFOGED, P. A.; **Course in Phonetics**: 4th ed. Los Angeles: University of California, 2000.
- LATHRAP, D. W.; **The upper Amazon**: London: Thames & Hudson, 1970.
- LEECH, G. N.; **Semantics**: The Study of Meaning: Penguin Books, 1981.
- LEES, R. B.; **The grammar of English nominalizations**. The Hague: Mouton and Co, 1960.
- LÉVI-STRAUSS, Č.; **Documents Rama-rama**: Paris: JSAP; p. 39, 1950.
- LOUKOTKA, Č.; **Klassikation des südamerikanischen Sprachen**: Berlim: Zeitschrift für Ethnologie, 1944.
- LOUKOTKA, Č.; **Classification of South American Indian Languages**; editado por Johannes Wilbert. Los Angeles CA.: UCLA Latin American Studies Center, 1968.
- LUQUE, D. J.; **Aspectos Universales y particulares del léxico de las lenguas del mundo**: Estudios de Lingüística del Español. Vol. 21. Granada: Impredisur, 2004.
- LYONS, J.; **Introduction to Theoretical Linguistics**: Cambridge: Cambridge, 1968.
- MACEDO, C. R.; **A antrotoponímia da cidade de São João del-Rei-Minas Gerais**: Tese de doutorado em Linguística teórica e descritiva. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2021.
- MADDIESON, I.; **Syllable Structure**: En I. M. (Eds.), The World Atlas of Language Structures Online. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. <http://wals.info/chapter/12>. Disponível em Curse Hero: <http://wals.info/chapter/12>. 22 de Março de 2013.
- MANSUR GUÉRIOS, R. F.; **Novos Rumos da Tupinologia**. Curitiba; p. 3; 1935.

MANZANARES, M.; **Procedimientos trópicos en la neología semántica**: sistematicidad creatividad. Revista de Investigación Lingüística; p. 123-146, 2009.

MARTIUS, C. F. **Die ehemalige Verbreitung und die muthmasslichen Wanderungen der Tupis (1967)**. Disponível em: Biblioteca Digital Curt Nimuendajú: <http://etnolinguistica.wikidot.com>. acessado em; 05 de Abril de 2021.

MASSINI-CAGLIARI, G.; **Questões de silabação**: comparações entre o português arcaico e o português brasileiro. En G. MASSINI-CAGLIARI, C. A. MURAKAWA, R. A. BERLINCK; M. GUEDES,; **Estudos de Lingüística Histórica do Português**. Araraquara.: Laboratório Editorial da FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica; p. 179-192, 2005.

MATORÉ, G.; **La méthode en lexicologie: domaine français**. Paris: Didier, 1953.

MELATTI, J. C.; **Áreas Etnográficas da América Indígena**. América do Sul - Por que áreas Etnográficas?; p. 1-10, 2020.

MELIÀ, B.; **Los Guaraní- Chiriguano 1: ÑANDE REKO**, nuestro modo de ser. La Paz: CIPCA, 1988.

MELIÀ, B.; **"La tierra sin mal de los Guaraní: economía y profecía"**. En J. Riester, *Chiriguano* Santa Cruz: APCOB; p. 291-319, 1995.

MELIÀ, B.; **Bilingüismo e Escrita**. En D'ANGELIS, W.R.; VEIGA, J; Leituras no Brasil; Leitura e Escrita em Escolas Indígenas; Campinas SP: Mercado De Letras; ALB; p. 89-104, 1995a.

MELIÀ, B.; **Elogio de la Lengua Guaraní**. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos "Antonio Guasch", 1995b.

MELIÀ, B.; **Guaraní ñe'e Paraguái**. Gramática pedagógica para hablantes de guaraní. . Asunción,; Fé y Alegría, 2007.

MENÉNDEZ, M.; **Uma contribuição para a etno-história da área Tapajós-Madeira**. Revista do Museu Paulista; p. 289-388, 1981 [1982].

MÉTRAUX, A.; **Migrations historiques des Tupi-Guarani**. Journal de la Société des Américanistes; p. 1-45, 1927.

MÉTRAUX, A.; **Mitos y Cuentos de los indios Chiriguano**. Revista del Museo de La Plata; p. 119-184, 1932a.

MÉTRAUX, A.; **La mujer Chiriguana**. Tucuman: La Gaceta, sección literaria; p. 4-8 1932b.

MÉTRAUX, A.; **"The Tupinambá"**. En In: J. Steward (ed.), Handbook of South American Indians: Washington: Government Printing Office; p. 95-133, 1948.

MURAKAWA, A. C.; **O contributo dos relatos de viagem para a Lexicografia Histórica Portuguesa**. En D. d. COSTA SILVA; D. R. BENÇAL: Nos Caminhos do Léxico: Campo Grande: UFMS; p. 15-32, 2016.

NIMUENDAJÚ, C.; **"The Cawahib, Parintintin and their neighbors"**. En J. Steward, Handbook of South American Indians, 3; Washington: Government Printing Office; p. 283-297, 1948.

NOELLI, F. S.; **Por Uma Revisão Das Hipóteses Sobre Os Centros De Origem E Rotas de Expansão Pré-Históricas do Tupi**; Estudos Ibero-Americanos. PUCRS; p. 107-135, julho/1994.

NORDENSKIÖLD, E.; **Göteborg**: Elanders Boktryckeri : Aktiebolag, 1922.

NORDENSKIÖLD, E.; **The ethnography of South- América seen from Mojos in Bolivia**: S.I; AMS, 1979.

NORDENSKIÖLD, E.; **La vida de los indios. El Gran Chaco (Sudamérica)**. La Paz: APCOB/Plural, 2002 [1912].

ORTIZ, E; CAUREY, E.; **Diccionario etimológico y etnográfico de la lengua guarani hablada en Bolivia**. La Paz, Bolivia: Plural editors, 2011.

PAREDES, M. L.; **El uso de la lengua Guaraní en los procesos de formación docente en el INSPOC**. Cochabamba- Bolivia: Tesis de final de curso; Facultad de Humanidades y LAEL. Universidad Mayor de San Simón, Cochabamba-Bolivia, 2009.

PAREDES, M. L.; **Uso da Escrita em Língua Indígena Guarani nos processos de Formação Profissional na Universidade Indígena UNIBOL**; Dissertação de Mestrado: Mestrado em Estudos de Linguagens: Orientadora BIONDO, Fabiana; Campo Grande: UFMS, 2019.

PIFARRÉ, F.; **Los Guarani-Chiriguano 2: Historia de un pueblo**. La Paz: CIPCA, 1989

PIGGOT, G. L.; "Variability in Feature Dependency: The Case of Nasality"; *Natural Language and Linguistic Theory*, p. 33-77, 1992.

PIKE, K. L.; **Practical Suggestions toward a Common Orthography for Indian Languages of Mexico for Education of the Natives within Their Own Tongues**. *Investigaciones Lingüísticas*, 5. SIL International, p. 86-97. Disponível em: <https://www.sil.org/resources/archives/4929>. maio de 1938.

PILLA, E. H. **Os Neologismos do Português e a Face Social da Língua**. Porto Alegre: AGE, 2002.

POLGUÈRE, A; ABREU.; **Lexicologia e Semântica Lexical Noções Fundamentais**. . São Paulo: Contexto, 2018.

RAMIREZ, H.; **As línguas indígenas do Alto Madeira: estatuto atual e bibliografia básica**. *Língua Viva*, vol 4, 2007.

REY, A.; **Néologisme: un pseudo-concept?** . *Cahiers de Lexicologie, Revue Internationale de Lexicologie et de Lexicographie*; p. 3-17, 1976.

RIESTER, J. E.; **"Chiriguano: pueblos indígenas de las tierras bajas de Bolivia"**. Santa Cruz.: APCOB, 1994.

RIVET, P; Loukotka, C.; **Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles**: En M. A. Marcel, *Les langues du Monde*. Paris; p. 1099-1160, 1952.

RODRIGUES, A. D.; **Fonética Histórica Tupí-Guarani: Diferenças fonéticas entre o Tupí e o Guaraní**. *Arquivos do Museo Paranaense*; 1945.

RODRIGUES, A. D.; **Classification of Tupi-Guarani**: *International Journal of American Linguistic* 24. Baltimore; p. 231-234, 1958.

RODRIGUES, A. D.; **A Classificação do Tronco Linguístico Tupí**: *Revista de Antropologia* 12; p. 99-104, 1964.

RODRIGUES, A. D.; **Línguas brasileiras**. São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, A. D.; **Reverendo a Classificação Interna da Família Tupí-Guarani**: En A. S. Cabral; A. D. Rodrigues, *Línguas indígenas brasileiras: Fonologia, Gramática e História*; In: ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDIGENAS DA ANPOLL; Belém, PA: UFPA; p. 327-337, 2002.

RODRIGUES, A. D.; **Diferenças fonéticas entre o Tupí e o Guaraní**: *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*. Volume 3, Número 2; p. 135-152, dezembro 2011.

RODRIGUES, A. D.; **A Classificação do Tronco Linguístico Tupí**. *Proceedings of the 32nd International Congress of Americanists*. Copenhagen, [1959]. pp. 679-684: *Revista de Antropologia*, 2011 (publicação em português).

RODRIGUES, A. D.; **Relações internas na família linguística Tupí-Guarani**: *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*; p. 233-252, 2011.

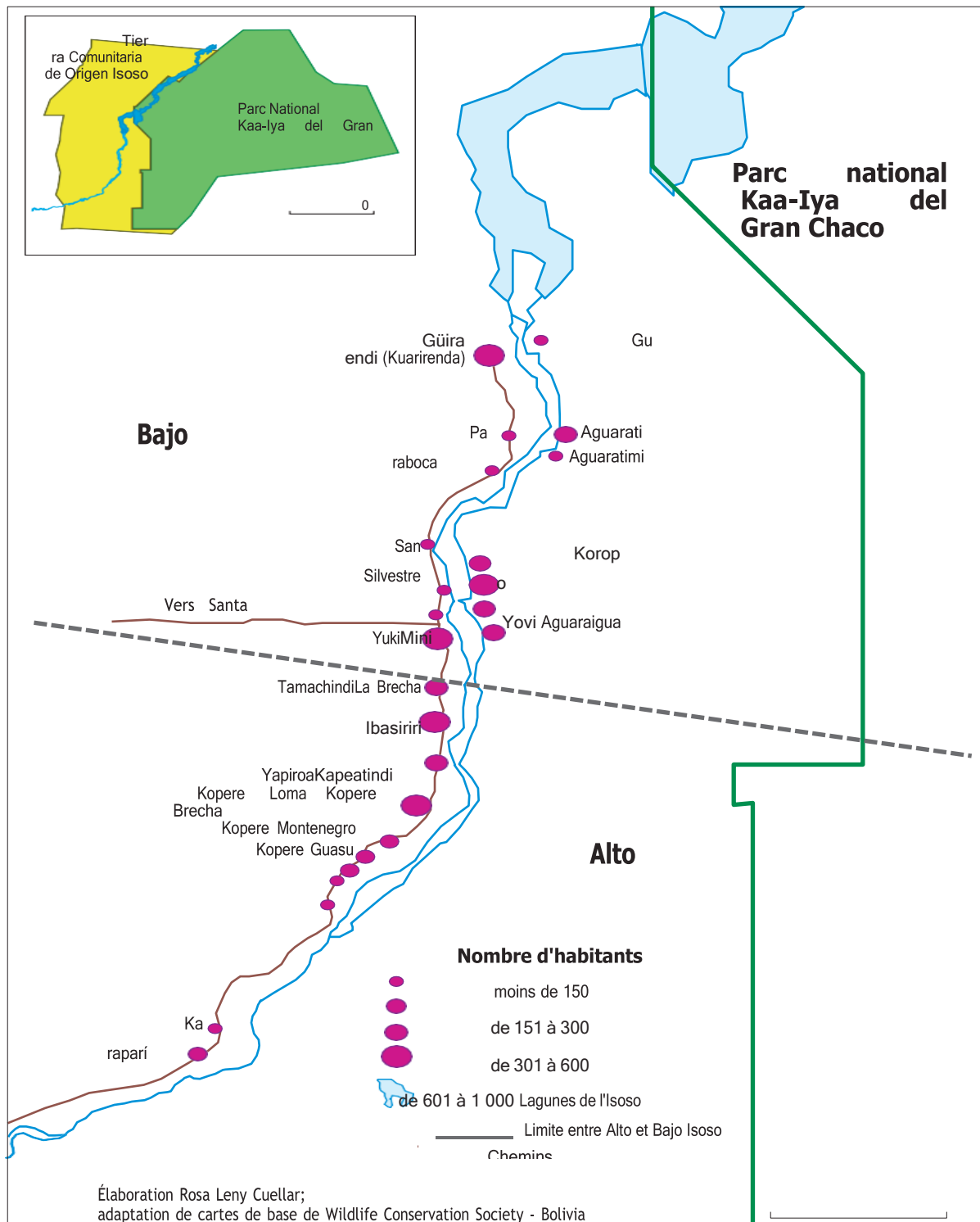
RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S.; **Reverendo a classificação interna da família Tupi-Guarani**. In: Cabral, Ana Suely A. C; Rodrigues, Aryon Dall'Igna (org.). *Línguas indígenas brasileiras. Fonologia, gramática e história*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da Anpoll: Belém; UFPA; p. 327-337, 2002.

ROSE, S.; **"A typological overview of Emerillon, a Tupí-Guarani language from French Guiana"**. *Linguistic Typology* 12; p. 431- 460, 2008.

- SABLAYROLLES, J. F.; **Néologismes: une typologie des typologies**. Paris: Cahiers du CIEL, 1997.
- SABLAYROLLES, J. F.; **La néologie en français contemporain**: examen du concept et analyse de productions neologiques recentes. Paris: Honore Champion, 2000.
- SABLAYROLLES, J. F.; 'Le sentiment néologique'. En E. J. Sablayrolles, L'innovation lexicale. París: Honoré Champion Éditeur, 2004.
- SÁNCHEZ, L. J.; **El Paraguay católico**. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, 1910 [1770].
- SAPIR, E.; **Selected writings of Edward Sapir**. Berkeley: University of California Press, 1947.
- SAPIR, E.; **Lingüística como ciência**. Tradução de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- SAPIR, E.; **El Lenguaje**. Introducción a los estudios del habla: 10ma reimpression. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- SAUSSURE, F. d; **Curso de Linguística Geral**: Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Colab. Albert Riedlinger. São Paulo: Editora Cutrix, 2006.
- SCALISE, S. **Morfologia e lessico** (una prospettiva generativista). Bologna: Il Mulino, 1990.
- SCHUCHARD, B. **Ñane ñe** : gramática guaraní para castellano hablantes. Santa Cruz de la Sierra. Bolivia: <https://cendoc.caaap.org.pe/cgi-bin/koha/opac-search.pl?q=Provider:%5BAyuda%20para%20el%20Campesino%20del%20Oriente%20Boliviano%20y%20Centro%20Boliviano%20de%20Investigaci%C3%B3n%20y%20Acci%C3%B3n%20Educativas%5D%2C>. 1979.
- SEKI, L.; **Gramática do Kamaiura**. Língua Tupí-Guarani do Alto Xingu. Campinas: Unicamp, 2000.
- SIMON MEXIAS, M. L.; **Neologismos**. En J. P. da Silva, Neologia e Neologismos no Brasil - Século XXI: Curitiba: Prismas Lda; p. 211-240, 2012.
- SIMONE, R.; **Fundamentos de Lingüística**. Barcelona: Ariel, 2001.
- SOLÉ, S. A.; **Correlatos Acústicos do Acento Secundário no Espanhol Mexicano**: Estudo Baseado em um Corpus de Transmissões Radiofônicas. Tese (Doutorado). Porto Alegre, Brasil: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, 2020.
- SUÁREZ DE FIGUEROA, L.; Relación de la ciudad de Santa Cruz de la Sierra. En I. M. Espada: Relaciones geográficas de Indias. (págs. 402-406). Madrid: Biblioteca de Autores Españoles, 1965 [1586].
- TÚPA, APIAGÜAIKI, Guaraní, UNIBOL.; **Investigaciones, I. d. Neologismos Lingüísticos de Términos Técnicos en Idiomas; Bésiro-Mojeño-Guaraní-Gwarayu**: Territorio Guaraní, Ivo, Bolivia: Unibol, 2019.
- ULLMANN, S.; **Semântica. Uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Trad. Mateus, J. A. OSORIO. 2. ed. Calouste-Gulbenkian, 1964.
- URBAN, G.; **On the geographical origins and dispersion of Tupían languages**. Revista de Antropologia 39(2); p. 61-104, 1996.
- VAN DIJK, T.; **Estructuras y Funciones del discurso**: Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2001.
- VÁRELA, S.; **Fundamentos de morfología**. Madrid: Síntesis, 1990.
- VEGA MORENO, É; LLOPART S. E.; **Delimitación de los conceptos de novedad y neologicidad**. RILCE; Revista de filología hispánica Vol. 33 Núm. 3; p. 1416-1451, 2017.
- WHORF, B. L.; **Science and Linguistics**. In MACCOB, E.E., NEWCOMB, T.M. & HARTLEY, E.L.; (orgs.) **Readings in social psychology**. New York: Henry Holt and Company, 1958.
- WHORF, B. L.; **Language, Thought, and Reality**. Selected Writings of. Cambridge, MA: Edited by John B. Carroll, 1964.

ANEXOS

Anexo 1: Mapa do Isoso Contemporâneo



Fonte: Articles dans M@ppemonde: Alto y Bajo Isoso. Géographie et pouvoir dans le Chaco bolivien; disponible em: <http://mappemondearchive.mgm.fr/num6/articles/art05201.html>

Anexo 2: Morfemas empregados na formação de neologismos em Guarani na obra “Neologismos Lingüísticos de Términos Técnicos em Idiomas Bésiro-Mojeño-Guarani-Gwarayu

Formação de palavras	Padrão Morfológico	Morfema(s)/ partículas	Função	Exemplos	Posição na palavra	Frequência
Modificação da palavra	Diminutivos	{-mi}	Aspecto atenuativo	ati imi	Sufixo	1
		{-rai}	Expressa diminuição objetiva/ modificador	piandek rai	Pref/afixo/sufixo	4
		{-i}	afetivo	gu irai	Sufixo	4
	Intensificadores	{-katu}	Aspecto permissivo	yepoku akatu	sufixo	4
	Aumentativos	{-ete}	Indica intensidade, dá o sentido de real	kira ete	sufixo	2
				rete evui	prefixo	4
	Quantificadores	{-eta}	Indicador flexível de quantidade	irupigu areta	sufixo	5
	Repetição/Reduplicação	{mesmo morfema}	Dar efeito retórico, poético ou dramático	Okuakuavae mbaepiapia		2
Desenvolvimento da palavra	Coletivos	{-ty} ~{(n)dy}	Forma coletivos	Tekove ti	sufixo	9
	Nominalizadores/ Atributivo	{-vae}	Designam qualidade aos nomes. Nível oracional	I tip ivae ;	sufixo	11
	objeto no humano, -mbáe-, no humano, indeterminado (infixo)	{-a}	expressa o agente	ivate a	sufixo	12
	como lexema.	{-mbáe-} (Modificação)	ação generalizada;	Mbáekira ; potijoombáe ; Raivimbáepegua ;	Prefixo, afixo, sufixo	36
	Demonstrativo	{{(r)-égua/gua}	propriedade/ formador de gentílico/ indica procedência	Raivimbáepegua ; maeti i rupigua ; Yembojee renda regua	sufixo	9

			{-pi} {-pe}		Nечеip <i>ĩ</i>	sufixo	2
		Verbalizador/formador de palavras	{-mo~-mbo}	Causativo, comitativo	Mo jaanga; Ye mbojee renda regua; Mbáemo añeterenda	prefixo, afixo	34
		Causativo/Comitativo	{-uka~-ka}	Introduze outro agente	Mbaepoep <i>ika</i>	sufixo	8
		Criação de substantivos abstratos	{-kue-(n)gue}	não pertencimento; perfectivo'; com verbos é nominalizador	Mbaekyramõng <i>ue</i>	sufixo	1
Composição específica	Composição nominal	Substantivo + Substantivo	{lexemas}		<i>Mbáe-angareko Ivi-kavi Tekove-ipi Teikua-yuru Mbae-raso Kuaru-riru Mbáe-yachi kaa-isi Ivi-äki Tekove-angareko..</i>		...
	Composição verbal	Substantivo-verbo	{lexemas}		Voita-mondo Tekove-yeandu ñeoti-apo...		